

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DA UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO  
DA UNIRITTER  
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS – ASSOCIAÇÃO AMPLA  
UCS/UNIRITTER**

**TALES GIOVANI ARMILIATO**

**O ANTICOMUNISMO NA SEÇÃO CORRESPONDÊNCIA CAIPIRA DO CORREIO  
RIOGRANDENSE (1945-1955): SARCASMO E LINGUAGEM REGIONAL NAS  
CRÔNICAS DE ZÉ FERNANDES**

**CAXIAS DO SUL  
2020**

**TALES GIOVANI ARMILIATO**

**O ANTICOMUNISMO NA SEÇÃO CORRESPONDÊNCIA CAIPIRA DO CORREIO  
RIOGRANDENSE (1945-1955): SARCASMO E LINGUAGEM REGIONAL NAS  
CRÔNICAS DE ZÉ FERNANDES**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado  
em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter  
- como requisito parcial para obtenção do título  
de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Miranda Alves

**CAXIAS DO SUL  
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

A729a Armiliato, Tales Giovanni

O anticomunismo na seção Correspondência Caipira do Correio Riograndense (1945-1955) [recurso eletrônico] : sarcasmo e linguagem regional nas crônicas de Zé Fernandes / Tales Giovanni Armiliato. – 2020.

Dados eletrônicos.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul em associação ampla UniRitter, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

Orientação: Márcio Miranda Alves.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Análise do discurso literário - Crônicas. 2. Correio Riograndense (Jornal). 3. Língua portuguesa - Regionalismos. 4. Movimentos anticomunistas. 5. Ironia. I. Alves, Márcio Miranda, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 81'42

Catálogo na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)

Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

# O anticomunismo na seção Correspondência Caipira do *Correio Riograndense* (1945-1955): sarcasmo e linguagem regional nas crônicas de Zé Fernandes

*Tales Giovani Armiliato*

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras. Área de Concentração: Leitura e Linguagens. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 28 de agosto de 2020.

## Banca Examinadora:

*Participação via videoconferência*  
Dra. Fabiana Quattrin Piccinin  
Universidade de Santa Cruz do Sul

*Participação via videoconferência*  
Dra. Flávia Brocchetto Ramos  
Universidade de Caxias do Sul

*Participação via videoconferência*  
Dra. Luciana Murari  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

*Participação via videoconferência*  
Dr. Márcio Miranda Alves  
Universidade de Caxias do Sul

*Participação via videoconferência*  
Dra. Raquel Bello Vázquez  
Centro Universitário Ritter dos Reis

*Participação via videoconferência*  
Dr. Roberto Radünz  
Universidade de Caxias do Sul

Dedico esta tese à minha esposa Patrícia Marin e ao meu filho, Augusto Giovani, que, desde sempre, acolheram este percurso, com todos os seus obstáculos, acompanhando e entendendo, com solidariedade e carinho. Fui confortado por eles, recebendo uma das maiores provas de amor da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Márcio Miranda Alves, meu orientador, pelos ensinamentos, pela parceria e compreensão. Minha estima pela acolhida, por mostrar os caminhos, apontando as melhores teorias e livros. Obrigado pelas discussões na busca pelo conceito do melhor vinho: o tinto ou o branco.

Ao Prof. Dr. João Cláudio Arendt, pelas discussões em torno das pesquisas em jornais impressos através da leitura e da literatura. Muito obrigado pelo companheirismo.

À Profa. Dra. Flávia Broccheto Ramos, pelos conselhos, sendo solidária e generosa. Obrigado pela amizade.

Às colegas Carla Sasset e Fabiana Kaodoiniski, por entenderem que, diante de uma dificuldade, tudo é superado com solidariedade e fraternidade.

Aos meus pais, Juvelino e Helena, pelas palavras de conforto e paz. Divido com vocês mais essa vitória.

À minha família, essência de tudo, Patrícia e Augusto, pela compreensão, força e amor incondicional.

Por fim, a Deus, porque ele é “caminho, verdade e vida”.

*Ler, olhar ou escutar [...] permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência.*

**Roger Chartier**  
*A História Cultural*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar as manifestações anticomunistas de Zé Fernandes na seção Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense*, observando o recurso do sarcasmo na linguagem regional caipira e gaúcha utilizado pelo cronista. Publicada semanalmente desde 1941 até 1965, as crônicas da seção Correspondência Caipira são escritas por Zé Fernandes, pseudônimo de Frei Dionísio Veronese. Este estudo analisa 15 dessas crônicas, publicadas no periódico entre 1945 e 1955, sendo que 10 delas correspondem a uma crítica anticomunista que se utiliza de argumentos políticos; outras 5 combatem o comunismo com argumentos da religião. O material analisado, totalmente digitalizado, encontra-se no acervo histórico dos jornais do Centro de Memória presente no site da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Os objetivos específicos desta pesquisa são: analisar os momentos políticos que se desenvolvem na região da Serra, Estado e país sob a ótica da comunicação através da persuasão; levantar fatos que demonstrem ações políticas através da imprensa e no *Correio Riograndense*; realizar o apontamento das diferenças entre comunismo e anticomunismo na história da imprensa; analisar o sarcasmo presente nas crônicas como um recurso literário e também argumentativo (do ponto de vista político e religioso); identificar a relação da língua como elemento regional, dentre os regionalismos caipira e gaúcho; contribuir para a compreensão da história regional e sua relação com a política, a leitura, a literatura e a comunicação. O referencial teórico utilizado neste estudo está baseado, principalmente, nas áreas da leitura, literatura, história e comunicação, como: Chartier (1990), Darnton (1990), Althusser (2003), Anderson (1989), Barthes (1984), Bakhtin (2003), Bauman (1997), Bobbio (1989), Bourdieu (2001), Bosi (2006), Candido (1999), Chaves (2006), Cuche (2002), Eco (2000), Erbolato (1982), Guibbs (2000), Habermas (2002), Hall (2011), Lobato (1962), Lopes Neto (1983), Rodeghero (1998), Rüdiger (2003), Thompson (1998) e outros.

**Palavras-chave:** Anticomunismo. Correio Riograndense. Crônica. Regionalismo. Sarcasmo.

## ABSTRACT

This work has as its main objective to analyze the anti-communist manifestations of Zé Fernandes in the section Correspondência Caipira, of the *Correio Riograndense* journal, observing the resource of sarcasm in the regional languages – yokel and gaucha – used by the chronicler. Published weekly from 1941 to 1965, the chronicles of the section Correspondência Caipira were written by Zé Fernandes, pseudonym of Frei Dionisio Veronese. This study analyzes 15 (fifteen) of these chronicles, published in the journal between 1945 and 1955, 10 (ten) of which correspond to an anti-communist criticism which uses political arguments, while another 5 (five) fight communism with arguments from religion. The material analyzed, fully digitized, can be found in the historical collection of newspapers, from the Memory Center present on the website of the City Council of Caxias do Sul. The specific objectives are to analyze the political moments that are being developed in the region of Serra Gaucha, the state of Rio Grande do Sul and the country, from the perspective of communication, through persuasion; to raise facts which are able to demonstrate political actions through the press and in the *Correio Riograndense*; to point out the differences between communism and anti-communism in the history of the press; analyze the sarcasm present in the chronicles as a literary and also an argumentative resource (from political and religious points of view); identify the relationship of the language as a regional element, among the yokel and gaúcho regionalities, and contribute to the understanding of history and its relationship with politics, reading, literature and communication. The theoretical framework used in this study is based mainly on the areas of reading, literature, history and communication, including Chartier (1990), Darnton (1990), Althusser (2003), Anderson (1989), Barthes (1984), Bakhtin (2003), Bauman (1997), Bobbio (1989) Bourdieu (2001), Bosi (2006), Candido (1999), Chaves (2006), Cucho (2002), Eco (2000), Erbolato (1982), Guibbs (2000) Habermas (2002), Hall (2011), Lobato (1962), Lopes Neto (1983), Rodeghero (1998), Rüdiger (2003), Thompson (1998), among others.

**Keywords:** Anti-communism. *Correio Riograndense*. Chronic. Regionalism. Sarcasm.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gaudêncio aos 12 anos, no seminário de Veranópolis (1928) .....	82
Figura 2 – Registro da primeira missa de Frei Dionísio, em Viadutos (RS) – 31/12/1939.....	84
Figura 3 – Equipe do Jornal <i>Correio Riograndense</i> .....	87
Figura 4 – Frei Dionísio Veronese (Zé Fernandes em São Paulo, em 1965) .....	91
Figura 5 – Divulgação das histórias de Zé Caipira – <i>Correio Riograndense</i> de 12/11/1958...	99
Figura 6 – Ilustração de Zé Caipira – <i>Correio Riograndense</i> de 19/11/1958 .....	100

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Crônicas analisadas do <i>Correio Riograndense</i> (1945-1955).....	22
Quadro 2 – Jornais da região (1946-1964) .....	64
Quadro 3 – Jornais da região (1930-1945) .....	217

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Religiões no Brasil – 1940-1970 .....	63
Tabela 2 – População regional (1948).....	73

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
KGB	Comitê de Segurança do Estado Russo
ONU	Organização das Nações Unidas
PAM	Produções Amácio Mazzaropi
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDC	Partido Democrata Cristão
PL	Partido Libertador
POT	Partido Orientador Trabalhista
PR	Partido Republicano
PRP	Partido de Representação Popular
PSD	Partido Social Democrático
PSP	Partido Social Progressista
PST	Partido Social Trabalhista
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UDN	União Democrática Nacional
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>O JORNAL E A SOCIEDADE.....</b>	<b>28</b>
2.1	A IMPRENSA E A LEITURA DA HISTÓRIA .....	28
2.2	COMUNICAÇÃO DE MASSA E PERSUASÃO .....	41
2.3	DESENVOLVIMENTO DA IMPRENSA NA ERA VARGAS .....	45
<b>2.3.1</b>	<b>O governo democrático de Getúlio Vargas (1950-1954).....</b>	<b>52</b>
2.4	COMUNISMO E ANTICOMUNISMO (NA HISTÓRIA E NA IMPRENSA).....	56
<b>3</b>	<b>O CORREIO RIOGRANDENSE.....</b>	<b>66</b>
3.1	POLÍTICA, IGREJA E ESTADO .....	66
3.2	ZÉ FERNANDES E A SEÇÃO CORRESPONDÊNCIA CAIPIRA.....	80
<b>4</b>	<b>IDENTIDADE E LINGUAGEM REGIONAL.....</b>	<b>92</b>
4.1	A LÍNGUA COMO ELEMENTO CULTURAL .....	92
4.2	REGIONALISMO GAÚCHO.....	107
<b>4.2.1</b>	<b>Simões Lopes Neto e Blau Nunes.....</b>	<b>113</b>
4.3	REGIONALISMO CAIPIRA.....	118
<b>4.3.1</b>	<b>Monteiro Lobato e Jeca Tatu.....</b>	<b>123</b>
<b>4.3.2</b>	<b>Mazzaropi e Jeca Tatu .....</b>	<b>126</b>
4.4	O SARCASMO COMO RECURSO LITERÁRIO.....	132
<b>5</b>	<b>O ANTICOMUNISMO NA SEÇÃO CORRESPONDÊNCIA CAIPIRA .....</b>	<b>141</b>
5.1	INIMIGO VERMELHO: O COMUNISTA COMO SÍMBOLO DE ANARQUIA POLÍTICA E SOCIAL .....	141
5.2	LOBO EM PELE DE OVELHA: O COMUNISTA COMO ENCARNAÇÃO DO MAL .....	171
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>193</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>204</b>
	<b>APÊNDICE A – JORNAIS DA REGIÃO .....</b>	<b>217</b>
	<b>ANEXO A – CRÔNICA: “TÁ NA MEMA CANCHA”.....</b>	<b>218</b>

<b>ANEXO B – CRÔNICA: “PÁU NELES...”</b>	<b>220</b>
<b>ANEXO C – CRÔNICA: “ÓIO ABERTO!”</b>	<b>222</b>
<b>ANEXO D – CRÔNICA: “TÁ QUE NÃO PRESTA!”</b>	<b>224</b>
<b>ANEXO E – CRÔNICA: “CARAMBA!”</b>	<b>226</b>
<b>ANEXO F – CRÔNICA: “ANSIM OU ASSADO, SEU PRESTES!”</b>	<b>228</b>
<b>ANEXO G – CRÔNICA: “E’ UMA PROSINHA...”</b>	<b>230</b>
<b>ANEXO H – CRÔNICA: “ACONTECEU EM CAXIAS”</b>	<b>232</b>
<b>ANEXO I – CRÔNICA: “PATRIOTEROS DE ESQUINA”</b>	<b>234</b>
<b>ANEXO J – CRÔNICA: “SE APRONTE!”</b>	<b>236</b>
<b>ANEXO L – CRÔNICA: “CONTRABALANÇANDO”</b>	<b>238</b>
<b>ANEXO M – CRÔNICA: “LOBO EM PELE DI OVÊIA”</b>	<b>240</b>
<b>ANEXO N – CRÔNICA: “ÁS ORDENS, SEU PATRÃO!”</b>	<b>242</b>
<b>ANEXO O – CRÔNICA: “A VIOLA NO SACO”</b>	<b>244</b>
<b>ANEXO P – CRÔNICA: “PERVERSO, E NÃO BEBÊ CHORÃO!”</b>	<b>246</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Imprensa e história caminham juntas. Um texto escrito contempla a divulgação de fatos, eventos e opiniões. Sem dúvida, o fato de compreender as diferentes relações humanas nos obrigou a buscar não apenas as ferramentas necessárias para a interpretação do conhecimento histórico, mas novas oportunidades de pesquisa de distintos assuntos presentes em nossas relações. Assim, as fontes da imprensa tornaram-se reais testemunhos da história. Em cada notícia e opinião, com suas características, é possível novas interpretações diante das publicações dos jornais.

Os tantos elementos do cotidiano da vida em comunidade, que, por muitas vezes, estavam abandonados e jogados ao esquecimento, passaram a ter e adquirir importância perante os registros históricos. O novo paradigma estabelecido entre imprensa e história pôde levar a uma busca pela reflexão do coletivo. Assim, ambas conseguiram chegar a uma visão ainda mais ampla do seu objeto de estudo: o que é importante para o registro jornalístico e histórico dos fatos.

A imprensa, acompanhando as transformações do mercado e do local onde está inserida, tornou-se uma importante e necessária ferramenta para o trabalho histórico de salvaguarda e de referência para o elo de pesquisa. Em relação a esse tema, Barbosa (1998, p. 87) analisa dois pontos. Um deles refere-se à imprensa, que relata o fato no momento em que este aconteceu. O outro é a história, que o interpreta no futuro. Nesse sentido, a autora relaciona a imprensa e a história.

Na verdade, o que aproxima o ofício do jornalista ao trabalho do historiador é o olhar com que deve focar os fatos. Não se procura a verdade dos fatos, mas tão somente interpretar, para, a partir de uma interpretação – onde não se nega a subjetividade de quem a realiza – tentar registrar um instante, no caso do jornalismo, ou recuperar o instante, no caso do historiador (BARBOSA, 1998, p. 87).

Para Barbosa, “tanto o jornalista quanto o historiador realizam reinterpretações; a diferença é que o primeiro acredita estar construindo a história do presente, e o segundo acredita estar, com a sua reinterpretação do passado, entendendo o hoje (BARBOSA, 1998, p. 88).

A realidade é que a imprensa está ligada à história dos fatos, e a própria história faz parte da construção do conhecimento. Em relação a essa parceria, podemos acrescentar que um grupo de comunicação também, diante de seu editorial, pode definir o que precisa dizer com as matérias publicadas em um jornal, por exemplo, ou com a opinião de uma crônica. Stephanou (2001) vai mais longe quando afirma que a interpretação pode se dar através da linguagem

utilizada na crônica ou na notícia através do texto jornalístico.

A imprensa informa e forma; privilegia, dispõe e relaciona as notícias, elegendo os acontecimentos que merecem destaque e os que serão relegados ao esquecimento. Não registrando apenas o fato ela o cria, na medida em que seleciona o que é e o que não é notícia, seja por critérios jornalísticos, ou por interesses econômicos e políticos (STEPHANOU, 2001, p. 45).

Nesse caminho paralelo entre imprensa e história, também pode-se pontuar que as raízes do jornalismo estão ligadas à formação do mundo moderno. Esse posicionamento é defendido por Rüdiger (2003), que afirma que o jornalismo como prática social de forma consistente começou no final do século XVII. “Nessa época, os serviços de correio privado e os relatos extraordinários veiculados em folhas volantes surgidos nos séculos anteriores começaram a ceder lugar a publicações periódicas regulares, lançadas por casas editoras especializadas” (RÜDIGER, 2003, p. 15). Segundo o autor, os próprios historiadores marxistas relacionam esse fato com o desenvolvimento do capitalismo comercial e com a ascensão da burguesia, tendo se tornado um momento clássico em que a “história da imprensa estaria ligada a própria história do desenvolvimento do capitalismo” (SODRÉ, 1999). Já os historiadores de linha weberiana, conforme Rüdiger (2003), sustentam que os jornais não são produto do capitalismo, tendo uma relação histórica com o processo de construção do Estado Moderno. Nesse sentido, o Estado precisava dispor de novos meios de comunicação para poder estabelecer e estender sua dominação sobre o território e garantir o governo da população.

De acordo com Rüdiger (2003), é preciso recordar que mesmo os jornais, quando não foram lançados por sua própria iniciativa, tiveram sua origem diretamente sob patrocínio ou subvenção do Estado.

O governo precisava estabelecer comunicação com a classe letrada ascendente, cuja atividade era fonte econômica de seu poder. Porém, o resultado dessa estratégia foi a progressiva politização da burguesia, sua conscientização como classe antagônica do regime estabelecido, cujos postos eram monopolizados pela velha nobreza. Logo, floresceu uma imprensa crítica e independente, que, no contexto mais geral de formação do capitalismo industrial, acabaria sendo peça essencial do ciclo das revoluções burguesas (RÜDIGER, 2003, p. 16-17).

Com o surgimento do jornalismo moderno, formado por essa conjuntura, registra-se pela primeira vez a figura da chamada “redação”. Os periódicos começam a exercer e conquistar sua autonomia relativa ao negócio, ou seja, constituem-se em um negócio. A partir desse momento, os jornais não viverão mais para o mercado, mas para o contexto da opinião pública, servindo, muitas vezes, também de porta-vozes de partidos políticos e, ainda, de espaço para a

discussão da sociedade civil.

Do surgimento da imprensa ao contexto atual do impresso, registramos, nesse caminho, o desempenho dos jornais frente à história. Neles estão os eventos do cotidiano e os assuntos ligados à vida de seus leitores. É um significado que imprime, em grande parte, a essência da informação e do que será importante para o conhecimento de cada indivíduo na sua leitura diária. Por isso, se abriremos um jornal, veremos que dentro dele estarão diferentes assuntos, divididos, na maioria das vezes, por seções com um conteúdo direcionado aos mais vastos interesses do público leitor. Quando optamos pela leitura de uma crônica, que está também no jornal, percebe-se uma grande diferença em relação ao restante do conteúdo divulgado. Enquanto a grande maioria das publicações do impresso tem uma linguagem mais técnica e, de certa forma, mais densa, a crônica possui características mais leves e próximas do leitor. Assim, é imprescindível dizer que, na imprensa escrita, a crônica tem um lado totalmente cativo, diante da sua localização na página, do estilo de diagramação ou distribuição das informações pelo impresso. Ela pode funcionar como uma espécie de fuga do sentido técnico, de neutralidade e objetividade de um texto jornalístico. A crônica também trabalha com a opinião e gera o debate e a discussão necessários para a reflexão de distintos assuntos da sociedade. Ela espelha também, muitas vezes, o pensamento editorial e ideológico do periódico e, essencialmente, do cronista que não deseja ser técnico, mas polêmico a partir de um jogo que envolve a linguagem textual e a compreensão do leitor. De acordo com José Marques de Melo, “a crônica é um gênero do jornalismo contemporâneo, cujas raízes localizam-se na história da literatura, constituindo suas primeiras escritas” (MELO, 2002, p. 139). Melo também acredita que a crônica tem raízes atreladas ao papel de narração dos acontecimentos presenciados pelos repórteres cronistas ou mesmo escritores cronistas.

[...] os cronistas-jornalistas atuam como entretenedores públicos, recorrendo aos artifícios poéticos e ficcionais para minorar as agruras do dia a dia, deliciando os leitores com a frivolidade que não exclui absolutamente a crítica social (MELO, 2002, p. 139).

Partindo das caracterizações tanto do meio jornal quanto do gênero crônica, este estudo analisa as crônicas da seção Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense*. A seção semanal é assinada por Zé Fernandes, pseudônimo do frei capuchinho Dionísio Veronese, integrante da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul. Ela sinaliza a identificação e relacionamento de milhares de leitores que, por mais de duas décadas, acompanharam as histórias, as experiências e opiniões do senso comum e da sociedade regional, relatadas por um frei capuchinho em suas crônicas.

Um dos principais veículos de comunicação da Serra Gaúcha, pertencente aos Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul, o *Jornal Correio Riograndense* é conhecido, desde sua origem, pela defesa dos ideais da Igreja Católica Apostólica Romana. O objetivo do periódico, principalmente no início de sua circulação, em 1910 (ainda com o nome de *Il Colono Italiano*), foi prestar serviço aos imigrantes italianos que chegaram a terras brasileiras e gaúchas desde 1875.

O *Correio Riograndense* é um jornal que fala para os imigrantes com informações da Itália, mas também com o noticiário local, regional e nacional. Os imigrantes italianos, principais leitores, estabeleceram com o semanário um meio de integração com as famílias que adotaram a região da Serra, praticamente elegendo-o como o jornal do imigrante italiano em terras brasileiras.

Com o correr do tempo, os imigrantes passaram a interessar-se por ter notícias também do Brasil, sua nova pátria, e de amigos e parentes que também viviam nesta terra, mas em lugares diferentes. Isso provocou a necessidade do surgimento de jornais locais. A primeira iniciativa parece ter sido tomada pelos padres capuchinhos, que acompanharam a imigração (POZENATO; GIRON, 2004, p. 20).

Os leitores do jornal aumentavam com o passar dos anos. É importante recordar que, em 1934, o então *La Staffetta Riograndense*, que mais tarde passaria a se chamar *Correio Riograndense*, alcançava a tiragem de oito mil exemplares. No mesmo ano, os Freis Capuchinhos, convencidos do crescimento do público leitor do jornal, adquiriram uma nova máquina de impressão, da marca Planeta, que também era alimentada manualmente. A tiragem passou para quinze mil exemplares. Com o decorrer do tempo, as tecnologias foram se aperfeiçoando, e o número de impressões do jornal crescia ano a ano. O espaço adquirido pelo *Correio Riograndense* ganhava novos territórios e não apenas a região da Serra Gaúcha, mas também a dos Campos de Cima da Serra. O periódico alcançava, além dos imigrantes italianos e seus descendentes, agora outras etnias, como, por exemplo, o homem originário do Pampa, que morava nas fazendas ou estâncias e era atraído pelo jornal depois de conhecer a crônica presente na seção Correspondência Caipira. Essa é uma identificação que mais tarde se fortalece com as crônicas de Zé Fernandes.

É justamente na década de 30 que se vive também o franco desenvolvimento da imprensa católica no Brasil. Trata-se de uma fase de organização e articulação iniciada em 1900, estendendo-se até 1945. Isso porque, consolidado o regime republicano, a Igreja Católica sente a necessidade de aprender a desafiar uma nova realidade, ou seja, seguir a orientação aprofundada ainda no I Concílio Plenário Latino-Americano realizado em Roma no ano de

1899. No Capítulo X, elaborado pelos participantes do Concílio, que trata da Doutrina Cristã, o texto resultante aborda, entre outros assuntos e temas, o da imprensa católica. Nele fica evidente para os bispos conciliares que essa imprensa deve defender a doutrina e reivindicar os direitos da Igreja Católica. Os bispos chamam a atenção também das pessoas que atuam na imprensa católica e orientam sobre o modo como deve conduzir-se um jornal católico em meio às tensões sociais que marcam a época.

Diante do manifesto da Igreja não só na América Latina, mas no mundo, o *Jornal Correio Riograndense* executa e segue as diretrizes e, especialmente, através da seção Correspondência Caipira de Zé Fernandes, assume abertamente um posicionamento contrário ao comunismo. Zugno (2017) faz um breve apanhado sobre as exigências da Igreja Católica no que diz respeito ao Capítulo VI do Concílio, sobre a conservação da fé. Segundo ele, os jornais católicos devem combater os jornais que atacam a fé católica.

[...] além de destacar o controle sobre a imprensa como um instrumento para garantir a ortodoxia e exortar os católicos a não contribuírem, sob qualquer forma – assinatura, leitura, conservação em casa, manutenção ou difusão –, sob a ameaça de pecado, com a manutenção de jornais que ataquem à fé católica, os bispos dão um passo a mais: criam a Associação da Boa Imprensa para financiar a criação de um jornal católico de âmbito nacional (ZUGNO, 2017, p. 218).

Seguindo na vanguarda do que previa o Concílio, com a criação de novos jornais de comprometimento com a Igreja Católica, entre o final dos anos 30 e na segunda metade do século XX, os Freis Capuchinhos, ainda com o *Stafetta Riograndense* de Garibaldi (depois *Correio Riograndense*), também iniciam uma trajetória na imprensa, preservando os ideais propostos pela Igreja da América Latina e do mundo. A seção de crônicas de Zé Fernandes, que surge em 15 de outubro de 1941 e se estende até o ano de 1965, estabelece um paralelo entre o que a Igreja Católica quer e o que o próprio Zé Fernandes utiliza em seu conteúdo. É tecida uma crônica anticomunista que se utiliza do sarcasmo e de uma linguagem caipira e gaúcha como uma crítica política e religiosa aos seguidores das propostas do comunismo na América Latina. Zé Fernandes ataca os comunistas e mesmo o leitor que defenda o comunismo. Ele deseja e pede auxílio aos imigrantes italianos e seus descendentes para que repudiem qualquer avanço de um sistema que traria, na visão da Igreja Católica, o pecado para as famílias da região da Serra Gaúcha. Em suas crônicas, Zé Fernandes procura construir um imaginário anticomunista por meio de diálogos, causos e anedotas que zombam do ideário supostamente inimigo da nação. Ou seja, nessa crítica anticomunista sarcástica do *Jornal Correio Riograndense*, a Igreja Católica tinha o objetivo de apagar ou minimizar qualquer fascínio pelo comunismo. Nesse sentido, conforme Rodeghero (1998, p. 23), “a Igreja Católica contribuiu

para a elaboração e divulgação das representações anticomunistas, no entanto a sua ação foi uma entre tantas outras que embasaram a construção desse imaginário”.

É preciso entender que a linguagem gaúcha e caipira adotada pelo cronista foi um meio de chegar mais próximo dos leitores, em especial daqueles que, antes dos imigrantes italianos chegarem, já viviam nas estâncias da região Nordeste do Rio Grande do Sul. A utilização do falar caipira nas crônicas de Zé Fernandes significa uma forma de recordar a passagem de muitos tropeiros que cortaram o Estado com destino ao interior de São Paulo, levando mercadorias de diferentes partes da Província, e que deixaram marcas na cultura local. O tropeiro foi a figura que estabeleceu uma relação de convivência com imigrantes europeus, gaúchos e especialmente caipiras durante suas viagens pelo sul do Brasil.

É preciso salientar que a escolha do *Jornal Correio Riograndense* como fonte impressa desta pesquisa e sua opinião com a seção Correspondência Caipira deve-se também a sua intensa visibilidade e leitura entre os imigrantes e moradores da Serra Gaúcha, sendo considerado um dos periódicos e semanários de maior circulação entre assinantes, principalmente no século XX. Assim, propõe-se nesta tese como questão norteadora de pesquisa: como se manifesta a campanha anticomunista de Zé Fernandes por meio do sarcasmo<sup>1</sup> com uma linguagem regional caipira e gaúcha na seção Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense*? Para que a sequência deste trabalho encontre as respostas necessárias depois da formalização do problema definido, tem-se como objetivo geral desta pesquisa analisar as manifestações anticomunistas de Zé Fernandes na seção Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense*, observando o recurso do sarcasmo na linguagem regional caipira e gaúcha utilizadas pelo cronista.

Por sua vez, os objetivos específicos buscam: investigar a relação da imprensa como forma da leitura da história, tendo como foco o meio impresso: jornal; analisar os momentos políticos que se desenvolvem na região da Serra, Estado e país sob a ótica da comunicação através da persuasão; levantar fatos que demonstrem ações políticas através da imprensa e no *Jornal Correio Riograndense*; realizar o apontamento das diferenças entre comunismo e anticomunismo na história e na imprensa; analisar a relação entre política, Igreja e Estado nas crônicas escolhidas para o trabalho; descobrir dados sobre o próprio cronista em sua trajetória de vida e de sacerdócio; identificar a língua como um elemento regional, dentre os regionalismos caipira e gaúcho; analisar o sarcasmo presente nas crônicas como um recurso literário e também argumentativo (do ponto de vista político e religioso); contribuir para a

---

<sup>1</sup> Zombaria maliciosa; escarnio; desprezo; desdém (FERREIRA; ANJOS; FERREIRA, 2008, p. 726).

compreensão da história e sua relação com a política, a leitura, a literatura e a comunicação”. O recorte do período envolvendo 1945 a 1955 justifica-se diante de duas situações: a primeira, porque, a partir da década de 40, o jornal muda de nome de *La Staffetta Riograndense* e passa a se chamar *Correio Riograndense*, publicando suas páginas em português e não mais em italiano todo o conteúdo, mais precisamente a partir de 1941; a segunda porque, após 1945, com o pós-guerra, as crônicas de Zé Fernandes intensificam seus posicionamentos de ideais anticomunistas, ponto no qual reside o interesse deste estudo. Além dessas situações, é importante destacar que a Era Vargas (1930-1945) e o próprio governo democrático de Vargas (1951-1954) registram eventos diretamente ligados à presença do imigrante italiano na Serra Gaúcha.

Zé Fernandes escreve crônicas literárias políticas amparadas na vivência cotidiana das pessoas. Observando a publicação dos textos num período de dez anos (1945-1955), tratando-se de um periódico semanal com cinco edições por mês, teremos mais de setecentas crônicas. Por isso, o critério de seleção foi escolher crônicas em linguagem regional caipira e gaúcha com o maior número de trechos envolvendo o assunto anticomunismo (com emprego do sarcasmo na linguagem) e com o ataque ao comunismo e/ou comunismo/socialismo, inclusive com referência também às palavras: anticomunismo, comunismo e ou socialismo nas crônicas.

Ao final, chegaram-se a 15 crônicas no total, sendo que 10 delas correspondem a uma crítica anticomunista que se utiliza de argumentos políticos. Outras 5 combatem o comunismo com argumentos da religião. Serão 5 crônicas de argumento religioso, número inferior ao de crônicas políticas, porque se constatou que, na década de delimitação do estudo, o número de crônicas que possuem referência contendo uma resposta religiosa contra o comunismo repete muitas vezes o mesmo contexto, ou seja, a ideologia representa as “coisas do mal, do inferno e do diabo”. As situações de ascensão nas publicações desta natureza (com argumentos políticos e religiosos), acontecem, na sua maioria, em três anos distintos: 1945, 1946 e 1949.

Será analisado como Zé Fernandes usa uma linguagem regionalista gaúcha e caipira, marcada pelo sarcasmo, para fazer uma crítica política e religiosa utilizando-se de um discurso anticomunista na seção Correspondência Caipira. Para isso, pontuaremos trechos das crônicas que identifiquem, por meio do sarcasmo, esses sinais de ataque ao comunismo, ou seja, a apropriação de uma estratégia anticomunista na defesa da religião católica.

As crônicas de Zé Fernandes publicadas pelo *Jornal Correio Riograndense* serão analisadas no capítulo 5 deste trabalho, conforme ordem apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Crônicas analisadas do *Correio Riograndense* (1945-1955)

Ordem	Crônica	Argumento	Publicação	Página
01	Páu neles...	Político	28/03/1945	4
02	Óio aberto!	Político	05/09/1945	4
03	Tá que não presta!	Político	07/11/1945	4
04	Caramba!	Político	20/03/1946	4
05	Ansim ou assado, seu Prestes!	Político	25/06/1947	2
06	E' uma prosinha...	Político	21/01/1948	3
07	Aconteceu em Caxias	Político	19/01/1949	3
08	Patrioteiros de Esquina	Político	06/04/1949	3
09	Se Apronte!	Político	20/09/1950	3
10	Contrabalançando	Político	21/07/1954	3
11	Lobo em pele di ovêia	Religioso	12/09/1945	4
12	Às Ordens, Seu Patrão!	Religioso	30/10/1946	3
13	A Viola no Saco	Religioso	13/04/1949	3
14	Perverso, e não Bebê Chorão!...	Religioso	11/05/1949	3
15	Tá na mema cancha...	Religioso	25/05/1949	3

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Outra característica presente e defendida pelo *Correio Riograndense*, pelo menos até 1952, em textos e crônicas mediados pelo editorial do jornal, é ser a favor das pró-ditaduras<sup>2</sup>. No entanto, ele não era o único. Havia nessa época em Caxias do Sul e na região da Serra outros periódicos (Apêndice A) que tinham em seu editorial a defesa por governos ou ideologias partidárias como: *L'Unione* (Fascista), *O Jornal* (Pró-Republicano), *O Momento* (Pró-Vargas), *Caxias Jornal* (Pró-Republicano), *Il Giornale dell' Agricoltore* (Fascista); *O Bandeirante* (Integralista), *A Flor do Nordeste* (Pró-Vargas) e *Voz do Povo* (Comunista).

Não para o *Correio Riograndense*, mas para a maioria da imprensa brasileira, esse é um dos períodos mais difíceis, principalmente depois da Constituição de 1937, que edificava, segundo Gontijo (2004), o arcabouço jurídico do Estado Novo de Getúlio Vargas e com ele o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

O DIP estava alerta para intervir toda vez que algum veículo se pronunciasse contra o governo ou seus interesses. Muitos jornais, revistas e rádios sofreram intervenção, impedidos de circular, e alguns foram simplesmente “empastelados” (GONTIJO, 2004, p. 310).

Depois de fechar o Congresso e assinar a nova constituição, Getúlio Vargas faz um

<sup>2</sup> Mesmo durante o período da guerra, em que as simpatias pró-Itália e Alemanha ficaram mais evidentes, o jornal não deixava de render a sua homenagem à nação de acolhida, se bem que essas demonstrações de patriotismo só se faziam evidentes em datas especiais como o 7 de setembro. A passagem do fogo simbólico, os desfiles de militares e escolas, os pronunciamentos das autoridades eram publicados na íntegra pelo jornal (VALDUGA, 2008, p. 258).

pronunciamento que tentava justificar a instauração do novo regime, o Estado Novo. Ele afirma ser essa a única alternativa diante do clima de desagregação e de afronta à autoridade em que estava a nação. Vargas referia-se, entre outros assuntos, ao perigo do comunismo, ou seja, a instalação no Brasil de uma doutrina política desenvolvida na Europa, no século XIX, tendo à frente o pensador alemão Karl Marx.

A partir da nova Constituição, com a chamada Carta de 1937, Vargas concentra o poder político nas mãos do presidente da República.

Entre 1937 e 1940-1941, o Estado Novo se afirma progressivamente, tornando cada vez mais abrangentes seus mecanismos de repressão. Nessa fase, a sua ação volta-se para determinados instrumentos de controle do Estado, que lhe permitem, cada vez mais, um domínio sobre a sociedade [...]. Por sua vez, liberais, oligarquias oposicionistas e esquerdistas são obrigados a recuar, diante da contínua repressão, ainda mais que os métodos policiais se tornam cada vez mais desumanos e implacáveis (CARONE, 1991, p. 309-310).

Apesar da tentativa de construir uma imagem positiva de Getúlio Vargas e do regime, abusos de toda a sorte conviveram com bem-urdidas tentativas de persuasão. Conforme Martins e De Luca (2008, p. 173), “ainda que se possa questionar a capacidade do governo de silenciar completamente a imprensa, houve um esforço deliberado e, em larga medida bem-sucedido, de sufocar a oposição.” Nesse sentido, o quadro apenas alterou-se com grande significado a partir de 1942, quando a batalha foi conquistada pelos defensores dos Aliados, o que acabou ocasionando mudanças significativas como, por exemplo, a saída de Lourival Fontes do DIP. Segundo Martins e De Luca (2008, p. 173), “a contradição entre a luta a favor da democracia nos campos de batalha e as restrições à liberdade no âmbito interno não poderia persistir indefinidamente”. Assim, a imprensa tomou parte ativa no desgaste que acabou levando à deposição de Getúlio Vargas em 1945.

Em 1946, uma nova Assembleia Constituinte foi convocada e ocorre o subsequente reordenamento jurídico do Brasil, indicando que já se estava entrando em uma nova fase e em outro momento. É neste período que os jornais *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*, ambos do Rio de Janeiro, passam a polarizar a imprensa nas décadas seguintes. Tanto o *Tribuna da Imprensa* quanto o *Última Hora* assistiram às reformas redacionais, editoriais e gráficas do *Diário Carioca* e no *Jornal do Brasil*. A partir desta etapa, os jornais teriam que enfrentar novos desafios e possibilidades.

E pensando em compreender o engajamento dos jornais impressos brasileiros ao longo dos anos, especialmente no período de estudo deste trabalho, entre 1945 até 1955, é que nos aprofundamos para conhecer a participação do *Jornal Correio Riograndense* nesse contexto

político e social. Nesse sentido, nosso interesse pela seção Correspondência Caipira de Zé Fernandes também diz respeito aos últimos passos trilhados no campo das letras.

Nos últimos anos, o estudo da linguagem, da leitura e da literatura tem sido um dos focos de meu interesse, ainda no período de realização do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), finalizado em 2010. Na dissertação intitulada “A Comunicação no rádio e a preservação de uma identidade linguística regional: o Talian” (ARMILIATO, 2010), orientada pelo Prof. Dr. José Clemente Pozenato, o objetivo foi buscar saber como uma língua aportada em território gaúcho e brasileiro pelos primeiros imigrantes italianos em 1875 ainda continuava sendo utilizada por milhares de pessoas em diferentes cidades, especialmente, do Nordeste Gaúcho, como Caxias do Sul.

O resultado da pesquisa veio através das análises do cotidiano das pessoas que ainda preservam essa língua, a partir de entrevistas e interpretação do costume desses indivíduos em escutar os programas de rádio, recordando seus antepassados, especialmente da língua falada pelo pai e pela mãe ou avô e avó, sentimentos despertados pelas histórias de um tempo que não volta mais.

A mídia fornece os meios de sustentar a continuidade cultural, apesar do deslocamento espacial, e de renovar a tradição em novos e diversos contextos através da apropriação das formas simbólicas mediadas. Por isso os meios de comunicação desempenham um papel importante na manutenção e no renovamento da tradição entre os migrantes e grupos deslocados (THOMPSON, 1998, p. 178).

Dessa forma, queremos contribuir para o ponto de vista de que essa preservação de diferentes características culturais não está somente no meio rádio, mas também no jornal impresso. Nossa intenção é colaborar para os estudos da história, da imprensa e da literatura, dando continuidade ao caminho já trilhado do Mestrado. Assim, nesta Tese de Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/UniRitter, o foco será investigar como Zé Fernandes usa do sarcasmo e de uma linguagem regionalista gaúcha e caipira para fazer uma crítica ao comunismo na seção Correspondência Caipira.

No corpo das crônicas, a utilização do sarcasmo em um discurso anticomunista proposto pelo seu autor, Zé Fernandes, surpreende. Ele apresenta narrativas de combate ao comunismo utilizando-se de uma linguagem regional caipira e gaúcha. Sabemos que o sarcasmo apresenta em seu conteúdo palavras que provocam a reação ofensiva e mágoa de quem o recebe. É uma ironia amarga e provocativa, que pode se transformar até em um insulto. Nessas crônicas, o autor quer orientar os leitores do periódico sobre o mal causado pelo comunismo. Na visão de Zé Fernandes, ser adepto desse sistema político seria um desastre muito grande para o

crescimento do país e a propagação da Igreja Católica, naquele período. Foi nessa época que as divulgações em periódicos do Brasil, especialmente a partir da década de 30, vão deliberar uma onda de ações que beneficiam o Partido Comunista do Brasil (PCB), principalmente na divulgação literária de seus ideais políticos e estéticos.

A pesquisa das crônicas de Zé Fernandes presentes na seção Correspondência Caipira abre espaço na academia para a observação de temas que envolvam as comunidades locais e regionais. Além disso, distintos pontos são relevantes: a inclusão de relatos de um período e sua contribuição para a compreensão da sociedade; a experiência entre o vivido e a construção de pensamento e o papel do jornal e sua leitura como poder de construir narrativas do que foi vivido e como foi transmitido.

Outro aspecto fundamental neste estudo é o fato de que a análise da leitura das crônicas da Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense* parece ser pioneira. O estudo volta-se à discussão do comunismo em crônicas que ainda não foram tema de uma reflexão maior do ponto de vista acadêmico, envolvendo ainda o regionalismo caipira e gaúcho. O trabalho ultrapassa o critério da análise da imigração italiana como um todo, focando diretamente em um período em que as famílias, principalmente as católicas e do interior da Serra Gaúcha, tinham na leitura do impresso uma das poucas alternativas de informação.

Por isso, Gil (2008, p. 26) recorda que a pesquisa tem um caráter pragmático como “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objeto fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Já Demo (1996, p. 34) insere a pesquisa como atividade cotidiana, considerando-a uma atitude, um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

Importante salientar que, do ponto de vista de abordagem do problema a ser trabalhado neste estudo, a pesquisa se encaminhará por um caminho dedutivo. O ambiente virtual, onde hoje estão publicadas todas as páginas do *Jornal Correio Riograndense*, é a fonte direta para a coleta de dados, na qual o pesquisador é o instrumento-chave.

O método dedutivo, de acordo com o entendimento clássico, é o método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular. A partir de princípios, leis ou teorias consideradas verdadeiras e indiscutíveis, prediz a ocorrência de casos particulares com base na lógica [...]. O raciocínio dedutivo tem o objetivo de explicar o conteúdo das premissas. Por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente, de análise do geral para o particular, chega a uma conclusão. Usa o silogismo, a construção lógica para, a partir de duas premissas, retirar uma terceira logicamente decorrente das duas primeiras denominada de conclusão (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 27).

A tese, sob esse ponto de vista, divide-se em seis capítulos, desde a apresentação da problemática até as conclusões da pesquisa. O material analisado, totalmente digitalizado, encontra-se no acervo histórico dos jornais, do Centro de Memória<sup>3</sup> presente no site da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul. Também são analisados alguns documentos e entrevistas de Zé Fernandes, pseudônimo de Frei Dionísio Veronese, presentes no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami<sup>4</sup>, de Caxias do Sul, no Museu dos Freis Capuchinhos<sup>5</sup> e em algumas reportagens nas quais o autor concede depoimentos a respeito de sua vida e trabalho (VERONESE, 1988; MUSEU DOS CAPUCHINHOS, 2019).

Na continuidade do trabalho, depois desta introdução, o capítulo 2 trará como foco “O jornal e a sociedade”, um relato da imprensa e a leitura da história, aprofundando questões que fizeram da escrita um processo de evolução diante da necessidade de comunicar, bem como a instalação e a importância dos jornais no Brasil para o acompanhamento das notícias com o relato de histórias bem-sucedidas e outras nem tanto. Destacaremos o cenário da comunicação de massa que passou por transformações significativas ao longo do século XX. Além disso, apresentaremos as relações da imprensa com os diferentes momentos da Era Vargas (1930-1945) e com o chamado “período democrático”, que vai de 1950 e 1954. Por fim, abordaremos a realidade comunista e anticomunista no mundo e as primeiras informações que entram no Brasil sob um olhar negativo.

No capítulo 3, apresentaremos o *Jornal Correio Riograndense* e, especialmente, a seção Correspondência Caipira assinada por Zé Fernandes. Ele escreve crônicas literárias políticas que se identificam com a vida cotidiana dos leitores. Também defende, através dos ideais católicos, uma total reprovação ao comunismo. O semanário católico publica informações relacionadas ao contexto político e social, do Brasil e da região, e é considerado um dos principais jornais da Serra Gaúcha. O periódico atua como um porta-voz da Igreja Católica Apostólica Romana quanto à propagação dos princípios e papéis a serem seguidos pelos cristãos católicos, principalmente os imigrantes e descendentes de italianos que vivem no Nordeste Gaúcho. O início desse processo de evangelização começa com a chegada ao Rio Grande do Sul dos primeiros frades capuchinhos vindos da França, cuja primeira residência foi localizada no município de Garibaldi. Por fim, o capítulo trará informações sobre a vida, características e pensamentos de Zé Fernandes, pseudônimo de Frei Dionísio Veronese, e seus objetivos com a seção Correspondência Caipira.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.camaracaxias.rs.gov.br>. Acesso em: 06 mar. 2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://arquivomunicipal.caxias.rs.gov.br>. Acesso em: 13 mar. 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.capuchinhos.org.br/muscap>. Acesso em: 14 mar. 2019.

A abordagem da identidade cultural e da linguagem regional estará presente no capítulo 4 desta tese, com a investigação de como a linguagem regionalista caipira e gaúcha existentes nas crônicas de Zé Fernandes contribuem, utilizando-se do sarcasmo para um discurso anticomunista presente na seção Correspondência Caipira. O sarcasmo aparece neste capítulo do trabalho como um recurso literário que tem se destacado entre fenômenos linguísticos-discursivos como uma espécie de caracterização de valor, ou seja, observado por estudiosos como uma ferramenta de grande importância para histórias narradas ou contadas através das crônicas. O capítulo explora também a literatura rio-grandense e caipira, seus principais expoentes e questões que envolvem a formação de uma identidade cultural muito presente nas crônicas de Zé Fernandes.

O capítulo 5 destina-se à análise das crônicas assinadas por Zé Fernandes. O cronista apresenta suas relações políticas e religiosas contrárias aos comunistas do mundo, mas, em especial, presentes no Brasil. O anticomunismo nas crônicas de Zé Fernandes desencadeia textos diretamente ligados ao panorama político e governamental da época e, claro, em defesa dos ideais católicos, contendo a comparação de extremos entre “o bem e o mal”, “o céu e inferno” e o poder de “Deus e do Diabo”. Para demonstrar esse cenário, Zé Fernandes dialoga com personagens, narra ou serve de interlocutor de diferentes histórias em que o sarcasmo impera e exprime a força da Igreja Católica no ataque ao comunismo ou seus simpatizantes.

Finalizando o trabalho, no capítulo 6, atendendo ao processo de aprendizado que deve ser contínuo dentro da vida acadêmica, expomos as considerações finais e interpretações realizadas a partir do problema proposto nesta tese, pesquisa que permeia todo o processo de análise das crônicas estudadas na seção Correspondência Caipira, referentes ao período de 1945 a 1955, do *Correio Riograndense*, escritas por Zé Fernandes.

## 2 O JORNAL E A SOCIEDADE

### 2.1 A IMPRENSA E A LEITURA DA HISTÓRIA

É marcante na história da imprensa a sua importância na contribuição para a construção e o registro dos fatos eventos históricos. A história registra, a imprensa interpreta e publica e a sociedade finaliza com sua interpretação. Sem apontamentos necessários para se difundir um texto ou narrativa, de diferentes autores, a própria história estaria avessa a um processo de evolução com o passar dos séculos. De acordo com Olson e Torrence (1985, p. 07), “a escrita não produz uma nova maneira de pensar, mas a posse de um registro escrito pode permitir que se faça algo antes impossível: reavaliar, estudar, reinterpretar e assim por diante”. Outra relação da imprensa como registro da história pode estar associada ao que diz Ong (1998), segundo o qual é preciso compreender melhor o mundo da escrita e o que ela representa para a humanidade.

Um conhecimento mais profundo da oralidade primitiva ou primária permite-nos compreender melhor o novo mundo da escrita, o que ele verdadeiramente é e o que os seres humanos funcionalmente letrados realmente são: seres cujos processos de pensamento não nascem de capacidades meramente naturais, mas da estruturação dessas capacidades, direta ou indiretamente, pela tecnologia da escrita. Sem a escrita, a mente letrada não pensaria e não poderia pensar como pensa, não apenas quando se ocupa da escrita, mas normalmente, até mesmo quando está compondo seus pensamentos de forma oral. Mais do que qualquer outra invenção individual, a escrita transformou a consciência humana (ONG, 1998, p. 93).

Se a escrita é interpretada e difundida pela leitura, a cultura do Ocidente, mais precisamente, será conhecida como a cultura do impresso. Isso porque, na visão de Chartier (2001), no Ocidente, existe uma relação com o escrito por meio do impresso. Ele acrescenta que essa atitude se encontra nas cidades, onde se veem cartazes, inscrições, livros nas lojas de livreiros, éditos ou, ainda, textos oficiais colados nas paredes. Conforme o pesquisador, formam-se condições sociais que desenvolvem um processo de mediação da cultura coletiva, essencial para uma efetiva comunicação impressa, como, por exemplo, a encontrada nos jornais. Já na relação da interpretação da sociedade através da leitura, Chartier (2001) também faz referência à importância da análise do leitor diante do que está impresso no jornal.

Devemos transformar o leitor em historiador, sociólogo, e assim podemos dizer. Qualquer leitor pertence a uma comunidade de interpretação e se define em relação às capacidades de leitura [...]. Nisso consiste a maneira de dar uma realidade sociocultural à figura do leitor. Posso dizer, de maneira um pouco simplista, que se deve levar em consideração a materialidade do texto e a corporeidade do leitor, mas

não só como uma corporeidade física (porque ler é fazer gestos), mas também como uma corporeidade social e culturalmente construída (CHARTIER, 2001, p. 31-32).

De acordo com Chartier (2001, p. 84), na história da escrita, não se pode deixar de falar da cultura do impresso sem desenvolver a prática em um marco mais amplo, que, segundo ele, “é o que define em uma sociedade a cultura do escrito. E a cultura do escrito vai desde o livro ou jornal impresso até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas”.

Diante do conhecimento da importância da escrita para o registro da história, é fundamental aprofundar os objetivos da imprensa como autora de textos que visam a atingir um grande público. O jornal, nesse sentido, está conectado diretamente aos diversos segmentos da sociedade. Por vezes, o explorado são as diferentes realidades contidas em uma mesma comunidade. Esse é seu público. Ou seja, são seus leitores que pensam de formas diferentes.

Nessa trajetória do jornal como meio de comunicação impresso, é preciso recordar do papel da comunicação como proposta de transparência que surge no Iluminismo e tem nos seus objetivos apresentar uma forma de oposição ao que se tinha como algo que estivesse em segredo ou obscuro à sociedade. No andamento do período medieval, a concepção de público e privado não era conhecida, e por isso não havia o que se tornar público ou então chegar ao público. Isso somente irá passar por uma transformação com uma estruturação da esfera pública, com a aplicação das ideias de emancipação do indivíduo e de sua própria liberdade, sendo auxiliado pela valorização da razão e também pelo afastamento e separação de Igreja-Estado. É nesse sentido que a transparência, se pensarmos no sentido de tornar visível, combatendo e enfrentando o segredo, toma caminhos que legitimam o valor democrático. Bobbio (1989) busca em Kant, que proferiu, no Apêndice à Paz Perpétua, ainda no século XVII, o princípio fundamental segundo o qual “todas as ações relativas ao direito dos outros homens cuja máxima não suscetível de se tornar pública são injustas”, pois se algum indivíduo é forçado a manter secreta uma ação, essa certamente não é apenas uma ação injusta, mas, algo ou ação que, se fosse tornada pública, suscitaria numa verdadeira reação de grande escalada que tornaria impossível a sua execução.

É imprescindível que essa evolução tanto dos jornais como dos impressos e sua legitimidade passe por severas transformações durante os séculos. No livro de Marcondes Filho (2009) intitulado “O desafio das tecnologias e o fim das ilusões”, o autor nos apresenta, com argumentos, o desenvolvimento do jornalismo, que, segundo ele, está dividido em quatro fases.

Desde 1789 à metade do século XIX, o jornalismo se caracteriza como político-literário, em que os periódicos eram voltados a possuírem um envolvimento pedagógico e de formação política. Conforme Marcondes Filho (2010), os mesmos jornalistas eram políticos, e

o impresso seu porta-voz. Por isso, os fins econômicos sempre vinham em um segundo momento. Este período é, para Marcondes Filho (2010), o denominado primeiro jornalismo.

Depois, a partir da evolução tecnológica da metade do século XIX, surge o segundo jornalismo, quando o jornal é considerado como uma grande empresa capitalista. É preciso sustentar-se e gerar lucro.

A grande mudança que se realiza nesse tipo de atividade noticiosa é a grande inversão da importância e da preocupação quanto ao caráter de sua mercadoria: seu valor de troca, a venda de espaços publicitários (para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica) passa a ser prioridade em relação ao seu valor de uso, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais (MARCONDES FILHO, 2009, p. 21).

Os anos passam, e o terceiro jornalismo surge com uma ameaça que chega pelas grandes guerras e com os governos autoritários do século XX. Para Marcondes Filho (2009), porém, é com o desenvolvimento da indústria publicitária e de relações públicas com novas formas de comunicação que será marcado esse século. Elas vão competir diretamente com o jornalismo até descaracterizá-lo. Por fim, o quarto e último jornalismo, conceituado por Marcondes Filho, está caracterizado pelo desenvolvimento tecnológico dos anos 70.

Dentro dessa nova orientação do jornalismo, assuntos associados ao curioso, ao insólito, ao imageticamente impressionante ganham mais espaço no noticiário, que deixa de ser “informar-se sobre o mundo” para ser “surpreender-se com pessoas e coisas” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 37).

Assim, com esse novo olhar pelo jornalismo e de modo especial, nos jornais, a evolução jornalística segue no acompanhamento da própria evolução humana. Com suas particularidades que vão do técnico ao conceito, também o profissional de jornalismo adota sua rotina de aperfeiçoamento adequando-se à época em que está inserido. Marcondes Filho salienta em diversos de seus textos e livros que o próprio jornalismo tal como se conhece atualmente teve seu marco inicial no século XIX, quando se verificou uma situação em particular: o primeiro *mass media*<sup>6</sup>, a imprensa. Conseqüentemente, a transparência dos jornais é definida, então, pela ordem da comunicação e não somente da informação, como se pode presumir. Definitivamente, está ligada ao que é tornado público e para o público, objetivando-se no movimento, na dinâmica da troca entre os sujeitos envolvidos e na própria mediação.

A imprensa redefine a palavra “pública”, que é constituída pelos assuntos que

---

<sup>6</sup> O termo *mass media* é formado pela palavra latina *media* (meios), plural de *medium* (meio), e pela palavra inglesa *mass* (massa). Em sentido literal, os *mass media* seriam os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, imprensa, etc.).

importam às sociedades. Ela se incorpora ao processo de modernização, urbanização e alfabetização dos indivíduos com vistas a formar um público leitor e constituir a esfera pública. Se pensarmos sobre esse ponto de vista, os próprios meios de comunicação são o palco principal da esfera pública, terreno de sua efetivação e extensão. Por isso, as trocas simbólicas operadas pela imprensa agem de forma regular nos campos sociais. Sabemos que as informações são o principal meio que os leitores e cidadãos têm para que possam se inteirar do que se passa nos diferentes espaços de decisão e ainda monitorar políticos, reivindicar seus direitos e aprimorar seus deveres. Podemos recordar, nesse sentido, de Habermas (2002), que determina um modelo discursivo de esfera pública, considerando nesse contexto, a potencialidade crítica do público. De acordo com o filósofo, os cidadãos, mesmo as minorias, podem se manifestar e alterar os espaços públicos. Ele acrescenta uma nova perspectiva na qual a esfera pública é vista como um fórum de forma aberta para o debate discursivo e a troca de ideias que reúnem as questões coletivas que afligem a sociedade. A imprensa é peça-chave nesse contexto enquanto informa e questiona o leitor sobre os assuntos de onde vive. A sociedade tem na imprensa uma vitrine de seus problemas e decisões, questões que legitimam a opinião e o caráter simbólico de seus leitores. Portanto, a leitura cria cidadãos incluídos e existentes em um processo público de resolução de problemas através da imersão simbólica do descrito pelos jornais e os meios de comunicação. Essa comunicação faz com que cada discurso circule e seja contraposto a ideais ou decisões e que ele esteja em permanente debate ou renovação de atitudes.

Analisando o modo de interação social que a imprensa possibilita, criando novas formas de cultura, de vida, de hábitos e valores, Thompson (1998) explica que os indivíduos recebem os conteúdos simbólicos da imprensa de maneira ativa e seletiva, incorporando ou não à sua vida cotidiana. Por exemplo, na política, segundo Thompson (1998), os meios de comunicação possibilitam aos políticos uma visibilidade sem precedentes na história. Conforme ele, apesar de ganharem reconhecimento social e familiarização, todos ficam mais e mais observados pela mídia. Por isso, qualquer deslize cometido pode se tornar um escândalo. Para Thompson, com isso, a política, por exemplo, torna-se, amplamente transparente, na esfera local e global, aumentando o debate do leitor, no caso dos jornais, em torno do espaço público. Por isso, existe, dentro da escrita do jornal, uma dinâmica e formas aceitáveis sobre como se aplicar no texto a melhor condução, ou seja, como narrar e contar essas histórias do cotidiano. A imprensa se especializa nesse assunto com o passar dos anos.

De acordo com Bakhtin (2003), esse processo é desencadeado pelos diferentes gêneros textuais, que são relativamente estáveis, mas que circulam numa esfera social, para desempenhar uma função: a de também informar. O gênero jornalístico, próprio do noticiário

do jornal, pode ser um deles. Segundo Bakhtin (2003, p. 262), “o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”.

A história da sociedade é revelada intensamente porque os gêneros textuais, e mesmo o gênero jornalístico, são os responsáveis por organizar a experiência humana. Os jornais aprimoram seus textos com o passar dos tempos, e o gênero jornalístico entra em cena. De acordo com o professor José Marques de Melo (2003), os gêneros servem para proporcionar e aumentar a compreensão da grande quantidade de textos veiculada pela mídia. O assunto é alvo de estudos de muitos pesquisadores. De acordo com os estudiosos, as definições aparecem no estilo e no manejo da linguagem. Entretanto, alguns preferem analisá-las pela obrigatoriedade de serem interessantes e motivadoras para o leitor, ou seja, definidas por sua forma mais vendável. Por outro lado, existe também uma corrente de pesquisadores que afirmam que a diferença está justamente na forma como o texto é escrito, podendo ser jornalístico ou literário. Na visão de Melo (2003), o gênero jornalístico possui forte influência sobre a leitura do texto.

Narrar os fatos e expressar as ideias segundo os padrões historicamente definidos como jornalismo informativo e jornalismo opinativo não altera fundamentalmente o resultado do processo interativo que se estabelece entre a instituição jornalística e a coletividade que tem acesso ao universo temático e conteudístico manufaturado continuamente (MELO, 2003, p. 24).

Será através do jornal que o leitor terá a possibilidade de encontrar as maneiras necessárias para a interpretação do ocorrido e poderá interagir diante das mais diversas manifestações sociais ou comunitárias. Por isso, conforme Bakhtin (2003), quanto melhor o leitor dominar os gêneros existentes em um texto, o discurso será mais bem compreendido e a leitura atingirá seu objetivo, cumprindo o papel do enunciado jornalístico.

Quanto melhor dominarmos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2003, p. 285).

A abordagem dos gêneros tem sua importância quando o assunto está relacionado à leitura da própria sociedade, isso porque, na visão de Bakhtin (2003), os gêneros vivem do presente, mas recordam o seu passado, o seu começo (como eram e/ou seriam as narrativas da história). Por isso, ao mesmo tempo em que a sociedade se desenvolve com o passar das décadas, o texto da imprensa também não permanece estático. Ele acompanha as mudanças

textuais empregadas pelos seus autores. O próprio jornalismo impresso evolui diante de uma leitura ainda mais crítica da sociedade. Nesse sentido, Bakhtin (2003) afirma que, sendo a cultura uma unidade presente e aberta em suas possibilidades, pode-se dizer que ela e o entendimento desses gêneros estão juntos. Será um uso constante levando a sociedade a uma evolução tanto na linguagem e na comunicação, quanto em seu meio de vida.

Outra visão diretamente ligada à importância da imprensa e, especialmente, do jornal impresso na leitura da história é explorada por Bazerman (2006). Ele salienta a relação de gêneros textuais que estão ligados diretamente à interpretação da leitura dos periódicos. Segundo ele, o autor ou repórter aponta uma visão de gênero no texto, no caso o gênero jornalístico, como conjunto de produção e recepção e não apenas aspecto individual. Bazerman (2006) afirma que são os usos e os papéis dos indivíduos que se utilizam desse gênero para sua interação social. Atualmente, são inúmeras as formas de interação do leitor com o texto, sendo que o objetivo do jornalismo é estar realmente conectado com o seu leitor, no caso do jornal impresso ou on-line.

Fiel ao diálogo entre o registro histórico da imprensa escrita e a sociedade, estará a presença da leitura, como instrumento de compreensão e definição de diferentes realidades. Para Martins (1994), o ato de ler é frequentemente relacionado à escrita, e o leitor (ou receptor) é visto como um decodificador da letra. Mas, segundo ela, é preciso fazer uma reflexão ainda mais precisa sobre a própria noção de leitura. “Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações: social, política, econômica e cultural ” (MARTINS, 1994, p. 22). Segundo esse raciocínio, Martins (1994) acrescenta que seria preciso, então, ponderar a leitura como um processo que reúne a compreensão de expressões formais ou simbólicas, não importando por meio de que linguagem.

Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (MARTINS, 1994, p. 30).

Mas como definir o processo de leitura sem saber como acontece a relação entre a própria leitura e a comunicação através do impresso? Nesse sentido, Goulemot (2001, p. 108) apresenta algumas evidências que estão ligadas justamente ao processo de comunicação através dos jornais. Ele acrescenta que “ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos pelas sequências”. A imprensa, com essa particularidade, desafia-se, cotidianamente, a escrever sobre os diferentes assuntos e realidades, promovendo o

exercício não só da escrita, mas também da leitura que os próprios leitores poderão fazer da realidade do local onde moram, de seus costumes e de suas obrigações. Todos irão unificar esse acúmulo de notícias ao contexto do próprio mundo, que é globalizado também pela informação. Como exemplifica Goulemot (2001), ler significa, portanto, constituir e não reconstituir um sentido. Para ele, a leitura é uma revelação pontual de uma polissemia de um texto literário.

A situação da leitura é, em decorrência disso, a revelação de uma das virtudes significantes do texto. No limite, ela é aquilo pelo qual se utiliza uma de suas virtualidades, uma situação de comunicação particular, pois aberta. Se admitirmos, como faço, que um texto literário é polissêmico, a análise do leitor parecerá, portanto, pertinente, porque constitui um dos termos essenciais do processo de aprovação e de troca que é a leitura (GOULEMOT, 2001, p. 108).

É claro que o contexto da própria informação a ser divulgada depende de diversos fatores, incluindo a denominada história cultural de cada local e período. Diante desse contexto ocorre a leitura. A própria história da imprensa está inserida como meio de produção dentro de outro campo com espaço configurado e caracterizado pela história cultural. Para Chartier (1990), é a história cultural quem vai identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma dada realidade é construída, pensada e dada a ler. O autor revela como o “dada a ler” apresenta a representação como forma fundamental no contexto histórico. Toda e qualquer história é uma reinterpretação, uma reinvenção e mesmo uma reescritura. Não existe, por exemplo, a recuperação do passado tal como ele ocorreu, pois o próprio passado (tempo) é inteligível no contexto das próprias narrativas.

Nesse sentido, procurando analisar e trabalhar com o recorte da história cultural, Darnton (1990) vai sinalizar para o encontro de uma história social e cultural da comunicação impressa. De acordo com ele, o estudo da comunicação, no seu mais exato sentido histórico, precisa envolver todo o processo de sua construção. Esse movimento, segundo ele, termina na interpretação dos leitores. Por isso que, além de a imprensa escrever o relato que marcará a história com a leitura de diferentes leitores, ao escrever a própria história da imprensa, é importante a idealização da formação criadora do público. Isso acontecerá no mesmo momento em que se realiza o processo de recepção e se aposta na caracterização de práticas que se adaptam de modo diferente dos materiais que circulam em determinadas sociedades, indicando-se os contrastes, as diferenças e as disputas.

Mas é preciso compreender ainda mais o conceito de leitura. Ele também vai além da decodificação da própria palavra escrita. Para Melo (1985b, p. 28), “ler o mundo é assumir-se como sujeito da História. É ter consciência dos processos que interferem na sua existência como

ser social e ser político”. A manifestação de Melo (1985b) aponta que só o indivíduo capaz de fazer uma leitura constante do mundo, tentando prender os signos do seu dinamismo para nele interferir e atuar, sente-se motivado para a leitura da palavra.

Assim sendo, a leitura da comunicação impressa só se efetiva e se reproduz quando está ligada ao ambiente em que o homem ou a mulher se sentem sujeitos, atores decisivos para configurar a ação existencial de que participam. Como é um ato de liberdade, de escolha individual, a leitura pressupõe uma finalidade, um objeto, um propósito. E tanto a leitura utilitária quanto a leitura que dá prazer são atividades motivadas pela inversão no mundo, determinadas pela leitura do mundo (MELO, 1985b, p. 28).

Ainda na visão de Melo (1985b), o jornal, especialmente, diferente de outros meios de comunicação, como o rádio e a televisão, significa o laço que prende o cidadão à sociedade em que vive e atua. Oferecendo cada dia o registro, ainda que parcial, do movimento da sociedade, o jornal permite, num primeiro instante, “a participação abstrata do cidadão, conduzindo-o, num segundo momento, para a atuação concreta” (MELO, 1985b, p. 49). Essa peculiaridade do jornal decorre do privilégio que concede a duas esferas do cotidiano: o político e o econômico. E, segundo ele, são precisamente aquelas as dimensões que cativam os leitores.

Quanto mais o cidadão sente-se participe da vida do seu país ou da sua comunidade, mais necessidade ele tem de recorrer ao jornal para aprofundar a sua identidade social, pelo caráter duradouro e prospectivo da informação pública ali recuperada e ruminada cotidianamente (MELO, 1985b, p. 49).

Já na visão de Yunes (2002), a força da leitura está contida em diferentes ações e interpretações. Entretanto, ela precisa de fato estar conectada através da adesão dos sujeitos não “no sentido prévio que toda a escrita guarda, mas ao processo significativo em que cada leitor é convocado a se inserir para fazer interpretação/criação” (YUNES, 2002, p. 56).

Este estágio atual da reflexão que relativiza as interpretações, porque as situa – contextualiza – não pode ser traduzido como um jogo de tolerância indiscriminada. O sentido radica na vida: às palavras vãs, o tributo da vida; às palavras ocas, o ônus da sociedade irresponsável. Dizer é criar realidades, e isto tem consequências na vida social (YUNES, 2002, p. 56).

Mas a palavra leitura também apresenta outros conceitos. O ato de ler, por exemplo, para Brandão e Micheletti (2002), significa um processo abrangente e complexo.

É um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de

interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva (BRANDÃO; MICHELETTI, 2002, p. 09).

Nesse sentido, é imprescindível afirmar que o ato de ler que o homem utiliza diante de outros homens num processo de interação é por meio da palavra escrita. A palavra escrita vai dar significados e ganha definições sempre a partir de uma ação do leitor sobre ela. Tudo no texto se desenvolve a partir da leitura, que é um processo de compreensão de mundo que diretamente envolve particularidades essenciais singulares do homem, levando a sua capacidade simbólica e de intercâmbio com outra palavra de mediação marcada no contexto social. Por exemplo, um texto de jornal ou crônica de um periódico só se completará com o ato da leitura na medida em que é atualizada a linguística e a própria temática por um leitor. De acordo com Kleiman (1989, p. 10), “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados.” Isso nos leva a entender que a leitura deve ser percebida como o resultado de sentido. Já o texto é o resultado de um trabalho ainda anterior do autor que chegará até o leitor convidado, desafiando a sua importância da leitura. Independentemente do conceito ou significado, ler não é decodificar e traduzir, mas construir uma sequência de sentidos a partir dos identificadores do autor.

No contexto social da leitura, é preciso recordar do que afirma Paulo Freire (2011). O processo de alfabetização dos sujeitos leitores é uma caminhada que se inicia antes do acesso à escola. O autor considera que, antes desse acesso, recebemos conhecimentos acumulados nas interações com os diversos movimentos e grupos da sociedade da qual os alunos, por exemplo, fazem parte e devem ser o referencial para todo um processo. Isso ocasiona um esforço constante em promover o também chamado referencial norteador na conquista de uma constituição efetiva de um elemento essencial à cidadania, à leitura de texto, da própria sociedade e da cultura, como recorda Freire, em que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisas que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e, a seguir, escreveram as palavras. Os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo (FREIRE, 2011, p. 15).

Contudo, se a leitura faz parte da vida cotidiana das pessoas, a literatura também não está distante. Ela está próxima e integra os impressos no país. Conforme Candido (2011), a

literatura encontrada na leitura diária pode ser compreendida como todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade. Por isso, o vínculo entre o jornal e a sociedade está integrando também a cultura dos leitores. Com base nesse argumento, Candido (2011) defende que a literatura, como a leitura, aparece claramente, como uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos.

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado [...]. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (CANDIDO, 2011, p. 176-177).

A importante relação entre o retrato da história através dos jornais configura uma apresentação da realidade social e da vivência das comunidades. Com a presença da literatura impressa nas páginas manuseadas pelos leitores, estabelece-se uma parceria na qual, segundo Candido (2011, p. 177), “a própria literatura confirma ou nega, propõe ou denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”.

De acordo com Candido (2011), as palavras organizadas são mais do que a presença de um código, porque elas comunicam algo que nos toca e obedecem a uma ordem. Ele destaca, por exemplo, que, quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, esse impacto deve-se à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. Diante da avaliação de um texto que impressiona, por exemplo, Candido (2011) diz que esse somente impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu.

Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda a obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial de palavras e fazendo uma proposta de sentido (CANDIDO, 2011, p. 180).

O ato de ler é um comprometimento que envolverá sempre quem lê. A ação de estar lendo significa um comprometimento e envolvimento sempre de quem lê. Por isso, “o ato de ler” vai estar acompanhado de diversos sentimentos e emoções, desde a curiosidade, passando pelo consolo, medo e ansiedade, e mesmo pela alegria ou pela paz. Borges (2001) apresenta esse caminho em que as atitudes relativas à leitura podem tornar-se habituais, fazendo com que

seja desejada ou indesejada. Observamos, anteriormente, conceitos e interpretações de autores que fazem menção à leitura do mundo e mesmo à leitura da palavra escrita sob o ponto de vista dos jornais.

Além das interpretações de Candido (2011) e de outros autores mencionados neste trabalho, não só na leitura de jornal, mas se utilizando da leitura literária e mesmo da escrita do texto literário impresso, podemos encontrar o senso de cada um de nós, em particular, e mesmo da comunidade a que pertencemos, como salienta Cosson (2006).

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborada, ela é a incorporação do outro em mim, sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da leitura podemos ser os outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos (COSSON, 2006, p. 17).

Os acontecimentos revelados nos jornais, às vistas da sociedade, apresentam um crescente processo de desenvolvimento das narrativas no século XX. Conforme Ong (1998, p. 157), isso está ligado às “mudanças na organização política, acontecimentos religiosos, intercâmbios culturais e muitos outros”. A percepção de mundo na escrita da imprensa brasileira vai registrar a presença não só do jornalismo das notícias, mas o registro da vida cotidiana das pessoas. Os impressos do país passam a dedicar espaços para a defesa de ideais conservadores ou liberais também por meio da literatura. Os periódicos apresentam os textos de jornalistas e escritores que recorrem ao texto literário como instrumento dos acontecimentos da história com fatos reais e outros amparados em criações da ficção. Nesse sentido, ao acompanhar esse texto, o leitor irá interpretar as razões e significados presentes deixados pelo redator, seja pela realidade ou pela ficção, como explica Barthes (1984).

[...] ao ler, também nós imprimimos uma certa postura ao texto, e é por isso que ele é vivo; mas essa postura, que é invenção nossa, só é possível por existir entre os elementos do texto uma relação estabelecida, em suma uma proporção: [...] analisar essa proporção, descrever a disposição topológica que dá a leitura do texto clássico simultaneamente o traçado dos seus limites e a sua liberdade (BARTHES, 1984, p. 29).

Praticamente toda atividade humana é dada pela linguagem. É através dela que o homem constrói seus alicerces para se comunicar, seja nas notícias do jornalismo ou nas narrativas. Entretanto, o ser humano lança-se como alternativa entre essas duas possibilidades, reunindo características de ambos para estruturar um novo gênero: o jornalismo literário. Castro e Galeno (2002, p. 9) afirmam que a fronteira entre o jornalismo e a literatura está cada vez

mais difusa. “Cada uma recorrendo aos recursos e cosmovisões da outra, como forma de desvendar o mundo e propô-lo com um sentido e uma tarefa ao leitor”. Os autores vão mais longe, pois para eles, “é necessário que o jornalismo, como construção de texto, precisa falar do verdadeiro, sem falsidade, mas com verossimilhança” (CASTRO; GALENO, 2002, p. 49). Dessa forma, cabe ao profissional a medida da alteração devida para que o texto tome forma expressiva a partir de um conteúdo bruto.

Em jornalismo, ser expressivo é mais do que uma exigência: um imperativo. Por isso, o jornalismo não pode viver sem a consciência da literatura. É no exercício prosaico que se aprende a matemática da expressão. Da ambiguidade compreendida retira-se a objetividade verossímil (CASTRO; GALENO, 2002, p. 50).

Portanto, para se estabelecer um diálogo entre o jornalismo e a literatura, tendo a imprensa como objeto de registro histórico, é necessário estabelecer-se uma leitura também direcionada à pesquisa, uma correlação existente entre o que já foi o presente atual como informação e suas consequências deixadas pós-período em que o registro jornalístico foi publicado, conhecido ou analisado. O tempo da informação e suas consequências, que são históricas, sob a ótica da leitura requerem o dinamismo de um recorte de período. O contexto, seja do que foi escrito ou supostamente direcionado, tende a possuir influências também políticas e sociais.

Entretanto, é possível compreender que a sociedade, geralmente, tende a fazer uso para seu benefício dos textos voltados à informação, entretenimento ou consumo particular. Na relação com o coletivo, o jornal se destaca por ser um meio de comunicação escrito e, portanto, possível de ser avaliado porque está diretamente envolvido com seu público. A recepção e a ação que o leitor tem ao fazer a leitura de um jornal serão feitas automaticamente. O jogo entre a linguagem e a sociedade será uma constante, elaborando gêneros, retratando os acontecimentos, permeando falas, decisões e eventos, tudo com um vocabulário adequado, mas podendo seguir uma estratégia própria do autor, escritor ou repórter.

Apesar da vocação para o “real”, o relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais: ao causar a impressão de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura, valoriza-se o instante em que se vive, criando a aparência do acontecer em curso, isto é, uma ficção. Além disso, o jornalismo, produto industrial, precisa de esquemas para captação de notícias, dos quais a fonte é uma das principais. As fontes podem constituir posições estereotipadas; frequentemente, com a consulta a especialistas, a ação quase não aparece, apenas a linguagem como reforço, como redundância (SATO, 2002, p. 50).

Os jornais, com o tempo, transformam-se nos observadores da realidade social e

cultural de um determinado espaço onde não apenas a burguesia está inserida, mas outras representatividades e organizações comunitárias. A cultura de massa toma seu espaço, como explica Martín-Barbeiro (2013):

A cultura de massa é a primeira a possibilitar a comunicação entre os diferentes estratos da sociedade. E dado que é impossível uma sociedade que chegue a uma completa unidade cultural, então o importante é que aja circulação. E quando existiu maior circulação cultural que na sociedade de massa? Enquanto o livro manteve e até reforçou durante muito tempo a segregação cultural entre as classes, o jornal começou a possibilitar o fluxo (MARTÍN-BARBEIRO, 2013, p. 67).

Já na visão de Cuche (2002, p. 158), “a maioria dos autores dedicam suas análises essencialmente à questão do consumo da cultura produzida pela *mass media*”, ou seja, a vida real estampada nos jornais com diferentes caracterizações sociais e a busca pela própria representatividade na sociedade. A burguesia aparece com objetivos concretos de ingerência sobre os pequenos e, por outro lado, a organização de parte da sociedade através do desenvolvimento da classe média percebe a ascensão dos trabalhadores (proletariado). A partir das primeiras décadas do século XX, de acordo com Ortiz (1994), o Brasil sofre mudanças profundas. “O processo de urbanização e de industrialização se acelera, uma classe média se desenvolve, surge um proletariado urbano” (ORTIZ, 1994, p. 39-40). O jornal precisa estar voltado também para este público, e o crescimento das tiragens será inevitável com o passar do tempo. As realidades dos assuntos presentes nas páginas impressas se sobrepõem ao interesse jornalístico. Então, torna-se necessário vencer o concorrente, buscando maior faturamento com estabilização econômica. Nesse contexto, a empresa jornalística precisa vender cada vez mais, procurar a classe média, aumentar o domínio de mercado e aprofundar a difusão de seus ideais junto à grande massa popular. O jornalismo, além da utilização do gênero jornalístico exclusivamente, em grande parte dos impressos, necessita ser também interpretativo, e o leitor deve encontrar uma resposta diante do fato publicado.

A estes – que estão distribuídos em todos os setores e que constituem em líderes de opinião – letrados e iletrados, profissionais liberais, agricultores e industriais, estudantes, operários, militares, religiosos – é que se deve o surgimento do jornalismo interpretativo, um jornalismo em profundidade, à base da investigação, que começa a representar a nova posição da imemorial atividade social da informação de atualidade. Um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade, a fim de que a massa, ela própria, a interprete (BELTRÃO, 1980, p. 42).

As transformações editoriais dos jornais consumidas, na maioria das vezes, pela elite letrada, também são percebidas na população em geral, ou seja, na segmentação de um público leitor, com o auxílio das novas tecnologias, a inserção pela defesa de ideologias e o

acompanhamento de outras tantas práticas culturais. De acordo com Martins e De Luca (2008, p. 101), “foram esses impressos, voltados para os mercados emergentes do país, que demandaram o surgimento de títulos alinhados às redimensões da economia nacional”. Assim, essa diversidade de produções impressas vai tomar conta de um público cada vez maior de leitores e consumidores.

## 2.2 COMUNICAÇÃO DE MASSA E PERSUASÃO

Com o surgimento de novas tecnologias difundidas durante o século XX, a comunicação jornalística passa a exercer uma importante posição diante do sentido das mediações. De acordo com Eco (2001, p. 11), “se devemos operar em e para um mundo construído na medida humana, essa medida deverá ser individuada não adaptando o homem a essas condições de fato, mas a partir dessas condições de fato”. Segundo ele, o universo das comunicações de massa é – reconheçamo-lo ou não – o nosso universo.

[...] e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visual e auditiva. Ninguém foge a essas condições, nem mesmo o virtuoso, que, indignado com a natureza inumana desse universo da informação, transmite o seu protesto através dos canais de comunicação de massa, pelas colunas do grande diário, ou nas páginas do volume em paperback, impresso em linotipo e difundido nos quiosques das estações (ECO, 2001, p. 11).

Essas mediações seguem seu fluxo. De acordo com Martín-Barbeiro (2013, p. 28), “a comunicação se tornou para nós questão de mediações mais que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos, mas de reconhecimento”. Segundo Martín-Barbeiro (2013), chama-se “massa” o modo como as classes populares vivem as novas condições de existência, isso tanto no sentido do que elas têm de opressão quanto no que as novas relações contêm de ações ou aspirações de democratização social. Por outro lado, ele acrescenta que “de massa” será a chamada cultura popular, pois, quando a cultura popular tende a se converter em cultura de classe, será ela mesma minada por dentro, transformando-se em cultura de massa.

Os dispositivos da mediação de massa acham-se assim ligados estruturalmente aos movimentos no âmbito da legitimidade que articula a cultura: uma sociabilidade que realiza a abstração da forma mercantil na materialidade tecnológica da fábrica e do jornal, e uma mediação que encobre o conflito entre as classes produzindo sua resolução no imaginário, assegurando assim o consentimento ativo dos dominados. Essa mediação e esse consentimento, no entanto, só foram historicamente possíveis na medida em que a cultura de massa foi constituída acionando e deformando ao

mesmo tempo sinais de identidade da antiga cultura popular e integrando ao mercado as novas demandas das massas (MARTÍN-BARBEIRO, 2013, p. 175).

A demanda popular e essa corrida pelo desenvolvimento tecnológico, principalmente na área da impressão dos periódicos, faziam das narrativas nos jornais o melhor espaço para o crescimento da produção massiva. Assim, vê-se, a partir de 1830, uma imprensa que já se destaca com um forte apelo ao jornalismo político que leva à empresa comercial. Os folhetins são os primeiros textos em importância que alcançam o formato popular de massa. Martín-Barbeiro (2013) acrescenta que os meios de comunicação de massa, sendo um deles o jornal, serão responsáveis por uma verdadeira transformação cultural.

Estamos afirmando que as modalidades de comunicação que neles e com eles aparecem só foram possíveis na medida em que a tecnologia materializou mudanças que, a partir da vida social, davam sentido a novas relações e novos usos. Estamos situando os meios no âmbito das mediações, isto é, num processo de transformação cultural que não se inicia nem surge através deles, mas no qual eles passarão a desempenhar um papel importante a partir de um certo momento – os anos 1920 (MARTÍN-BARBEIRO, 2013, p. 197).

Nesse sentido, os anos 20 serão de progresso técnico e forte produção também para a área da comunicação, visto que os Estados Unidos passam pela retomada econômica depois de finalizada a Primeira Guerra Mundial. São de fabricação americana equipamentos de impressão que chegam ao Brasil anos depois. Os meios de comunicação do país passam por uma transformação tecnológica seguida de novos investimentos pelos proprietários das empresas de comunicação. Segundo Barbosa (2007), de acordo com a Associação Brasileira de Imprensa, em um levantamento das publicações existentes no Rio de Janeiro ao longo da década de 1920, foi constatada a existência de, pelo menos, oitocentos periódicos. Entretanto, a maioria deles publica poucos números, sendo que os que duram mais tempo não atingem cinco dezenas.

No final da década de 1920, conta-se, na Capital Federal, 19 jornais diários, 13 estações de rádio e várias revistas semanais, com tiragens que chegam a 30 mil exemplares, como é o caso de *O Cruzeiro*, lançado em 1928, após uma campanha publicitária em moldes modernos. Marca também a década, o aparecimento do primeiro conglomerado de mídia brasileiro, inicialmente com a criação de *O Jornal* (1925-1974), que viria a ser o primeiro veículo de uma série pertencente a Assis Chateaubriand. A revolução na forma de fazer jornal, que ocorrera no início do século, tem continuidade na década de 1920 e é marcada agora pela difusão de rotogravuras a cores, pelo reaparelhamento das oficinas gráficas e pelas modificações na organização empresarial, incluindo novas formas de assinaturas e vendas avulsas. Em 1928, o jornal *A Noite* (fundado por Irineu Marinho, em 1911) adquire modernas rotativas de fabricação americana Man, que substituem as velhas Marinonis, permitindo, já no ano seguinte, o lançamento do Suplemento Ilustrado de *A Noite* (BARBOSA, 2007, p. 58).

Na linha do progresso, quando se pensa em tecnologia e no aumento das vendas em número de jornais à população, os proprietários das empresas de comunicação também traçam uma batalha pela dominação dos diferentes públicos através de uma postura editorial agressiva e que traga polêmica. Aprimora-se e se estabelece o predomínio da opinião sobre os mais diversos assuntos com foco na política e nas decisões em debate na sociedade. Nesse sentido, Kunczik (1997, p. 89) afirma que “os meios de comunicação de massa são considerados a base de um poder de persuasão capaz de difundir uma interpretação da realidade com uma qualidade diferenciada própria”. Existe, ainda, conforme o autor, um grande empoderamento da imprensa, pois, para as pessoas, os processos evolutivos da moderna e complexa sociedade tornam-se cada vez mais complexos e difíceis de compreender.

Os meios de comunicação de massa são a instituição decisiva para a difusão dessas experiências e por isso têm a oportunidade de transmitir interpretações que dão sentido às complexidades e tornam compreensível o ininteligível. Podem tornar compreensíveis os contextos políticos ou podem ofuscá-los, criando obstáculos para o seu conhecimento. A informação transmitida pelos meios de comunicação de massa torna-se sua própria realidade (KUNCZIK, 1997, p. 89-90).

Nessa relação, Kunczik (1997) afirma ainda que os meios de comunicação de massa nas sociedades industrializadas do ocidente também possuem um poder decisivo sobre as próprias instituições, possibilitando e difundindo noções de realidade específicas desses veículos. Para ele, é notável supor-se que a legitimação pelo público “tem sido desviada em favor dos meios de comunicação de massa e em detrimento do Estado” (KUNCZIK, 1997, p. 92). O empoderamento da imprensa sobre a sociedade, presente nos estudos de Kunczik (1997), vai corresponder à relação existente entre os jornais como um instrumento básico de comunicação e poder que influencia o meio social. Esse conceito também parte de Steinberg (1972), o qual afirma que a comunicação de grupo envolve a comunicação individual. “Como a comunicação possibilita o intercurso social entre os indivíduos, assim a comunicação de massa possibilita uma espécie de coesão entre grupos” (STEINBERG, 1972, p. 18). Os grupos representativos na sociedade, que recebem a informação da imprensa, serão levados a conquistar os indivíduos, um a um, determinando ideais, pensamentos e formas de se posicionar diante dos fatos publicados.

A ideia de poder ou a caracterização de domínio por meio da linguagem e informações repassadas à sociedade pelos meios de comunicação no século XX, incluindo os jornais, expressa a competição e o duelo particular entre os diferentes grupos que aplicam seus recursos financeiros e de capital na imprensa nacional. Pretende-se, também, o lucro, pensando numa ação de abrangência dos negócios. Bourdieu (2001), assim como Steinberg (1972), que trata

experiências humanas simbolizadas, acredita que o exercício da busca pelo poder está essencialmente ligado à comunicação. Para Bourdieu (2001), é necessário acrescentar o significado dos sistemas simbólicos, ou seja, o poder da construção da realidade na imprensa.

Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) (BOURDIEU, 2001, p. 09).

No contexto da infiltração dos jornais junto às classes sociais da população, especialmente nas duas primeiras décadas do século XX, percebe-se que o jornalismo impresso deseja ocupar um espaço ainda vago por outros meios de comunicação. Ele necessariamente quer ser a fonte de informação de leitores com diferentes profissões e idades. A chegada do jornal, muitas vezes, não será só casual, mas obrigatoriamente a única opinião e direcionamento da notícia vista por milhares de pessoas. Conforme Erbolato (1982, p. 46), “os jornais visam, em caráter permanente, atingir ao maior número de leitores, empregando, para esse fim, todos os recursos das sofisticadas e modernas técnicas”. O autor destaca ser necessário penetrar nas diversas camadas sociais, sendo que a imprensa precisa divulgar notícias variadas, que atinjam tanto o homem como a mulher, o jovem, o cientista, o intelectual e o cidadão comum.

Não é fácil uma classificação rígida dos assuntos, mas analisando-se os grandes e médios órgãos de imprensa brasileira, concluiremos que eles exploram temas relacionados com política, economia, fatos internacionais, esportes, artes, historietas, religião, problemas sociais, trabalho, crianças, família, moda, crimes, catástrofes, delinquência juvenil, animais, paisagens, literatura, rádio, cinema, televisão, jogos, humor, horóscopos, publicidade, administração pública, ciências, técnica, plantas, folhetins, memórias, depoimentos, cartas de leitores, sociedade, culinária, variedades, palavras cruzadas e falecimentos (ERBOLATO, 1982, p. 47).

Diversos autores defendem que os jornais possuem uma peculiaridade quanto ao trabalho local e embasado do noticiário e das esferas do cotidiano baseado em dois setores que estarão diretamente ligados ao debate em sociedade: o político e o econômico. Esses setores são dimensões que cativam os leitores. Segundo Melo (1985a, p. 49), “é claro que tal perfil corresponde à significação que tem o jornal para o cidadão plenamente integrado na sua sociedade: aquele que participa ativamente da produção e do consumo”. Ele acrescenta que, quanto mais o cidadão sente-se parte integrante da vida em comunidade e do seu país, com mais necessidade vai precisar recorrer ao jornal para aprofundar a sua identidade social. Nessa direção, Rodrigo Alsina (2009, p. 19) manifesta que a própria construção das notícias do jornal ou mesmo do discurso jornalístico presente no periódico “se compõe um pouco de três fases

que, por sua vez, estão correlacionadas: a produção, a circulação e o consumo ou reconhecimento”. Assim, ele demonstra, que dentro da lógica jornalística, o importante está no caráter ético e na descrição verdadeira dos fatos. Essa postura pode intensificar a “leitura da notícia”, o que é mais provável ou, então, acentuar uma postura persuasiva com a notícia, no sentido de o leitor acreditar no conteúdo.

Quando a informação que é transmitida passa do fazer saber para o fazer acreditar (a persuasão), e para o fazer sentir (o sensacionalismo emocional), se pode esconder o que acontece mostrando uma parte do que ocorre, embora seja a parte mais importante. Saber não é simplesmente ver, como às vezes pretende o discurso. Saber é compreender, é compreender o acontecimento, compreender suas causas e consequências, assumir a existência das diversas interpretações, etc. Pelo contrário, a saturação de informação indiscriminada, anedótica e espalhafatosa, gera mais confusão do que conhecimento (ALSINA, 2009, p. 246).

Além disso, a forma de ação dos meios de comunicação de massa sempre esteve ligada também às formas artísticas. Carpenter e McLuhan (1971, p. 220) destacam que “onde todos os meios de comunicação, incluindo a imprensa, são formas artísticas que têm o poder de impor, como a poesia, seus próprios pressupostos”. Os autores vão mais longe e afirmam “que as novas comunicações são métodos para nos relacionarem como o antigo mundo real; são o mundo real e remodelam à vontade o que resta do mundo antigo”. Para tanto, o processo tecnológico que está presente nas primeiras décadas do século XX e, especialmente, dentro das funções dos meios de comunicação de massa, segundo Carpenter e McLuhan (1971, p. 220), deixam evidente que “a arte tecnológica abrange o mundo inteiro e toma a sua população como material próprio”.

### 2.3 DESENVOLVIMENTO DA IMPRENSA NA ERA VARGAS

Seguindo as transações comerciais envolvendo o capital e os negócios na imprensa, muitos jornais seguem seu caminho. Em 1924, surge o nome de Assis Chateaubriand, que adquire o impresso *O Jornal*, o primeiro daquele que seria o maior império das comunicações do país. Chateaubriand leva através dos textos do periódico uma crítica contundente e intransigente ao governo de Artur Bernardes. A partir disso, manifesta apoio aos movimentos que desafiam o governo brasileiro, como o tenentismo. De acordo com Barbosa (2007, p. 78), “adotando a defesa do capital estrangeiro e o antinacionalismo, Chateaubriand se mantém na oposição até a Revolução de 1930”. Outro nome da imprensa que adquire respeito, principalmente com a criação do jornal *O Globo* em 1925, é o de Irineu Marinho. O impresso se tornaria a principal base jornalística para que seu filho, Roberto Marinho, constituísse o

maior conglomerado da mídia no país.

É perceptível o aumento do número de títulos em meados dos anos 1920. Além dos já citados *O Globo* e a *Folha da Manhã*, Chateaubriand adquiriu, poucos meses depois de fundado, o *Diário da Noite* (São Paulo, 1925) e fundou *Diário de São Paulo* (1929) e o *Diário da Noite* (Rio de Janeiro, 1929), num quadro marcado pelas tensões que envolveram a sucessão de Washington Luiz. A oposição ao presidente e à estrutura oligárquica, constantes nos jornais de Chateaubriand, também motivou o lançamento do *Diário Carioca* (1928), sob a batuta de José Eduardo de Macedo Soares. O coro oposicionista foi engrossado pelo *Diário da Manhã* (Recife, 1927), fundado pela poderosa família Lima Cavalcanti para enfrentar o presidente estadual, Estácio Coimbra, e que se colocou resolutamente ao lado da Aliança Liberal, e pelo *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro, 1930), de Orlando Ribeiro Dantas (MARTINS; DE LUCA, 2008, p. 165-166).

O idealismo, entretanto, quase sempre sucumbia diante das inúmeras exigências de mercado, condenando, em boa parte das vezes, ao desaparecimento das pequenas folhas e revistas sem uma estrutura econômica garantida e estruturada. Por isso, nesse sentido, a presença dos financiamentos revelou-se uma questão decisiva para a continuidade de muitos jornais. Nesse caso em particular, a publicidade e o sistema de venda de assinaturas procuravam garantir o empreendimento. A lei do negócio não permitia erros matemáticos, e o lucro deveria acontecer mesmo que fosse preciso abrir mão até de alguns pensamentos ideológicos e políticos da empresa.

Um dos momentos importantes na história brasileira dos impressos foi o lançamento da revista *O Cruzeiro*, em 10 de novembro de 1928. Na oportunidade, quatro milhões de folhetos foram jogados do alto dos prédios da avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, anunciando o surgimento, que seria em breve, da revista semanal mais moderna do país. No verso dos panfletos apareciam anúncios das empresas que estariam nas páginas da futura publicação. A estratégia é considerada um dos processos mais evoluídos do final da década de 20, também um empreendimento de Assis Chateaubriand. A divulgação chegou a apresentar nos panfletos imagens de barcos, trens, caminhões e até um avião para demonstrar que a distribuição das revistas chegaria a diversos Estados. O nome do impresso foi inspirado na constelação do Cruzeiro do Sul. A primeira edição da revista teve cinquenta mil exemplares.

As matérias do primeiro número de *O Cruzeiro* refletem o que o país aspira. As estradas estimulam as comunicações internas, o Rio incorpora uma nova geografia e absorve maiores contingentes de mão de obra, a febre da construção civil acelera o mercado imobiliário, a idade da aviação impõe procedimentos precursores. Uma das reportagens oferece a visão do ano 2000, do ângulo da importância dos recursos hidráulicos e da necessidade de investimentos nas forças naturais, rios e cachoeiras, para não ser surpreendido com demandas de consumo próprias do superpovoamento. Com desenhos de Agache, prevê o que será o Rio em 1950, verticalizado, tumultuado por pedestres e veículos (BAHIA, 1990, p. 184).

A revista é impressa em cores e em rotogravura, uma tecnologia nova para época e que chama a atenção dos leitores pelo seu pioneirismo que alcançará depois os diários. Mas as novidades não ficam somente na questão impressa, pois vão muito além do visto no cotidiano. A qualidade da revista *Cruzeiro* é também definida através da sua edição e criatividade de seus repórteres. Além disso, os meios técnicos utilizados na impressão da revista são resultantes de uma produção industrial que concilia a organização com sensibilidade e improvisação. Com o passar de cada edição, a fotografia acaba sendo mais valorizada. Ilustradores e pintores de renome elaboram o acabamento visual das reportagens. Entre eles estão: Oswaldo Teixeira, Carlos Chambelland e Henrique Cavalleiro. Aos poucos, conforme Bahia (1990, p. 186), “a mulher, a moda, a música, o teatro, a vida social situada entre uma aristocracia decadente e uma classe média ascendente, ganham espaços nobres”.

A presença da propaganda em jornais e revista abria novas perspectivas para ambos os lados: para a imprensa, como suporte econômico; para a indústria como veículo de ampliação do número de consumidores [...]. Tendo como padrão as revistas europeias, nossos editores utilizaram os recursos então disponíveis: cores, belos figurinos, charges e temas amenos davam formato às revistas de variedade. Iniciativas de maior ou menor duração, melhor ou pior padrão gráfico, variavam na forma e no conteúdo, mas tinham em comum a composição de um universo em que o mundo da mercadoria impunha-se com toda sua força, modificando valores e introduzindo padrões e conformando o imaginário social. Assim a imprensa periódica destacou-se como campo privilegiado na lógica da configuração da sociedade capitalista, ao oferecer um produto atrativo que veiculava ao mercado leitor as infinitas possibilidades de consumo no mundo moderno (MARTINS; DE LUCA, 2008, p. 106-107).

A década de 30 inicia e com ela inúmeras são as posições políticas e de interesse dos proprietários dos jornais e de todos os meios de comunicação de massa. A defesa ideológica fica evidente na maioria dos periódicos de grande circulação. Conforme Melo (1985a, p. 67), “são, portanto, veículos que se movem na direção que lhes é dada pelas forças sociais que controlam e que refletem também as contradições inerentes às estruturas societárias em que existem”.

Importantes órgãos de comunicação de massa da época focam seu apoio à conhecida Aliança Liberal e noticiam o processo de desgaste do sistema político vigente no Brasil. Essa força política é iniciada ainda em agosto de 1929, por condução de políticos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul que apoiam as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa à presidência e vice-presidência da república nas eleições de 1º de março de 1930. Eles são oposição ao candidato paulista Júlio Prestes, do também paulista e então presidente Washington Luís. As eleições dão vitória ao candidato governista Júlio Prestes, então presidente do estado de São Paulo, para comandar o país de 1930 a 1934. Entretanto, Prestes não toma posse em virtude de

um golpe de estado desencadeado em 3 de outubro de 1930. Getúlio Vargas assume a chefia do governo provisório em 3 de novembro de 1930, data que representa o fim da República Velha no Brasil.

Ao se instalar no Palácio do Catete, o líder do movimento que depôs Washington Luís contava com os aplausos dos vários jornais de Assis Chateaubriand, do *Correio da Manhã*, *O Globo*, *Jornal do Commercio*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, *O Estado de S. Paulo*, *A Platéia* e *Diário Nacional*, para mencionar alguns dos títulos importantes do país. Já os periódicos identificados com a chamada “velha ordem” foram alvos da fúria popular e tiveram suas sedes invadidas e depredadas. A título de exemplo mencione-se, na capital federal, *O País*, *Gazeta de Notícias*, *A Noite e o Jornal do Brasil* e, em São Paulo, com o *Correio Paulistano*, *A Gazeta e as Folhas da Manhã e da Noite* (MARTINS; DE LUCA, 2008, p. 166).

A revolução de 30 não tem somente o apoio da maioria da imprensa a Getúlio Vargas. De acordo com Bahia (1990), o movimento revolucionário, no entanto, tem uma identidade comum também à imprensa, ou seja, “o avanço da sociedade, mediante o aperfeiçoamento das instituições e a renovação do processo para a ordem e o progresso” (BAHIA, 1990, p. 207). Ele completa que, baseado nesse testemunho, os jornais se habilitam a incorporar a suas funções e papel os novos conceitos e rumos deixados pelo envolvimento popular captado pelos revolucionários.

As implicações da Revolução não demoraram a aparecer, e Vargas governa por decretos. Nesse período, é criado o Ministério do Trabalho, da Indústria e do Comércio, posicionando o caráter trabalhista na trajetória do governo de Vargas. Uma nova Constituição só passa por uma aprovação em 1934, a conhecida Constituição de 1934, que acontece depois de uma forte pressão armada e social da Revolução Constitucionalista de 1932. A forma e estrutura do Estado brasileiro são alteradas profundamente depois de 1930, devido às novas necessidades administrativas das áreas econômica e social, as quais Getúlio Vargas quer promover e confia serem imprescindíveis.

Há, então, nos anos imediatamente posteriores à Revolução, uma cisão política: alguns defendem a reconstitucionalização do país (caso da maioria da imprensa), enquanto outros pretendem alongar o governo provisório. Embora o governo promettesse redemocratizar o país e tivesse promulgado um Código Eleitoral avançado para a época (o voto passa a ter caráter secreto e reconhece-se o direito do voto feminino), havia dúvidas sobre a proposta. É nesse contexto, aliado a uma marginalização das elites paulistas, que ocorre a Revolução Constitucionalista de 1932, em princípio outros estados participariam da sublevação, entretanto São Paulo ficou praticamente sozinho, contando sobretudo com sua Força Pública e com mobilização popular para enfrentar o governo federal (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 97).

Três anos e meio depois da Constituição de 1934, Getúlio Vargas decreta uma nova

constituição, a Constituição de 1937, quando instaura o Estado Novo, um regime político que vigoraria até 1945 (Era Vargas). O objetivo é travar a radicalização da revolução por meio de comunistas. A partir deste momento, Vargas estabelece um regime centralizador, por vezes autoritário. Ele estimula a expansão das atividades urbanas, deslocando o eixo produtivo da agricultura para a indústria, criando, assim, novas bases para a economia brasileira da época. É nesse período que Vargas consolida-se no poder. Já os partidos políticos foram extintos em 2 de dezembro de 1937, pelo decreto-lei nº 37.

A década de 1930 pode ser visualizada como o período áureo de crise das ideologias liberais e da ascensão das ideias e valores autoritários. Não se trata de um fenômeno brasileiro. No decorrer da década de 1920, a Europa assistira ao êxito de movimentos de caráter totalitário de direita, levando à eliminação do sistema pluripartidário, da competição política, da liberdade de imprensa, ao mesmo tempo em que se edificava a supremacia do executivo (BARBOSA, 2007, p. 107).

Os meios de comunicação de massa, entre eles os jornais, enfrentam um período de evidência da política. A relação de polêmica e de apoio institucional ao governo ou à oposição estão entre os melhores espaços dos periódicos. Os jornais se constroem como domínio da política em que a polêmica tem o espaço principal. Nos anos 30, o leitor praticamente não participa e está ausente das publicações. O Estado amplia seus posicionamentos enquanto a fala do leitor é silenciada. O Estado, como atuante repressor também dos meios de comunicação de massa, aplica regras regimentais por meio da Constituição, com a formação do Departamento de Imprensa e Propaganda, criado pelo decreto-lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939. Sua missão é divulgar a ideologia estado-novista. “O órgão, de inspiração fascista, seria um verdadeiro Ministério da Propaganda, assumindo a função de controlar e manipular a opinião pública” (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 100). Ele funcionará até maio de 1945. A ação da censura governamental aos jornais é cada vez mais presente nas redações. De acordo com Barbosa (2007, p. 109), “falar em imprensa no Brasil dos anos 30 é perceber as suas relações com o Estado, entendido não apenas como comando político, mas como formação que combina uma simbologia, onde os aspectos semióticos se sobressaem”.

O nacionalismo impera no país com o governo Vargas que procura a essência, criação e formação de uma identidade nacionalista em todos os brasileiros. Conforme Romancini e Lago (2007, p. 110), a construção simbólica da figura de Getúlio Vargas é trabalhada sobre o perfil de uma autoridade zelosa, “uma espécie de pai simbólico da nação, que distribuía benefícios ao povo em troca de fidelidade”.

Mas Vargas parece não contar com os efeitos políticos da II Guerra Mundial na consciência cívica e moral de nações subdesenvolvidas como o Brasil e, apesar disso, direcionadas para a ambição de romper com o atraso econômico e com as restrições à liberdade do pensamento. A imprensa e o rádio, no período mesmo do Estado Novo, assumem a condição de estuários das aspirações dos brasileiros (BAHIA, 1990, p. 213-214).

O regime de censura à imprensa permanece até fevereiro de 1945. Segundo Barbosa (2007, p. 124), “a Constituição promulgada logo após o fim do Estado Novo, durante Assembleia Constituinte de 1946, estabelece novamente a livre manifestação do pensamento sem dependência da censura”.

Ainda em 1939, mesmo com o início da Segunda Guerra Mundial, o governo Vargas e os militares mantêm um posicionamento de neutralidade até 1941. Entretanto, nesse período, a opinião pública está dividida: uma parte simpática às ideias das potências do Eixo, formada por Alemanha, Itália e Japão, de onde vieram os imigrantes que optaram pelo Brasil no final do século XIX e início do XX, os integralistas, partidários da Ação Integralista Brasileira (AIB), um movimento político ultranacionalista, conservador e tradicionalista católico de extrema-direita, inspirado no fascismo<sup>7</sup> italiano e no integralismo lusitano. A outra parte da opinião estava reservada à maioria, os comunistas, principalmente após a invasão da Rússia em junho de 1941, que, por sua vez, tinham grande poder de mobilização e influência na imprensa e simpatizavam com os aliados.

Quando ao final o Brasil entra na guerra ao lado dos Aliados, depois que cinco navios mercantes brasileiros foram afundados por submarinos alemães, em 1942, a maioria dos jornais assume posição antifascista. Manifestações populares isolam os elementos do governo defensores do Eixo. A entrada do Brasil no conflito, todavia, coloca em xeque a própria autoridade do Estado Novo, exposta a uma contradição: enviara as forças da FEB, em 1944, para lutar contra um regime de força, sendo que, no país, o modelo era o mesmo do “inimigo”. Setores da sociedade (como os estudantes que então organizam a UNE), grupos políticos e também a imprensa pedem a redemocratização (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 101).

A função dos meios de comunicação de massa era, em diversos momentos desse período, a de amparar o esforço para se construir uma imagem positiva de Getúlio Vargas e do regime. Entretanto, pode-se considerar que abusos de toda a sorte conviveram com tramas e tentativas de persuasão. De acordo com Martins e De Luca (2008, p. 173), “ainda que se possa questionar a capacidade do governo de silenciar completamente a imprensa, houve um esforço deliberado e, em larga medida bem-sucedido, de sufocar a oposição”.

---

<sup>7</sup> Sistema político nacionalista, antidemocrático, liderado por Benito Mussolini (1883-1945), na Itália. (FERREIRA, A. B. H.; ANJOS, M.; FERREIRA, M. B. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 7. ed., ver. e atual. Curitiba: Positivo, 2008.).

O quadro alterou-se significativamente a partir de 1942, quando a batalha no interior do círculo governista foi ganha pelos defensores dos Aliados, o que implicou mudanças significativas, como exemplifica a saída de Lourival Fontes do DIP. A contradição entre a luta a favor da democracia nos campos de batalha e as restrições à liberdade no âmbito interno não poderia persistir indefinidamente. E a imprensa tomou parte ativa no desgaste que acabou levando à deposição de Getúlio Vargas em 1945 (MARTINS; DE LUCA, 2008, p. 173).

Vargas é deposto por um golpe militar em outubro de 1945. O presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, assume interinamente a Presidência da República. Em 2 de dezembro de 1945, Eurico Gaspar Dutra, do Partido Social Democrático (PSD), em coligação com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), vence as eleições, superando Eduardo Gomes da União Democrática Nacional e Iedo Fiúza do Partido Comunista do Brasil. Dutra assume o governo em 31 de janeiro de 1946, do mesmo tempo em que ocorre a Assembleia Nacional Constituinte, com um clima que requer a mais ampla liberdade. Segundo Martins e De Luca (2008, p. 173-174), o chamamento de nova assembleia constituinte indicava que o país adentrava em um novo momento.

A convocação de uma nova assembleia constituinte em 1946 e o subsequente reordenamento jurídico do país indicavam que se adentrava num outro momento. E não por acaso de 1949 a fundação da Tribuna da Imprensa (Rio de Janeiro) e de 1951 o surgimento da Última Hora, jornais que polarizariam o mundo da imprensa nas décadas seguintes, que assistiriam, ainda, as importantes reformas redacionais, editoriais e gráficas no Diário Carioca e no Jornal do Brasil. Os jornais teriam que enfrentar novas possibilidades e desafios (MARTINS; DE LUCA, 2008, p. 173-174).

A Segunda Guerra Mundial também se encerra em 1945 com a vitória dos países Aliados. Com o final do conflito, nota-se significativa mudança no ambiente político e na estrutura social mundial. Enquanto é criada a Organização das Nações Unidas (ONU) com o objetivo de estimular a cooperação global e evitar novos conflitos mundiais entre as nações, a então União Soviética e os Estados Unidos emergiam como superpotências rivais, preparando o terreno para uma Guerra Fria que se estenderia pelos próximos quarenta e seis anos (1945-1991).

De volta ao Brasil, duas ações do governo do presidente Dutra chamam a atenção, como lembra Romancini e Lago (2007, p. 105): “O Partido Comunista seria declarado ilegal, em 1947; os deputados e senadores do PCB foram cassados no início do ano seguinte”.

### 2.3.1 O governo democrático de Getúlio Vargas (1950-1954)

O ano de 1950<sup>8</sup> apresentaria grande movimentação na política brasileira com o retorno de Getúlio Vargas ao poder. Pouco antes de sua vitória, ele concedia entrevista ao diário *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, com forte repercussão, na qual se autodefinia “não propriamente como líder político. Sou, isto sim, um líder de massas” (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 105). O impresso vendeu 180 mil exemplares, contra uma média diária de apenas nove mil.

Assim, com uma máquina eleitoral eficiente e uma campanha baseada na industrialização e defesa dos trabalhadores, Vargas venceu a eleição, e tomou posse em 1951, embora tivesse a oposição da maioria da imprensa, com a exceção, sempre problemática, dos *Diários Associados*, pois Chateaubriand era inconstante e cobrava caro pelo apoio (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 105).

De volta ao poder, Vargas utiliza-se de velhos bordões e artifícios que elogiavam seu antigo governo. Seu objetivo era buscar novas alianças abraçando setores com diferentes aspirações políticas. O presidente alia-se tanto a defensores do nacionalismo quanto do liberalismo, em um período de Guerra Fria, além de tentar traçar um Estado de Compromisso que desenvolvera em seus primeiros anos à frente da presidência do Brasil. Por outro lado, Getúlio Vargas precisa enfrentar os liberais, representados pelo empresariado nacional, e militares, que defendem a abertura da economia nacional ao capital estrangeiro e a adoção de medidas que podem controlar as atividades econômicas e os índices inflacionários. Outra parte, os nacionalistas, que têm o apoio dos trabalhadores e representantes de esquerda, é favorável a um projeto de desenvolvimento com a participação do Estado na economia e a rejeição ao capital estrangeiro.

De acordo com D’Araújo e Almeida (1992), o segundo governo de Vargas estaria dividido, especialmente, entre dois momentos. O primeiro ocorre de 1951 até 1953. O outro, a partir de 1953, adotando uma linha de governo atrelada a uma orientação mais trabalhista.

O primeiro iria de 1951 até meados de 1953, e seria marcado por uma política de conciliação com os setores conservadores, evidenciada na composição do seu primeiro ministério: o “Ministério da Experiência” [...]. A partir de 1953, com o recrudescimento do movimento das massas, alternam-se a aliança de classes e a política de conciliação do Governo. Esse segundo momento seria marcado por uma

---

<sup>8</sup>A sucessão de 1950 representa, em termos de análise política, o primeiro grande teste a que se submete o sistema de democracia ampliada recém-criado no Brasil. O surgimento da candidatura de Getúlio Vargas e sua vitória eleitoral vão interferir nesse contexto como mais um daqueles fatores aos quais se podem atribuir as dificuldades para a consolidação de uma prática partidária institucionalizada no país (D’ARAÚJO, 1999, p. 42).

orientação mais trabalhista, voltada para os interesses populares, em detrimento da conciliação com os setores conservadores (D'ARAUJO; ALMEIRA, 1992, p. 21).

No período de 1951 a 1954, os proprietários de agências de publicidade e de alguns meios de comunicação de massa contrários a Vargas mostram uma forte oposição ao governo através de inúmeras campanhas de publicidade e propaganda, por vezes financiadas por inimigos de Vargas, com ataques ao governo do militar e ao nacionalismo das Forças Armadas.

É possível afirmar, sem nenhum risco de erro, que as ofensivas publicitárias, de 1951-1952, contra o Clube Militar, sua Revista e a ala nacionalista das Forças Armadas; de 1953, contra a empresa *Última Hora*; e de 1954; contra o governo de Vargas, com seu clímax de agosto deste último ano, foram rigorosamente planejadas e desenvolvidas, e que a elas se devem os atentados cometidos contra a liberdade, inclusive a de expressão do pensamento, e a tragédia final, que levou o presidente da República ao suicídio, para escapar à desmoralização a que vinha sendo submetido. Nesse ano de 1954, quando ocorria o golpe de Estado, aparecia, por coincidência, interessante estudo sobre o negócio de publicidade, em revista de economia de caráter eminentemente conservador. Embora superficial, esse estudo alinhava alguns dados importantes a respeito do controle que as agências de publicidade exerciam sobre os meios de comunicação do pensamento em nosso país (MELO LIMA, 1954 apud SODRÉ, 1999, p. 405).

Grandes jornais da época, justamente por essa questão e com posições antigetulistas e antigovernistas, aumentam o número de críticas acirradas contra as decisões e mesmo indecisões de derivam das esferas governamentais. Essa oposição sistemática da imprensa constituiu-se efetivamente para o surgimento e formação do que se poderia chamar de anteprojeto ou a não-aceitação do Governo. É através da imprensa que se expressam, ao nível ideológico, uma não-aceitação às políticas de Vargas. Sempre a partir da imprensa é que surgem insatisfações e muitas divergências ao governo getulista. Essa ressonância de críticas transformam os jornais em grandes núcleos poderosos de resistência ao governo. De acordo com D'Araújo (1999, p. 29), “em meados de 1953, as denúncias que envolvem o jornal *Última Hora* vêm coroar o final de um processo de comprometimento da administração governamental. O cerco da imprensa torna-se definitivo”.

Entre as ações colocadas em prática por Vargas, esteve a criação de duas estações do setor energético: a Petrobrás, que teria o controle de toda a atividade de prospecção e refino de petróleo no país; e a Eletrobrás, empresa responsável pela geração e distribuição de energia elétrica. Foram efetivadas medidas com forte tendência nacionalista, recebidas com grande desagrado pelas elites da sociedade. Neste contexto, muitos foram os críticos ao governo. Entre eles estava o jornalista Carlos Lacerda, membro da União Democrática Nacional (UDN), que acusava Vargas pela imprensa de promover a esquerdização do Brasil e praticar corrupção

política.

O ano de 1954 inicia-se com fortes tensões políticas. O ideal nacionalista que Vargas deixava claro em seu governo e também a política social desenvolvida atingem poderosos interesses da sociedade brasileira. O reflexo é percebido também no contexto internacional. “Vargas não tinha uma defesa jornalística de igual intensidade e repercussão. Seus pronunciamentos, embora frequentes, limitavam-se ao programa de governo e à defesa de interesses nacionais (SILVA; CARNEIRO, 1998, p. 88).

Em agosto de 1954, Carlos Lacerda foi personagem dos jornais, depois de escapar de um atentado promovido por Gregório Fortunato, guarda pessoal do presidente. O fato culminou na morte do major-aviador Rubens Florentino Vaz e no ferimento do guarda municipal Sálvio Romeiro. Matéria de capa dos principais jornais do país, a polêmica sob o envolvimento de Vargas no episódio serviu de justificativa para o ataque de forças de oposição que exigiam a renúncia do presidente. “A oposição ficou tão forte que conseguiu, em determinado momento, fechar uma rádio do governo que era a única que defendia Vargas (SILVA; CARNEIRO, 1998, p. 89).

Com grande pressão política estabelecida contra si, Getúlio Vargas escolheu outra solução. Na manhã de 24 de agosto de 1954, o então presidente cometeu suicídio, disparando um tiro contra o coração. Em sua carta testamento, Vargas denuncia sua derrota perante os grupos nacionais e internacionais que desprezam a sua luta pelo povo e, principalmente, os humildes.

Na primeira edição extra da *Última Hora* de 24 de agosto de 1954 foi publicada sua Carta Testamento original, manuscrita em cinco páginas, assinada pelo presidente, encontrada ao lado do corpo inerte, após um tiro no coração. Sob o título: “Matou-se Getúlio. O presidente cumpriu a palavra: Só morto sairei do Catete!” a mensagem contida no primeiro parágrafo da carta original: “À sanha dos meus inimigos deixo o legado de minha morte. Levo o pesar de não ter podido fazer pelos humildes tudo aquilo que eu desejava”. Getúlio na verdade escrevera: “... fazer por este bom e generoso povo brasileiro e principalmente pelos mais necessitados todo o bem que pretendia”. Paulo Silveira, secretário de redação da UH e também secretário geral da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro à época, editou a carta derradeira de Getúlio para acomodar o primeiro parágrafo na primeira página [...]. A morte de Getúlio mudou o clima das ruas. Na noite do dia 23, o burburinho do povo voltando para casa, após a jornada de trabalho, pedia a renúncia do presidente. Na manhã seguinte, a morte emocionou a multidão e a comoção era geral (MARTINS; DE LUCA, 2008, p. 200).

O gaúcho de São Borja, Getúlio Vargas, entra para a história do Brasil. Para milhares de brasileiros, ele se torna um herói nacional que teve sua vida ceifada por inimigos superiores à sua luta popular. Grupos políticos, instituições, diversos meios de comunicação e, principalmente, os jornais que estiveram contra Vargas sofrem intenso repúdio da população.

“Ainda no dia 24, caminhões de *O Globo* foram queimados, o *Diário de Notícias* e a *Tribuna da Imprensa* são depredados por uma multidão” (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 110). Tal reação impede a consolidação de um possível golpe de Estado, e Carlos Lacerda passa de vítima a vilão. Na oportunidade, quem assume a presidência no lugar de Vargas é seu vice, Café Filho. As eleições são realizadas em 1955 e são vencidas por Juscelino Kubitschek e João Goulart, da aliança PSD e PTB.

Nesse período, as notícias políticas tomam conta dos principais jornais; entretanto, nem sempre o caráter comercial ou jornalístico dos periódicos é o que mais interessa para os leitores. Existem, porém, publicações que revelam uma linguagem voltada a interesses específicos. São inúmeros os impressos diários, semanários ou mensários que possuem o objetivo de ser o mensageiro, o responsável em dar voz a diferentes categorias sociais. Ao lado da grande imprensa, que passa a assumir sua defesa pelo capital, estabelece-se o periodismo que defende os anseios da comunidade negra brasileira, também conhecida como imprensa negra, que estabeleceu um novo sentido às discussões sociais.

A chamada imprensa negra, ou seja, aquela que é produzida por e dirigida para os negros, foi precedida por publicações que apoiaram o abolicionismo ou que tiveram nesta causa sua principal justificativa. Porém, a partir do início do século XX, distingue-se com uma expressão específica. Embora os periódicos produzidos nesse contexto nem sempre tenham longa duração ou grande número de leitores, testemunharam preocupações e anseios da comunidade negra brasileira (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 88).

Outra caracterização voltada à imprensa e seu conteúdo é também o debate de padrões e trabalhadores, que surge através de outra nomenclatura: a imprensa proletária. Seu foco é o ponto de vista do trabalhador que iniciou dentro das fábricas onde o proletariado tem nascente na indústria. Os trabalhadores, muitos deles, chegam da própria Europa e são imigrantes no Brasil. A influência e o discurso por ideais anarquistas, no surgimento dessa imprensa, levam muitos desses periódicos a serem publicados em língua de imigrantes, principalmente o italiano, mas também o espanhol e o português (Portugal). Em razão disso, as autoridades brasileiras começaram a tomar atitudes enérgicas, entre elas a expulsão dos diretores desses jornais, prevista na legislação brasileira. Esse regramento que permitia as expulsões era praticamente uma adaptação de leis criadas nos períodos autoritários por governos da França, Áustria, Prússia, Itália e Espanha. No conteúdo dos jornais relacionados à imprensa proletária estão as greves dos trabalhadores e o sindicalismo partidário, que estava baseado nos princípios do Partido Comunista. Mas outros jornais comunistas, com maior ou menor importância, foram publicados no Brasil entre 1925 e 1945. Entre eles, o vespertino *A Nação*, em 1927, e o matutino

*A Manhã*, em 1935.

## 2.4 COMUNISMO E ANTICOMUNISMO (NA HISTÓRIA E NA IMPRENSA)

O decorrer do século XX é tomado de inúmeras transformações em diferentes áreas, desde a social, passando pela economia até a política. Essas mudanças aconteceram em diferentes partes do mundo com consequências importantes na América Latina. Um dos exemplos foi a Revolução Russa, com modificações que estiveram ligadas diretamente à atuação, tanto prática como teórica, das ações de homens e mulheres espalhados pelo mundo, incluindo o Brasil, agregando ainda mais destaque ao interesse pelos conceitos e opiniões socialistas e comunistas.

Os problemas políticos e econômicos instalados na Rússia despertaram nas classes trabalhadoras o anseio por possíveis mudanças, colocando na mesa de negociação as reivindicações de categorias excluídas pela própria sociedade e seus governantes. Com a eliminação da autocracia russa e depois do Governo Provisório (Duma), o poder soviético estabeleceu controle sob o partido bolchevique. Desse processo resultou a criação da União Soviética. De acordo com Hobsbawm (1995, p. 62), “a velha sociedade, a velha economia, os velhos sistemas políticos tinham, como diz o provérbio chinês, perdido o mandato do céu”. Para tanto, segundo ele, a humanidade estava à espera de uma nova possibilidade e alternativa.

Essa alternativa era conhecida em 1914. Os partidos socialistas, com apoio das classes trabalhadoras em expansão de seus países, e inspirados pela crença na inevitabilidade história de sua vitória, representavam essa alternativa na maioria dos Estados da Europa. Aparentemente, só era preciso um sinal para os povos se levantarem, substituírem o capitalismo pelo socialismo, e com isso transformarem os sofrimentos sem sentido da guerra mundial em alguma coisa mais positiva: as sangrentas dores e convulsões do parto de um novo mundo. A Revolução Russa, ou, mais precisamente, a Revolução Bolchevique de outubro de 1917, pretendeu dar ao mundo esse sinal. Tornou-se, portanto, tão fundamental para a história deste século quanto a Revolução Francesa de 1789 para o século XIX (HOBSBAWM, 1995, p. 62).

Conforme Hobsbawm (1995, p. 62), “a Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado na história moderna”. Para o historiador inglês, com o feito, os desdobramentos pelo mundo foram muitos, em escala internacional, suscitando a Revolução Bolchevique como um fato de repercussão espantoso diante dos anseios de homens e mulheres.

[...] mais completa e inflexivelmente até mesmo que a Revolução Francesa em seus dias jacobinos, a Revolução de Outubro se via menos como um acontecimento

nacional que ecumênico. Foi feita não para proporcionar liberdade e socialismo à Rússia, mas para trazer a revolução do proletariado mundial. Na mente de Lenin e seus camaradas, a vitória bolchevique na Rússia era basicamente uma batalha na campanha para alcançar a vitória do bolchevismo numa escala global mais ampla, e dificilmente justificável a não ser como tal (HOBSBAWM, 1995, p. 63).

As informações da Revolução Russa no Brasil não chegavam claramente, em especial ao público trabalhador. As notícias, na sua maioria, eram desconstruídas e distorcidas. Em diferentes momentos da Revolução Bolchevique, os apontamentos que chegavam da Rússia até os países da América Latina davam conta de que o país vivia um momento de anarquia. Centenas de vezes, por exemplo, houve anúncios da queda dos bolcheviques, a prisão ou morte de Lênin e outros líderes. Com o objetivo de estabelecer a verdade diante das informações que eram infundadas, o jornalista Astrojildo Pereira, em 1918, utilizando o pseudônimo de Alex Pavel, publica um folheto que demonstra a postura utilizada por grande parte da imprensa brasileira para a divulgação dos acontecimentos e fatos revolucionários. Seu título é: “A Revolução Russa e a imprensa”. Entretanto, muitas outras publicações que dizem respeito ao andamento da Revolução, conforme Ferreira, também chegam ao Brasil principalmente através da imprensa operária.

[...] o intercâmbio entre os operários brasileiros e operários europeus (Espanha, Portugal, França e Itália), e também com argentinos, era muito intenso. A troca de jornais os mantinha sempre bem informados sobre todos os passos da revolução social que se processava em seu meio. Todos os acontecimentos, tais como greves, deportações, perseguições, vitórias, eram divulgados, no sentido de permitir a participação da classe obreira (FERREIRA, 1978, p. 78-79).

É importante salientar que, além do comunismo, o socialismo, paralelamente, figurava na vida política do Brasil. Desde o início do século XX, alguns nomes se destacavam oriundos da classe operária, como José Veiga, França e Silva, Mariano Garcia, Estevam Estrela, Silvério Fontes, Sóter de Araújo, Carlos Escobar, entre outros. A avaliação de Batalha (1995) é de que a divulgação do marxismo era facilitadora e fundamentalmente incorreta, de modo a dissolvê-lo em princípios gerais também presentes com outras doutrinas, como o positivismo e o evolucionismo. Um dos marcos dessa propagação contemplando os fundamentos do socialismo foi o Segundo Congresso Socialista Brasileiro realizado em São Paulo com mais de 50 delegados.

No entanto, apesar das constantes referências a Marx – a quem é atribuída a paternidade do socialismo científico – tanto na produção escrita como nas comemorações rituais do movimento socialista brasileiro, o conhecimento do socialismo chega quase sempre por intermédio de autores mais acessíveis e através de

textos de vulgarização. Boa parte desses autores difundiam uma visão do marxismo que resulta de uma leitura positivista e/ou cientificista de Marx. Em outras palavras, Marx se insere na “ideologia socialista eclética” que domina o movimento no Brasil, como também ocorrerá na Europa, ecletismo capaz de integrá-lo aos mais variados pensadores, como Ferdinand Lassalle, Benoit Malon, Charles Darwin, Herbert Spencer, Ernst Haeckel, Mas Nordau, Auguste Comte (BATALHA, 1995, p. 13-14).

No Brasil, a continuidade e a sequência de manifestações em diferentes estados, em especial em São Paulo, vão construindo um enorme número de agitações, greves e revoltas. Muitos dos objetivos dos revoltosos acabavam alcançados, o que preocupava aqueles que estavam no poder. Na visão destes, todos os atos e desordens arriscavam a consolidação republicana. Por isso, tanto o Estado quando a sociedade da época buscavam repelir e abafar todas essas manifestações, que acabavam tendo mais força sempre que novas notícias eram publicadas nos jornais aos eventos ocorridos na Rússia. A consequência dos inúmeros atos praticados pelas forças sindicalista e operária vai, em 1922, resultar na fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Luís Carlos Prestes é um de seus fundadores. A origem da sigla foi noticiada no mensário *Movimento Comunista*. O impresso apresentava, inclusive, os integrantes da diretoria do partido.

Apesar de todas as dificuldades, quase intransponíveis naquela fase, circulou, no Rio, em 1922, durando até julho de 1923, o mensário *Movimento Comunista*. Seu número 7, de junho de 1922, noticiava o Congresso de que resultou a fundação do Partido Comunista e realizado entre 25 e 27 de março, com nove delegados, representando 73 membros (SODRÉ, 1999, p. 322).

Com o partido construído e formado, seus integrantes iniciavam o pleito por cargos eleitorais, disputando todos os espaços para possíveis atuações partidárias. Era necessário estar no parlamento para ter voz e vez e difundir os ideais do PCB. O jornal *A Nação* foi mais um dos impressos criados pelo Partido Comunista do Brasil. O jornal foi cedido ao partido pelo jornalista Leônidas Rezende, que se aproxima das ideias marxistas, com o objetivo de aliar-se a ideias de A. Comte e K. Marx. Outros impressos são lançados, alguns com tempo de vida maior e outros nem tanto.

O processo de divulgação do PCB também é intensificado pelo esforço de seus militantes no intuito de divulgar o comunismo no país. Através da imprensa e na conquista de novos simpatizantes, os integrantes do Partido Comunista Brasileiro queriam tornar a sigla um partido de massa. Por isso, também divulgavam o pensamento comunista em conteúdos e materiais textuais e exposições teóricas. Assim, pela imprensa, também eram publicados noções e valores do comunismo de forma mais simples, adicionando a defesa do partido à linguagem da população. A iniciativa está traçada dentro do estatuto do PCB, ou seja, a criação do Serviço

de Imprensa e Publicidade para a efetivação de tudo o que for publicado, evitando qualquer desvio de orientação ou publicação de ações, resoluções e balanços da tesouraria do partido.

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, a República Brasileira reforça a restrição à imprensa livre, e, ao mesmo tempo, aos leitores, autores e principalmente comunistas. Os censores das ideias não precisam nem conhecer o estatuto do PCB ou as diretrizes do comunismo e do socialismo. Adentrando às redações, basta apenas a polícia identificar algumas palavras “suspeitas” para que todo o material impresso e publicado acabe sendo apreendido. Já aquele que possui o material passa a ser enquadrado como comunista. A partir desse momento, aparecem também nos jornais as publicações inspiradas e com estratégias para burlar as restrições impostas pelo governo Vargas. As produções comunistas tentam atingir os leitores, escapando do olhar dos censores com distribuições ágeis e diretas em diferentes espaços da sociedade, como, por exemplo, nos bares noturnos. A utilização de capas falsas, títulos e subtítulos diferentes são cada vez mais comuns. A distribuição é intensificada com a ajuda de ambulantes que distribuem os jornais com rapidez e mesmo com o auxílio muitas vezes das próprias editoras, em caso de circulação de livros.

A partir de 1930, durante o período getulista, a classe trabalhadora ganhava direitos, mas perdia autonomia de reivindicação e liberdade política, assim, desarticularam-se os sindicatos autônomos, e os comunistas foram perseguidos. Tais fatos diminuíram o ânimo da imprensa mais combativa, o que explica o surgimento de jornais clandestinos (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 92).

Com a Era Vargas também está estabelecido o confronto entre comunistas e anticomunistas no Brasil. Textos favoráveis ou contrários ao comunismo são publicados pela imprensa. Organizado por grupos conservadores e até, em certos momentos, por alas progressistas do país, os anticomunistas tentam barrar os ideais comunistas. Propriamente, o anticomunismo brasileiro é caracterizado como um dos movimentos ou fenômenos políticos que aparecem, essencialmente, durante duas das principais crises vividas dentro da história institucional da democracia brasileira: a ascensão do Estado Novo, em 1937, e o golpe de Estado, de 31 de março de 1964.

Na década de 1930, o fascismo italiano teve no Brasil uma organização muito atuante, a Ação Integralista Brasileira, que adotava o lema: “Deus, Pátria e Família”. Nessa época, o nacionalismo servia de plataforma ao regime ditatorial que centralizava no Estado, e concretamente na pessoa do ditador Getúlio Vargas, a essência do nacionalismo. Em março de 1964 o golpe militar já estava engatilhado, mas faltava um acontecimento popular de grande impacto para respaldá-lo. Os setores mais retrógrados da sociedade, guiados pela Igreja Católica, resolveram o problema realizando em São Paulo uma grande passeata denominada “marcha da família com Deus pela liberdade” (MARTINEZ, 1996, p. 25).

O Brasil estampa em diferentes capas de jornais a interação de uma frente anticomunista. Segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta (2002), trata-se de uma frente que engloba diferentes grupos cujo principal ponto de união é o combate ao comunismo. Nesse sentido, o autor desenvolve a ideia de que as representações anticomunistas no país proveem de três matrizes básicas: catolicismo, nacionalismo e liberalismo. Forma-se através destes uma espécie de identidade anticomunista brasileira com as vivências dos contextos do Estado Novo e mesmo do golpe de 64. Nas imagens das publicações que defendem o pensamento anticomunista, havia a ilustração e a caracterização que levam a sociedade a compreender que o comunismo deve ser visto como um “perigo vermelho”, ou seja, houve uma supervalorização da ameaça comunista.

A ocorrência de manipulações foi um elemento constante na história do anticomunismo brasileiro. O terror anticomunista foi artificialmente insuflado, visando a obtenção de ganhos políticos, eleitorais e até pecuniários. Porém, isto não altera o fato de que muitos grupos e indivíduos anticomunistas agiam movidos por convicções ideológicas e não de forma oportunista (SÁ MOTTA, 2002, p. 280).

De acordo com Sá Motta (2002), em relação ao catolicismo, entre 1930 e 1964, havia no Brasil diversos jornais que defendiam em seu editorial uma plataforma anticomunista. Esses jornais publicavam argumentos de cartas pastorais, documentos e ofícios da cúpula da Igreja Católica, revelando uma verdadeira dicotomia entre comunismo e religião que foi adotada pelos anticomunistas. Estes, acima de tudo, utilizavam os escritos e discursos apontando que a filosofia comunista “negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; [...] pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família; defendia a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem, baseadas em Deus” (SÁ MOTTA, 2002, p. 20).

Também, durante esse período, na tentativa de a Igreja combater o chamado “perigo vermelho”, outra estratégia foi utilizada: a de acolher o anticomunismo como uma arma eleitoral. Em todo o país, foram criadas alianças eleitorais católicas que tinham como objetivo indicar aos fiéis seguidores da Igreja os candidatos mais preparados e adequados para serem votados. Um dos estados que seguiu essa regra à risca foi o Rio Grande do Sul. A oportunidade para chamar alguém de “comunista”, não apenas no estado gaúcho, mas em todo o território brasileiro, era a campanha eleitoral. A acusação de ser “um comunista” comprometia a imagem de qualquer candidato. Receber o apoio da Liga Eleitoral Católica (LEC) passou a ser considerado com grande estima por todos os personagens que gostariam de disputar um cargo ou mandato. Aqueles que se utilizavam dessa possibilidade defendiam a bandeira da igreja

católica e aproveitavam para incriminar os adversários políticos.

A propaganda eleitoral pode ser entendida como representação e ação: ao mesmo tempo em que o anticomunismo é utilizado como filtro de explicação da realidade, pretende instigar os eleitores a um posicionamento, a uma adesão, a uma ação específica: o voto (RODEGHERO, 1998, p. 103).

De acordo com Rodeghero (1998), o *Jornal do Dia* e o *Jornal Correio Riograndense* funcionaram como instrumentos para esse tipo de acusação. Segundo ela, independentemente do posicionamento político e ideológico dos candidatos, todos poderiam ser taxados de comunistas. Os pretendentes à conquista de uma vaga nas eleições tentavam se esforçar ao máximo para corresponder aos princípios da Liga Eleitoral Católica; afinal, a maior parte da população do Rio Grande do Sul era católica e grande parte da população vivia no meio rural, onde a presença da Igreja era mais forte. Ser católico e anticomunista era quase uma obrigação. “Na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, os levantamentos do Departamento de Ordem Pública e Social foram exaustivos e cuidadosos, revelando os nomes tanto dos estrangeiros como dos nacionais adeptos do comunismo” (POZENATO; GIRON, 2004, p. 90).

Na visão de Valduga (2008), a imprensa sempre está diretamente ligada aos interesses das comunidades que ela procura representar, ao, por exemplo, tentar orientar e moldar uma imagem do colono religioso. “Esses jornais católicos, cravados nas colônias italianas estrangeiras, eram mais que meros veículos de comunicação: eram instrumentos representativos da imagem e da identidade dos grupos ali estabelecidos” (VALDUGA, 2008, p. 103).

Nesse caminho, os jornais católicos localizados e distribuídos pela região da Serra Gaúcha, entre eles o *Correio Riograndense*, serviam como aparelhos ideológicos do Estado, exercendo a função de auxiliar e reforçar valores e práticas identitárias. Por isso, o jornalismo realizado e existente nos periódicos católicos, principalmente no segmento de opinião, foi um braço na defesa das questões ideológicas de governos e, especialmente, da Igreja Católica. Os jornais desenvolveram como essência de seu editorial a defesa de ideias anticomunistas na região serrana do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, não foi por acaso que a Igreja se ocupou da opinião de padres ou interlocutores que dominavam a escrita em espaços nobres, como nas seções opinativas, sendo uma delas a seção Correspondência Caipira do jornal católico *Correio Riograndense*. Althusser (2003) recorda, em seus escritos, que esse domínio da Igreja sobre seus leitores, por vezes desmentido, teve como objetivo controlar o pensamento de cada indivíduo, fazendo-os cumprir os ideais propostos pela Igreja nos seus mínimos detalhes e responsabilidades. De acordo com Althusser (2003, p. 76), “[...] é evidente que havia um

aparelho ideológico de Estado dominante, a Igreja, que reunia não só as funções religiosas, mas também as escolares, e uma boa parcela das funções de informação e de cultura”. Para o filósofo, essa fidelidade entre Igreja e seus leitores, na maioria das vezes, seus fiéis, despertava em cada pessoa algo diretamente ligado à ideologia.

O indivíduo em questão se conduz de tal ou qual maneira, adotada tal ou qual comportamento prático, e, o que é mais, participa de certas práticas regulamentadas que são as do aparelho ideológico do qual “dependem” as ideias que ele livremente escolheu com plena consciência, enquanto sujeito (ALTHUSSER, 2003, p. 90).

Por isso, o papel da Igreja Católica, usufruindo de espaços existentes em jornais, além de uma defesa de seus ideais, reafirma a visão do seu pensamento diante dos problemas da sociedade. A própria tenta instituir o que é narrado como a verdade absoluta, criando identidade e quem é a diferença em sociedade. Assim os meios de comunicação serviram como veículos de divulgação, desde muito cedo, em que o certo seria seguir o que a Igreja determinasse, a fim de formar um grupo no qual dominantes poderiam dominar a maior parte dos indivíduos. Nesse sentido, a identidade não toma propriedade de conceito no particular, mas envolve o conceito de identidade cultural e mesmo de objetivos voltados para a formação de uma comunidade imaginada, construída e reforçada midiaticamente. De acordo com Cuche (2002), “a imposição de diferenças significa mais a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante, do que o reconhecimento das especificidades culturais”, em que a identidade cultural não é propriamente a natural. Ela é por si só construída, manipulada e política. A Igreja atua como o Estado e, assim, podemos recordar novamente de Cuche (2002) quando afirma que “o Estado torna-se o gerente da identidade para a qual ele instaura regulamentos e controles”. Diante disso, como instrumento da defesa de ideais, a Igreja Católica utiliza-se da imprensa perante a sociedade para reprimir leitores e até deserdar fiéis que pudessem seguir o conceito de que o comunismo seria uma ideologia política e socioeconômica eficiente para adesão nos países da América Latina, entre eles o Brasil.

A Igreja Católica observa que não apenas imigrantes italianos ou seus descendentes acompanham as seções e matérias publicadas pelos jornais católicos da região da serra, em especial no *Correio Riograndense*. São brasileiros natos que se misturam aos imigrantes. Dessa forma, quando se fala em identidade, é preciso contextualizar a ideia de uma comunidade imaginada, ou seja, é na região da serra que as ideias da Igreja tentam construir o que seria melhor para o leitor. É a Igreja defendendo suas ideias quanto a acontecimentos ocorridos nas comunidades e mesmo na construção de uma nação. Entenda-se que a palavra nação pode ser considerada uma “comunidade imaginada”. Essa defesa também é feita por Anderson (1989),

ou seja, para que exista, é preciso que um número expressivo de pessoas de uma determinada comunidade se sintam parte de uma nação, tendo elementos em comum, que se “considerem” ou se “imaginem” integrantes dessa nação. Quando a Igreja Católica é contra o comunismo, isso significa que pensa em indivíduos que formem uma nação ou comunidade imaginada que realmente defenda os ideais cristãos católicos. Fazer parte desse contexto significa, mais uma vez, apropriar-se também dos espaços em meios de comunicação que justamente possam criar comunidades onde o pensamento seja comum a todos, diante da verdade que é pregada nos altares das igrejas, por exemplo. Para a Igreja Católica, é preciso convencer os leitores de que “fazer o bem” é defender os ideais cristãos, ser anticomunista. “Fazer o mal” é defender o comunismo, provocando um rompimento, ser um desagregador e pecador na sociedade.

A hegemonia no número de católicos diante de outras religiões é observada não só na região da Serra Gaúcha, mas em todo o país, como podemos notar na Tabela 1. Os números são do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), inicialmente de 1940. A tabela apresenta, em diferentes décadas, a quantidade de cristãos católicos no Brasil, mais precisamente entre 1940 e 1970.

Tabela 1 – Religiões no Brasil – 1940-1970

<b>ANO</b>	<b>Católicos (%)</b>	<b>Evangélicos (%)</b>	<b>Outras religiões (%)</b>	<b>Sem religião (%)</b>
1940	95,2	2,6	1,9	0,2
1950	93,7	3,4	2,4	0,3
1960	93,1	4,3	2,4	----
1970	91,8	5,2	2,3	0,8

Fonte: IBGE (2020).

Os números comprovam que a religião de esmagadora presença nos diferentes estados brasileiros é a católica, e o próprio contexto da imprensa católica adquire com força o instrumento de comunicação que possa manifestar contrariedade a qualquer pensamento comunista. As diferentes páginas e seções de leitura semanal dos diferentes periódicos católicos distribuídos pelo Brasil terão força absoluta diante de uma maioria de católicos espalhados pelo país. Em números absolutos, por exemplo, os católicos, no Censo de 1960, eram 65.235.595 (93,1); em 1970, atingiram o montante de 85.775.047 (91,8). Já a população também católica teve um acréscimo de 34,3% entre os anos 1950-60 em números absolutos; cresceu a uma taxa menor nos anos 1960, ou seja, de 31,4%.

Os números e percentuais demonstram que a Igreja Católica definia através da imprensa a propagação de seus ideais, como já mencionado, direcionando para o colono

imigrante e católico da região da Serra Gaúcha o poderio da dominação que jornais, como o *Correio Riograndense*, podiam realizar. Isso pode ser explicado pela fixação de uma proposta conservadora sobre a sociedade e a capacidade de expandir seu discurso entre as diferentes cidades do sul do Brasil onde Ordens Religiosas tinham um verdadeiro domínio da opinião pública.

Desde o início, a Igreja Católica teve um papel importante no controle dos colonos e na condução da política regional. A ação da Igreja, inicialmente, limitada aos púlpitos e às visitas aos colonos, afirmou-se e expandiu-se com a criação dos periódicos católicos (POZENATO; GIRON, 2004, p. 57).

O *Jornal Correio Riograndense* é identificado pelo seu leitor como uma extensão da bíblia católica, em que os atos e definições correspondentes às leis pregadas pela Igreja Católica Apostólica Romana devem ser cumpridas e seguidas à risca. A partir de 1952, o *Correio Riograndense* deixa a defesa das pró-ditaduras, para, essencialmente, delimitar-se ao contexto da fé católica ou mesmo de assuntos mais diretos envolvendo a visão amparada e permanente da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, como Ordem religiosa, como demonstra o Quadro 2, abaixo.

Quadro 2 – Jornais da região (1946-1964)

(continua)

TÍTULO	INÍCIO	TÉRMINO	PERIODICIDADE	LOCAL	LINHA EDITORIAL
Jornal de Bento	1950	1950	Semanal	Bento Gonçalves	Jornal Independente
O Nordeste	1950	Desconhecido	Desconhecida	Bento Gonçalves	Independente
Gazeta da Serra	1953	1963	Semanal	Bento Gonçalves	Notícias e Informação
Jornal do Povo	1953	1953	Desconhecida	Bento Gonçalves	Desconhecida
Capital do Vinho	1956	Desconhecido	Semanal	Bento Gonçalves	Jornal - Revista
BG Notícias	1965	1967	Mensal	Bento Gonçalves	Interesses da Região
Voz do Povo	1945	1954	Semanal	Caxias do Sul	Comunista
O Pioneiro	1948	Ainda em circulação	Diário	Caxias do Sul	Político (PRP)
O Debate Esportivo	1949	1949	Semanal	Caxias do Sul	Esportes
Diário do Nordeste	1951	1954	Diário	Caxias do Sul	Jornal Independente
<b>Correio Riograndense</b>	<b>1952</b>	<b>2008</b>	<b>Semanal</b>	<b>Caxias do Sul</b>	<b>Ordem dos Capuchinhos</b>
Vida Esportiva	1954	1955	Semanal	Caxias do Sul	Esportes
Jornal da Mocidade	1957	1957	Mensal	Caxias do Sul	Nacionalista -de esquerda
Caxias Magazine	1958	1970	Semanal	Caxias do Sul	Independente

(conclusão)

<b>TÍTULO</b>	<b>INÍCIO</b>	<b>TÉRMINO</b>	<b>PERIODICIDADE</b>	<b>LOCAL</b>	<b>LINHA EDITORIAL</b>
Panorama	1958	1962	Semanal	Caxias do Sul	Jornal popular e independente
Alvorada	1959	Desconhecido	Semanal	Caxias do Sul	Independente
Brasillino	1963	1964	Semanal	Caxias do Sul	Jornal popular e independente
A Vanguarda	1964	1964	Quinzenal	Caxias do Sul	Jornal de opinião
Autoral Jornal	1965	1965	Desconhecida	Caxias do Sul	Desconhecida
Assessor	1965	1970	Mensal	Caxias do Sul	Econômico/fiscal
A Voz do Prata	1956	1957	Mensal	Nova Prata	Folha independente
O Pratense	1957	1958	Quinzenal	Nova Prata	Informativo político-cultural
A Voz do Prata	1958	1960	Quinzenal	Nova Prata	Cultural e Esportivo
Destaque	1961	1963	Mensal	Veranópolis	Interesses da Comunidade

Fonte: Pozenato e Giron (2004, p. 126-127).

Para a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul, proprietários do semanário, suas páginas trarão esta filosofia: a de que defender a família do comunismo é o melhor caminho para se evitar o pecado. Diante do comunismo e da adesão das ideias comunistas, para a Igreja, não existe perdão e muito menos misericórdia.

### 3 O CORREIO RIOGRANDENSE

#### 3.1 POLÍTICA, IGREJA E ESTADO

Um dos objetivos dos primeiros frades capuchinhos franceses que chegaram com uma missão junto a terras gaúchas, em janeiro de 1896, era o de atender religiosamente os imigrantes italianos que desembarcaram na região da serra em 1875. A comunidade de Conde D’Eu, hoje Garibaldi, foi a primeira a receber os frades franceses que, anos depois, seriam os responsáveis pela criação da Província da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos do Rio Grande do Sul.

A presença dos capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul ocorreu devido à iniciativa do Bispo D. Cláudio Ponce de Leão, que, em 1893, pediu ao missionário Frei Fidélis de Ávora, então Comissário Geral dos capuchinhos no Brasil, que lhe mandasse dois sacerdotes para dar assistência aos colonos italianos do Estado [...]. Acertada a transferência, a vinda dos missionários concretizou-se em 1896, quando chegaram ao Rio Grande do Sul, os três primeiros capuchinhos: Frei Bruno de Gillonnay, Frei Leão de Montsapey e o Ministro Provincial, Frei Raphael de la Roche (GARDELIN; STAWINSKI, 1986, p. 23).

Em Conde D’Eu, onde os capuchinhos iniciaram um trabalho de evangelização, foi criada também pelos mesmos freis a Escola Seráfica, em 1902. “A Escola Seráfica tinha 22 alunos e não podia atender mais estudantes por falta de espaço físico. Era necessário desmembrar a comunidade e partir para novas fundações” (ZAGONEL, 1975, p. 147). O local, dois anos depois, foi transferido para a colônia Alfredo Chaves (Veranópolis), recebendo o teologado e o filosofado. Entre os anos de 1902 e 1911, D. Cláudio Ponce de Leão entrega aos capuchinhos a administração do Seminário Diocesano de Porto Alegre.

A adaptação dos capuchinhos franceses em solo gaúcho ocorreu de forma muito tranquila, em convivência pacífica com o clero secular, que já estava em Conde D’Eu, antes mesmo de sua chegada.

A paróquia de Conde d’Eu apresenta um exemplo de convivência pacífica entre clero secular e Missionários Capuchinhos. Estes lá foram acolhidos pelo padre Bartolomeu Tiecher, que lhes doou a própria casa e o convento foi construído graças aos auxílios valiosos do Pe. João Fronchetti, que em seu longo curato (28/8/1886 a 22/2/1927) teve nos Capuchinhos os seus melhores auxiliares na Pastoral. Desde o início, o trabalho das capelas e o atendimento aos enfermos estiveram a cargo dos missionários, limitando-se o pároco ao trabalho dominical na matriz (ZAGONEL, 1975, p. 204).

No período de 1911 a 1924, os Capuchinhos vivem um novo tempo. É marcada a elevação do Comissariado Provincial à parte integrante da Província de Sabóia (França). Com

essa decisão, a partir de 1924 até 1942, os capuchinhos instalam sua província no Rio Grande do Sul, com a presença em diversas paróquias, colônias e também em Porto Alegre. Mas, para o Frei Bruno de Gillonnay, é preciso evangelizar as famílias de origem italiana. Por isso a ideia de ter em mãos um jornal seria um projeto de missão que estava sendo desenvolvido, pensado e dinamizado uma proposta dos freis. Com um impresso, pensava ele, os capuchinhos estariam mais próximos das famílias dos imigrantes italianos. Assim, na vida em comunidade, os próprios comunicados e o papel da importância da religião católica seriam propagados em um grande território. Então, era preciso, segundo Frei Bruno, desenvolver um jeito novo de fazer comunicação.

Não a imprensa como é entendida na Europa, isto é, imprensa política, de novidades, de lutas apaixonadas. Não é este tipo de imprensa que queremos aqui. Trabalhamos para estabelecer com simplicidade, no centro da colônia italiana, uma pequena impressora, que levará, periodicamente, no seio das famílias, em sua língua materna, uma página do santo Evangelho, explicada e comentada, uma história edificante, alguns conselhos de agricultura, a indicação de algumas brochuras adaptadas às necessidades dos colonos (COSTA; DE BONI, 1996, p. 40).

Em 24 de julho de 1942, apesar de o mundo estar envolvido em guerra, o Definitório Geral emanou o decreto da criação da Província Sagrado Coração de Jesus do Rio Grande do Sul, com abrangência no estado do Rio Grande do Sul e pequena parte de Santa Catarina. Na oportunidade, foi nomeado, ao mesmo tempo, o novo Diretório Provincial, assim constituído: “Ministro Provincial: Frei José de Bento Gonçalves; Definidores Provinciais: Freis Caetano de Monte Belo, Alberto de S. Marcos de Caxias, Cláudio de Nova Pompéia e Fulgêncio de Alfredo Chaves” (GARDELIN; STAWINSKI, 1986, p. 39). Os freis capuchinhos finalizam sua primeira etapa pela construção efetiva de participação junto às comunidades gaúchas, com o propósito de anunciar o evangelho em diferentes campos de atuação, fosse pastoral ou missionária. Uma de suas bandeiras foi a atuação diretamente ligada aos meios de comunicação, especialmente ao jornal impresso que, em distintos períodos, teve diferentes denominações, seguindo com a proposta evangelizadora dos primeiros capuchinhos que chegaram ao solo gaúcho em 1896.

[...] os frades franceses travaram a batalha da imprensa para que a verdade da Igreja fosse amplamente divulgada em toda a Região de Colonização Italiana e servisse de referência para os imigrantes que, dispersos nas colônias, corriam o risco de afastar-se da orientação do clero e, ao mesmo tempo, servisse de instrumento de refutação dos erros dos inimigos da fé católica (ZUGNO, 2017, p. 249).

Suas denominações estão ligadas a diferentes períodos da história. Fundado no início

do século XX com o nome de *Lá Libertá*, na cidade de Caxias do Sul, já na sua primeira edição, publicada em 13 de fevereiro de 1909, o *Jornal Correio Riograndense* trazia o artigo *Nostro Programa*, com o perfil e a filosofia que o impresso deveria seguir em seu editorial:

[...] Il nostro giornale sarà settimanale e d'indole prettamente ed essenzialmente cattolico, apostólico, romano: sarà papale nel piú stretto senso dela parola. [...] non se deve credere che il nostro giornale tratterà esclusivamente di assunti religiosi. Noi somministreremo ai nostri egregi lettori tutte quelle nozione che potranno interessarli anche dal lato materiale. Quindi tratteremo di agricultura, indústria, igieni ed anche um pò de medicina pratica, cose tutteche consideriamo non solo utili, ma anche necessarie allo svolgimento dela vita socieale (LA LIBERTÁ, 1909).<sup>9</sup>

Nesse período, o jornal era de propriedade do padre palotino Carmine Fasulo, então pároco de Caxias do Sul. Entretanto, poucos meses depois, devido a dificuldades financeiras, o jornal foi vendido, passando às mãos do padre João Fronchetti, pároco de Conde D'Eu, de Garibaldi, juntamente a mais dois sócios. Assim, em 1910, o jornal passou a denominar-se *Il Colono Italiano*, também passou a ser impresso em Garibaldi até 1921.

A Missão dos Capuchinhos em Garibaldi iniciou na convivência com Pe. João Fronchetti, o qual, em 1909, se tornava proprietário de jornal La Libertà, que exatamente se enquadrava nos projetos de Frei Bruno. Mas, para que o Pe. João pudesse aplicar-se em tempo quase integral ao jornal, os freis o substituíam nas atividades pastorais de sua vasta paróquia. Assim, indiretamente, estavam realizando os planos do fundador da missão em relação à imprensa católica. Os capuchinhos sempre colaboraram, também, com o jornal, até que, em 1917, Frei Bruno adquiria a tipografia e o controle da redação do jornal *Il Colono Italiano*, que passou a ser propriedade exclusiva dos capuchinhos em 12-1-1921 (COSTA; DE BONI, 1996, p. 41).

De acordo com Pozenato e Giron (2004, p. 58), a denominação de *Il Colono Italiano* foi utilizada de 12 de março de 1910 a 5 de junho de 1917, quando o jornal passou a se chamar *La Staffetta Riograndense*, nome que durou por 24 anos e com o qual se tornou um dos jornais mais importantes de toda a região. Em 1922, a população relacionada à antiga região colonial contava com 924 mil habitantes, o que correspondia a 41,5% do total da população do estado, que era de 2.226.000 habitantes. De acordo com números da época, a população por nacionalidade de origem revelava uma violenta europeização que o estado sofre. Cerca de 295.000 habitantes eram italianos de origem, ou seja, 32% do total da população.

---

<sup>9</sup> Tradução de Valduga (2008, p. 118-119): O nosso jornal será semanal de índole essencialmente católica, apostólica, romana, será papal no mais estrito sentido da palavra [...] não se deve entender que o nosso jornal tratará exclusivamente de assuntos religiosos. Nós levaremos aos nossos egrégios leitores tudo o que os possa interessar também do lado material. Portanto, trataremos de agricultura, indústria, higiene e também um pouco de medicina prática, tudo coisas que consideramos não só úteis, mas também necessárias ao desenvolvimento da vida social.

Em 1934, o *La Staffetta Riograndense* alcançava a tiragem de oito mil exemplares. No mesmo ano, os Freis Capuchinhos, convencidos do crescimento do público leitor do jornal, adquiriram uma nova máquina de impressão, que também era alimentada manualmente. A tiragem passou para quinze mil exemplares. Conforme Pozenato e Giron (2004, p. 58), o jornal enfrentou problemas, sobretudo os de ordem política, devido à Primeira Guerra Mundial. Por serem os assinantes do jornal, na sua totalidade, italianos natos ou descendentes, ele era publicado quase todo em língua italiana. Em 1941, depois da promulgação do Decreto de Nacionalização, foi proibida a circulação de jornais e periódicos em língua estrangeira.

Ao assumirem a direção de *Il Colono Italiano*, em 1917, os capuchinhos trocam o nome por *La Staffetta Riograndense*, nome que só vai ser mudado com a obrigação de publicá-lo em português, em 10-9-1941, quando passou a circular com o nome *Correio Riograndense*. Anteriormente era publicado em italiano, com alguns textos em português e, esporadicamente, em vêneto, lombardo, trentino ou friulano. O jornal foi impresso em Garibaldi até 1952, quando foi transferido com a tipografia para Caxias do Sul (COSTA; DE BONI, 1996, p. 44).

O Decreto de Nacionalização proibia o uso de línguas estrangeiras no Brasil diante da ameaça que representavam ao governo da época diante do contexto vigente. As autoridades oficiais compreendiam que era obrigação do Estado intervir como forma de manter uma verdadeira unidade em todo o país. A campanha de nacionalização iniciou ainda em 1938 e tinha o objetivo além de coibir o uso de línguas estrangeiras, romper as manifestações culturais e a posse de materiais que lembrassem os países de origem dos imigrantes. Aqueles que somente falavam sua língua mãe foram obrigados a aprender a língua portuguesa. Durante esse período, os imigrantes italianos que moravam na Serra Gaúcha e seus descendentes foram tidos como verdadeiros perigos nacionais, havendo forte repressão e perseguições do governo Vargas.

A troca de denominação de *La Staffeta Riograndense* para *Correio Riograndense* também é narrada na edição especial dos 100 anos do *Correio Riograndense*. É o contexto do nacionalismo e do Estado Novo de Vargas, “[...] por ato que tornou obrigatória a nacionalização da imprensa no país, o *Staffetta* torna-se *Correio Riograndense*. Passará por novas dificuldades – econômicas e de posicionamento ideológico – durante a Segunda Guerra Mundial” (EDIÇÃO ESPECIAL, 2009, p. 10). A alteração do nome foi sugerida por Frei Caetano de Monte Belo e aceita pela direção do jornal. Pozenato e Giron (2004) confirmam essa mudança expressiva, muito além do nome, mas também na política editorial do *Correio Riograndense*. Antes de 1941, o periódico defendia de forma ferrenha o fascismo italiano, especialmente depois de 1929.

A Igreja, após a solução da Questão Romana (1870-1919), estabeleceu estreitos laços de cooperação com o regime fascista. Com a entrada do Brasil na guerra em 1942, o jornal passou a defender o Estado Novo e as ações empreendidas por Vargas. (POZENATO; GIRON, 2004, p. 97).

O jornal passou a ser publicado em língua portuguesa, atingindo, a partir desse momento, também os leitores brasileiros que já viviam na Serra Gaúcha. Os imigrantes italianos precisaram com o tempo, na obrigação de não mais falar o dialeto italiano pelo Decreto de Nacionalização, adaptar-se à leitura e ainda à fala diária em casa e no comércio, utilizando-se do português. “Com a proibição do uso das línguas estrangeiras tanto faladas quanto escritas, por parte do governo federal – no caso, alemão, italiano e japonês -, muito foi perdido em termos de comunicação escrita” (POZENATO; GIRON, 2004, p. 96).

Conforme Pagani (2005, p. 131), a linha editorial do jornal não difere de outros periódicos da Serra Gaúcha, apesar de algumas sutilezas na organização dos artigos. “A divulgação de notícias da Liga de Defesa, da guerra, e de comemorações patrióticas possui a mesma mensagem de outros periódicos”. O jornal, de maneira geral, cobre, entre os anos de 1939 e 1940, a evolução do conflito europeu, seguindo as tratativas diplomáticas entre ambos os lados, a ponto de evidenciar certo equilíbrio de forças. Valduga (2008) descreve:

A guerra é descrita como morna, sem muita atividade; as falas de Pio XII ocupam as colunas das primeiras páginas do jornal fazendo transparecer a sua atitude de neutralidade reforçada pela compaixão e amor dedicados tanto aos alemães quanto aos aliados. Contudo, o ano de 1941 teria uma marca diversa: a agressividade do Eixo transparecia no *Staffetta* que passa a seguir de perto os avanços nazifascistas e a rejubilar-se diante da evidente derrota de seus inimigos (VALDUGA, 2008, p. 241).

Entretanto, com o passar dos meses do ano de 1941, as publicações do jornal expressam suas opiniões em meio a II Guerra Mundial. Nada escapa dos relatos do jornal *Staffetta Riograndense*. De acordo com Valduga (2008), a religião católica aumenta consideravelmente nos países ocupados pelas forças germânicas. Segundo ele, a religião é praticada com mais fervor pelos fiéis. “Parece mesmo que Deus tinha permitido o flagelo da guerra para que os homens tornassem a Deus” (VALDUGA, 2008, p. 245). Conforme o autor, é perceptível, também, nos países ocupados, um grande aumento de jovens querendo seguir a vida religiosa.

Para a direção do jornal, o ano de 1941 marcará, definitivamente, o contexto editorial do próprio *La Staffetta Riograndense*, como recordado na publicação centenária do próprio *Jornal Correio Riograndense* (ESPECIAL, 2009, p. 10): “1941 também foi um ano de virada nas posições do jornal. Assim mesmo, quando o papa condenou o fascismo, o jornal demorou

a publicar os seus pronunciamentos, isto é, balançou entre duas preferências”.

O ano seguinte, 1942, também seria um ano decisivo para o jornal, marcado pelo rompimento diplomático entre o Brasil e as potências do Eixo. “Com a entrada do Brasil na guerra de 1942, o jornal passou a defender o Estado Novo e as ações empreendidas por Vargas. As mudanças, porém, não foram tão profundas, pois continuou a defender o Estado Forte. Apenas foi mudado o nome a ser louvado: Mussolini foi substituído por Vargas” (POZENATO; GIRON, 2004, p. 97). Especialmente em 04 de fevereiro, o governo brasileiro publicava as medidas de segurança tomadas pela chefatura de polícia. “Durante as edições do mês de fevereiro, o jornal reeditaria as medidas e reiteraria o pedido aos “italianos” para que se apresentassem à polícia e regularizassem a sua condição de cidadãos nacionais” (VALDUGA, 2008, p. 261). As medidas de segurança tomadas pela chefatura de polícia eram resumidas na edição impressa de 04 de fevereiro de 1942 do *Correio Riograndense*.

I – Os estrangeiros nacionais da Alemanha, Itália e Japão devem comunicar à autoridade policial a sua residência em quinze dias, a contar a data (29.01.1942).

II – Aos estrangeiros não é permitido:

- a) viajar de uma localidade para outra sem licença da polícia;
- b) reunir-se, ainda que em casas particulares a título de comemorações privadas;
- c) discutir ou trocar ideias em lugares públicos sobre a situação internacional;
- d) mudar de residência sem a prévia comunicação à polícia;
- e) viajar por via aérea, sem licença especial da polícia;
- f) obter licença para andar armado e registrar armas;
- g) obter licença para negociar armas (A RUPTURA, 1942, p. 02).

Essas medidas seguiam ainda sob o ponto III, em que ficava proibida a distribuição de escritos em idioma das potências com as quais o Brasil rompeu suas relações. Cantar ou tocar hinos da Alemanha, Itália e Japão e ainda fazer saudações peculiares a essas potências seriam atos reprovados. As ações seguiam com a proibição ao uso do idioma dessas potências em conversas em lugares públicos e ainda para a exibição de algum retrato dos membros desses governos. No ponto IV, das medidas de segurança, qualquer cidadão que manifestasse simpatia por algum dos países citados seria detido. Como ponto V, seriam recolhidos todos os materiais de propaganda política existentes em favor desses países. No mote VI, estariam sujeitas a interdições as estações de rádio amador dos súditos apoiadores dos países. Já no ponto VII, aviões pertencentes aos súditos do Eixo seriam interditados. Segundo o ponto VIII, a política deve oferecer absoluta garantia à pessoa e aos bens dos súditos das potências do Eixo. Por fim, o item IX afirmava que todas essas instruções entravam em vigor imediatamente.

Seguindo os passos determinados pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, parte da imprensa da região de colonização italiana e o próprio *Correio Riograndense* mescla em suas

páginas a informação, a opinião e o cumprimento das novas normas propostas pelo regime nacionalista. “O periódico *Correio Riograndense*, órgão de defesa do fascismo e dos ideais católicos, passa a divulgar as ações do Estado Novo” (PAGANI, 2005, p. 39). A partir das decisões de Getúlio Vargas no país, o jornal demonstra uma relação mais afetiva de sua brasilidade aos leitores, defendendo a evolução do catolicismo e, especialmente, a participação dos soldados brasileiros na guerra.

O *Correio Riograndense* esforça-se por demonstrar a evolução do Catolicismo nos países aliados como os Estados Unidos; a Alemanha volta a ser dominada pelo paganismo nazista; quanto à Rússia, agora ao lado dos aliados, faz-se silêncio [...]. Enfim, veladamente, o jornal ainda parecia apresentar alguma simpatia por Mussolini e pelo fascismo, porém, tal posição era insustentável no referido contexto. De 1942 em diante, há o abandono de uma identificação italiana, assumindo-se a identidade nacional brasileira. O viés europeizante marcadamente presente no clero conservador, que se manteve vivo desde o período da colonização e que tinha no padrão romano a fonte da regeneração espiritual do Catolicismo brasileiro, agora era obrigado a ceder espaço ao projeto autoritário de nacionalização (VALDUGA, 2008, p. 263-264).

Valduga (2008) completa que existia um sufocamento do discurso pró-italianidade, que estaria ligado aos símbolos fascistas. Essa fala desaparecia junto ao próprio regime, ou seja, a ambiguidade identitária não era mais possível. Era preciso ser brasileiro por inteiro. Em todo o Brasil, de acordo com Sodré (1999), diversas manifestações a favor do nacionalismo e, portanto, do Estado Novo de Getúlio Vargas, podem ser observadas, em especial em 1942. Isso também ocorreu na imprensa da região de colonização italiana.

No *Correio Riograndense*, aconteciam importantes divulgações dos comícios e das atividades da Liga de Defesa Núcleo Garibaldi. Elas prosseguiram com inúmeras programações comemorativas e cívicas. Uma delas está presente no anúncio e convite para o Comício Monstro, realizado no dia 13 de maio de 1942, quarta-feira, às 20 horas, com a presença de caravanas de Caxias do Sul, Farroupilha e Bento Gonçalves, que o jornal descreveu da seguinte maneira:

Fazer-se-ão ouvir em discursos patrióticos e cheios de brasilidade o senhor Dr. Olinto de Oliveira Freitas, Presidente de honra e prefeito desta comuna, o Dr. Fabio Martins de Souza, Presidente, o Padre Ambrósio, o Dr. Cavour Wallauer, capitão Domingos Pereira, Genes Reis, Major Emiliano Pinho e o irmão Vitricio, todos oradores do núcleo local. A concentração da população e da Liga será defronte à prefeitura, às 19:30 horas, e dali, conduzida por uma banda de música, seguirá para a esquina da Avenida Rio Branco, em frente ao Café Comunello, e das sacadas do Bando da Província e da Casa Pizzato, falarão os oradores (COMÍCIO, 1942, p. 01).

Segundo Pagani (2005, p. 133), a cada ano que passava, era enaltecido nas páginas do *Correio Riograndense* o binômio catolicismo e nacionalismo. Entretanto, “uma nova frente de

ação somente se manifestaria após o fim da Guerra, com o inimigo do período democrático: o comunismo”. De acordo com Pozenato e Giron (2004), o comunismo, desde 1922, era combatido pelo periódico católico.

O grande inimigo dos editores do *Correio Riograndense* desde 1922 era o comunismo, materialista e ateu. A luta contra o comunismo também era a bandeira defendida por Vargas, a partir da Intentona Comunista de 1935. As relações entre os capuchinhos e a ditadura brasileira não podiam ser melhores. Nunca foi cortada a cota de papel-jornal destinada à publicação desse periódico. Durante a guerra o jornal aumento sua circulação (POZENATO; GIRON, 2004, p. 97).

Havia mais leitores, e a população dos municípios da região de colonização italiana estava em crescimento. Na tabela abaixo, a representação e o demonstrativo da população regional em 1948 (POZENATO; GIRON, 2004, p. 120).

Tabela 2 – População regional (1948)

MUNICÍPIO/ POPULAÇÃO	RURAL	URBANA N.	RURAL (%)	TOTAL
Antônio Prado	10.960	3.450	72,05	14.410
Bento Gonçalves	17.060	6.380	72,78	23.440
<b>Caxias do Sul</b>	<b>22.000</b>	<b>32.770</b>	<b>40,16</b>	<b>54.770</b>
Farroupilha	13.230	2.420	84,53	15.650
Flores da Cunha	9.770	2.200	81,62	11.970
Garibaldi	19.370	3.500	84,69	22.870
Nova Prata	26.360	2.500	91,33	28.860
Veranópolis	17.130	3.250	84,05	20.380
Total	135.880	56.470	70,64	192.350

Fonte: Bertasso e Lima (1950, p. 75-92).

No início dos anos 50, período em que esbanja vitalidade, percebe-se um aumento na influência do *Jornal Correio Riograndense* entre os leitores com assinaturas chegando a diferentes comunidades e cidades espalhadas pelos três Estados do sul do Brasil. “A década de 50 foi a década do jornal, chegando a 50 mil assinantes [...]. Eram três os cronistas que se impunham: Frei Armindo Vicenzi, Frei Dionísio Veronese, o terrível Pimentinha ou Zé Fernandes, e Frei Ambrósio Tondello” (COSTA; DE BONI, 1996, p. 555). Com o crescimento no número de agentes e assinantes, o periódico também ganha muitos inimigos. A prova desse contexto é a continuidade das centenas de crônicas divulgadas pelo jornal com opiniões fortes pró-ditaduras, especialmente até 1952.

O semanário não perde a oportunidade de seguir com fortes críticas ao comunismo e a outros assuntos como, por exemplo, a defesa contra os ataques à Igreja Católica, ações do judiciário consideradas contra a população e a atuação da forte presença da maçonaria na região da Serra. Dentre os conflitos envolvendo o jornal, destaca-se uma tentativa que quase terminou

em processo, mas não teve andamento. Entretanto, o jornal foi alvo de dois processos judiciais devido a posicionamentos publicados.

O comunismo esteve na origem daquela que se tornou apenas uma tentativa que não chegou a se tornar um processo contra o *Correio Riograndense*. A Frente Democrática da Câmara de Vereadores de Porto Alegre propôs no plenário do legislativo um voto de repúdio ao comunismo. Negando esse posicionamento, vereadores do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em maioria, retiraram-se no momento da votação. À época, o então Bispo Diocesano de Caxias do Sul, Dom José Baréa, escreveu um artigo no jornal intitulado “Eles se retiraram...”. Entretanto, o periódico publicou o texto sem a assinatura do seu autor. Então, o presidente do legislativo portoalegrense pediu ao vereador Bonorino Butelli para que se deslocasse até Caxias do Sul, em nome da mesa diretora da Câmara de Vereadores de Porto Alegre para mover uma ação processual contra o jornal. Mais uma vez, o diretor-responsável pelo impresso, Frei Ambrósio, recebeu Butelli em seu escritório e, depois de ouvi-lo, disse que se sentiria honrado em responder a um processo judicial escrito por um Bispo Diocesano. Desconfiado e amedrontado, Butelli, natural da Linha Jansen, no município de Farroupilha, amigo de Dom Baréa, simplesmente desistiu da ideia de iniciar o processo judicial. O artigo “Eles se retiraram...”, ocupou as páginas do *Jornal Correio Riograndense* no dia 14 de setembro de 1949. O texto foi subscrito como “nota da redação”. Em parte do artigo, há críticas aos vereadores do PTB.

A sua inacreditável atitude é um fato gravíssimo que vai repercutindo cada vez mais fundo na opinião pública do Estado, à medida que o povo, refazendo-se da primeira e estonteante surpresa, está compreendendo toda a significação de semelhante atitude [...]. O Rio Grande do Sul está alarmado, e com razão, diante desta atitude. Ele quer saber, pois existem motivos para desconfiar, se há ou não há alguma aliança ou acordo, ao menos em projeto, entre o PTB e os fâmulos de Stalin. Falem! (ELES, 1949, p. 04).

Pouco mais de um ano depois daquela que ficou apenas em tentativa, o periódico sofre seu primeiro processo judicial, em 1951, quando a seção Correspondência Caipira, assinada pelo pseudônimo “Zé Fernandes”, rebate, de forma sarcástica, irônica, e incisiva, declarações de um desembargador, o qual, na imprensa da capital Porto Alegre, ataca instituições religiosas, especificamente a Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS). “Na região, na impossibilidade de as coisas serem ditas, o humor, ou a ironia, substitui as palavras silenciadas” (POZENATO; GIRON, 2004, p. 97).

Diante do texto escrito pelo jornal, a Procuradoria do Estado do Rio Grande do Sul pediu ao então promotor do município de Bento Gonçalves, Plauto de Abreu, que encaminhasse

o processo contra o jornal católico por crime de imprensa. O diretor-responsável, Frei Ambrósio Tondello, respondeu pelo periódico, tendo o auxílio na defesa jurídica dos advogados Angelito e Jamil Aiquel. Depois da fase de instrução, o Tribunal do Júri foi montado no salão da União de Moços Católicos de Garibaldi, no dia 04 de janeiro de 1951. A sala do júri ficou completamente lotada; afinal, não era sempre que um padre estava no banco dos réus. A mesa dos jurados era composta por Aquilino Piffer, Urbano Jung, Júlio Martins e Valdemar Tedesco; o juiz era Júlio Martins Porto. Eles haveriam de votar para a sentença final três horas depois de iniciado o processo. A ação foi motivada pela publicação, no dia 12 de julho de 1950, da seção Correspondência Caipira de Zé Fernandes, intitulada “Asneira de 15 arrobas”. O texto relatava, em tom irônico, o voto do Desembargador Solon Macedônia Soares, acusando o Estado da falta de dinheiro para aumento do salário do funcionalismo público, por ter ajudado a construção da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, agredindo acerbamente também a Religião Católica. O núcleo central do artigo foi:

Puxa, seu cumpadre Pafúncio, nem vá me pergunta o que foi que esse tal de Salão Maçônia dos Azares foi desembuchando pur esses dias atrais, lá no posto de comando da justiça. Foi que a pessoa, encarregado de jurgá si tá direito ou errado, arriuniu-se mode jurgá as razão si era pru aumenta o salaro dos impregado púbrico ou não. Havia uma pendenga disgranhuda entre o Governadô e a Assebréia. Intonces, pra risorvé a quistão, chamaram os do direito, como tinha que sê. O seu salão Maçônia dos Azares, quando foi a veis dele fala, feis uma embriuada dos diabo. Um mingau que não tinha sal na molera. Cunforme seu Salão, isso de fartá dinheiro e todo esse insgangaio, é devido o Governo tê ajudado a levantá, na capitá, a Universidade Católica. Pafúncio, tu já viu asneira mais maió? (COSTA; DE BONI, 1996, p. 46).

Durante o júri, o advogado de defesa do *Jornal Correio Riograndense*, Angelito Aiquel, contestou a denúncia de que o artigo teria sido injurioso à Procuradoria do Estado e ao procurador, em especial. Aiquel defendeu o diretor-responsável do impresso, apontando que o texto vasado em uma linguagem caipira noticia uma ocorrência verídica qual seja o voto do desembargador Solon Macedônia Soares, publicado pela imprensa de Porto Alegre. “Mesmo suposto houvesse injúria, quem foi o primeiro a injuriar?” (COSTA; DE BONI, 1996, p. 46). Ao fim da audiência, Frei Ambrósio Tondello, representando a direção do *Jornal Correio Riograndense*, foi absolvido pelo júri por cinco votos a zero.

Em vista das deliberações a que procedeu o Conselho de Sentença resolvendo para unanimidade de votos que não ocorreu no caso dos autos do crime em virtude de não ter denunciado a intenção dolosa de delinquir, expondo em tom de jocosidade o que se lhe afigurava defesa dos princípios católicos e da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, absolve o acusado da acusação que lhe foi intentada. Aos 4 de janeiro de 1951. Assinam: Dr. Júlio Martins Porto, Juiz; Aquilino Piffer, Urbano Jung, Valdemar Tedesco e Júlio Martins, jurados (COSTA; DE BONI, 1996, p. 46).

Na oportunidade, estavam presentes no salão da União de Moços Católicos de Garibaldi os frades capuchinhos Frei Marino Roncato, colaborador do jornal, Frei Dionísio Veronese, redator, Frei Sílvio Armiliato, administrador do jornal e duas dezenas de irmãos maristas de Garibaldi e Porto Alegre, “já que no julgamento estava em jogo, indiretamente, o conceito da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por eles dirigida” (COSTA; DE BONI, 1996, p. 46).

O segundo processo judicial envolvendo o jornal estará diretamente ligado a uma matéria na qual o impresso aborda um incidente entre o Pároco do Município de Nova Araçá, Pe. Alberto Peroni, e o juiz de Nova Prata, Linine Nequete. A acusação será também por crime de injúria, sendo respondida pelo diretor-responsável do *Correio Riograndense*, Frei Ambrósio Tondello, e com a defesa dos irmãos Aiquel. A matéria defende o sacerdote Pe. Alberto, que, seguindo normas da Diocese, não autorizou o sepultamento no cemitério da comunidade de Cascais de uma criança, cujo o pai havia sido excluído da Sociedade da Capela. Apesar de o processo ter começado em Garibaldi, o promotor requereu transferência para o STJ de Porto Alegre. No julgamento, a decisão foi favorável ao jornal, com catorze desembargadores pronunciando-se a favor e dois contras. A edição do jornal de 17 de dezembro de 1952 comemora a vitória no processo: “A verdade triunfou! 14 a 2 em nosso favor”.<sup>10</sup>

A partir de 1952, o *Jornal Correio Riograndense* procura adaptar-se a um novo editorial. Segundo Pozenato e Giron (2004, p. 126), a nova ordem econômica e política propiciou mudanças no jornalismo e, especialmente nos impressos. O *Correio Riograndense* segue a linha editorial pró-ditaduras por mais alguns anos, entretanto, o periódico também tenta colocar em prática, com mais ênfase, matérias que sigam a linha do pensamento da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos com enfoque no jornalismo religioso, sem perder o foco de notícias sociais e comunitárias. Há uma postura mais conservadora em relação a outros jornais. Os periódicos da época buscam uma maior autonomia financeira com intensa movimentação de negócios devido à presença de mais recursos em meio à sociedade local. Dos jornais instalados na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul com relação à linha editorial, Pozenato e Giron (2004, p. 126) afirmam que “quatro (16,6%) são político-partidários, um (4,16%) é religioso, treze (54,16%) apresentam-se como independentes, três (12,50%) são esportivos e de dois (8,25%) não foi possível descobrir a linha editorial”.

O ataque ao comunismo é uma bandeira do *Correio Riograndense*. No dia 14 de janeiro de 1953, o colunista Francisco Galvão (Frei Armino) escreve “O Paraíso Comunista”.

---

<sup>10</sup> Título da matéria publicada na página 06 da edição 48 do Jornal Correio Riograndense, de 12 de dezembro de 1952.

O comunismo é desumano por natureza. Trata os seres racionais como “coisas”. Ninguém pode dizer uma palavra contra tantas barbaridades. A prisão, o desterro para os gelos da Sibéria, os campos de trabalho forçado, a morte são os fantasmas com que os tiranos da Rússia mantem algemado o povo Russo e países afetados. O que é de estranhar gozem os nossos vermelhos duma liberdade, que absolutamente não teríamos, caso chegassem a dominar a nossa pátria. Criminosamente desfrutam de regalias desconhecidas nos país, onde domina o comunismo. Não se deixem iludir os nossos bons colonos. O comunismo seria a destruição do que temos de mais sagrado: religião, pátria e família (O PARAÍSO, 1953, p. 04).

Os imigrantes italianos que adotaram a região da Serra Gaúcha e sofreram com as decisões do Estado Novo impostas por Getúlio Vargas, entre essas atitudes, a perseguição aos que falavam no dialeto italiano, foram surpreendidos com a ação do então líder nacionalista brasileiro. Terminada em 1954, sendo inaugurada em 28 de fevereiro, Getúlio Vargas, contempla a mais expressiva homenagem à colonização italiana em Caxias do Sul, na região e no Estado: o Monumento Nacional ao Imigrante, localizado na entrada da cidade, na BR-116, km-50. O presidente Vargas vem a Caxias do Sul e inaugura o monumento, selando a paz com a imigração italiana. A destinação inicial do monumento foi alterada pela Lei 1.801, de 2 de janeiro de 1953, que determinou que se homenageasse com ele não só os imigrantes italianos, mas todas as etnias que contribuíram para a povoação e progresso do Brasil, passando a ser um monumento nacional. O monumento é constituído por um casal de agricultores, com uma criança nos braços da mulher, em bronze. Às suas costas, ergue-se um obelisco com três imagens alegóricas em baixo relevo, ilustrando a posse, o cultivo e a aliança da terra entre as forças civis e militares sob a proteção divina, além da data 1875, da fundação da cidade. Uma escadaria está presente de ambos os lados do monumento. Uma cripta foi construída abaixo do monumento, também de bronze, trazendo a imagem recebendo os imigrantes, emoldurada por versos gravados. Sobre a entrada, há os dizeres A Nação Brasileira ao Imigrante. A cripta, atualmente, abriga um espaço cultural com o Museu do Imigrante. No dia da inauguração com a presença do Presidente Getúlio Vargas, o *Jornal Correio Riograndense* publica edição especial com 24 páginas exaltando a importância da construção do Monumento e a presença do presidente Getúlio Vargas em Caxias, caracterizando a volta da paz entre imigrantes e descendentes de italianos e os brasileiros. O colunista Francisco Galvão escreve, na página três do periódico, texto sobre o tempo vivido na região durante o Estado Novo e a inauguração do Monumento em reconhecimento ao trabalho dos imigrantes italianos na construção das cidades gaúchas, como Caxias do Sul. Ele reflete sobre a importância do jornal como ponto de referência na vida de todos os moradores imigrantes.

[...] Para a consecução desse trabalho: a civilização, domínio do homem sobre a natureza; a cultura domínio do homem sobre si mesmo e a fé, domínio de Deus sobre o homem, cumpre não esquecer a ação do nosso semanário, *CORREIO RIOGRANDENSE*. Surgiu para acompanhar o nosso colono. Nascido em Caxias com o nome de “*IL COLONO*”, em seguida de “*LIBERTÁ*” e, finalmente, de *CORREIO RIOGRANDENSE*, acompanhou passo a passo esta marcha triunfal do imigrante. Foi lhe arredo, amparo e anjo tutelar, nas horas de exaltação e nas horas pressagas de angústia [...]. O Monumento consagra o Imigrante e a Imigrante, consagra o *Correio Riograndense*, como seu jornal (MAIS PERENE, 1954, p. 03).

Com o passar dos anos, o *Jornal Correio Riograndense* firmou-se como um dos principais periódicos gaúchos. Sua circulação semanal e inúmeras polêmicas escritas pelos seus cronistas, entre eles também freis capuchinhos, tomaram conta do Estado. O jornal obteve, ao longo dos anos, a confiança dos seus agentes, pessoas que cuidavam das assinaturas em cada cidade onde o *Correio Riograndense* chegava, e que propagavam o conteúdo impresso nas páginas do jornal. Um dos cronistas que se destaca é Frei Dionísio de Antônio Prado ou Frei Dionísio Veronese, que se utiliza de pseudônimos na assinatura de seus artigos. São centenas de crônicas escritas durante o período de 1941 a 1965. Em Correspondência Caipira, título de expressão de sua seção semanal, o frade capuchinho utiliza a assinatura de Zé Fernandes e aborda assuntos afiados contra o comunismo, entre outras matérias. “Zé Fernandes era o pseudônimo do Frei Dionísio de Antônio Prado (falecido em 1998), que teria papel destacado no jornal por 25 anos. Também usava o pseudônimo de Pimentinha (em outras crônicas)” (ESPECIAL, 2009, p. 27). Isso fica evidente no livro *Histórias da Imprensa em Caxias do Sul* (1998), em que Frei Dionísio declara: “[...] a gente sempre camuflava o nome” (1998, p. 55).

O jornal adota para outras seções a publicação de textos com pseudônimos de vários colunistas, muitas vezes até de leitores que enviavam cartas para a redação. “Outros artigos eram assinados por pseudônimos ou pelas letras iniciais do nome, nem sempre hoje identificáveis. Regularmente apareciam Cartas Circulares de Dom João Becker (Porto Alegre), Antônio Reis (Santa Maria) e José Barea (Caxias do Sul)” (ESPECIAL, 2009, p. 27).

Com os textos de Frei Dionísio e outros colunistas está a linha editorial proposta pelo *Jornal Correio Riograndense* principalmente já no Movimento Integralista e depois no período do Estado Novo. De acordo com Brandalise (1997), é preciso recordar que o clero brasileiro deste momento é influenciado pela adesão manifestada do clero da Itália ao regime de Mussolini. Conforme a autora, a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul não só acolhe esse sistema político, como o associa ao integralismo, para os frades, o fascismo brasileiro. Brandalise (1997) salienta que a Ação Integralista Brasileira (AIB) pretendia defender os mesmos princípios, ou seja, lutar pela grandeza da pátria e da família e estruturar-se de acordo com as leis de Deus. A associação entre os dois movimentos é

evidenciada no relato de Frei Dionísio.

A AIB foi muito aceita na zona italiana, com facilidade o colono recebeu o integralismo, pois havia o exemplo do fascismo italiano. Mussolini, enquanto não desbordou de seu sentido, tinha belas ideias, fez muito pela Itália, desenvolveu a agricultura, o trigo. Depois desbordou. Havia muita simpatia por Mussolini na zona italiana (VERONESE, 1991 apud BRANDALISE, 1997, p. 27).

Segundo Brandalise (1997), a forma pensada pela AIB era a mesma da Igreja Católica, sobretudo quando o assunto estava relacionado com o risco iminente de uma implantação do comunismo no Brasil. As crônicas de Frei Dionísio auxiliam no combate ao comunismo. *O Jornal Correio Riograndense* estabelece como editorial a intenção de reprimir o comunismo, suas manifestações ou qualquer foco que pudesse favorecê-lo. O periódico apoia o integralismo que defende o nacionalismo. Entretanto, esse integralismo não passa pelo Estado Novo.

Muitos são aqueles que acusam os religiosos de extrapolar suas funções a atividades que não deveriam passar do altar. Entretanto, para Brandalise (1997), os capuchinhos poderiam ser um braço de apoio do governo nacional para aproveitar a válida cooperação dos próprios padres. De acordo com Frei Dionísio Veronese, muitas pessoas no interior das comunidades onde o *Correio Riograndense* chegava não estavam interessadas em assuntos da política. O objetivo era o trabalho na terra em busca do sustento. Entretanto, na visão do frade capuchinho, quem recebia o semanário sempre estava por dentro do que acontecia na política brasileira. De acordo com o capuchinho, o fato de o imigrante italiano que reside em terras da Serra Gaúcha ainda falar no dialeto italiano era um grande perigo. Muito menos devia falar em comunismo ou política. Os imigrantes tinham medo. Eles poderiam ser maltratados e, em alguns casos, até mortos.

Para eles a política era confusão, não queriam se meter em confusão. O pouco contato que tinham com a política nacional só decepcionava os colonos. O fato era que o colono se sentia muito prejudicado pela falta de condições, de transportes, de conhecimentos. As melhorias não chegavam na colônia. A política partidária em nada adiantava para o colono, foram muito maltratados. Se tinham que votar, votavam e pronto. Havia muita repressão, perseguiam e matavam (VERONESE, 1991 apud BRANDALISE, 1997, p. 29).

O integralismo defendido por Frei Dionísio é considerado um dos grandes movimentos da história do autoritarismo brasileiro. Foi um movimento de caráter antiliberal e anticomunista que surgiu numa situação de ascensão dos movimentos fascistas internacionais. “A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi talvez o mais bem-sucedido dos movimentos fascistas latino-americanos” (PINTO, 1994, p. 143). No Brasil, o movimento integralista é lançado em outubro

de 1932, no mesmo momento em que o regime fascista completava dez anos na Itália e o nazismo já estava presente na maior parte da Alemanha. O criador e líder incontestado do integralismo no Brasil é o paulista Plínio Salgado. Jornalista, ele lança ainda em 1926 o romance “O Estrangeiro”, elogiado pela crítica da época. Em 1930, Salgado vai para Europa onde conhece vários países, entre eles, a Itália. Lá fica fascinado pelos atos do regime italiano, prevendo ser o que acontecia na Itália, uma das soluções para os problemas encontrados no Brasil. O jornalista, até 1932, passa a escrever correspondências para intelectuais brasileiros e um jornal, direcionando, em seus textos, soluções autoritárias para o governo provisório de Getúlio Vargas. O jornal era distribuído em São Paulo e também em todo o país. Plínio Salgado estará entre os fundadores do Movimento Integralista em 7 de outubro de 1932.

No Rio Grande do Sul, Plínio Salgado possuía diversos amigos e simpatizantes. Assim como Salgado, muitos imigrantes italianos que residiam na região da Serra Gaúcha gostavam de dizer que o integralismo era o fascismo brasileiro, pois ele, o fascismo, era visto como um regime vitorioso. A espiritualidade e fé cristã, que estavam muito presentes no momento da oficialidade do movimento integralista, terão na região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul uma espécie de revigorização da força da fé católica junto às famílias de origem italiana. Essa aproximação de Plínio Salgado com a Igreja Católica está unida também na semelhança do lema integralista: Deus, Pátria e Família. Os jornais católicos, através de seus jornalistas, cronistas e repórteres são verdadeiros entusiastas das ideias de Salgado, e o movimento se espalha pelo Brasil.

Mas não é somente o integralismo que estampa páginas dos jornais católicos. O Estado Novo toma lugar de várias matérias publicadas do *Correio Riograndense*. O nacionalismo instalado por Vargas concretiza-se com o passar dos anos. Na região de colonização italiana, o imigrante não pode mais falar sua língua. Ele deve aprender e falar o português ao invés do dialeto italiano. Nas páginas do semanário, capuchinhos e leitores irão construir uma nova história. Décadas depois, o jornal irá trazer outras matérias. Dessa vez, a das comemorações pelos 50, 75 e 100 anos da presença da imigração italiana no Brasil. Da perseguição à comemoração, há a simbologia ufanista de ser brasileiro, mas italiano de coração.

### 3.2 ZÉ FERNANDES E A SEÇÃO CORRESPONDÊNCIA CAIPIRA

Na edição de 15 de outubro de 1941, os leitores do *Correio Riograndense* percebiam uma novidade no semanário, a seção intitulada Correspondência Caipira, crônica literária política e do cotidiano, que usa do sarcasmo e de uma linguagem regionalista gaúcha e caipira

para fazer uma crítica política utilizando-se de um discurso anticomunista e ainda dando todo o amparo em prol das diretrizes e ideais da Igreja Católica Apostólica Romana. Eram textos que levavam a assinatura de um tal de Zé Fernandes. Este era o pseudônimo de Frei Dionísio de Antônio Prado (Gaudêncio Veroneze), falecido aos 82 anos de idade, em 06 de julho de 1998 no Hospital Nossa Senhora de Lourdes, em Veranópolis, vítima de derrame cerebral. Ele teria papel destacado no jornal por cerca de 25 anos. O frade capuchinho também usava o pseudônimo de Pimentinha, em outros textos. O periódico que começara suas publicações em italiano e passou depois para português, a partir de setembro de 1941, abria-se para um linguajar gaúcho e caipira. O primeiro artigo assinado por Fernandes teve como título: “Reinação Espírita (Uma tragicumédia)”, um texto dividido em três partes publicadas nas edições do jornal dos dias 15 e 29 de outubro e 05 de novembro de 1941. A narrativa escrita desenvolvia uma crítica à doutrina espírita.

Tragicumédia é aquilo que se ve nos tiatro: um troço de gente reipresentando um acuntecimento triste-alegre, inventado por eles memo, mas não acuntecido. Eu não imaginava que podia argum dia chega a vê uma tragicumédia, não inventada mas acuntecida entre gente viva. E cheguei a vê. Agora vou conta pra todos os leitô do jorná o que eu vi. Nada de mentira. Tudo aconteceu aqui nesta cidade, onde eu moro. Pois aqui a uma reinaçãozinha de espíritas, que são as criaturas (perdão da palavra) mas b... de quantas conheci. Pois bem, inscuitem as narração do causo que aconteceu. As figura da palhaçada são munto cunhecida. Assim mesmo, cum licença, que lhes apresento os maiorá (REINAÇÃO, 1941, p. 02)

Natural do município de Antônio Prado (RS), Gaudêncio Veroneze (sobrenome em registro) nasceu em 09 de março de 1916. Era filho dos agricultores, Emilio Veronese e Rosa Cattani. Neste período teve nove irmãos: Guerino (morreu com 9 anos de idade), Angelina, Germano, Genésio, Generoso, Geminiano, Ercília, Guerino e Geraldo. Seu pai, Emilio, que nasceu na Itália, na Província de Pádua, depois de se estabelecer por alguns anos na cidade serrana, mudou-se com a família em busca de melhores terras para o cultivo, optando por se transferir em 1918 para Viadutos (RS). O local era uma Estação Férrea com um comércio intenso e movimento regular, devido ao Frigorífico e Refinaria de Banha dos Alegretti. A região era formada por uma coberta mata e pinheirais onde a maioria das extensões de terras pertenciam ao governo. Naquele período, cada família podia requisitar uma colônia de 12 alqueires com a possibilidade de pagamento através da própria produção da propriedade. Nesse sentido, o governo dispunha de terras para o cultivo, serviço e trabalho de diferentes famílias interessadas. Fiscais governamentais acompanhavam a entrega dessas áreas e também faziam o controle dos pagamentos de cada pedaço de terra.

Estabelecida no local, a família Veronese teve mais quatro filhos, entretanto dois

morreram, permanecendo Gerênciao (Nene) e Girácimo (Tatinho). No total, foram 14 filhos que tiveram sua infância e adolescência em Viadutos, menos Gaudêncio que, aos 11 anos, vai estudar no Seminário Seráfico de Veranópolis dos Freis Capuchinhos, então Alfredo Chaves, conforme Figura 1. Ele voltará a sua cidade natal, para rever seus pais e irmãos apenas quando realizará a sua primeira missa solene, já como frei capuchinho, aos 23 anos, nos dias 31 de dezembro de 1939 e 1º e 2 de janeiro de 1940. Antes, ordenava-se sacerdote no dia 17 de setembro de 1939.

Figura 1 – Gaudêncio aos 12 anos, no seminário de Veranópolis (1928)



Fonte: Acervo de fotos do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul (1928).

Desde menino, Gaudêncio esteve perto do jornal *Correio Riograndense*. Seu pai Emilio, em Viadutos, foi um dos agentes<sup>11</sup> do semanário responsável por buscar e acolher novas

---

<sup>11</sup> Os agentes eram assinantes que tinham a incumbência de divulgar e de distribuir o jornal nos municípios e localidades nas quais ele circulava, escolhidos entre as lideranças das comunidades católicas, sendo,

assinaturas. “Papai foi assinante e posteriormente Agente do *Correio Riograndense*, desde os primeiros tempos do *La Staffetta*. E continuou até a morte. Mais de 40 anos” (VERONESE, 1964, p. 29). De acordo com Veronese, nem sempre foi tudo fácil também para seu pai, devido a muitas incompreensões por parte da comunidade em relação ao jornal. A população infelizmente era bastante arredia à leitura. Conforme Veronese, seu pai precisou de muita paciência para exercer a função de agente do jornal. Mas para o menino que conviveu até os 11 anos com seus pais, estar próximo de um jornal como o *Correio* foi sempre uma grande alegria.

Com que incontida alegria o registro! Porque foi lá em casa que conheci *La Staffetta*, depois *Correio Riograndense* – jornal onde passei os mais belos e empolgantes anos de minha vida Sacerdotal. Pode ser que tenha sido inoculado desde então em mim o amor ao jornal e a este extraordinário apostolado, tão recomendado pelos Papas (VERONESE, 1964, p. 30).

No momento do ato da vestição realizado durante o noviciado (quando o noviço recebe o Hábito Franciscano), antecedendo ao caminho da vida religiosa como frade, Gaudêncio Veroneze, passa a se chamar Frei Dionísio de Antônio Prado. Normalmente o nome aplicado era de um Santo associado ao lugar de nascimento da pessoa. Essa mudança significava assumir uma nova identidade. O motivo estava presente na Igreja ligado à teologia da “Fuga Mundi” (fuga do mundo). Por isso, a vida religiosa era entendida como uma “saída do mundo”, implicando a renúncia da identidade do registro de nascimento para assumir uma nova identificação como religioso. Mais tarde, com a realização do XXI Concílio Vaticano II, a partir de 1962, convocado pelo Papa João XXIII, a Igreja Católica passa por inúmeras reformulações e, entre elas, está a implantação de um novo documento chamado *Perfectae Caritatis* (Perfeita Caridade). Essa nova alteração implica uma mudança teológica que encerra a visão da Fuga Mundi. Agora o religioso não precisa mais abandonar seu nome e sobrenome do registro oficial.

Assim, no caso dos freis capuchinhos, a mudança do nome de frade passa a ser opcional. Quem quer adotar o nome de batismo ou registro de certidão pode retornar à nomenclatura. Já os que preferem continuar com sua atual identificação, também podem permanecer com o nome. No Rio Grande do Sul, o que se percebe é que muitos frades, por uma questão de já serem conhecidos, seguem com o mesmo nome, enquanto outros retornam ao nome de batismo ou registro oficial. Entretanto, o mais comum é que muitos permanecem com o nome de frade associado ao sobrenome de batismo. Isso é o que acontece com o Frei Dionísio Veronese, que segue com o primeiro nome de frade e acrescenta o sobrenome de nascimento,

---

normalmente, pessoas com um nível de instrução um pouco superior ao da população local – entre eles, professores e padres (RODEGHERO, 1998, p. 125).

com uma correção, Veroneze, não mais com “z”, agora com “s”. O nome “Dionísio” vem, segundo o capuchinho, de um personagem encontrado em uma história narrada em um livro, ainda no tempo de seminário. Sua resposta aparece durante entrevista a integrantes do Arquivo Histórico Municipal<sup>12</sup> (HENRICHS, 1988).

A gente tinha livros santos, ou às vezes essas leituras católicas que vinham da editora Dom Bosco, de Niterói [...]. Leituras piedosas, não propriamente religiosas, digamos leituras piedosas tanto assim que eu li um livrinho e havia um drama. Lá da Suíça, não me lembro mais o lugar, entre o qual o rapaz, que era propriamente o santo, chamava-se Dionísio, e foi por isso que no noviciado, quando foi para dar o nome, eu escolhi Dionísio, influenciado por uma leitura desse gênero (HENRICHS, 1988).

Na Figura 2, foto do Frei Justino Dotti e Frei Dionísio Veronese em sua primeira missa em Viadutos, na data de 21 de dezembro de 1939.

Figura 2 – Registro da primeira missa de Frei Dionísio, em Viadutos (RS) – 31/12/1939



Fonte: Acervo de fotos do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul (1939).  
Nota: Frei Justino Dotti (esq) e Frei Dionísio Veronese (dir).

A partir de 1940, Veronese assume o cargo de vigário paroquial em Veranópolis, onde

<sup>12</sup> Entrevista concedida à Liliana Alberti Henrichs, Diretora, e Juventino Dalbó, no projeto: *Imprensa, memória e preservação*, disponibilizado pelo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, em 1988.

segue até julho de 1941. Da cidade começa a encaminhar para a redação do *Jornal Correio Riograndense* em Garibaldi alguns textos com relatos e anúncios religiosos. “Quando cheguei em Veranópolis como auxiliar, qualquer festa que tivesse, algum acontecimento, escrevia sempre” (HENRICHS, 1988). Como já mencionado, é também em 1941 que o capuchinho inicia a publicação de crônicas na seção intitulada Correspondência Caipira, assinadas por ele com o pseudônimo de Zé Fernandes. Dos locais onde reside, passa a manter o costume de enviar, semanalmente, seus textos para a publicação no jornal.

Aprendi por conta. Sempre caprichei nesse ponto. Naquela época, (ainda em 1930) no jornal (de Porto Alegre) ‘Estrela do Sul’, saía ‘uma carta gauchesca’, tipicamente com fraseado gaúcho. Nosso padre-mestre, no Noviciado, lia (para nós), porque também gostava, era uma coisa diferente. Aquilo me encantou! Aquilo me calou tanto que eu sempre caprichei. Só na última fase do jornal, de 1965 a 69 não escrevi o ‘caipira’ (HENRICHS, 1988).

A seção Correspondência Caipira aparece em praticamente todas as edições do *Correio Riograndense*, de 1941 até 1965, somando mais de 500 crônicas. Tratando-se de um jornal semanário, as crônicas chegam à casa dos leitores todas as sextas-feiras através dos agentes das assinaturas. A redação do *Correio Riograndense* sempre fechou suas edições para publicação às terças-feiras, para impressão às quartas. Durante as décadas de 40 e 50, o impresso teve, ao todo, de quatro a seis páginas. Somente em alguns casos especiais chegava a oito páginas. A seção Correspondência Caipira é distribuída no corpo do impresso de forma aleatória, na maioria das vezes localizada nas páginas 03, 04 ou 06. O texto de Zé Fernandes tem como direcionamento na página o canto superior esquerdo, na maior parte das vezes, mas também em outras posições, como a parte inferior direita e esquerda, superior esquerda e até em meia folha da parte inferior da página do jornal. Além da Correspondência Caipira, outra seção aparece, com algumas publicações, durante a década de 40, mais precisamente em 1943. Ela é intitulada Carta Caipira e assinada por Chico Ventana. As crônicas ilustram textos que são endereçados ao redator do jornal e refletem “causos” acontecidos na sociedade. Parecem ser cartas enviadas por leitor ou leitores. Entretanto, na década de 40, foram constatadas apenas 13 crônicas dessa seção.

Na seção Correspondência Caipira, a presença do combate ao comunismo é o mais expressivo. Porém, muitos outros assuntos são temas das crônicas de Zé Fernandes, como por exemplo, posicionamentos ditos como assuntos do “bem” contra o “mal” relatados pelo *Correio Riograndense*, fazendo alusão ao enfrentamento do comunismo na região da Serra Gaúcha. “... a opção dos católicos é dual: ou se escolhe o partido de Deus ou o do Diabo (VALDUGA,

2008, p. 190). Outra situação são as doutrinas que, segundo os proprietários do jornal, atacam as diretrizes da Igreja Católica, como a doutrina espírita. Nos textos são criticados muitos políticos, a condução dos trabalhos do judiciário e ainda a maçonaria existente no Rio Grande do Sul e, em especial, na região de colonização italiana. Nas crônicas (vide Anexo A), Zé Fernandes utiliza o auxílio do diálogo entre duas pessoas em certos momentos. Já em outras oportunidades cria personagens para a construção das crônicas, refletindo o que o texto precisa expor aos leitores e acompanhantes do jornal.

De agosto de 1941 a 1942, Veronese é nomeado para trabalhar como vigário paroquial no município de Bom Jesus (RS). Como já referido, na edição de 15 de outubro de 1941, os leitores do *Correio Riograndense* conferem a primeira seção intitulada Correspondência Caipira. Veronese, durante uma de suas entrevistas publicadas no livro *Histórias da Imprensa em Caxias do Sul* (1998, p. 55), comprova que a ideologia do jornal estava alinhada com a da Igreja em relação à atuação do periódico contra o comunismo. “Combatíamos o comunismo a três por quatro, sem dúvida! Naquele tempo era a própria orientação eclesiástica. Luta aberta ao comunismo; excomungados!” (HENRICHS, 1998. p. 55).

A partir de 1943, Veronese vai para Porto Alegre, onde assume como capelão no Colégio Nossa Senhora do Rosário dos Irmãos Maristas. Em 1944, retorna a Veranópolis para ser o vigário paroquial até 1949. A partir de abril do mesmo ano é transferido para Garibaldi, onde atua como redator do *Jornal Correio Riograndense*. Permanece na cidade serrana até abril de 1951. Durante entrevista arquivada no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Veronese (1988), salienta que por “questões desconhecidas, políticas ou não, porque minha pena era muito apimentada, tiveram que me transferir”. O capuchinho é deslocado novamente para o município de Bom Jesus onde continua até janeiro de 1952 como vigário paroquial. Ainda em janeiro, muda-se para a cidade de Soledade (RS) e permanece até 1953 como Diretor do Ginásio São José. A partir do início de 1954 até o final de 1963, instala-se em Caxias do Sul, para atuar na redação do *Correio Riograndense*, na revista *Voz de Assis* e ainda na Associação Antoniana. Em 1964, é nomeado frade missionário e residirá na Casa dos Missionários Capuchinhos na Fraternidade de Vacaria (RS). No início de 1965, retorna para Caxias do Sul como vigário conventual do Convento Imaculada Conceição e redator do *Jornal Correio Riograndense*. Na Figura 3, foto da equipe do *Jornal Correio Riograndense*, de abril de 1949.

Figura 3 – Equipe do Jornal *Correio Riograndense*



Fonte: Acervo de fotos do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul (1949).

Nota: Sentados (esq p/ dir): Freis Dionísio, Aleixo e Mansueto. Em pé (esq p/ dir): Freis Fiorelo, Nilo, Doroteu e o técnico de máquinas, Orestes Zoppas. Garibaldi (RS), abril de 1949.

Durante os 25 anos de atuação, em Caxias do Sul no *Correio Riograndense*, Veronese cria inimizades e inimigos, principalmente políticos. Também durante entrevista ao Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (1988), relata que o jornal sempre foi independente de qualquer auxílio financeiro de políticos. Entretanto, diante do visto por este estudo até aqui, a manifestação do frade capuchinho contraria que o *Correio Riograndense* adotou em diversos momentos uma postura ideológica política. “Não abria nem sequer um centímetro para propaganda política partidária. Não! Política sim, mas partidária não; [...] Quanto dinheiro a gente deixou de receber e o jornal estava precisando, mas nunca me abaixei em propaganda direta política partidária”.

Com o passar de tantos anos presente nas páginas do jornal, a seção se tornou uma das referências na leitura dos assinantes do semanário. Segundo Veronese, nesse tempo o periódico era um importante formador de opinião. Todo mundo disputava o jornal para saber qual seria o assunto de Zé Fernandes.

Essas críticas, e essas caipiradas e essa apimentadas, aquilo, quer queira quer não, o pessoal gosta, ou para dizer amém ou para criticar, mas quer ver e, então, assinavam. E, depois, fazia-se muita propaganda, então todas as famílias que iam lá para Santa Catarina, para o Paraná, já Mato Grosso queriam o jornal da família, sempre foi da família, queriam acompanhar. Então sempre havia uma grande penetração (VERONESE, 1988).

Um dos citados nas narrativas de Zé Fernandes foi o político e gaúcho Leonel de Moura Brizola. Considerado um líder da esquerda e um político nacionalista, o ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro era um dos personagens que hora e outra aparecia na seção Correspondência Caipira. Conforme Veronese, o objetivo das crônicas envolvendo o ex-governador Brizola era “[...] baixar a lenha também no Brizola. Sempre ele era um político muito desarvorado. Peguei a palavra Brizola em italiano, ou em dialeto italiano quer dizer *costela assada*” (HENRICHS, 1988). Brizola foi atacado durante muitas vezes no semanário e pela própria Igreja como lembrado por Rodeghero (1998, p. 85). “A desconfiança em relação ao posicionamento político de Leonel Brizola, especialmente do seu apoio ao movimento sindical e aos sem-terra, também aparecia nos discursos da Igreja.”

O sarcasmo na linguagem utilizada por Zé Fernandes é presença garantida em sua seção diante de uma provocação sob o olhar das situações do cotidiano vividas pelas pessoas em suas diferentes comunidades. O encontro da mistura da linguagem gaúcha e caipira, que tem o objetivo de atingir os leitores que se identificam com esses textos, essencialmente e, em grande parte, apimentando temas políticos e religiosos.

No livro *Literatura e Sociedade*, Antônio Candido também lembra de Cornélio Pires, que, assim como Veronese, trazia, em sua escrita, uma abordagem sertaneja guiada por certa ingenuidade. Basicamente, de acordo com Candido, essa temática, quando colocada sob um ângulo engraçado, sentimental e pitoresco, surta ideias feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético. Também de Antônio Candido, prefaciando a obra *Cornélio Pires: criação e riso*, de Macedo Dantas, o autor aponta para características da literatura de Cornélio, marcando alguns aspectos de sua produção escrita.

Meio escritor, meio ator, meio animador; generoso, combativo, empreendedor, simpático, - a sua maior obra foi a ação nos palcos, nas palestras, na literatura falada, que perde bastante quando é lida. Como os oradores, como certo tipo de poetas, como os repentistas e os velhos glosadores de mote, a dele foi uma literatura de ação e comunhão, feita para o calor do momento e a comunicação direta, eletrizante, com o público (DANTAS, 1976, p. 11-12).

É desta forma e característica que Cornélio Pires, inserido em uma produção literária, coloca seus personagens caipiras no cenário nacional. Como Frei Dionísio Veronese, Cornélio utiliza seus personagens para interagir com um contexto no qual o papel interiorano ganhava

cada vez mais espaço para que a sociedade refletisse e que tendiam, desde o polo afirmativo ao negativo, a conclusões de ações, atos ou momentos da vida em comunidade. As crônicas representam essa construção entre a opinião, reflexão e desmembramento de ideias e compreensões.

Tendo como exemplo as crônicas folhetinescas publicadas nos rodapés dos principais periódicos do Rio de Janeiro, no *Jornal do Comercio, Correio Mercantil e Diário do Rio de Janeiro*, percebe-se que sempre revelaram os principais acontecimentos da semana, vistas e escritas através de um olhar contemporâneo. “A crônica assumiu diversas formas ao longo do tempo, e sua definição passou por algumas modificações. Textos comumente chamados de relatos históricos, ensaios, e folhetins enquadram-se na crônica” (FERREIRA; MOREL; NEVES, 2006, p. 241). A crônica deixa de ser apresentada somente através de textos históricos, ganhando um caráter literário. Também o próprio termo “crônica” vai passar por uma modificação. Ela passa a significar um gênero literário específico, automaticamente ligado ao jornalismo. Lembrando novamente de Antônio Candido (1992), ele afirma que a crônica não foi feita exatamente para o livro, pois não tem pretensões de durar. Conforme o autor, a crônica encontrou no periódico seu veículo de comunicação e consolidou-se como estilo literário. A efemeridade do jornal, segundo ele, envelhece e morre a cada 24 horas, permitindo o relato de acontecimentos circunstanciais numa linguagem mais direta e coloquial. Isso significa dizer que a crônica cria, entre seu escritor e o leitor, uma troca de experiências e confidências. Basicamente, Melo (2002) ilustra o conceito que pode se deter ao gênero crônica.

Como a crônica tem sua origem na História e Literatura, e como os textos vinculados a essas duas disciplinas guardam especificidades funcionais e estilísticas, é plausível aventar hispano-americana tem raízes fincadas na crônica histórica (cumprindo portanto o papel de narração dos acontecimentos presenciados pelos repórteres-crônistas), diferentemente da crônica literária (pois os cronistas-jornalistas atuam como entretenedores públicos, recorrendo aos artifícios poéticos e ficcionais para minorar as agruras do dia a dia, deliciando os leitores com a frivolidade que não exclui absolutamente a crítica social (MELO, 2002, p. 154).

Coincidência ou não, a seção do *Jornal Correio Riograndense* intitulada Correspondência Caipira reflete um pouco do próprio período da circulação da crônica-folhetinista. Existe um exercício mútuo tanto do folhetim quanto das crônicas da seção Correspondência Caipira, que divulgam as tramas sociais, com propósitos de relatos também dos diferentes estilos de vida, de valores que possam compreender e sinalizar o tempo das comunidades pelo homem caipira ou do interior, mesmo diante da modernidade dos séculos XIX e XX. Nos folhetins, as crônicas absorviam os acontecimentos vistos no Rio de Janeiro e

como a população reagia às mudanças. Nas crônicas existe a propriedade da opinião sobre a realidade e a vida das comunidades. Os fatores políticos são essenciais para a execução da crônica, mediante o ideal religioso católico. Conhecer essas crônicas é viver o ambiente da sociedade onde o *Correio Riograndense* circulava e detinha o domínio da opinião forte, ou mesmo da postura editorial junto aos leitores assinada pelos Freis Capuchinhos da Província do Rio Grande do Sul.

As crônicas de Zé Fernandes refletem algo que está no núcleo das comunidades pertencentes à região de colonização italiana. Tudo está ligado também à dominação que o próprio meio de comunicação jornalístico, no caso o *Jornal Correio Riograndense*, pretende desenvolver diante do pensamento do imigrante, ou seja, a materialização do pensamento católico diante de uma formação intelectual do seu leitor. Ou seja, o receptor das crônicas também poderá ser levado a pensar como as ideais da Igreja, uma espécie de leitura ideológica. Por isso, de acordo com Jacks (1999), pode existir, através da linguagem, um instrumento de dominação diante da própria cultura e comunicação que chega até essas comunidades. “Os novos enfoques preterem a leitura ideológica, a concepção instrumental da linguagem, a ideia de dominação e de reprodução mecânica do social, a objetividade e racionalidade únicas, entre outras concepções” (JACKS, 1999, p.31).

A seção Correspondência Caipira é introduzida ao jornal meses depois da obrigatoriedade de o periódico mudar sua denominação de *Staffetta Riograndense* para *Correio Riograndense*. Como já foi recordado, em 10 de setembro de 1941 a mudança é realizada e logo depois é publicada a primeira crônica de Zé Fernandes. Uma mudança não acontece apenas na nomenclatura do jornal, mas na utilização de uma nova linguagem que não dos imigrantes italianos e de certa forma, a inclusão do palavreado gaúcho e caipira que auxiliam o *Correio Riograndense* no processo de tentar envolver os também regionalismos gaúcho e caipira diante da desapropriação da fala do imigrante italiano da região da serra, desconstituída pelo governo de Vargas. O jornal é impresso agora em português com diferentes histórias traçadas envolvendo manifestações culturais gaúcha e caipira que devem ser reforçadas como sinônimo de propriedade diante da pressão a quem fala o italiano nas comunidades imigrantes.

Assim, o próprio título Correspondência Caipira aponta para uma reflexão diante das crônicas assinadas por Zé Fernandes, com uma referência diretamente à mensagem subliminar que pode envolver as “cartas” do cotidiano. Essas, comparadas a outros gêneros, “podem parecer simples por serem tão abertamente ligadas às relações e a escritores e leitores particulares, mas isso só significa que elas nos revelam clara e explicitamente a sociedade que faz parte de toda a escrita” (BAZERMAN, 2006, p. 99).

Figura 4 – Frei Dionísio Veronese (Zé Fernandes em São Paulo, em 1965)



Fonte: Acervo de fotos do Museu dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul (1965).

O regionalismo gaúcho e caipira, caracterizações que estão presentes nas crônicas do frade capuchinho Dionísio Veronese, terão engajamento da grande maioria dos seus leitores, visto pelo considerável aumento de assinaturas do tradicional periódico com o passar dos anos. Nas crônicas, a linguagem do campo do Sul e do caipira no Nordeste brasileiro se misturam para estar próximo de grupos de imigrantes italianos, incluindo seu mundo cultural, no qual também inclui a religião. Configura-se um mundo cultural interrompido nas comunidades por inúmeras vezes, com perseguições pela fala ou pela sua nacionalidade. Com um palavreado e escrita aprovados pelos leitores, a seção Correspondência Caipira seguiu o seu tempo com um objetivo vinculado ao próprio jornal: atingir outros estados brasileiros e não apenas a região Sul. A tríplice coroa baseada na família, trabalho e religião, com segurança na fé cristã católica, permitiu aos leitores, na sua maioria imigrantes ou descendentes de italianos, encontrar nas crônicas de Zé Fernandes a reconstrução desse mundo cultural vivido. A crônica do gaúcho/caipira se tornou uma forte opinião com adesão comunitária, dando sustentação à vanguarda editorial, mesmo que direcionada, do *Correio Riograndense*.

## 4 IDENTIDADE E LINGUAGEM REGIONAL

### 4.1 A LÍNGUA COMO ELEMENTO CULTURAL

O presente trabalho tem desenvolvido, ao longo do seu percurso, o objetivo de analisar, nas crônicas de Zé Fernandes, o uso do sarcasmo e da linguagem caipira e gaúcha na seção Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense*, fazendo uma crítica política ao comunismo, sendo identificado, neste estudo, uma relação com a cultura regional. Por isso, é também importante lembrar que a própria Geografia possui entre suas categorias de análise o conceito de região. Essa definição é fundamental para a elaboração de hipóteses capazes de justificar a presença de fenômenos ou estudos regionais que são de extrema importância para a própria Geografia. Aliás, sob uma expectativa geográfica, a região é considerada um mecanismo de classificação, acompanhada de critérios diversos e transformações teóricas e metodológicas. Essa dinâmica envolvendo a palavra região, que está presente na literatura, por exemplo, apresenta objetos de estudo que nos levam a indagações referentes a cada período da ciência geográfica. Mas, diante de inúmeros processos classificatórios, a região tem na regionalização a utilização de uma identificação que também busca individualizar e realizar recortes espaciais separados por características comuns. Percebemos que os recortes geográficos estão presentes nas crônicas de Zé Fernandes como uma referência para sua crítica. A região da Serra Gaúcha fica sabendo, pelos textos do cronista, dos conflitos acontecidos em outras regiões, como por exemplo, na capital gaúcha, Porto Alegre. Os relatos de Zé Fernandes tentam expressar como o comunismo seria um erro para o progresso do país.

Na história, encontra-se a origem da palavra região, que deriva do latim “regere”, uma palavra composta pelo radical “reg”, que tem como significados o domínio e o poder, originando outras palavras como regente e regência. Portanto, a ideia de posse sempre esteve presente como uma espécie de conquista, sendo, através da cultura, a possibilidade de uma região ser representada. Isso, de modo geral, indica uma distinção e implica num recorte espacial delimitado mediante critérios culturais específicos. Para muitos autores, esses critérios são demarcados pela própria cultura do grupo social através de suas características ou códigos culturais: a religião, a gastronomia, as festividades, dentre outros códigos, e mesmo a cultura, que envolve um sistema de codificação de maneira geral.

Na atualidade, percebe-se que existe uma tendência em reivindicar que as identidades sejam nacionais, regionais e locais, o que de certa forma seria um contraponto à tendência globalizante. Parece mesmo que a região cultural, sem dúvida, tem afirmado sua identidade

através da valorização dos códigos culturais, uma vez que está ligada ao resgate do passado, como uma possibilidade de se manter a origem alicerçada nas heranças culturais. Mas essa reivindicação em relação às identidades é uma constante e vista durante diferentes períodos e movimentos na própria literatura Brasileira. Os seguidores do *Correio Riograndense* apresentam e são responsáveis pela materialização e apropriação dos espaços, ou seja, o periódico atinge diferentes regiões do Rio Grande do Sul e também de outros Estados. Nesse sentido, Tuan (1980) afirma que a cultura, como mediadora entre o homem (enquanto ser cultural) e o espaço, tem poder de transformar a região em lugar, através do meio simbólico do qual é portadora.

Então, o espaço regional também passa a ter um significado para uma comunidade ou grupo social, quando da materialização da sua identidade, sob o ponto de vista mediado pelos códigos culturais visíveis e não visíveis, mas que são os responsáveis pela caracterização da região. Assim, é possível partir do pressuposto de que o homem ou o agente reorganizador do espaço transforma a natureza de acordo com suas necessidades e o que lhe convém, imprimindo nela as características marcantes da sua cultura. Esse registro também é uma constante nas crônicas de Zé Fernandes. Sauer (1998) afirma que a marca da cultura na paisagem é significativa na medida em que permanece impressa por longo período de tempo, sendo, portanto, caracterizada. Dessa forma, segundo ele, tem-se, então, uma configuração regional em que um grupo social confere a sua base espacial a identidade que irá diferenciá-la das demais.

Na concepção de Bezzi (2002), uma região cultural pode ser definida como:

[...] um conjunto de relacionamentos culturais entre um grupo e um determinado lugar. A região é uma apropriação simbólica de uma porção do espaço por um determinado grupo, o qual também é um elemento constitutivo da identidade regional. A região, sob enfoque da identidade regional, passa a ser entendida como um produto real, é concreta, existe. Ela é apropriada e vivida por seus habitantes, diferenciando-se das demais, principalmente pela identidade que lhe confere o grupo social (BEZZI, 2002, p. 17).

Por isso, é possível destacar que a região e, especialmente, a cultura refletem a maneira que cada grupo social organiza o espaço e insere nele seus principais traços presentes e visíveis na paisagem. Na Serra Gaúcha e nas histórias de Zé Fernandes estão particularidades culturais da imigração italiana e do jeito brasileiro do homem do campo, mediante o uso de uma linguagem gaúcha e caipira. Ela, a cultura, surge como uma possibilidade de interpretação e organização do espaço, a partir de cada experiência desse grupo, o qual possui atitudes e valores, cujas singularidades demonstram o caráter próprio de uma determinada região, sendo

uma espécie de recorte espacial com conotação cultural. Já o processo de regionalização implica uma generalização, que privilegia sempre o que é predominante de acordo com o ponto escolhido, falando, portanto, da cultura de um determinado grupo social. Entretanto, isso não quer dizer que um espaço regional seja homogêneo; pelo contrário, a diversidade é intrínseca a esse contexto, em que, geralmente, culturas diferenciadas coexistem num mesmo espaço ou numa mesma porção do espaço. É possível, diante disso, recordar Claval (1999), que estabelece que uma região cultural seja delimitada pelas diferenças de códigos e a forma como as culturas se utilizam dessas diferenças. Ele acrescenta que no local onde os traços culturais mudam, tem-se a linha limítrofe da região. Assim, pode-se afirmar que a cultura não tem limites rígidos, pois eles dependem de uma coesão do grupo cultural e, definitivamente, da sua continuidade no espaço. Caso contrário, esses espaços se transformarão em verdadeiras áreas culturais de menor expressividade, em termos de distância, devido a sua pequena extensão.

Diante do objetivo deste capítulo, que trata da importância da cultura regional, pode-se enfatizar ainda as questões inerentes ao processo de globalização e sua influência no próprio contexto regional. Quando se prega a homogeneização dos espaços do Globo, tem-se garantidos, cada vez mais, as diferenças, o local e o regional, que ainda guardam as suas respectivas identidades.

Oliven (1992, p. 135) destaca que:

Todo esse processo de mundialização da cultura, que dá a impressão de que vivemos numa aldeia global, acaba repondo algumas questões da tradição, da nação e da região. À medida que o mundo se torna mais complexo e se internacionaliza, a questão das diferenças se recoloca e há um intenso processo de construção de identidades (OLIVEN, 1992, p. 135).

Mas é preciso retomar algumas ponderações em relação à língua como elemento cultural no que diz respeito ao próprio significado que ela apresenta. As crônicas de Zé Fernandes não eram lidas apenas por italianos ou descendentes de italianos na região da Serra, mas também pelos brasileiros natos e moradores do Nordeste Gaúcho. Logo, é preciso recordar que a língua é um fator social, caracterizada por aspectos culturais e por eles influenciada por ser um comportamento social. Por isso, pode-se dizer que a linguagem caipira e gaúcha, alternadas e misturadas ao texto das crônicas de Zé Fernandes no jornal, representa as manifestações de uma cultura ou de culturas diferentes. Ele se utiliza desse linguajar gaúcho e caipira para ser identificado pelo leitor como uma voz de referência e identidade. A língua, que tem a possibilidade de influenciar qualquer cultura, pode significar a identidade de uma população ou comunidade. Na Serra Gaúcha, a língua italiana de imigrantes vindos de diversas

regiões da Itália se misturou com o português do homem do campo ou dos Campos de Cima da Serra, um português inclinado a variações que estavam no interior das cidades.

Existe, porém, um ponto em especial que não deve ser esquecido diante da pesquisa proposta neste trabalho. Para Pozenato (2009), o regionalismo, como é usualmente entendido, significa antes de tudo o uso de uma linguagem regional. “Não seria ele apenas a decisão de representar objetivamente temas, motivos e tipos regionais. Envolveria um modo particular de uso da linguagem” (POZENATO, 2009, p. 23). E essa parece ser a proposta de Zé Fernandes também em suas crônicas: utilizar-se de uma linguagem regional, a gaúcha, necessariamente compactuada e anexada à linguagem regionalista caipira. Seus textos são assim apresentados e codificados. Conforme Pozenato (2009), é, aliás, o uso particular que o texto literário faz da linguagem que vai caracterizar fundamentalmente o estilo: ele é um uso resultante de uma opção feita segundo o universo pessoal do poeta, ou, no caso, do cronista Zé Fernandes. Chega-se, aqui, a uma constatação que a própria linguagem é um objeto de representação. Existe uma contemplação dessa linguagem quando é utilizada na seção Correspondência Caipira. Ela, a linguagem, também é transferida de sua função de significar um mundo de representações, como propõe Pozenato (2009), para ser a própria representação. A linguagem regional utilizada nas crônicas está baseada na construção da figura do leitor do *Correio Riograndense*, que também é o gaúcho.

Nos textos e crônicas do *Correio Riograndese*, especificidades da linguagem regional são uma constante. Elas estão ligadas também ao processo vivido na região da Serra com a evolução socioespacial entre campo e cidade, e são vislumbradas na atividade agropecuária que tornou os espaços da colônia mais próximo e inter-relacionados com os centros das vilas. Os surgimentos de inúmeros estabelecimentos comerciais nesses aglomerados ou na cidade, voltados para o ramo rural, aproximaram brasileiros de imigrantes italianos, realimentando espaços de relacionamento entre o rural e o urbano.

Isso significa que uma região representa um espaço simbólico de dominação de poder também por meio da língua. Para Bourdieu (2001, p. 15), em se tratando de jornais ou da cultura escrita, por exemplo, “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”. Zé Fernandes, em suas crônicas, primeiramente, desperta a legitimidade das palavras através de um tom coloquial, da mistura do caipira ao gaúcho, direcionando sua linguagem a quem simpatiza com as ideias anticomunistas.

O cronista Zé Fernandes é o caipira e o gaúcho que não tolera os ideais comunistas. É

formada aqui a relação entre linguagem regional e identidade cultural. Zé Fernandes pensa na figura do homem rural, aquele que ainda vive ou mesmo que já deixou o campo procurando uma vida melhor na cidade. A linguagem utilizada pelo cronista manifesta as diretrizes do homem simples, do Jeca Tatu de pouco estudo, mas que procura se defender dos problemas da vida, de jeito simples e com decisões baseadas no cotidiano. Para Bourdieu (2001, p. 112), mesmo falando de linguagem e identidade, é preciso reconhecer profundamente que a procura dos objetivos de uma cultura regional ou étnica (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) “são objeto de representações mentais, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos”. As crônicas da seção Correspondência Caipira manifestam os interesses e apontam os posicionamentos ideológicos de Zé Fernandes, que defende o apelo da Igreja Católica na construção de um poder absoluto contra o comunismo. Foi a utilização da linguagem, imbuída de poder simbólico social, que o fizera capturar leitores e defensores ferrenhos do catolicismo.

Não é por acaso que a própria Igreja Católica fez uso de meios de comunicação para difundir, sobretudo através dos jornais, a presença de um poder simbólico que atingiria a sociedade e suas estruturas dentro de um processo de organização das comunidades gaúchas seguindo os princípios previstos na Bíblia. O símbolo maior pode ser visto no grande número de igrejas construídas no centro de cada povoado ou comunidade (capelas), que recebiam, na maioria das vezes, o próprio nome da comunidade, em referência a um Santo da Igreja Católica.

Althusser (2003) apresenta o desdobramento e envolvimento social de um sistema de ideias ou propósitos tratados pela cultura cristã, no sentido de propagar, na condição de religião, qual a visão correta que o mundo deve seguir, ou seja, o correto no sentido positivo seria o mundo receber o melhor texto através dos escritos nos jornais católicos. Como referência, nesse caso, pode ser o próprio *Jornal Correio Riograndense*. Ao se optar por uma análise diante da reflexão de Althusser (2003), a seção Correspondência Caipira tem um significado que assegura o funcionamento de uma vivência cultural em comunidade baseada no centro das opiniões de defesa do cristianismo e das palavras escritas pelos jornais católicos, identificados pelos discursos, muitas vezes do Papa, chamado Santo Padre, o representante de Deus na Terra. Existe a frase conhecida e que pode ser usada aqui: A voz de Deus é a voz do povo. Para Althusser (2003), o Sujeito Absoluto está acima de todos (Ele é Deus). A Família, por sua essência, é Santa e intocável diante das falhas e frustrações. Ela deve ser protegida. A língua, diante da cultura religiosa de um povo, personifica a ideia de que para se ganhar o céu é preciso ser católico e anticomunista. É possível recordar aqui da relação do *Jornal Correio Riograndense* com o objetivo de seu editorial, com notícias voltadas ao tripé família, trabalho e fé. Assim,

Althusser (2003) explica: o centro de tudo está em Deus. A cultura, portanto, é fundamental para que esse processo de evangelização seja cultuado pelas comunidades que formam especialmente a região da Serra Gaúcha.

Tudo possui um centro, lugar único ocupado pelo Sujeito Absoluto, que interpela, à sua volta, a infinidade de indivíduos como sujeitos, numa dupla relação espetacular que submete os sujeitos ao Sujeito, dando-lhes Sujeito, onde qualquer sujeito pode contemplar sua própria imagem (presente e futura), a garantia de que certamente trata-se deles e Dele, e de que se passando tudo em Família (a Santa Família: a Família é, por sua essência, Santa), “Deus aí reconhecerá os seus”, ou seja, aqueles que tiverem reconhecido Deus e se tiverem reconhecido nele serão salvos (ALTHUSSER, 2003, p. 102).

A Igreja Católica também, por vezes, tem receio que seus seguidores e leitores elejam as más leituras, ou a leitura de escritos não recomendados. Isso degradaria e colocaria em decadência os costumes, a dissolução dos princípios de moralidade e, conseqüentemente, levaria as pessoas a práticas condenáveis. Diante da língua como elemento cultural, representando um código que se desenvolve diante da transmissão de pensamentos e mesmo da interação entre os indivíduos, a Igreja tenta, sobretudo, utilizar a língua como um código aceito, de forma convencional, por toda uma comunidade. Um único indivíduo não consegue criá-la ou modificá-la. Se os imigrantes italianos possuem suas características e língua diferente dos brasileiros natos, é preciso que se estabeleça dentro de um processo linguístico uma forma de entendimento em que a religião esteja presente e domine o centro das atenções. A Igreja Católica, em razão dos costumes, das gerações, mesmo dos processos políticos, avanços sociais e outros, utiliza-se, como visto na região da Serra Gaúcha, da opinião e das palavras escritas no *Jornal Correio Riograndense* para captar mais fiéis. É no nordeste gaúcho que se concentram vários dialetos italianos, como mencionado anteriormente. Eles caminham para a formação do Talian, ou seja, uma mistura, por vezes, dos inúmeros dialetos vindos com a imigração de diferentes partes da Itália com o português.

Em jornais como o *Correio Riograndense*, os freis capuchinhos e, especialmente, Zé Fernandes apostam num discurso cuja linguagem está ligada à cultura regional de cada comunidade e essas localidades estão unidas diretamente à fé cristã católica. Por isso, como abordado, é preciso que essa linguagem, proferida na maioria das vezes pelos padres e bispos, seja interpretada por essas comunidades é uma linguagem baseada, essencialmente, na defesa do testemunho de que o certo é o que está escrito também nas crônicas de Zé Fernandes, que segue os ideais da religião católica. Um dos exemplos pode ser visto na seção Correspondência Caipira, publicada na página 4 do *Jornal Correio Riograndense*, de 30 de junho de 1945,

quando Zé Fernandes, utilizando-se de uma linguagem regional caipira e gaúcha, em sua crônica, intitulada “Inté Isso”, repudia a informação de uma possível criação de uma religião nacional no Rio de Janeiro através dos comunistas, o que, na visão do cronista, seria um verdadeiro absurdo.

[...] Mais isso nem é de se acredita! Querê apagá a riligião que nois temo na alma como a cousa mais sagrada deste mundo?! Que desaforo! Isso não se aguenta! [...] Uma riligião nacioná! Mais que historia de lobisome é essa? E’ memo, que procurem primeiro um Deus nacioná, um Salvadó nacioná, um Evangelho nacioná. (Credo! Inté receio fazê pecado, fala ansim; tanto é o respeito que todos nois temo do Bom pai do Céu, do nosso Salvadó jesuis e do Santo Evangelho dele, que é toda a nossa religião e nossa salvação...) [...] Que Deus mi perdôe mais isto é percisose dizê pra que a gente se cuida desta peste; pra mode dismanchá as barbaridade deles, que, na mais mió das condições, estão é balanciados dos casco. Imagine esses malucos querê insiná ao nosso Pai do Céu! Quem é que aguenta? Aqui é como diz o causo: Para os máus, páu. E dê-lhe de verdade (INTÉ, 1945, p. 03).

Com a utilização de uma linguagem regional caipira e gaúcha, os causos narrados por Zé Fernandes ganham ainda mais espaço no *Jornal Correio Riograndense* durante os anos 50 e seguintes. Outra frente anticomunista é também organizada pelo editorial do *Correio Riograndense*. Dessa vez, são as charges com as histórias do personagem Zé Caipira, que ilustraram as edições do semanário católico. O jornal publica, “nas edições de 19 de novembro de 1958 a 15 de abril de 1959, na sua última página, em 15 capítulos, ou seja, durante cinco meses, uma história em quadrinhos elaborada pela Cruzada Brasileira Anticomunista, sob o título ‘Zé Caipira’” (RODEGHERO, 1998, p. 35).

Figura 5 – Divulgação das histórias de Zé Caipira – *Correio Riograndense* de 12/11/1958



Fonte: Reprodução Jornal *Correio Riograndense* (1958).

Nos quadrinhos, percebe-se o sarcasmo diante dos fatos vividos na trajetória de um caipira, com traços de gaúcho, que viaja em excursão pelo mundo até chegar ao chamado "Paraíso Soviético". É um enredo baseado numa cruzada anticomunista. A história apresenta como personagem principal Zé Caipira, um cidadão brasileiro que havia visitado a União Soviética, tendo se decepcionado com a realidade daquele país. De acordo com Rodeghero (1998), de volta ao Brasil, ele tenta mostrar aos adeptos do comunismo como eles estavam errados ao defenderem tal regime.

[...] Esses, porém, não aceitavam as críticas de Zé Caipira e tentavam *reeducá-lo*, mostrando-lhe as mudanças ocorridas na Rússia após a morte de Stalin. Como era época de eleições, a cidade estava cheia de cartazes com frases, tais como *O petróleo é nosso*, *Viva a URSS*, *Viva o PCB*, e, em meio a esse clima agitado, as opiniões críticas de Zé Caipira em relação ao comunismo levaram a que fosse espancado pelos comunistas brasileiros. Após ter voltado para casa e a mulher o ter colocado na cama, a janela do quarto abria-se e, por ela, entrava um urubu, anunciando que estava sendo instalada no Brasil uma República Popular. Zé Caipira fora, então, conduzindo pela ave para ver com os próprios olhos o que os comunistas estavam fazendo no país. (RODEGHERO, 1998, p. 35).

Figura 6 – Ilustração de Zé Caipira – *Correio Riograndense* de 19/11/1958



Fonte: Reprodução Jornal *Correio Riograndense* (1958).

A história de Zé Caipira em quadrinhos segue tendo grande repercussão entre os leitores. Segundo Rodeghero (1998, p. 36), em relação ao conteúdo vivenciado pelo personagem Zé Caipira, pode-se dizer que a narrativa traz elementos importantes que compõem

o imaginário anticomunista: apresenta uma concepção depreciativa do comunismo como modelo político que poderia ser proliferado no Brasil; retrata o PCB como inconsequente e dependente dos russos; a violência que os comunistas utilizaram para dominar outros povos e mesmo a substituição de símbolos pátrios pelos dos comunistas.

Emprega-se, ao longo da história de Zé Caipira, a palavra *emancipação* para tudo o que se refere à execução, conquista, destruição, aparecendo fuzilamentos em vários momentos da história: para punir os *inimigos do povo*, executar sacerdotes e cala as famílias resistentes. As consequências da implantação de uma República Popular no Brasil seriam a destruição de seus símbolos (Bandeira Nacional, Cristo Redentor); o ataque à religião (destruição de igrejas, execução de padres), à propriedade particular e às riquezas do país (petróleo, café, máquinas, gado, matas) e a eliminação das famílias resistentes à coletivização (RODEGHERO, 1998, p.36).

O editorial, as reportagens do *Jornal Correio Riograndense* e suas crônicas representam a “boa leitura”, que é determinada pela Igreja Católica. Os leitores são seus seguidores ferrenhos, defensores do que estará escrito nas páginas do semanário. Isso fica evidente ainda no editorial do *Correio Riograndense*, de 15 de março de 1950, intitulado “Boas Leituras”. No centro da página, o editorial, além de fazer uma crítica à então “má leitura” (o que seriam as más leituras), defende o proposto pelo Decreto do Santo Ofício sobre o comunismo.

A eterna desculpa dos leitores de romances e revistas é esta: não existe coisa melhor. Existir existe, só que não em uma biblioteca. Hoje há no Brasil em todas as cidades maiores livrarias católicas com variável e apreciável estoque de livros e publicações de bons autores tanto nacionais como estrangeiros [...]. Toda pessoa que compra ou recebe livros, revistas ou jornais eróticos ou imorais está diretamente contribuindo para o avanço do Protestantismo, Espiritismo, Comunismo, Anarquismo e Imoralidade em nossa terra (BOAS LEITURAS, 1950, p. 01).

Percebe-se que a imprensa inimiga para a Igreja é toda aquela que não segue uma orientação católica. A imprensa que publica assuntos envolvendo o espiritismo, o protestantismo, aqueles que discutem temas ou assuntos políticos, como o comunismo e o anarquismo, e mesmo os temas propostos que abordam uma leitura com a ocupação do lazer, são classificados como imorais. Assim, a Igreja utiliza a religião como uma identidade cultural com um insistente pedido aos seus seguidores, para que eles, os fiéis, possam assinar e comprar revistas e jornais “possuidores” de uma orientação católica. Se não o fizerem, os católicos estariam contribuindo para o avanço do mal.

As figuras religiosas, o padre e o bispo, exercem nessas comunidades interioranas um fenômeno que concentra total confiança de diferentes núcleos da sociedade, expressando certo

domínio dessas pessoas através de uma linguagem ideológica e autoritária. “O discurso autoritário é encontrável, de forma mais ou menos mascarada, [...] na Igreja: o padre que ameaça sob a guarda de Deus” (CITELLI, 2000, p. 40).

Assim como língua, cultura e sociedade constituem um arranjo fundamental nas atividades cotidianas de nossas vidas. O *Jornal Correio Riograndense* com as crônicas de Zé Fernandes e sua relação com o catolicismo, também serviu para a constituição de um arranjo fundamental nas atividades cotidianas das pessoas que viveram na região da Serra Gaúcha, alicerçadas aos princípios da fé cristã católica. Em diferentes momentos, ocorreram mudanças também na postura editorial do jornal dos freis capuchinhos, mas, no contexto social, houve mudanças também na cultura e na língua, seja por fatores que envolvam a eliminação, o acréscimo ou modificação de elementos. Isso não é um evento voluntário, uma vez que acontece sem que se perceba, de forma ininterrupta. Portanto, as pessoas reestruturam aspectos linguísticos e valores morais, por exemplo, muitas vezes sem perceber. Logo, ninguém, isoladamente, modifica uma língua, pois ela pertence ao conjunto de falantes e responde por seus comportamentos sociais, culturais, morais e éticos.

São evidentes as ideias exploradas pela Igreja Católica brasileira. Ela não se utiliza dos impressos para uma revelação da fé cristã ou pela propagação apenas evangelizadora da religião católica no país. As crônicas literárias e políticas de Zé Fernandes no *Correio Riograndense*, utilizando-se da linguagem regional caipira e gaúcha, criam justamente um ambiente favorável à crítica pesada ao comunismo na tentativa de estabelecer um imaginário social em que a verdadeira palavra de Deus e a correta opinião estão centradas numa filosofia anticomunista. Esse pensamento defendido diante de uma comunidade imaginada estará sempre presente no jornal semanário, como no texto editorial do impresso publicado no dia 26 de setembro de 1945, com o título “Luta entre Cristo e Satanaz”, que apresenta o quanto o comunismo é prejudicial ao cristianismo.

A luta, portanto, entre o Comunismo e o Cristianismo é luta de vida ou de morte; um deverá desaparecer: ou o Comunismo, ou o Cristianismo. É indispensável que isto compreendam todas as longas fileiras de carneiros comunistas, que vão na onda, sem nada saberem; isto, sobretudo, devem fixar profundo na mente todos os ilustres comunistoides, que, tendo um sorriso complacente para os mandões do Comunismo, mostram-se indignados e escandalizados da nossa intransigência anticomunista [...]. Se os católicos verdadeiros, os católicos instruídos nas verdades da nossa santa Religião sentem uma repulsa irresistível contra o Comunismo, é porque veem nele uma verdadeira peste, para toda a humanidade (LUTA ENTRE, 1945, p. 01).

Compreende-se, então, que não existe comunicação sem linguagem. É por meio da linguagem que os freis capuchinhos e Zé Fernandes apresentam aos leitores do *Correio*

*Riograndense* a representação do mundo na visão da Igreja. É através da linguagem que se forma um lugar de ação e mesmo de interação entre falantes.

Com a língua nos identificamos. Ela também está relacionada à identidade. Já com a crença e a religião construímos uma identidade. Nesse viés, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2001) nos traduz a importância da crença ou da religião como construção de uma identidade cultural em sociedade apelativa na forma de uma ideologia ou regime. Isso, portanto, seguindo este estudo, pode estar ligado ao fato de se comunicar, utilizando-se de uma linguagem regional, seja ela através do caipira interiorano ou do gaúcho do campo. Essas são características que se assemelham à maioria dos leitores do *Correio Riograndense*: eles vivem no interior das cidades e mesmo nas regiões de campo. Há, nesse sentido, uma relação que se estabelece nas crônicas de Zé Fernandes, as quais buscam o convencimento mediante um discurso que é público e que exerce um apelo de conquista, utilizando-se de um jogo de percepções e do poder das palavras. As histórias contadas e engajadas ao pensamento da Igreja Católica são consideradas uma verdade absoluta diante da realidade vivida nas vilas, nas comunidades ou nas cidades. Não existe uma contestação diante dos assuntos discutidos pela e com a Igreja. Há sim o poder simbólico das palavras. Esse significado corresponde a uma organização de propósitos que são estabelecidos a partir do momento em que uma identidade absoluta é formada, ou seja, o catolicismo é a parte milagrosa da vida. Ele sabe o que é bom ou não para o sujeito, para que ele alcance o céu. Faz parte dos atos de bondade do cidadão respeitar o que diz a Igreja.

Para Bourdieu (2001), é preciso identificar através das palavras escritas o potencial do poder exercido sobre as pessoas, sua vivência em comunidade e todos os aspectos comuns entre os indivíduos. Nessa comunidade, todos ou a grande maioria irão absorver os ideais, nesse caso, católicos, porque a quase totalidade das pessoas que lê o jornal pensa da mesma forma. Se fosse o contrário, conflitos maiores iriam existir, trazendo confusões ou o afastamento dos indivíduos. “O poder sobre o grupo que se trata de trazer à existência enquanto grupo é, a um tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, portanto, uma visão única da identidade, e uma visão idêntica da sua unidade” (BOURDIEU, 2001, p. 117). A visão precisa ser a única identidade. Pensar em comunidade é refletir e defender os mesmos objetivos e caminhos.

As crônicas de Zé Fernandes, pseudônimo de Frei Dionísio Veronese, trazem para a análise a presença da língua como indutora de um processo de evangelização da Igreja Católica nas diferentes cidades da Serra. Mas o assunto não se esgota nesse ponto. Essa linguagem gaúcha e caipira, que demonstra contrariedade ao comunismo na América Latina e,

especialmente, na região da Serra Gaúcha, *a priori*, quer com as crônicas do *Jornal Correio Riograndense*, atingir o seu leitor por algo que o seduza através do jeito de falar do homem rural. Esse indivíduo absorve a linguagem gaúcha e caipira pelas histórias contidas nas crônicas com expressões faladas e o vocabulário, que se transformam em palavras escritas e encontradas nas diferentes narrativas de Zé Fernandes. Muitas são elas. Por exemplo, no contexto gaúcho, palavras como: abagualado (grosseiro, rude e inculto), abichornado (desanimado, triste e doente), chasque (convite, aviso e carta), china ou chinoca (mulher campeira que apresenta certos caracteres étnicos das mulheres indígenas), guri (menino), guaipeca (cão pequeno e viralata) e guaiaca (cinto com bolsos feito de couro usado na pilcha). Já no linguajar caipira, palavras como: biboca (casa pobre, escondida e de palha), chamego (agrado, sedução e paixão), pingüço (pessoa bêbada), riscar da faca (puxar a faca rapidamente), salgar o galo (primeira bebida alcoólica tomada no dia) e tantas outras expressões.

Zé Fernandes utiliza-se da linguagem e transcreve suas histórias como meio de atrair o leitor. Mas a evangelização aparece em inúmeros momentos, pois os assuntos também envolvem questões religiosas. O frade capuchinho, que se apresenta com um pseudônimo, não quer somente utilizar a linguagem como forma de aproximação e até boa relação com o leitor, mas, acima de tudo, levá-lo a adotar a defesa dos ideais da Igreja Católica Apostólica Romana, que acredita que o comunismo não pode estar entre as comunidades gaúchas e brasileiras. Se buscarmos na teologia uma relação baseada na questão da fé cristã, Cristo inseriu-se também na história humana falando aos homens e mulheres de seu tempo com linguagem própria, entretanto, respeitando os seus valores e as suas tradições, atento ao desenrolar dos acontecimentos da época. Ao se focar sobre a análise das crônicas de Zé Fernandes envolvendo a linguagem gaúcha e caipira no processo de evangelização da Igreja contra o comunismo, vê-se que, através desse caminho o próprio jornal tem com suas reportagens, crônicas e opiniões, o objetivo de evangelizar através do anúncio da vida e da mensagem de Jesus, de sua ressurreição e de sua promessa da vinda do Reino de Deus. Zé Fernandes anuncia em suas crônicas o que é o certo, o que é o correto do ponto de vista que assume.

Se a linguagem gaúcha e caipira adotada por Zé Fernandes pede a contrariedade ao comunismo e se os leitores do semanário gostam e aceitam essa opinião, muitas vezes até subliminar, o leitor, então, como católico, deve perceber que as narrativas também possuem um caráter evangelizador e sempre amplo. O leitor, que se identifica pela linguagem e escrita das narrativas, deverá seguir o que diz o jornal, sendo contrário ao comunismo. Entendido o que está no impresso, o leitor fará sua análise diante de outras questões bíblicas, pois as expressões contidas no *Correio Riograndense* reproduzem uma realidade construída de acordo com o

projeto de Deus: um mundo fundado no amor, na paz, na justiça. Nesse mundo as pessoas vivem como irmãos, têm a mesma opinião sobre os fatos e sabem seguir os caminhos traçados por Jesus Cristo. Portanto, tudo o que se encontra na seção Correspondência Caipira do *Correio Riograndense* pretende representar os valores cristãos presentes na bíblia, o livro santo para todos os católicos.

Então, o que Zé Fernandes quer é que todo o cristão católico que lê suas crônicas seja um evangelizador, assim como foram os apóstolos de Jesus. Entretanto, no caso do jornal, o cronista quer formar um leitor contrário a ideias comunistas. Se recordarmos da teologia cristã, o fato de o periódico ser um jornal católico fará com que as histórias de Zé Fernandes representem, acima de tudo, em conjunto com os leitores, a vivência e a escrita de narrativas do Sagrado (do proposto por Jesus Cristo). Por isso, é preciso estar do lado do que defende o jornal, cujos espaços são adequados para a expressão da fé por meio da linguagem, de ritos ou de símbolos cristãos.

Dessa forma, aceitar a linguagem caipira e gaúcha de Zé Fernandes é converter-se a traços culturais de um indivíduo ou de personagens construídos através das crônicas, os quais estão integrados a um dado grupo social ou à comunidade linguística de uma região. Eles são tocados por histórias e causos presentes nas páginas do *Correio Riograndense*, que é semanal e se torna habitual com a frequente leitura, principalmente nas colônias italianas. A mistura entre o italiano, o homem rural (visto no caipira brasileiro) e o gaúcho do campo ou campanha provoca uma mistura de diferentes caracterizações e costumes. São interpretações diretamente ligadas, também na visão de Herédia e Paviani (2003), a um ponto de partida comum, em que a língua e o jeito de viver, em particular, desenvolvem o traço notável de uma cultura. “Se essa premissa pode ser considerada como verdadeira por ter sido, investigada por muitos antropólogos, linguistas e filósofos, é de se supor que a língua e os estudos linguísticos sejam, de certo modo, expressões, representações ou construções dos valores de uma determinada cultura (HERÉDIA; PAVIANI, 2003, p. 81). Já para Hobsbawn (1998), a língua representa o mundo em que estamos e onde vivemos e, quando chegamos a essa constatação, sabemos que o mundo em que vivemos é representado pela linguagem. Dessa forma, essa linguagem nos permite fazer algumas avaliações que sejam distintas ou particulares do próprio mundo e seu entorno. Assim, é a partir da manifestação cultural em circunstâncias coletivas que nos autoidentificamos.

Entre a linguagem regional caipira e a gaúcha existem muitas diferenças. As crônicas escritas por Zé Fernandes demonstram e apresentam as variações linguísticas do Brasil. Portanto, elas são carregadas de riquezas, heranças culturais e representam, acima de tudo, a

identidade de uma região e seus integrantes. Cada população é caracterizada pela sua individualidade. São variações que sofrem influência de muitos fatores, pois “esse caráter individual da fala é responsável pela diversidade da língua: cada falante acaba utilizando-a de maneira peculiar, de modo que a forma utilizada por um falante individualmente é diferente da utilizada pelos demais” (TERRA, 2008, p. 84). As falas podem ser diferentes, mas o texto sempre tem suas finalidades. Por isso, durante décadas, os assuntos abordados por Zé Fernandes, especialmente a luta contra o comunismo, chamaram a atenção dos leitores também pelos posicionamentos da Igreja Católica no Brasil.

Assim, no período de 1945 a 1964, mesmo que estivesse atenuado em certos setores da Igreja, o anticomunismo continuava bastante presente. Também persistiriam as críticas ao laicismo e à secularização e o desejo de restaurar os costumes cristãos, o que se depreende de fontes referentes ao Rio Grande do Sul (RODEGHERO, 1998, p. 53).

No texto coloquial e nas formas particulares da escrita de Zé Fernandes, estão identidades ou símbolos sagrados da fé cristã católica suscetíveis a diferentes interpretações. Porém, como explicado anteriormente, uma difusão cultural envolvendo a linguagem regionalista caipira e gaúcha rememora, por meio dos textos do cronista, a existência de Deus como uma espécie santificada do dever da justiça plena a ser seguido e na representação ideológica de um pensamento. Com uma linguagem regional do gaúcho e do caipira, Zé Fernandes captura o leitor para um contexto que é ideológico. “Se ele crê em Deus, ele vai à igreja assistir à missa, ele se ajoelha, reza, se confessa, faz penitência e, naturalmente, se arrepende e continua, etc.” (RODEGHERO, 1998, p. 90). Como unir a religião a um discurso anticomunista diante da leitura da seção Correspondência Caipira do *Correio Riograndense*? Buscando-se histórias e práticas convencionadas a uma linguagem regional caipira e gaúcha, que poderia envolver os leitores. A vida desses leitores está baseada no cotidiano simples e interiorano. Na compreensão dos regionalismos e sua identidade, o poder da caracterização individual de cada leitor está diretamente ligado à vivência diária de cada um: experiência amparada no trabalho, na família e na fé, marcas de uma caracterização fiel à identidade dos cenários e comunidades espalhadas, principalmente, pelo interior gaúcho e do sul do Brasil. Os regionalismos caipiras e gaúchos irão diferenciar as crônicas publicadas no semanário dos capuchinhos de outros jornais. Para os católicos, principalmente da região da Serra, o certo da vida a ser seguido como um bom cidadão e de valores estará nos espaços do periódico, especialmente, na seção Correspondência Caipira, de Zé Fernandes.

## 4.2 REGIONALISMO GAÚCHO

Quando se pensa em regionalismo no Rio Grande do Sul, especialmente na Campanha ou nos Campos de Cima da Serra, logo tem-se a construção da imagem daquele homem que vive no campo: o gaúcho ou o peão da lida campeira e dos trajes formados pela bota, a bombacha, a camisa com o lenço e o chapéu tapeado. Tais características são determinadas ainda pelo espaço diretamente influenciador na vida cotidiana de milhares de pessoas que vivem nessa região. Para Pozenato (2009, p. 19), o conceito de regionalismo, na literatura, por exemplo, é uma das muitas denominações impróprias e que acabam fazendo fortuna. Ele salienta que o regionalismo é, antes de tudo, um conceito de largo aspecto significativo, portador de ambiguidade. E o escritor vai mais longe quando afirma que o conceito também é vago, impreciso, sem estatuto literário definido.

O regionalismo gaúcho está presente nas crônicas de Zé Fernandes com a sua linguagem e crítica. Afinal, o regionalismo vivido na seção Correspondência Caipira do *Correio Riograndense* expressa referência ao homem do campo. E mais, contempla leitores descendentes de italianos que vivem em terras gaúchas. Como escrever para o imigrante italiano e esse homem do campo? Com o regionalismo, através das crônicas do tal Zé Fernandes, está a possibilidade de uma identificação maior com os leitores do *Jornal Correio Riograndense*, que se espelham na imagem do gaúcho.

O gaúcho no Rio Grande do Sul é o expoente do tipo regional. Figura à qual são atribuídas diversas características, originando-se de um estereótipo. Os primeiros 150 anos de existência das estâncias significaram, de acordo com Love (1975, p. 12), a grande era do gaúcho, cujo nome, no devido tempo, tornou-se sinônimo de rio-grandense.

Pelo fim do século XIX, sua roupa colorida compunha-se de um chapéu de aba larga; um lenço em volta do pescoço; botas de cano alto com pregas sanfonadas nos tornozelos; enormes esporas ruidosas, chamadas chilenas, calças largas e pesadas (bombachas) para proteger as pernas contra o cerrado; e um poncho de lã para protegê-lo contra as vicissitudes do tempo, especialmente o vento seco de inverno, conhecido como minuano. Seu cavalo, o pingo, quase fazia parte de sua pessoa, e sobre ele passava a maior das horas em que estava desperto (LOVE, 1975, p. 12).

O perfil do gaúcho é a representação do *Jornal Correio Riograndense*. Nessa região Sul do Brasil também está o imigrante italiano. Ele próprio passa a desenvolver e a incorporar a identidade do gaúcho do regionalismo. O imigrante inclusive adota a indumentária gaúcha, com o passar dos tempos, como vestimenta do dia a dia das colônias, além de outros hábitos como tomar o chimarrão. De acordo com Pozenato (2009, p. 19), o conceito de regionalismo

refere-se ora à representação de uma realidade regional numa obra literária, ora à intenção de realizar essa representação.

Chamar-se-á, pois, regionalismo aquela representação do regional que obedece a um programa, a uma vontade de fazer, a um projeto elaborado segundo as convenções e a ideologia do que se pode denominar um movimento literário. Não é outro, aliás, o sentido que se deve atribuir à palavra realismo, que não deve significar, pura e simplesmente, a representação do real, e sim a representação de determinado “real” (escolhido segundo pressupostos ideológicos) e de acordo com determinadas convenções (escolhidas segundo pressupostos estéticos ou estilísticos) (POZENATO, 2009, p. 19).

Sob o ponto de vista de Bittencourt (1999, p. 19), “a literatura do sul do país começou com o regionalismo por questões históricas, culturais e até mesmo geográficas” (BITTENCOURT, 1999, p. 19). De acordo com o autor, a figura do conhecido peão associada ao título de monarca das coxilhas é utilizada para representar as nossas origens culturais pelos escritores do Partenon Literário. Na visão de Bittencourt (1999), esse peão era uma figura indispensável entre os fazendeiros que precisavam dele não só para o trabalho, mas ainda para ser guerreiro para a manutenção das fronteiras.

Os contos do início do regionalismo gaúcho mostram uma democracia no campo, sem antagonismos, como se os escritores quisessem mostrar apenas as virtudes dos dois lados: fazendeiros e peões. Essa idealização e ufanismo exagerados cumpriam um fundo ideológico para se criar no imaginário popular do Rio Grande uma imagem de harmonia e unidade que interessava à classe dirigente, como forma de controlar as tensões sociais e também frente aos inimigos externos (BITTENCOURT, 1999, p. 23).

Na obra intitulada *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*, Maria Eunice Moreira também apresenta um contexto histórico apontando o início da literatura regionalista na fundação da sociedade Partenon Literário, de 1868. “Só se pode falar em literatura no Rio Grande do Sul a partir da década de setenta do século XIX com o grupo do Partenon Literário” (MOREIRA, 1982, p. 23). Dessa forma, segundo Cesar, os regionalistas rio-grandenses procuravam “explicando-se, explicar ao Brasil [...] uma aspiração de originalidade que desde a independência foi uma preocupação das elites nacionais (CESAR, 1971, p. 174-175).

Mas essa reivindicação em relação às identidades é uma constante, vista durante diferentes períodos e movimentos na própria literatura brasileira. Um deles, por exemplo, foi o surgimento do Romantismo, como momento literário, quando se começa a apresentar os tipos e cenas do interior do país, cujo objetivo é destacar a cultura nacional. A partir daquele momento, apresenta-se também o regionalismo nas letras. Nesse compasso, o período do

Naturalismo surge com a consolidação do regionalismo, quando Afonso Arinos (1868-1916) passa a ser considerado o principal nome do período, com a obra *Pelo sertão*. Ao seu lado, destaca-se, já no Pré-Modernismo, João Simões Lopes Neto, que, frequentemente, é apresentado como naturalista.

Gilda Bittencourt (1999) salienta a importância de João Simões Lopes Neto para o regionalismo gaúcho, o qual, segundo a autora, “reforçou o gosto pelos temas locais e o culto pelas raízes culturais e pelo patrimônio histórico” (BITTENCOURT, 1999, p. 23), e de Alcides Maya. Este último, de acordo com Masina (1986), apresenta em sua obra um verdadeiro pessimismo e ainda uma mentalidade descrente que viria tirar a “aura heroica do gaúcho despreparado para enfrentar as novas formas de vida advindas do progresso” (MASINA, 1986, p. 30).

Recorda-se, aqui, de algo muito significativo em se tratando de regionalismo: o Manifesto Regionalista de Gilberto Freire, de 1926, representando um ato de renovação em virtude da exaltação da cultura regional, que faz oposição às entradas das manifestações europeias. Chaves (2006) estabelece o Romantismo como iniciador do regionalismo na literatura brasileira, reconhecendo que a primeira abordagem regionalista veio de José de Alencar; depois, nomeia Euclides da Cunha, com *Os Sertões* e, a seguir, passa para o romance regionalista dos anos 30, que se apresentou com uma conotação social. Outros nomes são lembrados por Chaves, entre eles Rachel de Queiroz, com o *Sertão Agreste*, José Lins do Rego, com as obras do “ciclo da cana de açúcar”, e Cyro Martins, com as fazendas de um Brasil meridional.

Mas, durante anos, o regionalismo não foi considerado tão importante. Ele, de fato, esteve em segundo plano por boa parte da crítica. É claro que devemos recordar que a formação desse tipo de literatura esteve baseada em caracterizações exóticas e pitorescas das então regiões retratadas. Como mencionado, foi apenas na virada do século XIX para o XX que começaram a circular narrativas regionalistas com grande valor literário, sem serem apontadas como chavões e mesmo em armadilhas das primeiras tentativas. Mesmo a crítica iniciou a partir daí uma espécie de revisão do regionalismo, que parece ter atingido seu topo apenas com a chegada de Guimarães Rosa às letras nacionais. O atraso social, político e econômico presente nos textos também foi uma das razões para a literatura regionalista ser considerada secundária. Se o bom era copiar o que a Europa fazia, relatar os problemas das regiões mais longínquas e remotas do Brasil era demonstrar que o país não sofria apenas com atraso; porém, de certa forma, o exaltava, diante da pureza que alguns escritores reivindicavam para a literatura nacional, ou seja, uma literatura sem a influência do que chegava de fora, do exterior, do

estrangeiro. O que estava sempre em jogo era uma discussão sobre a identidade nacional, ou seja, como expressar essa identidade de forma mais realista e fiel. Por isso, inúmeras rixas entre autores podem ter prejudicado a imagem já frágil da literatura regionalista. O advogado, jornalista e romancista Franklin Távora defendeu o que chamava uma literatura do Norte, em oposição à literatura do Sul. Távora (2002) escreve no prefácio do romance *Cabeleira*, original de 1876, uma grande defesa pela sua terra.

As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra. A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro. A feição primitiva, unicamente modificada pela cultura que as raças, as índoles, e os costumes recebem dos tempos ou do progresso, pode-se afirmar que ainda se conserva ali em sua pureza, em sua genuína expressão (TÁVORA, 2002, p. 13).

Outra pesquisadora que contribui trazendo apontamentos diante do contexto regionalista gaúcho na literatura é Regina Zilberman. De acordo com a autora, o caminho do regionalismo nas letras, especialmente, vai da década de 1870 até o início do Modernismo, quando faz uma trégua e retorna com o Romance de 30. Ainda segundo ela, dentro desse andamento, “essa tendência parte do período romântico, por meio da glorificação do herói; passa pelo período naturalista, de assimilação – ou não – da industrialização, com o surgimento na literatura de denúncia dos problemas como clima, os latifúndios e os males sociais” (ZILBERMAN, 1980, p.3 5), e chega a um segundo período modernista, na década de 1930, com a temática social de Cyro Martins, entre outros. Também para Zilberman (1980, p. 36), os iniciadores da literatura sulina são os membros do Partenon Literário, que ela chama de “inclinação localista”. Dentre eles, o posto de primeiro lugar, segundo a pesquisadora, fica para o escritor e jornalista José Antônio do Vale Caldre e Fião, considerado um dos patriarcas da literatura gaúcha.

Nas características do regionalismo gaúcho acontece a exaltação de um povo, a valorização da terra e do solo, além da glamorização de uma identidade particular em sobreposição a outra, firmada sobretudo sobre a coragem do gaúcho. Das narrativas, surge o destaque para as histórias de enfrentamento diante de conflitos e guerras. O homem do campo pode dar lugar à morte como bravura daquele que luta até o fim de tudo, até o fim da vida se for necessário. O gaúcho vencedor é o herói que marca a história. Marobin (1985, p. 21) declara como forte característica do regionalismo gaúcho “a grandiosidade das recordações históricas, [...], das missões, das tradições, dos farrapos, das lutas de fronteira, das batalhas e bravura dos heróis gaúchos”. No regionalismo gaúcho existe, na percepção do autor, a criação de

personagens históricos que dominam a narrativa de romances ou, então, são a fonte de inspiração para outros tipos de obras literárias, como Marobin (1985, p. 24) explica: “numa espécie de radiografia da história do Rio Grande do Sul, aparecem como que emergindo de tempos imemoriais, personagens, heróis, acontecimentos e batalhas. Não há divisão nítida entre o real e a fantasia, entre o passado, presente e o futuro”.

O domínio do inimigo é uma questão de honra. No regionalismo, estão presentes as figuras vivas e ficcionais, que surgem de maneira clara, de acordo com Marobin (1985, p. 24): “o universal e regional, o Pampa, o gaúcho, o cavalo, o herói fantástico, o centauro das coxilhas, o monarca altaneiro em campo aberto. É nova maneira de fazer literatura e história ao mesmo tempo.” Das características do regionalismo gaúcho, surgem as mudanças espaciais que variam da Região da Serra à Região da Campanha. Diante da mudança das regiões gaúchas e do contexto nacional, Zilberman (1985) salienta a própria representação do gaúcho em muitas obras literárias ao longo dos anos, também passando por transformações.

O Regionalismo [...] não se desvinculou das transformações estéticas, estilísticas e temáticas por que passou a literatura nacional ao longo de todo este tempo. De modo que o Regionalismo converteu-se num híbrido [...]. Este mesmo hibridismo está presente na imagem do gaúcho (ZILBERMAN, 1985, p. 21-22).

Vive-se e recorda-se, em jornais como o *Correio Riograndense*, a eternização do caráter imaginário daquele que vive no Pampa e que manifesta, acima de tudo, seus códigos culturais através da música, da gastronomia e das festividades. Reflete-se a vida interiorana, do tirar o leite, do trato com o gado, do estancieiro, do cancionista e charqueador da campanha gaúcha. Existe uma relação direta entre os movimentos migratórios, que evidenciam particularidades e que expressam a importância dos processos de colonização e de formação territorial do extremo sul do Brasil. Nesse espaço, concretiza-se o encontro de gaúchos e italianos que depois passam a ser italianos-gaúchos, assim como é descrito no livro *Nós, os Ítalo-Gaúchos*, coordenado pelo historiador Mário Maestri. De acordo com esse autor, os italianos que chegam ao Rio Grande do Sul em 1875, sobretudo, preservam a identidade de italiano para distinguir-se das demais etnias, pois entre si se reconheciam como oriundos de uma cidade e, às vezes, nem tanto amistosamente. Entretanto, conforme Maestri (1998), os italianos vão observando e aprendendo os modos da casa e do viver na Região da Serra Gaúcha. Isso significa que os italianos vão aprendendo a ficar gaúchos iguais aos outros. Porém, na visão do autor, os próprios italianos gostariam de ser vistos simplesmente como gaúchos no sentido de ser, viver e construir sem trauma o crescimento de uma região, estado e país.

Tratar o Rio Grande do Sul como a “terra dos gaúchos” é trazer o campo como local

de resgate e costumes regionalistas, referência da paisagem característica do Pampa. As grandes extensões de campo estão cobertas de pastagens que servem de alimento ao gado. A lida campeira do peão a cavalo é dividida com o churrasco e a roda frequente do chimarrão. Porém, o gaúcho não toma somente o chimarrão, mas também o vinho colonial da Serra. Um fogo de chão para esquentar as noites frias do Pampa é também o que aquece o gaúcho para o trabalho contínuo no campo e na Serra. Mas esse homem, no contexto desta tese, é o gaúcho que mora na colônia italiana. Nesse espaço, ele se encontra e vive alicerçado nos costumes ligados à sua origem e adaptados a uma nova cultura que é a gaúcha. Esses são códigos culturais identificadores que ainda apresentam a bombacha, tradicional vestimenta do gaúcho, como simbologia dos dias de lida campeira e das festividades comemorativas.

De acordo com Leite (1978, p. 37), “a visão otimista do gaúcho do presente, segundo o qual ele conserva suas características essenciais apesar das transformações, tende a generalizar os atributos do homem da zona pecuária a todo rio-grandense, embora persista a idealização da vida rural”. Esses são significados que dão razão a um ato simbólico da história do gaúcho e a um desafio: o domínio do espaço pela busca da propagação da cultura gaúcha. Ser gaúcho parece não apenas preservar uma identidade, mas levá-la “além-fronteiras” com a preservação de um ideal, vencedor em confrontos diante de diferentes realidades da história pela busca da exaltação de supostos valores do Rio Grande do Sul.

As discussões ao longo do tempo seguem debatendo o regionalismo na literatura. Em 1954, Antonio Candido publica no jornal *O Estado de São Paulo* o texto intitulado *Aspectos sociais da literatura em São Paulo*, provocando grande discussão durante o IV Centenário da Cidade de São Paulo. A literatura na evolução de uma comunidade é a base do texto que deixa um tom de provocação a qualquer brasileiro, em especial, para quem não é paulista. Candido deixa praticamente implícito que seu foco não é o regionalismo, mas suas primeiras frases dão a entender que estão relacionadas com o assunto. “Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados [...]” (CANDIDO, 2002, p. 139).

Zé Fernandes pretende, a partir dos seus objetivos propostos nas crônicas, levar também aos leitores a oportunidade de se fazer uma análise regional do que está acontecendo, uma vez que esse julgamento atinge e engloba todos os aspectos humanos e suas relações. O cronista quer manter a presença forte do *Jornal Correio Riograndense* nos lares das famílias gaúchas. Zé Fernandes, utilizando-se de um texto convincente pelas suas crônicas, quer que, de maneira especial, o semanário seja especialmente uma referência jornalística e literária para a região da Serra Gaúcha. Assim, ele precisa que o pensamento exposto em suas crônicas seja

definitivamente o pensamento de uma região. Por isso, o significado de região é importante no momento em que o jornalismo de opinião fala para uma ou mais regiões. Bezzi (2002, p. 55) argumenta e propõe entender a região como “um recorte espacial (subespaço) dinâmico, que se estrutura e se reestrutura em um determinado tempo, considerando as transformações ambientais, históricas, sociais, políticas e culturais nele engendradas”, formalizando aqui a complexidade da questão regional, uma vez que ela aproxima os diversos fatores responsáveis pela organização do espaço e que, por vezes, resultam em uma diversificada pluralidade de formas e funções, o que materializa e origina os recortes regionais.

#### 4.2.1 Simões Lopes Neto e Blau Nunes

O gaúcho tem presença marcante na literatura. Simões Lopes Neto, natural de Pelotas, apresenta em *Contos Gauchescos* (1912) o mundo ficcional que exhibe a figura do gaúcho como um elemento fundamental. Nele estão embutidos valores que são considerados primordiais para a constituição de uma identidade formadora daqueles que vivem e habitam na região Sul do Brasil. De acordo com Chaves (1994), Simões Lopes Neto é considerado um autodidata e produz uma obra imponente que talvez seu tempo não pudera compreender. Ele destaca que a obra do escritor gaúcho escapou ao tempo presente do próprio autor. Era um legado para o futuro. Faleceu em 1916 e tinha publicado somente três obras, sendo a primeira a única com mais de uma edição: *O Cancioneiro guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913). “Não se sabe de nenhum escritor digno deste nome que tenha morrido com menos pompa literária” (VELLINHO, 1969, p. 90). Vellinho (1969) ainda acrescenta que Simões é o responsável por antecipar a colaboração gaúcha para a revolução das letras brasileiras de 1922, quando se manifestou, naquela oportunidade, o desejo de integrar a literatura brasileira com a sua origem e as demais culturas através de uma nacionalidade com uma roupagem diferente da pregada pelos românticos. Simões, segundo Vellinho (1969), passava para a literatura uma expressão legítima de uma região muito particular, totalmente diferente do romantismo, em que isso acontecia sem idealização e, ainda, sem falsificação. A simplicidade das personagens de Simões Lopes Neto, como a do narrador, que se envolve na narrativa, faz com que o leitor imagine que ele esteve mesmo lá, separando o regionalismo do romantismo e este da sua obra *Contos Gauchescos*.

Em relação a *Contos Gauchescos*, Ramos e Arendt (2003) afirmam que o caráter local torna-se uma barreira para sua exposição no cenário nacional.

No caso de Simões Lopes Neto, especialmente em relação à obra *Contos gauchescos*, publicada em 1912, o caráter local torna-se, em princípio, um empecilho para a sua divulgação, posto que a representação dos valores e da linguagem gaúchos desqualifica a obra. Mais tarde, porém, com o reconhecimento do livro pela crítica gaúcha e brasileira, tais defeitos transformam-se em qualidades que justificam sua inserção no circuito literário. Somente na década de 40 nasce a obra, em virtude de que há leitores capazes de compreendê-la (RAMOS; ARENDT, 2003, p. 88).

A obra de Simões Lopes Neto apresenta uma linguagem regional, da forma de falar de quem vive nos Pampas, a literatura que eleva a figura do gaúcho, de personagem com diferentes formas, a um verdadeiro mito. Existem evidências nesse sentido, com necessidades de se elevar o gaúcho a uma representação coletiva quando o seu passado é, de fato, um tempo heroico e grandioso. Entretanto, há um outro lado: o que não considera o gaúcho um mito pela heroicidade, mas pela vida do dia a dia do homem comum do campo, que também vive na estância. Simões Lopes Neto justamente identifica o gaúcho como esse homem comum do campo que lida com o gado. “A literatura gaúcha nunca perdeu de vista a representação da cor local, seja através de um regionalismo estrito, seja pela representação mais pura do regional, que se observa em Simões Lopes Neto” (POZENATO, 2009, p. 49).

No livro intitulado *Matéria e Invenção*, Chaves (1994) apresenta caracterizações que resumem o lutar de Simões Lopes Neto na literatura regionalista.

O discurso simoniano ultrapassa, portanto, o mero localismo pitoresco e, na sua abrangência, engloba a tradução de um código ético, o testemunho histórico, a revelação psicológica. No fundo de tudo isto reside o substrato folclórico, a utilização literária da fala dialetal, sempre confrontando o homem e a natureza, infundindo uma qualidade simbólica ao mundo imaginário. No resultado final encontramos um desses raros momentos em que o regionalismo brasileiro se desprende do simples documentário para beirar o território do mito (CHAVES, 1994, p. 16).

Homem das letras e das atividades ligadas à escrita, Simões Lopes Neto apresenta em seus textos, segundo Fischer, o gosto e a tendência para produzir obras relacionadas a esse universo, ou seja, “um sujeito de espírito jornalístico e verve literária” (FISCHER, 1998, p. 14). Nesse sentido, impressiona o quanto Simões desenvolve e mantém um caráter documental e cronístico de seus contos, sem deixar de lado a qualidade ficcional, que é conclusiva.

Assumindo que o personagem Blau Nunes tem a idade que o texto lhe atribui, ele deve ter nascido por volta de 1820 e vivido até os primeiros dez anos do século 20. Isso o posiciona num percurso histórico de particular relevância a respeito do sul do país: teria ele, assim, visto ao vivo os primeiros anos da Independência, a Guerra da Cisplatina (1825-28), a Guerra dos Farrapos (1835-45), as turbulências das guerras contra Rosas e Oribe (1851-2), a Guerra do Paraguai (1865-70) e ainda os vários movimentos políticos e militares da instauração da República (1889), os quais, no Rio Grande do Sul, levaram a uma guerra civil conhecida como a Revolução de 93 (1893-5) (FISCHER, 1998, p. 17).

“Patrício, apresento-te Blau, o vaqueiro” (LOPES NETO, 1983, p. 05). Essa é a primeira frase que inicia o livro *Contos Gauchescos*. O autor introduz Blau, o narrador que vai contar os tantos casos por ele vividos ou presenciados. Blau descreve situações pelas quais passam, mesmo que pequenas, os homens do Rio Grande. Ele rememora um passado, mas personifica a possibilidade da figura do homem do Sul ter uma voz presente e ativa. De acordo com Fischer (1998), Simões Lopes Neto “realizou uma pequena revolução no arranjo de sua narrativa” (FISCHER, 1998, p. 08). Fischer relaciona o fato à autonomia dada ao narrador dos *Contos Gauchescos*, Blau Nunes, o que passa a tornar a obra quase uma contação de história. Segundo Fischer, é dada a voz a um campeiro, antes só objeto da literatura, pois, “ao contrário de todos os que já haviam tentado o milagre, o autor de *Contos Gauchescos* descobriu que não bastava falar sobre o gaúcho: era preciso que ele próprio tivesse voz” (FISCHER, 1998, p. 14). Assim como Blau, Zé Fernandes, em suas crônicas no *Correio Riograndense*, quer dar voz a esse jeito do ‘falar do gaúcho’, dando-lhe significado ativo através da linguagem regionalista. Entretanto, como salienta Ramos e Arendt (2003), há, porém, uma vertente de prosadores que se centra nos matizes do meio em que vive. Essa maestria, na visão dos autores, quem mais constrói é Simões Lopes Neto.

Na literatura gaúcha, quem primeiro constrói tal proposta com maestria é Simões Lopes Neto, ao apresentar a sociedade sulina com contos peculiares, no cenário ficcional, posto que das personagens sobressaem traços dos povoadores do solo sul-riograndense. No entanto, os críticos gaúchos não gostam da caracterização realizada pelo escritor e muitas críticas depreciativas surgem, colocando sua obra num arcabouço de textos que devem ser apagados da memória, em virtude de que revelam aspectos a serem esquecidos. O padrão de gaúcho, destacado por Simões, opõe-se ao modelo romântico ainda em voga no começo do século XX (RAMOS; ARENDT, 2003, p. 89).

Em relação a essa linguagem regionalista, a mesma defendida também no *Correio Riograndense* por Zé Fernandes, Pozenato (2009) acrescenta que “Blau Nunes é sua linguagem, é sua fala. Ele não é narrado por outrem, não é visto de fora. Não tem narrador, tem apenas ouvinte. O mundo começa a existir quando ele começa a falar. Sua voz vem das origens, antes dele nada existe.” (POZENATO, 2009, p. 65). As crônicas de Zé Fernandes contribuem para fabricar a voz do gaúcho dos Pampas, assim como Blau Nunes de *Contos Gauchescos*. A própria palavra escrita na Seção Correspondência Caipira também eleva a atração do gaúcho pela leitura do cotidiano e dos significados da vida pampeana.

O mundo presente na fala de Blau é exatamente o mundo do gaúcho. Pode-se mencionar alguns meios, como a violência, o espaço e o tempo, que propiciam ao leitor de Simões Lopes Neto o contato direto com a realidade gaúcha. A violência, por exemplo, é um dos principais

traços que distinguem o mundo do gaúcho. São nas planícies sulinas que acontecem as relações uns com os outros e com um outro lado externo através das conquistas e lutas, das *peleas*.

Conforme Pozenato (2009), nos contos que giram em torno do relato de Blau Nunes, o velho gaúcho vaqueano de 88 anos, que serve como narrador para Simões Lopes Neto, significa primordialmente ‘o vaqueano’ e a compreensão do modo de ser de sua obra. Pozenato (2009) acrescenta que a linguagem passa a ser o fator central de elaboração do mundo.

Seja que fale das coisas, seja de fatos, acontecidos com ele ou não, é sempre Blau Nunes, com o seu mundo, que vem ao primeiro plano da narração. O autor desaparece diante dessa figura que fala: torna-se simples e humildemente um rapsodo, alguém que deixa passar o dito de outro, que é o verdadeiro poeta, o criador da realidade. O papel essencial atribuído à palavra é que lhe confere estranheza e poder criador. Blau Nunes é sua linguagem, é sua fala. Ele não é narrado por outrem, não é visto de fora. Não tem narrador, tem apenas ouvinte. Sua voz vem das origens, antes dele nada existe (POZENATO, 2009, p. 65).

É por meio da linguagem regional gaúcha que Zé Fernandes explora, em suas crônicas, um fator central para a elaboração de mundo de muitos de seus leitores. Há por trás da linguagem a essência de um leitor que acompanha o *Correio Riograndense* porque se identifica com o diálogo gauchesco entre os personagens que dão vida às narrativas. Embora esteja inserida ainda a linguagem regional caipira nos textos, tudo leva a entender que Zé Fernandes constrói a imagem do ‘mito vivido nos campos – o gaúcho’, como forma de representação heroica e vencedora diante das dificuldades encontradas. Ser gaúcho significa enfrentar todas as problemáticas com muita força e ideal. A vida cotidiana parece algo da essência do gaúcho e, por isso, está presente nas crônicas, elevando a uma opinião a defesa desse homem, que até pode falar errado o português, mas não se deixa levar por qualquer outra opinião. Zé Fernandes dá poder ao linguajar gaudério escrito nas páginas do semanário. Ele dá poder ao gaúcho e relevância a suas opiniões.

Na obra de Simões Lopes Neto, o que Blau Nunes faz, como diria Pozenato (2009, p. 67), “é depoimento, não comentário. Melhor dito, seu discurso é de denominação, não de definição: isto é, ele nomeia as coisas que diz, não as conceitua.” É importante dizer que as leituras das crônicas de Zé Fernandes parecem intensificar esse mesmo objetivo presente, por exemplo, no conto “Correr eguada”, da obra *Contos Gauchescos*. Existe uma identificação muito próxima desse contar e utilizar a linguagem regional gaúcha. “Se vancê fosse daquele tempo, eu calava-me, porque não lhe contaria novidade, mas vancê é um guri, perto de mim, que podia ser seu avô... Pois escuite” (LOPES NETO, 1983, p. 49).

Podemos acrescentar que Blau é uma dessas raras personagens gaúchas que

permanecem na lembrança dos leitores por muitos e muitos anos. Shelee (2000, p. 11) afirma que Blau “é o primeiro gaúcho de verdade na literatura brasileira” (SHELEE, 2000, p. 11). No conto, é importante que se diga que Blau não é o único personagem insistente a estar nas páginas de *Contos Gauchescos*. Fischer (1998) recorda e chama nossa atenção de que, ao lado do narrador, existe um interlocutor que apresenta Blau na abertura da obra, sendo que ele reaparece em vários contos e parece ser alguém de idade mais avançada que o narrador e que não vive no Pampa. Esse interlocutor é lembrado como “patrãozinho”, pois Blau define suas máximas – que ele anota a lápis – e, como descrito, acompanha o narrador em suas perambulações, interessado pelo universo campeiro gaúcho.

Diante da presença da figura do gaúcho na literatura de *Contos Gauchescos* e mesmo nas crônicas de Zé Fernandes, escritas numa linguagem regional gaúcha, fica registrada a marca desse “taura da campanha”. Existe uma hierarquia das regras envolvendo o gaúcho com situações de bem ou de fazer o bem com um valor que é também considerado “de honra do gaúcho”, que é ter a coragem de enfrentar qualquer obstáculo ou situação. Não é permitido abandonar o centro da discussão e sair em disparada, uma vez que o gaúcho deve enfrentá-lo no campo, na batalha e na opinião. Os textos e crônicas também têm opinião. Estar à frente implica inúmeras virtudes ao gaúcho, sejam elas físicas ou mesmo morais. O gaúcho não tem medo nem das ameaças da guerra na literatura nem nos textos dos jornais. Segundo Pozenato (2009, p. 71), “Blau Nunes traz das origens as regras do fazer, é um ethos que se impõe a seu ouvinte com o já referido prestígio mítico da situação originária. E é em função desse fazer que são também valorizadas as coisas”. E é por tudo isso, afirma Pozenato (2009), da valorização dos objetos a serviço do homem, que tudo o que se liga ao fazer é algo sagrado.

Das histórias presentes nos *Contos Gauchescos* de Simões Lopes Neto, na voz de Blau Nunes, nasce a propagação do ideal do gaúcho. “Simões Lopes é o caso limite de uma tradição ou cultura que se encarna em uma sensibilidade riquíssima sem perder nem desfigurar (ao contrário, sublinhando) seus traços específicos. É um exemplo mais feliz de prosa regionalista no Brasil antes do Modernismo” (BOSI, 2006, p. 214).

Simões Lopes Neto apresenta um jeito de vida e de falar que se confunde com a vivência interiorana do homem do campo. Zé Fernandes, por sua vez, também explora a linguagem do gaúcho e se comunica com esse homem do Pampa. Da linguagem retira uma forma de estar conectado com o jeito do falar e do viver do leitor de um jornal semanário que atinge essas famílias interioranas. Quem acompanha o *Correio Riograndense* identifica-se também como um gaúcho de fato. O espaço ficcional da literatura ultrapassa fronteiras para conhecer a realidade da vivência do gaúcho, onde ele está inserido. Na crônica de Zé Fernandes,

essa vivência do gaúcho será presença efetiva em defesa de ideais e lutas por meio de uma linguagem regional, a qual está muito presente nos ranchos e comunidades onde o homem do campo está fixado. A linguagem gaúcha/regionalista das crônicas de Zé Fernandes fala para o homem do Pampa que vive na Serra, cuja identificação favorece a compreensão de uma mensagem anticomunismo.

#### 4.3 REGIONALISMO CAIPIRA

É mediante os estudos acadêmicos sobre a obra *Os parceiros do Rio Bonito*<sup>13</sup> que Antonio Candido vai afirmar que o termo “caipira” é um tipo de vida, um modo de cultura proveniente de grupos sociais herdeiros da expansão bandeirante dos séculos XVII e XVIII, a partir da província de São Paulo. Candido faz uma nova interpretação da palavra “caipira”, a qual difere do “caboclo”, que seria uma mistura de raças, ou, então, o “sertanejo”, que, na visão de Euclides da Cunha em *Os Sertões*, passou a ser nomeado como o homem do interior nordestino.

Ainda no quinto capítulo de *Os parceiros do Rio Bonito*, Candido também faz uma análise sobre o homem caipira, o seu significado e sua representação literária. Aqui, o escritor e crítico parece assumir o lugar de sociólogo. “Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, o caipira se apegou a elas como expressão de sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade” (CANDIDO, 2001, p. 107).

O que se pode afirmar é que, no regionalismo classificado como caipira, um dos mais peculiares do Brasil, ‘o caipira’ tende a representar um dos mais identificáveis e reconhecíveis padrões culturais. Candido (2001) afirma que o caipira sempre esteve fechado para outras culturas ou representações externas, integrando uma cultura extremamente original com suas representações que, assim apresentadas, parecem transformar o caipira ou homem rural e do campo como em uma verdadeira caricatura. Trata-se de um retrato desse homem que, de forma positiva, conseguiu captar essa essência do homem interiorano, de hábitos particulares, com um universo em especial ligado a fortes sentimentos junto à terra em que vive. Entretanto, toda a caricatura também pode ser considerada um exagero, lembrando que, mesmo assim, e utilizando-se dessa ideia, o lado da vida cotidiana de Jeca Tatu fez com que a obra de Monteiro Lobato se transformasse num verdadeiro sucesso editorial. Candido (2001) expressa a dificuldade de a cultura do caipira deixar-se influenciar e ainda flexionar.

---

<sup>13</sup> CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 7. ed., 1987.

[...] a cultura do caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso: a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social, que a alteração destes provoca a derrocada das formas de cultura por eles condicionada. Daí o fato de encontrarmos nela uma continuidade impressionante: uma sobrevivência das formas essenciais, sob transformações de superfície, que não atingem o cerne senão quando a árvore já foi derrubada – e o caipira deixou de o ser (CANDIDO, 2001, p. 107-108).

É também no período histórico de estudo desta tese (1945-1955) que Candido faz uma importante relação do caipira com a história do Brasil e do próprio regionalismo caipira. Segundo o escritor e crítico literário, naquele período observa-se o desnível econômico do caipira, que acabou por acentuar-se principalmente na década de 50, quando a industrialização, a diferenciação agrícola, a extensão do crédito e a abertura do mercado interno ocasionaram uma nova e mais profunda revolução na estrutura social de São Paulo. O caipira vai procurar os grandes centros, e São Paulo é um deles: a grande metrópole. Nesse mesmo caminho, a modernização dos meios de comunicação, o aumento demográfico e a generalização das necessidades complementares fazem com que se aproximem os “homens do campo e da cidade, sitiantes e fazendeiros, assalariados agrícolas e operários” (CANDIDO, 2001, p. 279-280). Apesar da busca pela sobrevivência em uma grande metrópole, o regionalismo caipira segue com cada “caipira” que ultrapassa barreiras e fronteiras geográficas, sem perder as características daquele homem do campo que adota a cidade com sua linguagem e jeito de viver. Entretanto, seu diálogo e opinião já não têm o mesmo poder, sendo uma voz menos ouvida.

De fato, a situação atual é a do caipira entregue aos seus miseráveis recursos, adaptando-se penosamente a uma situação nova e vertiginosa de mudança, por meio de técnicas materiais e sociais que tinham sido elaboradas para uma situação geral desaparecida. Encarada deste ponto de vista, dentro do processo de urbanização e industrialização, a regressão adaptativa, possibilita pela latência cultural, exprime uma situação da mais revoltante iniquidade (CANDIDO, 2001, p. 280).

Diante de um contexto social e mesmo visto na própria literatura, é válido dizer que o caipira está presente no coletivo imaginário do brasileiro. Essa procura é encontrada em diferentes imagens e textos da própria cultura popular do país. Caipira pode aparecer como sinônimo de uma pessoa com um comportamento rústico ou exagerado, malvestido e com calças rasgadas e de linho, desajeitado ou brega; ainda, aquele que possui o chapéu de palha, veste a camisa xadrez e anda de modo desengonçado, ou seja, uma figura fora dos padrões do homem da cidade. “Se o seu lugar de vida é o contrário do da cidade e o seu trabalho é invisível por ser o oposto ao da cidade, o seu modo de ser e a cultura são o oposto do que a cidade considera civilização, civilizado” (BRANDÃO, 1983, p. 12). Está sobre o caipira, muitas vezes,

o tom pejorativo agregado à palavra e à linguagem regional caipira, que se manifestam com intensidade na fala e na escrita.

Esse caipira de fala cotidiana e, por vezes, sem instrução ou trato social, está personificado naquela pessoa que também é tímida e “sem voz” perante a sociedade. Nesse sentido, acrescenta-se à linguagem regional caipira uma caracterização, em particular, os sinais de ausência de uma pedagogia linguística. Muitas variações do próprio dialeto caipira aparecem em livros, representando inúmeras variedades da língua falada. Por vezes, essa imersão em comunidade, do então dialeto caipira, é abordada de forma caricata, sendo diferente até mesmo de uma variedade do português considerado “rural”. Segundo Faraco (2008, p. 178):

Parece que não há livro didático hoje que não tenha uma tira do Chico Bento – que, diga-se de passagem – está muito longe de representar, de fato, uma variedade do português rural. É antes uma elaboração estereotipada de um falar rural. Cabe, então, perguntar quanto uma representação estereotipada de um certo falar contribui para a compreensão da variação linguística (FARACO, 2008, p. 178).

No entanto, é preciso recordar que especialmente os meios de comunicação, nas últimas décadas, têm corroborado e dado atenção a essas representações do falar caipira, e, em muitas situações, incentivado o uso de suas expressões e vocabulários. A própria literatura, como já visto anteriormente, tem revelado, através de diferentes períodos, o quanto existe de importante nessa relação do caipira em contos, crônicas e textos literários.

O regionalismo caipira apresenta o homem rural e do interior das cidades. São modos de vida daquele que opta por viver no interior de um Brasil, ou mais precisamente, naquele espaço em que está localizado nas regiões rurais e interioranas do Estado de São Paulo e zonas de fronteira, como o sudoeste do Mato Grosso do Sul, sul de Minas Gerais e sul de Goiás. Ao se observar a maioria dos dicionários da língua portuguesa, encontra-se um vocabulário significativo que diz respeito ao habitante do interior, particularmente do estado paulista, e que pode receber variações distintas conforme a região brasileira.

Nome com que se designa o habitante do campo – Sul (sinôn.: araruama, babacuara, babeco, baiano, baicuara, beira-corgo, beiradeiro, biriba ou biriva, botocado, bruaqueiro, caapora, caboclo, caburé, cafumango, caiçara, cambembe, camisaão, canguai, canguru, capa-bode, capiau, capicongo, capuava, capurreiro, casaca, casacudo, casca-grossa, catatua, catimbó, catrumano, chapadeiro, curau, curumba, groteiro, guasca, jeca, mambira, mandi ou mandim, mandioqueiro, mano-juca, maratimba, mateiro, matuto, mixanga, mcorongo, moqueta, mucufo, muxuango ou mixuango, pé-duro, pé-no-chão, pioca, piraguara ou piraquara, queijeiro, restingueiro, roceiro, saquarema, sertanejo, sitiano, tabaréu, tapiocano, urumbeba ou urumbeva) (BARROSO et al., 1949, p. 214).

Entre os autores que se destacam no regionalismo caipira está o jornalista, poeta e folclorista Cornélio Pires (1884 – 1958). Em 1910, ele publica seu primeiro livro regionalista, intitulado *Musa Caipira*. A obra foi muito bem aceita pela crítica da época, além do próprio público leitor. O livro traz um subtítulo contendo algumas produções em dialeto paulista. Cornélio dedica ao primo e folclorista Amadeu Amaral seu primeiro ensaio, pois ele foi um dos grandes incentivadores para que o jornalista se lançasse como poeta e escritor. De acordo com a crítica, Cornélio Pires foi o mais autêntico cultor da poesia dialetal do homem da roça. Entre os seus poemas, está o clássico da literatura regionalista e, especialmente, da poesia dialetal - *Ideal de Caboclo* (PIRES, 1985).

Aí, seu moço, eu só queria  
 pra minha filicidade  
 um bão fandango por dia,  
 e um pala de qualidade.  
 Pórva, espingarda e cutia,  
 um facão fala-verdade  
 e ua viola de harmonia  
 pra chorá minha sódade.  
 Um rancho na bêra d'agua,  
 vara anzó, poça mágoa,  
 pinga boa e bão café...  
 Fumo forte de sobejo...  
 pra compretá meu desejo, cavalo bão – e muié!  
 (PIRES, 1985, p. 39).

Mas um ano antes, Cornélio já publicara o seu primeiro soneto no gênero dialetal, intitulado *A Origem do Homem* (PIRES, 1985).

- O senhor por acaso descende  
 dos bugres que moravam aqui?  
 - Hom'eu num sei dizê, vancê comprende  
 que essa gente inté hoje nunca vi.  
 Mais porém o Bernado dis-que intende  
 Que os morado antigo do Brasi  
 gerava de macaco!... Inté me offende  
 vê um véio cumo elle, ansim, minti.  
 D'dotra feita um cabocro – ahi um caiçara –  
 dis-que nascium de dois e inté de treis,  
 quano estralava um gommo de taquara!  
 Nós num temo parente purtugueis,  
 nem mico, nem cuaty, nem capivara...  
 semo fio de Deus cumo vanceis!  
 (PIRES, 1985, p. 63).

A publicação de *A Origem do Homem* foi realizada no então jornal *O Tietê*, terra natal de Cornélio Pires, Tietê (SP). Com boa repercussão, Cornélio resolveu prosseguir, fazendo no verso o que Valdomiro Silveira (1909-1941) fazia na prosa, ou seja, um regionalismo autêntico

em linguagem cabocla. Silveira publica em jornais e revistas, a partir de 1894, seus contos regionais em dialeto caipira. É um apaixonado pelo interior paulista. Procura a convivência dos caboclos, tentando observar os costumes de cada um e sua linguagem. É o autor do livro de contos *Os caboclos* (1920), obra na qual retrata os costumes, as cenas e a fala típica do homem rural paulistano. Muitos críticos o consideram o fundador da linguagem regional. Ele também escreve: *Nas serras e nas furnas* (1931), *Mixuangos* (1937), *Leréias* (1945, póstumo) e várias outras narrativas.

Outros autores que se destacam no regionalismo caipira são Coelho Neto, com o livro *Sertão* (1897) e Afonso Arinos, *Pelo Sertão* (1898), entre outros. Seguindo a inspiração pela aceitação da crítica, Cornélio Pires segue suas publicações, mas não se dá conta de que começa a criar uma Escola Regionalista da poesia caipira, especialmente direcionada à valorização do dialeto. Em 1911, publica o poemeto *O Monturo* (edição de Pocai & Weiss) e, no ano seguinte, *Versos*. Candido (1976) contextualiza a importância de Cornélio Pires para a literatura.

Cornélio Pires foi, mais do que escritor eminente que seria preciso defender, uma extraordinária personalidade de ativista cultural. Meio escritor, meio ator, meio animador; generoso, combativo, empreendedor, simpático, – a sua maior obra foi a ação nos palcos, nas palestras, na literatura falada, que perde bastante quando é lida. Como os oradores, como certos poetas, como os repentistas e os velhos glosadores de mote, a dele foi uma literatura de ação e comunhão, feita para o calor do momento e a comunicação direta, eletrizante, com o público (CANDIDO, 1976, p. 11-12).

Os autores citados no regionalismo caipira criam seus textos e crônicas pensando como fonte, sobretudo, o homem simples interiorano. Sua linguagem coloquial é umas das principais caracterizações de suas histórias com a construção de inúmeras personagens. Isso também nos remete ao objeto deste estudo, pois as crônicas do contador de causos Zé Fernandes, no *Correio Riograndense*, justamente irão utilizar-se do jeito de falar e escrever desse caipira: uma linguagem voltada ao homem do campo e à terra em que habita. Nos causos de Zé Fernandes, uma série de fundamentos e elementos estão relacionados à linguagem usada pelo caipira, traços de sua dicção, seu vocabulário, sua postura e mesmo sua alegria ou pessimismo, sempre permanecendo fiel à sua origem como um homem simples, mostrando contrariedade a qualquer mudança de suas tradições vividas no campo.

O regionalismo caipira presente nas crônicas de Zé Fernandes reflete, acima de tudo, a própria visão de mundo do cronista, com interpretações particulares e mesmo peculiares marcadas pelo lugar de vivência e suas opiniões ou mesmo ideais do meio de comunicação em que atua e das defesas dirigidas pela Ordem dos Frades Menores Capuchinhos à qual pertence o *Jornal Correio Riograndense*.

Esse falar e o escrever do caipira paulistano têm uma raiz diretamente ligada ao Rio Grande do Sul, especialmente no tropeirismo, a atividade do transporte de animais por terra, principalmente de mulas e de gado, até os principais mercados do centro do país e que teve grande importância econômica para a região. Essas tropeadas são responsáveis pela dinamização da economia gaúcha e também pelo desenvolvimento de muitas cidades ao longo das rotas tropeiras. O destino principal das tropas era São Paulo, onde, na feira de Sorocaba, os animais eram comercializados. A região dos Campos de Cima da Serra, no Rio Grande do Sul, esteve presente na rota do tropeirismo.

Os regionalismos gaúcho e caipira se encontram nas rotas dos tropeiros, com os gaúchos, o seu sotaque e seu jeito de ser, e também com os caipiras, do interior de São Paulo, particularmente de Sorocaba, com o regionalismo caipira no seu falar e costumes. Da linguagem regionalista gaúcha e caipira à literatura há muitas conversas, causos e trocas em palavras que farão parte do encontro de diferentes culturas do Brasil. Tropeiros gaúchos e caipiras se encontram numa troca de experiências. Essa mistura de linguagens terá influência direta nas crônicas de Zé Fernandes, como instrumento de comunicação, opinião e defesa de ideais. Personagens manifestam diferentes histórias do cotidiano. Essas histórias serão tema da seção Correspondência Caipira do *Correio Riograndense*.

Com o interior paulistano em evidência em meio aos tropeiros gaúchos, o contexto regionalista caipira, na figura do personagem Jeca Tatu, contemplará os costumes e um jeito de falar. Esse interior presente no sotaque demonstrará uma caracterização regional. Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, manifesta a existência de um homem do campo real e esquecido pelos governantes do país. Entretanto, com ele, estão a insatisfação nacional e o modelo literário regional representados no clássico *Urupês*. Mas, em outro momento, o também caipirismo ou a fala caipira regional aparecerá em uma nova releitura do personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato. Será a vez de Mazzaropi apresentar para o Brasil o seu Jeca Tatu, personagem que proporciona a desconfiança do homem do campo diante dos grandes coronéis da época. Esse homem do campo luta para sobreviver e mesmo viver na miséria do interior paulista ou mundo rural paulistano. Mazzaropi é quem dá vida ao caipira no cinema, esbanjando uma apresentação mais humorada. Com Mazzaropi, nasce a imagem típica de um caipira que é simples, mas malicioso e esperto.

#### **4.3.1 Monteiro Lobato e Jeca Tatu**

O caipira e sua vivência na roça. Da vida do homem rural - o caipira, nasceram

centenas de histórias do escritor José Bento Renato Monteiro Lobato (Monteiro Lobato). Nascido em Taubaté, São Paulo, Lobato formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo. Além de escritor, foi o responsável por diversos artigos publicados em jornais do Rio de Janeiro, Santos e São Paulo. Mas, é a partir de 1917 que definitivamente adota a literatura e funda a revista *Paraíba*, quando residia na cidade de Caçapava (SP). Muda-se para São Paulo, onde colabora com a *Revista do Brasil*, transformando-a em um verdadeiro núcleo da defesa da cultura nacional. Na capital paulista, também é responsável pela fundação da gráfica Monteiro Lobato, encerrada em 1924. Considerado um autor regionalista do Pré-Modernismo, o escritor literário destaca-se nos gêneros conto e fábula. Ele utiliza-se do universo dos vilarejos decadentes e das populações do Vale do Paraíba no momento de crise do plantio do café.

Moralista e doutrinador aguerrido, de acentuadas tendências para uma concepção racionalista e pragmática do homem, Lobato assumiu posição ambivalente dentro do Pré-Modernismo. Na medida que a cultura do imediato pós-guerra refletia o aprofundamento de um filão nacionalista, o criador do Jeca mantinha bravamente a vanguarda; com efeito, depois de Euclides e de Lima Barreto, ninguém melhor do que ele soube apontar as mazelas físicas, sociais e mentais do Brasil oligárquico e da primeira República [...] tendo sido um demolidor de tabus, à maneira dos socialistas fabianos, com um superávit de verve e de sarcasmo (BOSI, 2006, p. 216).

Monteiro Lobato é um contador de histórias que chama a atenção pelas suas obras, entre elas *Urupês* (1918), uma série de 14 contos, tendo como ênfase a vida cotidiana do caboclo: seus costumes, suas crenças e tradições. *Urupês* é o último conto do livro e apresenta a figura de Jeca Tatu. “Em *Urupês*, predomina a preocupação de desenlaces deprimentes e chocantes: Lobato quis mesmo intitulá-lo *Dez Histórias Trágicas*” (BOSI, 2006, p. 2017). Outra obra de destaque é *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, composta por uma série de livros (23 volumes), escrita entre os anos de 1920 e 1947.

Jeca Tatu é o personagem de Lobato no livro *Urupês*. Um caipira acomodado e miserável. Através dele é que Lobato critica a face de um Brasil agrário, atrasado e cheio de vícios. O personagem é um homem pobre, desanimado e aparentemente preguiçoso. Vive acompanhado de sua esposa, dois filhos e de seu cão. Durante a história, descobre-se que Jeca Tatu sofria do “amarelão” e, por isso, vivia sem vontade de trabalhar e desanimado em consequência da doença. Jeca recebe o tratamento adequado, é curado da doença e prospera na vida, tornando-se um grande fazendeiro. Nesse sentido, Jeca Tatu representa na ficção o caboclo que vive da lei do menor esforço.

Para Lobato, o Jeca Tatu de *Urupês* é traduzido em um parasita, ou um ser obscuro que, por não se interessar pela “luz” da civilização, prefere nada criar e nem ao menos se

manifestar. De acordo com os estudos de Márcia Naxara (1998), a descrição de Jeca Tatu na obra *Urupês* pretende demonstrar a identidade de um homem excluído das atividades e relações que o ligariam ao Estado: do acesso à propriedade privada e da escolha dos governantes por meio do processo eleitoral. Segundo a autora, Jeca é o responsável por produzir apenas o necessário para a subsistência, ao contrário de um fazendeiro, por exemplo, que manipula a terra para a produção de comercialização de várias culturas.

[...] o fazendeiro está inserido no processo de acumulação, o caipira não – mantém-se à margem do mercado, produz para si, não tem ambição, não está dentro dos pressupostos da acumulação, não parece capaz de caminhar ao lado do mundo (NAXARA, 1998, p. 135).

É por força de vagos atavismos que Jeca se torna um nômade, como visto em *Urupês*. Ele é um agregado que não tem ligação nenhuma com a terra. Aliás, diante da terra, Jeca torna-se um adepto à lei de menor esforço. A casa, os móveis, os utensílios e o alimento são ofertados pela própria natureza, que é considerada muito rica e generosa. Jeca tem apenas o gesto de espichar a mão e colher. Considerando o caipira como peça-chave do regionalismo caipira, é em *Urupês* que Monteiro Lobato vai traçar um perfil físico e psicológico para este homem rural.

Sua obra de narrador entronca-se na tradição pós-romântica: retalhos de costumes interioranos, muita intenção satírica, alguma piedade e efeitos variamente sentimentais ou patéticos. Apesar de pontilhada de raro em raro por certas ousadias impressionistas, é uma prosa que não rompe, no fundo, nenhum molde convencional (BOSI, 2006, p. 216).

Mais tarde, em 1920, o escritor publica o conto “Jeca Tatu: a ressurreição”, em que recordará o retrato deplorável mais uma vez do caipira. Jeca é um personagem desse chão de terra pobre e esquecido. Sua vida não está formalizada apenas na vontade própria pelo trabalhar e sua realidade é bem diferente dos trabalhadores de outras regiões. O cenário é enfraquecido pelas dificuldades de quem está isolado das benfeitorias dos grandes centros. A casa de Jeca Tatu é uma simples cabana de pau-a-pique, formada por paredes de barro e com teto de palha que, com as poucas chuvas e o sol forte, acabam apodrecendo. O Jeca de *Urupês*, de Monteiro Lobato, admite que essa realidade é uma escolha de vida e não busca fazer algum reparo ou conserto da sua própria história. A vida para o homem rural ou caboclo é assim mesmo, desse jeito.

Se pelotas de barro caem, abrindo seteiras na parede, Jeca não se move a repô-las. Ficam pelo resto da vida os buracos abertos, a entremostrarem nesgas de céu. Quando a palha do teto, apodrecida, gréta em fendas por onde pinga a chuva, Jeca em vez de

remendar a tortura, limita-se, cada vez que chove, a aparar numa gamelinha a água gotejante... Remendo... Para quê? Se uma casa dura dez anos e faltam “apenas” nove para que ele abandone aquela? Esta filosofia economiza reparos (LOBATO, 1962, p. 282).

É também com a figura de Jeca Tatu que Monteiro Lobato vai reproduzir nos seus textos a fala brasileira da zona rural. Nela, a sua ação habitual é com coloquialismo e neologismos tipicamente orais. Dentre as obras de Lobato, talvez o recurso da oralidade tenha sido uma das maiores questões empregadas na obra *Urupês*, pois, nessa época, a utilização do português colonial em obras era vista como uma espécie ou algo “inferior” e sem valor literário. Devemos perceber que dentro da utilização da própria linguagem regionalista caipira, justamente, foi também com a obra *Urupês* que surgiram diversas palavras e mesmo expressões que atualmente estão dicionarizadas. Um exemplo disso é o termo “jeca”, originário do personagem Jeca Tatu, que passou a ser sinônimo de caipira ou o morador da zona rural e ainda uma pessoa de hábitos rudimentares.

Diante de seus escritos e manifestações, o certo é dizer que Monteiro Lobato desenvolve, durante o século XX, uma discussão acerca da língua nacional. Ainda em 1903, ele inicia as trocas de correspondências com um amigo de juventude chamado Godofredo Rangel. Elas formam o livro *A Barca de Gleyre*. É de amigos como o poeta Nhô Bento que Lobato ouve, na própria opinião do escritor, poemas ou récitas caipiras nunca ouvidas antes. É justamente no prefácio de “As contas de Capiá”, de Nhô Bento, que Lobato, ao elogiar o trabalho do poeta do vale paraibano, vai discutir o uso da língua pelo povo como uma justificativa para a criação de Jeca Tatu. Assim como “Jeca” de Monteiro Lobato, Zé Fernandes, autor das crônicas da seção Correspondência Caipira, pretende apresentar ou representar ao povo gaúcho qual seria a figura do caboclo brasileiro, especialmente, para aquele leitor que admira as raízes caipiras ou mesmo acompanha as histórias do cotidiano vividas no interior das grandes cidades.

### 4.3.2 Mazzaropi e Jeca Tatu

Na década de 50, na sociedade brasileira, crescia uma verdadeira frente ao aniquilamento de conceitos e práticas tradicionais existentes na cultura do campo e do homem do interior. Alteravam-se o consumo e o comportamento de parte da população, principalmente para aqueles que habitavam os grandes centros urbanos. A paisagem urbana se modernizava com a construção de edifícios e residências com formas mais livres, seguindo os passos de uma

arquitetura que se modernizava.

Nesse contexto, o homem rural não tem possibilidades de crescimento. Deve viver para a produção do seu sustento. Já o homem da cidade tem a chance de melhorar as condições de vida. Com a oferta e oportunidades de empregos na indústria, seu salário é melhor, proporcionando o consequente fortalecimento da economia. Diante dessa realidade, há uma constante mudança e reorganização periférica nos diferentes estados brasileiros e, com ela, estarão presentes muitas manifestações culturais e o impulso a vários movimentos no campo artístico: novas formas de fazer o cinema, o teatro, a música, a literatura e a arte. Uma dessas mudanças é o lançamento, no início da década de 50, mais precisamente em 52, pela Vera Cruz, do primeiro filme de Mazzaropi intitulado: *Sai da Frente*. A Vera Cruz era o mais importante estúdio cinematográfico brasileiro. Em 1958, Mazzaropi abre a própria produtora, a PAM - Produções Amácio Mazzaropi. Já em 1959, ele apresenta um de seus filmes mais famosos, *Jeca Tatu*, o caipira inspirado na obra de Monteiro Lobato. Amácio Mazzaropi é o ator que dá vida ao personagem caipira e provoca um choque na cultura brasileira. Em seus filmes, Mazzaropi mostra a importância do interior e determinadas áreas territoriais do país, que são vistas como rústicas, e desafia os problemas deixados por uma sociedade que pretende tornar uma nação moderna, com o forte processo de urbanização e industrialização. Mazzaropi é esse interiorano que adota a amostragem dos desiguais entre rico e pobre, palco de um novo cenário econômico brasileiro. Ele realiza 32 longas durante sua carreira como cineasta, contando histórias que abordavam o racismo, a religião, a política e a ecologia. Fica conhecido por falar a língua do povo. Seu último trabalho no cinema foi *O Jeca e a Égua Milagrosa*, de 1980. No ano seguinte, morre aos 69 anos, vítima de um câncer na medula, antes de concluir a obra *Maria Tromba Homem*, filme que ficou inacabado.

Mazzaropi caipira é apresentado nas telas do cinema brasileiro como aquele que traz consigo os valores do dinamismo e do progresso que deveriam conter o universo agrário para valorizar o urbano, quando essa referência é uma ligação com a cidade de São Paulo, um dos maiores centros latino-americanos. Agora o caipira não está só no interior, mas nos grandes centros. Mazzaropi apresenta-se no mundo popular do cinema como um personagem cômico da cultura caipira inserido no meio urbano. Seu humor e sarcasmo<sup>14</sup> atraem uma legião de fãs em um outro período da história brasileira. Era o momento, para muitos de seus seguidores, de observação, visando à necessidade de recuperar, de algum jeito, a própria identidade.

---

<sup>14</sup> Sobre o conceito de sarcasmo e a sua presença na literatura brasileira tratar-se-á na próxima seção desta tese.

Essa enorme massa de trabalhadores anteriormente rurais, historicamente vinculada ao trabalho independente, assustadoramente ameaçada em sua sobrevivência pelo modelo capitalista excludente planejado e executado para o campo, viria a integrar, em potência, a já tradicional legião de fãs de Mazzaropi, agora, porém, em um outro momento da história da economia e da sociedade brasileiras, em que os “novos cidadãos” e “também novos consumidores de cinema” encontravam-se completamente desestruturados em relação ao “modus vivendi” que deveriam assumir, necessitando recuperar de algum modo sua identidade [...]. O caipira de Mazzaropi, no plano simbólico, preencheria, como nenhuma outra personagem, tal carência (BARSALINI, 2002, p. 95).

A indústria cultural e literária no Brasil, nesse período, com a presença de Jeca Tatu, de Mazzaropi, lida diretamente com estereótipos e padronizações. O caipira Mazzaropi, que é ligado ao imaginário de uma cultura rústica do interior paulista, também passa por novos momentos de transformação. Jeca Tatu, principalmente durante o filme dirigido por Milton Amaral em 1959, adota caracterizações em sua vestimenta bastante particulares, como, por exemplo, a calça acima da botina, deixando parte da canela de fora; o chapéu feito de palha com camisa xadrez; a utilização do rolo de fumo; o andar desengonçado na maioria das vezes com os braços meio abertos; os ombros levemente suspensos encolhendo o pescoço, que direcionam o personagem a uma figura caricatural. Com essas características grotescas, Mazzaropi expressa as fissuras e contradições de um Brasil que pretende estabelecer o fim do homem de traços antiquados em busca da modernidade do Estado.

Desde o filme *Sai da frente* (1952), dirigido por Abílio Pereira de Almeida, Mazzaropi já possui uma grande identificação com seus espectadores. Mas essa aprovação não aparece apenas onde a cultura rústica caipira está concentrada. “As regiões do Brasil que mais consumiam seus filmes são o Sudeste e parte do Sul, principalmente, onde a cultura caipira mais se desenvolvera em função das ocupações bandeirantes ocorridas ao longo da história” (BARSALINI, 2002, p. 74). Era a prova de um grande êxodo rural iniciado pela confirmação de todo o processo de urbanização e industrialização já recordado durante este trabalho.

Mazzaropi expõe o seu caipira ao grande público. O caipira que fala errado não é burro ou ignorante, mas sabe se defender e responder às críticas. É justamente esse modo como os códigos das culturas, rural e urbana, são apresentados e mesmo confrontados pelo personagem Jeca Tatu que, com um humor debochado e sarcástico, vai proporcionar também na literatura uma leitura bastante crítica sob um olhar mais cuidadoso das diferenças entre o rico e o pobre.

Essa literatura produzida em São Paulo sobre o caipira traz características comuns, as encontradas na produção de autores que trataram de outras regiões do Brasil, isto é, oscila entre o registro documental e a idealização, entre o ornamento e a anedota, manifestações distintas mas motivadas por uma causa comum, a discriminação do diferente, responsável pela apresentação pouco convincente de aspectos locais,

estigmatizados em marcas distintivas das peculiaridades regionais, a serem contrapostos a ficção urbana, mais homogeneizadora (LEITE, 1996, p.77).

Será que o caipira não é esperto? Ele não só é esperto como se utiliza de uma linguagem regional para dar uma resposta à altura àqueles que não o conhecem de verdade. Pelo humor, existe uma forma de captar a atenção daqueles que acompanham os filmes de Mazzaropi e as histórias de *Jeca*. O sarcasmo adotado pelo personagem corresponde a uma forma de responder, provocando uma reação, por vezes, até ofensiva. Esse jeito caipira e sarcástico revela um tipo de ironia mais amarga e provocativa, assumindo um papel da defesa daquele que chega do interior na cidade grande, mas não é nenhum “coitadinho”. Mazzaropi reúne ainda o sarcasmo e a sátira para apontar e ridicularizar os defeitos de uma sociedade, alfinetando sempre um tema em particular: as diferenças sociais. Esse contexto irônico desenvolve uma inversão do real significado em relação a algo e em determinado contexto, por exemplo, quando se diz o contrário do que se pensa.

Os avanços tecnológicos também fazem parte da vida do caipira Jeca Tatu. Se para o personagem de Monteiro Lobato não havia nenhuma possibilidade de conhecimento ou aprendizado, para a leitura do personagem de Mazzaropi as modernizações são introduzidas no conforto não só do próprio caipira, mas de sua família e mesmo dos animais da fazenda. Esse simbolismo está também presente no final do filme *Jeca Tatu*<sup>15</sup> (1959), quando *Jeca*, ridiculamente, veste um terno, está instalado numa casa não mais de pau-a-pique, mas construída por um mutirão da comunidade. *Jeca* está ridicularizando um vizinho italiano, “Seu Giovanni”, que é considerado rico. Ele, *Jeca*, tem agora o reconhecimento do fazendeiro Giovanni porque também é um “rico” ou “se deu bem na história”. A música ao final do filme é cantada por Jeca Tatu e apresenta, dentre outras, estas estrofes:

**Pra mim o azar é festa - Jeca Tatu (Letra: Amácio Mazzaropi)**

Deixei de ser um "quarquê"  
 Já não como mais angu,  
 Hoje sou um "coroné"  
 Não sou mais Jeca Tatu.

Aqui hoje tem fartura  
 Tá sobrando até feijão  
 Bebo leite sem mistura  
 Como carne e requeijão

O meu cachorro estimado,  
 Já deixou de ser sarnento.  
 Tem o terno alinhado,  
 E seu "próprio" apartamento.

---

<sup>15</sup> JECA TATU. Direção de Milton Amaral. São Paulo: Pam Filmes, 1959. 1h35min.

Eu lavo todo o leitão,  
Com perfume importado.  
Quando ele entra no facão,  
Sai toicinho perfumado.

Até mesmo a galinhada,  
Hoje anda bem granfina.  
Vive toda enfeitada,  
Tem um galo em cada esquina.

Se "arguma" coisa não presta,  
Isso não vou "discuti",  
Pra mim o azar é festa,  
O que eu quero é "divirti"  
(JECA TATU, 1959).

O discurso do filme de Mazzaropi apresenta um Jeca sem a ideia do atraso como previsto por Monteiro Lobato. Ao menos em diversas cenas do filme *Jeca Tatu*, a condição portadora de retrocesso foi superada. O caipira deixa de ser um Jeca Tatu para transformar-se em um “Coroné”. Essa superação do atraso não viria apenas na figura do moderno como Seu Giovanni, mas na representação das históricas práticas políticas agrárias do país, protagonizadas pelo coronel. Por aí, percebe-se que o discurso fílmico está associado à ideia de uma modernização na qual estão milhares de pessoas marcadas por um Brasil oligárquico. O caipira inverte a lógica da própria modernização. Ele atravessa mais uma vez a noção de arcaico no projeto do desenvolvimentismo brasileiro, ou seja, um fenômeno histórico associado no Brasil aos governos a partir da década de 1950, com destaque para os presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

Tudo isso é feito com a forma irônica, sarcástica e bem-humorada de Jeca Tatu em perfeito tom que ridiculariza os coronéis e a burguesia. A própria imagem do caipira vestido de coronel é estratégica e remete a um processo de inversão: um caipira vestindo um paletó sobre uma camisa xadrez. Ainda, percebe-se a presença de um lenço ao pescoço (mas de seda nesse momento), fumando um charuto e não mais um cigarro de palha. Nesse ponto estão presentes as características de um riso marcado pelos códigos de inversão que pontuam as contradições das regras e das hierarquias sociais. Jeca, de Mazzaropi, é voz e caracterizações. Ele promove uma espécie de resistência em um lugar e dentro de um jogo de forças que são consideradas manifestações sociais muito presentes em diferentes comunidades brasileiras que não só as caipiras ou caboclas.

A reavaliação da obra de Mazzaropi ocorre num período em que o Brasil, urbanizado, tem como principal voz da oposição precisamente uma organização camponesa, o MST, que prega o retorno ao campo de uma parte da população marginalizada nas imensas favelas incrustadas nas grandes metrópoles. Este novo movimento social, que

entende o camponês enquanto um protagonista revolucionário, também era visto, desta vez por altos dignitários da República, como retrógrado e utópico regressivo. No entanto, no seio da intelectualidade, o sonho da modernidade capitalista tornou-se um pesadelo: expulsão do campo, favelização, desemprego, violência urbana. Talvez, por isso, os filmes de Mazaropi não mais são vistos enquanto obstáculos à modernização da consciência do povo brasileiro. E isso abre a possibilidade de se estudar estes filmes enquanto subsídios para a compreensão da própria realidade brasileira e os valores ideológicos que dominam a mentalidade camponesa (CÂMARA, 2006, p. 225).

Mazaropi recriou uma nova leitura para o caipira Jeca diante do conceito do personagem criado por Monteiro Lobato. O Jeca de Mazaropi é matreiro, mas muito vivo e sabidão. Um homem dono de si e que não perdia assunto nenhum para a “gente inteligente”. O sucesso de Mazaropi reergueu o caipira no cenário social brasileiro e, principalmente, nos grandes centros do país onde milhares deles chegavam para trabalhar. De acordo com Santos (2009), o sucesso do ator e cineasta está ligado à competência de identificar as preferências cinematográficas dos espectadores que acompanhavam a sua produção, não ignorando o conteúdo cultural específico ao público-alvo.

O sarcasmo de Mazaropi, na figura de um tal de *Jeca*, debocha dos coronéis e responde diretamente aos que não o consideram um brasileiro de fato. *Jeca* sensibiliza as comunidades interioranas para a importância que cada uma delas possui e deva receber, seja de quem for, autoridades, políticos e mesmo a sociedade brasileira. Seja nas histórias de *Jeca Tatu*, escritas por Monteiro Lobato, ou nos filmes do *Jeca* de Mazaropi, cumpre-se a ideia de fortalecer culturalmente o caipira e sua linguagem regional.

Recordar de Mazaropi, na figura de *Jeca Tatu*, significa apontar semelhanças existentes na crônica de Zé Fernandes em relação à aplicabilidade de uma linguagem regional caipira. O tom irônico e sarcástico de Mazaropi em sua crítica aos problemas da sociedade e, principalmente, às elites, parece ser o mesmo de Zé Fernandes, que, por meio da linguagem regionalista, aborda as dificuldades das comunidades da Serra Gaúcha, ao mesmo tempo em que promove sua campanha contra o comunismo. São elas que sofrem com o poder dos políticos, governantes, sistemas econômicos e até problemas ecológicos. Zé Fernandes apoia-se em crônicas que se utilizam de uma linguagem e personagens simples, assim como *Jeca Tatu*, para disseminar um discurso anticomunista, respeitando-se o que está de acordo com o que a Igreja Católica prega, acima de tudo, diante das comunidades interioranas espalhadas pelo Brasil.

O simples caipira no nordeste brasileiro ou o que vive nos grandes aglomerados do país também passa pelas mesmas dificuldades que o imigrante ou o pobre, que vive no interior do Rio Grande do Sul. Quem vive nas pequenas áreas e propriedades rurais merece a atenção

das autoridades, o que, na visão de Zé Fernandes, é ter estabelecido o direito previsto pela Constituição, como o direito ao trabalho, à saúde e à educação ou a uma vida digna em comunidade, sem esquecer que, para isso, cada cidadão precisa estar ligado a uma família, a um trabalho e, acima de tudo, à fé cristã católica. Caipiras e gaúchos, numa linguagem regional, estão juntos ao fazer com que o cidadão mais simples do interior do Brasil possa reivindicar pelos seus direitos. Zé Fernandes utiliza-se dessa linguagem interiorana do caipira de Mazaropi para mostrar uma ação de como quem vive no interior também compreende os assuntos da sociedade e sabe proteger-se de suas artimanhas, defendendo a ideia de que o comunismo não seria uma saída para o Brasil.

#### 4.4 O SARCASMO COMO RECURSO LITERÁRIO

Dentro da própria literatura, o sarcasmo tem se destacado entre os estudos e fenômenos linguísticos-discursivos como uma caracterização de valor, considerado por muitos pesquisadores como uma prática de extrema importância para histórias narradas ou contadas através dos textos, das poesias e das crônicas, por exemplo. Ao recordar que a língua não se faz sem sociedade, é imprescindível tocar numa discussão da pós-modernidade para se entender o sarcasmo como um fenômeno de popularidade. Entretanto, mesmo citado em literatura ou então mencionado como um acréscimo em narrativas e crônicas, é preciso salientar que existe uma dificuldade ou certa harmonia sobre as particularidades do sarcasmo, o que leva a uma série de aspectos que podem não ser tão claros quanto parecem.

A notoriedade desse fenômeno linguístico está muito presente também na comunicação, seja em textos jornalísticos nos jornais, nas comunicações do rádio, nas redes sociais, na televisão e mesmo no cinema. Há personagens que se apropriam do sarcasmo como forma de interpretação e criação de papéis, com certa exposição de ideias e interesses, aliando críticas à sociedade. Encontrado nos meios de comunicação, esse sarcasmo, sendo utilizado para o humor ou drama, de acordo com Haiman (1998), será uma característica almejada pela sociedade pós-moderna. Mas definir essa pós-modernidade não é tarefa fácil, pois é um conceito em construção e que padece de muitos questionamentos e controvérsias. Mas é válido chegar a uma ideia desse conceito quando se volta a pensar no então período anterior: a modernidade.

De acordo com Vieira e Stegnel (2012), o indivíduo moderno vivia em uma sociedade que lhe parecia estável e de aspecto duradouro. Segundo eles, esse indivíduo estava atrás da ordem e ainda tentava agregar as necessidades individuais com as do coletivo. Já, segundo os

autores, com a pós-modernidade esse indivíduo teve mais liberdade e individualidade, sendo que essa última já se sobrepunha às necessidades do coletivo. O indivíduo agora se encontra em desordem, ou em busca de uma nova ordem, sem dizer da busca constante pelo prazer.

O pós-moderno parece estar na frente do moderno. Mas, conforme Zygmunt Bauman (1997), essa liberdade e individualidade passaram a ser prejudiciais, gerando uma teia de insegurança que acabou se tornando uma das caracterizações do pós-modernismo. As identidades já estão deslocadas, o que, segundo Bauman (2013), trata-se da liquidez do homem pós-moderno. Para o filósofo, o descrito seria uma espécie de metáfora simples para os momentos de instabilidade social em que se vive.

Nosso arranjo social, nos dias de hoje, se comporta como um líquido em um recipiente. Ou seja, não se mantém por muito tempo em um mesmo estado. Está sempre mudando. Enquanto gerações passadas se acostumaram a uma estabilidade de todas as coisas, o homem contemporâneo enxerga as rápidas mudanças nos partidos e movimentos políticos, nas causas, nas instituições que acabam na moda, tudo muda várias vezes. Tenho 88 anos e já vi vários arranjos sociais (BAUMAN, 2013)<sup>16</sup>.

Seguindo essa linha de pensamento, o homem pós-moderno perde a esperança no Estado, o que gera uma sensação de que “há pouca coisa no mundo que se possa considerar sólida e digna de confiança” (BAUMAN, 1997, p. 36), o que, segundo o autor referido, contribui para o surgimento do grande mal-estar do homem atual. De acordo com Haiman (1998), essa constante busca por algo novo contribui para a disseminação do sarcasmo. Mas, na visão do linguista, existe uma grande dificuldade para o indivíduo satisfazer essa busca, pois considera que “na atitude da pós-modernidade é que não existem coisas novas, nem mesmo a pós-modernidade em si” (HAIMAN, 1998, p. 14). Por isso, essa situação reflete-se no pensamento e mesmo nas atitudes do homem atual, até na linguagem, e que vem ao encontro da utilização do sarcasmo nos dias de hoje, com a originalidade ou a importância da busca pelo novo. Haiman (1998) vai mais longe e afirma que o homem não quer ser repetitivo, mas procura tornar-se especial, sendo único ou original. Mas, como se tornar original diante da repetição? O autor fala em uma dolorosa consciência do homem em estar, acima de tudo, repetindo falas de outra pessoa, cumprindo um papel. “Se eu vivo nesse tipo de mundo, então possivelmente a única forma que tenho disponível para expressar minha superioridade aos clichés em que me encontro constantemente repetindo de forma tediosa, para ser *cool*, é repeti-la em forma de paródia, ou seja, sarcasticamente” (HAIMAN, 1998, p. 15). Assim, Haiman (1998) consegue

---

<sup>16</sup> A vida pós-moderna segundo Zygmunt Bauman: entrevista. [Nov, 2013] Entrevista concedida a Sílvia Boccanera. Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/coberturas/2013/11/a-vida-pos-moderna-segundozygmunt-bauman/>-. Acesso em 03 abr. 2020.

traduzir como um dos aspectos do sarcasmo se manifesta sobre o homem no período pós-moderno.

Apontando caracterizações de uma fala irônica e sarcástica, voltada ao cotidiano das pessoas, Haiman (1998) vai sustentar que esse homem do pós-modernismo não só se utiliza das frases diante de um texto ou linguajar, mas de símbolos como os ‘dedos’ em meio aos enunciados “entre aspas”, apresentados na linguagem oral com “os dedos físicos”, que simbolizam, por vezes, o contrário irônico ao significado real do que se pretende dizer ou enunciar. Um sorriso irônico e sarcástico afirma muito mais que as palavras ditas. A linguagem interpretada pelo leitor nem sempre parte da escrita, mas do sentido que as “palavras” têm a partir de uma sinalização do ato de sarcasmo. Trata-se de uma crítica rigorosa e cativa, mesmo disfarçando o original da prova, ou seja, o fato de escrever não só pelas palavras, mas pelo sentido que se quer anunciar ou preconizar durante os gestos físicos para se chegar, por vezes, à adoção de uma ideologia ou defesa de interesses. Haiman (1998) vai chamar isso de ‘ansiedade de influência’.

Com uma necessidade de ser original diante da pós-modernidade e juntando a ansiedade de influência, Haiman (1998) afirma que o próprio sarcasmo foi tomando cada vez mais a sociedade ou o grupo de indivíduos. Segundo seus estudos, foi perceptível a presença de um efeito cômico, que por vezes está acompanhado de um fenômeno linguístico. Por isso, essa junção explica o sarcasmo sendo apresentado como uma forma de humor. Dessa forma, para inúmeros pesquisadores, o significado de sarcasmo representa um forte potencial irônico, cujas definições ressaltam sua implicância e brincadeira, como afirma Gibbs (2000), ou sendo entendido como mal-educado, nada educativo e com uma mensagem sem objetivos e clareza, na visão de Toplak e Katz (2000).

Importante, nesse sentido, é diferenciar os conceitos de sarcasmo e ironia. É necessário destacar que no sarcasmo também está encravada a ironia. De acordo com Singh (2012), no sarcasmo há um uso de instrumentos linguísticos indiretos para a ridicularização ou zombaria, muitas vezes considerados grosseiros e ofensivos, sendo utilizados para fins destrutivos. Já na ironia, para Singh (2012), existe uma discordância, ou incoerência, entre o que se diz e o que se entende, ou do que se espera e do que realmente ocorre. Esse tipo de mensagem geralmente vem acompanhada de um tom de brincadeira e possui menor peso ofensivo do que o sarcasmo.

Outros autores também destacam uma ligação estreita entre ironia e sarcasmo, pois existe entre os dois uma outra inserção, que é a sátira. Do grego *sarcazein*, significa “morder a carne”. É a partir desse ato que também se define, em diversos momentos, o sarcasmo como uma ironia mordaz, satírica e picante. Mas o sarcasmo, diante de várias influências, não é

necessariamente irônico, pois ele costuma ser direto. Por isso, volta-se a recordar que pode existir entre os dois uma diferença no grau de finalidade, ou seja, o sarcasmo se apresenta como uma forma grosseira de ironia, cujo objetivo é magoar e ferir o seu alvo. Pode-se dizer que o sarcasmo necessita de uma vítima, sendo ela um assunto ou indivíduo. Parece estar embutido no sarcasmo um jogo por uma relação de conflito, apresentando o ‘contrário’, enquanto na ironia existe um ‘com’ aguardando quem sabe pela compreensão. Por fim, enquanto a ironia pode até dialogar, o sarcasmo representa uma ação antissocial. Para Burgers (2010), ironia e sarcasmo são iguais e referem-se a um termo ou outro como sendo o mesmo fenômeno. Já Attardo (2000) vai definir o sarcasmo verdadeiramente como uma forma mais agressiva de ironia. Outra visão e conceito é de Clift (1999), que reconhece o sarcasmo no modo em que se utiliza de um ato para expressar o ridículo. Assim, é possível se chegar a uma dedução de que os dispositivos como o sarcasmo, a sátira ou o humor serão considerados como extensões específicas de um conceito geral e amplo de ironia.

O sarcasmo aparece com força na literatura brasileira, especialmente no texto de alguns escritores, seja no período pós-moderno ou não. De acordo com Candido (1999), um desses escritores com alta tensão crítica, um inconformado e que se pôs voluntariamente à margem da sociedade dominante é Lima Barreto (1881-1922). Para Candido (1999), Lima tem uma escrita simples e do cotidiano com ritmo coloquial. O sarcasmo está com Lima Barreto nos seus comentários jornalísticos creditando um contexto de uma ironia mordaz.

A sua tendência mais natural era o comentário jornalístico e a apresentação pitoresca de costumes, regidos pelo sarcasmo e dirigidos contra o pedantismo, a falsa ciência, as aparências hipócritas da ideologia oficial. Mas o bloco principal de sua obra é a narrativa, que deixa a impressão de esforço mal realizado, apesar da generosidade das posições. Nela se destaca o romance *O triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), sátira quase trágica dos equívocos do patriotismo (muito invocado naquela fase inicial da República), onde conta a destruição de um inofensivo idealista pela realidade feia e mesquinha da política e dos fariseus (CANDIDO, 1999, p. 65).

Outro escritor que agrega peso à literatura com o sarcasmo, lembrado por Candido (1999), é Oswald de Andrade, que interpreta a cultura brasileira como assimilação destruidora e recriadora da cultura europeia, com vistas a uma civilização antiautoritária. Segundo Candido, Oswald “depois de 1930, adere ao comunismo, militando na luta operária e antifascista com o vigor polêmico de um sarcasmo arrasador. Escreveu então algumas peças de teatro, em que a vanguarda política e estética se combinam de maneira feliz, como *O homem e o cavalo* (1934)” (CANDIDO, 1999, p. 73). Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) também está na lista de Candido como colaborador do ingresso da ironia e do sarcasmo na literatura brasileira. Para Candido (1999), Drummond se aplica meticulosamente aos preceitos estabelecidos à época.

[...] mas é que eles correspondiam à sua mais profunda natureza poética, cheia de pudor e angústia, encontrando-se bem no verso duro e seco, próprio para dissolver na ironia e no sarcasmo qualquer laivo de sentimentalismo ou ênfase, que ele sabe anular pelo recurso ao estilo coloquial mais cotidiano (CANDIDO, 1999, p. 80).

O sarcasmo também está presente na literatura de Guimarães Rosa e Machado de Assis. Ambos discutem temas que estão relacionados a um Brasil para muito além de sua superfície aparente. Ao mesmo tempo em que trabalham e desenvolvem a ironia em seus textos, eles aparecem de certa forma em lugares opostos e distintos. Apresentam posturas e práticas éticas diferentes com a utilização do sarcasmo. Pode-se dizer que o sarcasmo de Machado procura distanciar-se do mal que ele critica (posicionando-se de modo oculto), enquanto o humor na obra de Rosa procura manter uma identificação do narrador diretamente com os males que ele expõe. Isso está presente, muitas vezes num personagem. Riobaldo é uma prova dessa condição que se reconhece no mal sobre o qual ele ruma, ou seja, a franqueza e a melancolia brasileiras. Mas assim como as crônicas de Zé Fernandes que lembram do contexto rural, do campo ou da colônia, os textos de Machado e de Rosa fornecem alguns pontos de vista complementares para o urbano e rural. Nesse sentido, podemos afirmar que ambos são também locais e universais, embora de modos diversos. Por isso, essa caracterização os torna clássicos. Guimarães Rosa está diante de uma ironia que remonta a situações como a da tragédia grega, que se distancia do mito, e do diálogo socrático e termina no ponto de vista irônico de Kafka e Beckett. Em compensação, Machado de Assis desenvolve um humor ainda mais sarcástico que tem origem na sátira e na comédia, contemporizando-se com Sterne, por exemplo, ou para o leitor brasileiro com Nelson Rodrigues e o sarcasmo jornalístico.

Nelson Rodrigues, por sinal, é conhecido pelos diferentes níveis de sarcasmo e de ironia de seus textos, um humor de certa forma mordaz. Assim como utilizava Zé Fernandes em seus textos, procurando dar voz a narrativas vivenciadas por seus leitores, Nelson foi quem ficou conhecido na literatura por suas crônicas de feição narrativa. O cronista sempre buscava, entre outros locais, um terreno baldio, onde, na companhia de uma cabra, entrevistava uma personalidade conhecida, um ambiente em meio aos grã-finos, que acontecia na maioria das vezes em bares e bairros nobres da sociedade carioca, ou, ainda, o meio da rua, onde era parado pelas pessoas que ali circulavam (mesmo desconhecidas). Por fim, esse local também poderia ser o jornal onde trabalhava e recebia visitas, telefonemas e cartas de pessoas que gostariam de passar e externar suas agonias. Sobre Nelson Rodrigues e seu sarcasmo na literatura, Lins (1963) afirma que “quase sempre, deixa-se dominar [...] pela sua qualidade mais forte, quando usado com moderação: a tendência ao sarcasmo” (LINS, 1963, p. 87).

Nascido no Recife e atraído pela carreira jornalística, Nelson Rodrigues chama suas crônicas narrativas de ‘entrevistas imaginárias’. Para ele, uma entrevista verdadeira é sempre falsa, por isso a importância de transformá-la em um acontecimento fabular. De acordo com Rodrigues, essa seria a única maneira de capturar do entrevistado as verdades que ele nunca diria. “Aí estava a única maneira de arrancar do entrevistado as verdades que ele não diria ao padre, ao psicanalista, nem ao médium, depois de morto” (RODRIGUES, 1997, p. 50). Uma dessas entrevistas envolve o contexto religioso, na qual Rodrigues entrevista o arcebispo de Olinda, Dom Hélder Câmara. Essa entrevista resultou em um diálogo em que se percebe o deliberado sarcasmo.

Faço a pergunta: -“Que notícias o senhor me dá da vida eterna? ”. Riu: -“Rapaz! Não sou leitor do Tico-Tico nem do Gibi. Está-me achando com cara de vida eterna? ”. No meu espanto, indago: -“E o senhor acredita em Deus? Pelo menos em Deus? ”. O arcebispo abre os braços, num escândalo profundo: -“Nem o Alceu acredita em Deus. Traz o Alceu para o terreno baldio e pergunta”. Ele continuava: -“O Alceu acha graça na vida eterna. A vida eterna nunca encheu barriga de ninguém”. D. Hélder falava e eu ia taquigrafando tudo. Aquele que estava diante de mim nada tinha a ver com o suave, o melífluo, o pastoral d. Hélder da vida real. E disse mais: -“Vocês falam de santos, de anjos, de profetas, e outros bichos. Mas vem cá. E a fome do Nordeste? Vamos ao concreto. E a fome do Nordeste?” (RODRIGUES, 1997, p. 192).

Outro escritor que trabalha seus textos utilizando-se da ironia e do sarcasmo é o português Eça de Queiroz (1845-1900). Nas suas palavras há críticas à religião, especialmente ao clero e à própria pátria. Sua carreira literária inicia em 1867, com as chamadas “Notas Marginais”, ou seja, folhetins publicados na *Gazeta de Portugal*. Mas é em 1871 que Eça de Queiroz, depois de retornar de uma viagem ao Oriente, publica a primeira edição de *As Farpas*, um periódico mensal intitulado pelo próprio autor como a crônica mensal da política, das letras e dos costumes. A capa já chama muito a atenção do leitor pela questão sarcástica e irônica com uma ilustração de Manoel Macedo, apresentando uma figura, ou espécie de diabo, segurando um binóculo, observando o que se passa no infinito ou além do que se pode ver. É uma crítica à religião. O demônio possui asas, rabo, barbicha, orelhas pontiagudas e sorriso debochado, representando uma figura diabólica onde as forças que perturbam estão próximas. Seria uma nova crítica ao catolicismo? Nesse sentido, os demônios, na explicação dos teólogos cristãos podem ser criados “bons”, mas se tornam maus. De forma irônica e sarcástica, Eça de Queiroz, em sua capa de *As Farpas*, ao segurar o binóculo, quer ser o diabo ou aquele que consegue ver além dos demais participantes da sociedade, enxergando aquilo que está além dos olhos do homem ou da sociedade.

Por isso, *As Farpas* são, em princípio, a fonte de escolha do autor para caracterizar a

presença do sarcasmo e da ironia utilizada em muitas de suas páginas da literatura: uma espécie de sarcasmo com uma forma que constitui a atitude mais próxima de uma ironia intermediária, pois o sarcasmo de Eça não pode ser classificado como exatamente o exagero excludente a favor do dito ou não dito. Ele tem um discurso em que o leitor percebe certa assertiva declarada como verdade, mas o que ele realmente deseja é colocar em cheque o que é “declarado em suas crônicas”, levando o leitor a ser um agente que desconfia do assunto ou mecanismo que poderia ser chamado como uma dialética irônica. As publicações *As Farpas* conseguiram grande popularidade em todas as classes sociais. É por isso que Berrini (2000), aponta que Eça prossegue suas produções voltadas ao espírito crítico e irônico, à análise da sociedade. “O riso é a mais útil forma da crítica, porque é a mais acessível à multidão. O riso dirige-se não ao letrado e ao filósofo, mas à massa, ao imenso público anônimo” (QUEIROZ apud BERRINI, 2000, p. 227).

Percebemos que Eça de Queiroz se aproveita da ironia e do sarcasmo para declarar a Igreja como algo duvidoso. Já nos textos de Frei Dionísio Veronese, de pseudônimo Zé Fernandes, as crônicas se utilizam da linguagem sarcástica para propagar uma defesa ao anticomunismo, adotado pela Igreja Católica, e que deve chegar aos leitores do *Correio Riograndense*. Como Zé Fernandes, Eça não tem medo de fazer um jogo de palavras usando o humor e o sarcasmo mesmo em assuntos sérios. No texto de Berrini, intitulado: *Eça de Queiroz: precursor da modernidade*, a autora aponta que o riso é verdadeiramente um instrumento de luta de Eça de Queiroz.

Eça, a partir de sua visão irônica e usando os recursos humorísticos da linguagem, não se vai limitar a apontar erros e a tentar assim corrigir falhas [...] Por detrás da linguagem, sorridente, das pilhérias, dos sarcasmos, das invectivas grotescas [...] é possível apreender o seu espírito, dominado por uma ironia angustiada, ao retratar o estado da nação (BERRINI, 2005, p. 46).

Se Eça de Queiroz usa o sarcasmo para atacar a religião e o clero católico, o certo é dizer, que de forma inusitada ou inesperada, o autor português também possui entre suas obras a presença de um personagem que leva o nome de ‘Zé Fernandes’. Ele aparece no romance *A cidade e as serras* (1901), somente publicado após sua morte em 1900. Os originais teriam sido confiados ao amigo, Ramalho Ortigão, que foi o responsável pela edição impressa. A narrativa se dá em torno da vida de Jacinto, herdeiro de terras em Portugal, que vive em Paris às custas da riqueza produzida no seu país de origem, mas narrada por José Fernandes (Zé Fernandes), originário do mundo rural e que irá passar um tempo na casa parisiense, a partir de onde se inicia a narração. A narrativa demonstra a oposição entre a cidade burguesa e as serras rurais

de Portugal. Duas palavras caras às crônicas do *jornal Correio Riograndense*, assinadas por Zé Fernandes, são as mesmas da narrativa de José Fernandes de Eça de Queiroz: o campo e a cidade.

Entre pontos parecidos e outros nem tanto, podemos dizer que Eça de Queiroz, mesmo sendo mais conhecido como um escritor realista e naturalista, vai muito além desses modelos. Assim como Zé Fernandes, que escreve nas crônicas da seção Correspondência Caipira do *Correio Riograndense*, Eça soube trazer uma crítica à sociedade com muito deboche e sarcasmo. Um dos elementos que auxilia o autor português em suas histórias é aplicar, sem dúvida, a força discursiva da ironia.

Mas até que ponto Zé Fernandes, pseudônimo do Frei Dionísio Veronese, utiliza em suas crônicas o sarcasmo e uma linguagem regionalista gaúcha e caipira para fazer uma crítica utilizando-se de um discurso anticomunista? Zé Fernandes tem a prerrogativa de fazer esse ataque ao comunismo porque a Igreja Católica, e principalmente sua ala mais progressista (conservadora) não aceitam as ideias comunistas que se aproximam da América Latina e do Brasil. É um frei capuchinho que se utiliza de um pseudônimo para deixar para trás a lógica argumentativa e que, ao se aproximar de uma linguagem gaúcha e caipira, está mais próximo do falado pelo público informal. Esses são os leitores que compram o jornal e gostam de acompanhar pequenos fatos (*fait divers*)<sup>17</sup>, eventos banais do cotidiano, escritos com traços irônicos para se colocar entre o jornalismo e a literatura.

Zé Fernandes não se importa com a linguagem utilizada ou a própria duração e programação de suas crônicas, tanto que algumas são divididas em vários capítulos (série), durando mais de um mês, com diferentes publicações. O cronista desenvolve cada uma de suas histórias no dia a dia a partir de objetos efêmeros. Ele utiliza-se de inúmeros recursos linguísticos, como o diálogo, a retórica, a simplicidade e, essencialmente, o sarcasmo, para ficar próximo de seu leitor, mantendo com este um tom de cumplicidade. Algo presente nas crônicas de Zé Fernandes é também uma interlocução entre um narrador e outros personagens, criando fatos e versões fictícias, o que acaba gerando, muitas vezes, uma verossimilhança para se alcançar a crítica social e os objetivos do próprio autor: o ataque ao comunismo.

Se, por vezes, a narrativa parece ser despreziosa, com inúmeros e variados assuntos,

---

<sup>17</sup> Surgiu em *Le Petit Journal* em 1836 e não consta que tivesse sido utilizada anteriormente. Até então, falava-se, como diziam Balzac ou Nerval, de “canards” ou de “fait Paris”, ou de “nouvelles” [...] O conceito de *Fait Divers* não se impõe, portanto per se. É uma noção aproximada que deve ser manejada com cautela [...] assim, “a expressão *Fait Divers* não designa, portanto somente uma atividade de distribuição das notícias entre a rubricas de um jornal, ou um tipo de informação, mas também, com uma conotação explicitamente pejorativa, uma categoria particular de acontecimentos” (MEYER, 1996, p. 98).

Zé Fernandes também prescreve o seu cotidiano e sua própria relação com a sociedade. Com sarcasmo, o autor conta o real e este faz parte das histórias como pano de fundo, até porque as suas opiniões sobre alguns fatos publicados no *Correio Riograndense* chegam aos tribunais, gerando problemas até para os freis capuchinhos do Rio Grande do Sul. O comunismo era apresentado como a principal ameaça interna à Igreja Católica, principalmente a partir dos movimentos internos católicos progressistas que tinham o objetivo de aproximar a instituição dos problemas sociais, afastando-a do combate ao comunismo ao priorizar a luta pelas reformas. Zé Fernandes defende a ala católica que executa uma campanha anticomunista no *Correio Riograndense* com uma postura agressiva e sarcástica. Para ele, a infiltração comunista é coisa do demônio.

O sarcasmo nas crônicas de Zé Fernandes ataca as representações das esquerdas não só da região da Serra Gaúcha, mas também do Estado e do país. Seu discurso irônico permeia o exagero como forma de desqualificar os líderes comunistas ou de esquerda, não havendo nenhuma preocupação, em certos momentos, com a verdade. Ele tem um discurso polêmico em que critica quem, por exemplo, simpatiza com a ideologia política de esquerda no país. Muitas vezes, os jovens, os intelectuais e os artistas viram alvo de um deboche em algumas das histórias do cronista, que se utiliza de diálogos entre personagens para atacar os “simpatizantes do comunismo”.

## 5 O ANTICOMUNISMO NA SEÇÃO CORRESPONDÊNCIA CAIPIRA

### 5.1 INIMIGO VERMELHO: O COMUNISTA COMO SÍMBOLO DE ANARQUIA POLÍTICA E SOCIAL

A Igreja Católica marcou presença com suas opiniões em diferentes períodos e situações da história política do Brasil. Sendo contrária ou a favor de assuntos polêmicos envolvendo decisões políticas do país, ela sempre procurou externar sua decisão quanto às posturas adotadas pelos diferentes governos e, sobretudo, de modo geral, combatendo e atacando muitos políticos por divergirem dos ideais cristãos católicos. Assim, o *Jornal Correio Riograndense* foi um instrumento utilizado na região da Serra Gaúcha para defender esse ideal católico acima de tudo e, se necessário, a nominata de muitos políticos, dentre eles, na sua grande maioria, integrantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Por esse aspecto, neste espaço, serão analisadas as crônicas escritas na seção Correspondência Caipira de Zé Fernandes, sob o argumento da política, ou seja, como o cronista Zé Fernandes explorava, através do sarcasmo e de uma linguagem regional caipira e gaúcha, o manuseio de um discurso anticomunista. É inevitável que o contexto histórico entre os anos 1945-1955 estará presente para justificar os objetivos e interesses de Zé Fernandes no ataque aos posicionamentos políticos dos considerados comunistas e dos contrários aos ideais católicos.

Do ponto de vista histórico, pode-se afirmar que a legitimidade religiosa e política da Igreja no Brasil faz parte de um resultado de uma longa caminhada, que acompanha os passos da própria história do país, desde 1500. Por exemplo, no período colonial, o poder estabelecido promoveu um modelo de Catolicismo, referendado como Cristandade. Nesse contexto, a própria Igreja era uma instituição subordinada ao Estado e a religião oficial funcionava como um aparelho de dominação social, política e cultural. Mas como uma crise nesse modelo iniciasse, em 1759, com a saída forçada da Companhia de Jesus (Jesuítas), surge a presença de uma hegemonia de uma nova mentalidade racionalista e iluminista. Já no segundo reinado, em 1840, a Igreja começa um novo período no Brasil, como mencionado neste estudo, conhecido como a romanização do Catolicismo, quando a Igreja está sob as colocações e ordens diretas do Santo Padre ou Papa e não de qualquer instituição vinculada à Coroa luso-brasileira e é através de três fases que esse período se constrói: com a reforma católica, uma reorganização eclesiástica e ainda a restauração católica.

A Romanização da Igreja latino-americana, ocorrida durante o século XIX, não foi um fato isolado, mas foi decorrência de mudanças políticas, sociais e culturais que tiveram como suporte ideológico o pensamento liberal que afetou o mundo católico e cujos efeitos foram sentidos na Cristandade como um todo. Os Estados modernos, surgidos das revoluções burguesas, caracterizaram-se por uma separação cada vez maior entre o poder temporal e o religioso, acarretando um processo de laicização da sociedade. Estado e Igreja passaram a compor campos autônomos, o que, com frequência, acabou por opor um ao outro (VALDUGA, 2008, p. 31).

Na reforma católica, os responsáveis pelas dioceses e arquidioceses, os bispos reformadores, estão preocupados em imprimir ao Catolicismo brasileiro os objetivos presentes na disciplina do Catolicismo romano, elevando esforços para a formação de padres, ou seja, um clero forte e numeroso. Já na reorganização eclesiástica, a Igreja tem uma nova experiência institucional, depois de se separar do Estado com a proclamação da República. E, por fim, em 1922, no centenário da Independência, apresenta-se a restauração católica (NeoCristandade), quando a Igreja vai atuar com o máximo de visibilidade possível na política. Nessa última, a Igreja conta com a colaboração do Estado, em termos de parceria e de garantia do status quo. Ali a Igreja vai recrutar e mobilizar seus intelectuais, por meio de diversas organizações e da liderança de Dom Sebastião Leme. Ele funda, no Rio de Janeiro, a Liga Eleitoral Católica.

Mas o cenário da política no Brasil radicaliza-se, e grupos políticos surgem como amparados no reflexo de duas tendências políticas que estavam em evidência no mundo. A década de 30 ficará marcada pelos regimes ditos totalitários, imprimindo sucesso de ideais que não valorizavam a democracia e mesmo o liberalismo econômico. O país reflete isso com grupos que à direita e à esquerda são vistos pelos historiadores como sinais da radicalização e polarização da política brasileira. Ainda denominado *Staffeta Riograndense* e publicado em italiano, o jornal que se tornaria *Correio Riograndense* dá relevância e apoio, inclusive editorial, à conhecida Ação Integralista Brasileira (AIB), grupo político de extrema-direita, liderado por Plínio Salgado, o qual surge em meio ao movimento constitucionalista que atinge São Paulo em 1932. O semanário estreita a união e divulgação das ideias da Ação Católica Brasileira e da Ação Integralista Brasileira, definida por interesses que vão além da religião, especialmente na luta contra o comunismo. O movimento da Igreja tem o objetivo de reaproximação do campo político e social quando estreita sua relação com um movimento político cujo lema é “Deus, Pátria e Família”, em franco desenvolvimento e aceito pela população, diferentemente dos problemas que o catolicismo vinha enfrentando. Por exemplo, no campo social, há o crescimento de uma população emergente nas cidades, necessitando de orientações e apoio ideológico, pois essa população era atraída pelas ideologias de esquerda, as quais estavam do lado dos trabalhadores e das situações problemáticas envolvendo a sociedade em geral.

Rodeghero (1998) destaca que se desenvolve dentro da Igreja Católica uma forte pregação voltada à defesa dos valores cristãos diante das ameaças do então comunismo. Para a Igreja, é preciso um posicionamento forte através dos padres e bispos, no sentido de resguardar a família das ameaças do inimigo vermelho como eram caracterizados os comunistas.

Essa pregação foi utilizada por outros setores da sociedade gaúcha, como o dos políticos, o que se evidenciou na recorrência ao discurso e à autoridade de pessoas ligadas à Igreja Católica como forma de cada candidato diferenciar-se dos seus oponentes e conquistar o apoio dos eleitores. Na medida em que os candidatos se utilizavam do anticomunismo católico como arma para galgar a postos de comando no estado ou no país, reconheciam a autoridade da Igreja no campo dos argumentos e também da relação com os eleitores. Por outro lado, se os católicos anticomunistas não se insurgiam contra o uso indiscriminado de seus discursos, colocavam-se ao lado desses setores políticos, admitindo que o perigo do comunismo era algo que deveria estar no centro das atenções também nas épocas de eleição (RODEGHERO, 1998, p. 37).

A Igreja segue nos anos seguintes promovendo uma luta também política no sentido de se implantar estruturas de Estado em que os ideais católicos tivessem a força necessária para a propagação da religião e para o combate ao comunismo marxista, como a maçonaria, o protestantismo e outros. Assim, é com a Constituição de 1934 e com Getúlio Vargas que se observam alguns resultados dessa ofensiva católica na política, em que lideranças cristãs católicas procuram as forças políticas da época para implantar o ensino religioso nas escolas públicas e ainda há a presença de padres como capelães militares nas Forças Armadas e a subvenção estatal para as atividades de cunho social e assistencial ligadas à Igreja. De acordo com Alves (1979, p. 36-37), Vargas “procurou aliados nos grupos tradicionalistas e a sua longevidade no Poder viria a ser fruto dos acordos que estabeleceu entre as forças tradicionalistas e as forças emergentes da classe dominante”. O gaúcho Getúlio Vargas havia sido eleito em eleição indireta para um mandato de quatro anos, terminando, portanto, em 1938.

Diferentemente do que se esperava em 1934, a própria sociedade brasileira caminhou para um processo de radicalização. Essa seria uma tendência mundial em que as democracias representativas e liberais estavam em franca decadência enquanto os regimes autoritários surgiam a todo o momento. Como se isso não bastasse, o presidente Getúlio Vargas elabora seu projeto de poder e segue para um mandato cuja intenção é radicalizar a forma que também governa o Brasil. Esse período de Vargas é marcado por ações que caminham no sentido de elevar os poderes presidenciais, e é nesse momento que se apresenta e determina uma nova ação política no Brasil denominada Estado Novo. Mas a Igreja Católica no Brasil está ao lado de Getúlio, pois vê nele, e mesmo na sua forma autoritária, o combate à esquerda no país e, especialmente, aos defensores de uma implantação do comunismo na América Latina. Os

jornais católicos entram em atividade na década de 1940 e, principalmente depois de 1945, procuram defender em seus editoriais e colunas de opinião uma espécie de perseguição aos comunistas ou àqueles que se dizem contrários aos ideais católicos, reconhecendo-os como pessoas do ‘diabo’. Um desses jornais, pertencentes aos Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul, é o *Correio Riograndense*. No semanário, um dos espaços mais lidos e concorridos são as crônicas de Zé Fernandes.

Utilizando-se de argumentos políticos, Zé Fernandes vai publicar entre 1945-1955 centenas de crônicas na seção Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense*, por meio de personagens fictícios ou não, para mencionar ou fazer referência aos comunistas como verdadeiros inimigos não só dos católicos, mas da Pátria brasileira. Nesse contexto, para salvar a fé e o país, é preciso ser anticomunista. Por isso, em 28 de março de 1945, o cronista atira com todas as armas contra o então conhecido ‘inimigo vermelho’ na crônica intitulada “Páu neles..” (vide Anexo B), ou seja, uma referência direta aos comunistas e integrantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ao provocar de forma sarcástica e se utilizando de uma linguagem regional caipira e gaúcha numa cruzada anticomunista, Zé Fernandes refere-se à legislação eleitoral de 1945, que terminaria mais tarde em um documento expedido através do Decreto-Lei nº 7.586, dispondo que as eleições para a Presidência da República e o Congresso Federal seriam realizadas no dia 2 de dezembro. Já as eleições para os governos e as assembleias legislativas estaduais aconteceriam no dia 6 de maio de 1946. Diante desse fato, Zé Fernandes elabora uma crônica em que um interlocutor narra a história e conversa com um personagem de nome Quincas. Esse interlocutor teme que a “tal liberdade política” dada ao processo ceda espaço político para que os comunistas possam avançar seus ideais e posições em meio a um Brasil que precisa de tranquilidade, principalmente na política. No fim da história, Quincas renderá louvores a Getúlio Vargas como um político que sabe lidar com os comunistas. Mas, no início da crônica, o interlocutor dispara:

Vancês nem queiram sabe o baruião grosso que dispertô nesse pessoal arrenegado a dita lei de liberdade de se manifestá que o governo concedeu pra todos, ou, si inda não concedeu, vai concedê daqui a poco.

Eu, pra falá a verdade nuca vi baruiera dessa inspécie. Pois lhes digo que isso bem se parece como uma queima de roça de taquaral. Oia que tiroteio medonho! Mais pra mode fala certo, quem é que tá formando todo esse temporal? Será gente do bem? Gente direita? Que qué trabaiá pra mode produzi e fazê o progresso da Nação? Será gente trabaiadera? Será gente ordera, que aborrece as matraca dos anarquisadô, da gente em religião?

Quesperança!

E’ esse mundão de pôtro chucro que não qué vive na ordem, nas leis, na justiça, na verdadeira liberdade, nas linha de bons crinstãos! Esses os arrenegado, os batelata, os baruientos! Não gostam de vê o Brasil nesse bom andamento em que vai indo, e que pode inda í mió [...].

Querem inda as rivulução dos ano atrás. Querem inda encilhá cavalo aiêio com pelego robado; carneá reis do potrero do visinho e churrasqueá feito dono [...].

Eu inté tava com vontade de inscrevê pro Getuio e dizê prele: Óia, seu Getuio, isso de liberdade pra anarquizá com a gente pacífica que qué vive em páis e socego e no trabaio honesto, não é liberdade, não! Isso é besteira, é feitiço do diabo.

Nóis não queremos sabe di rivulução. Deus nos acuda! [...].

Mais o véio Quincas, munto inteligudo e que encherge longe, me tranquilizô: Ora, seu besta, não seja troxa, apalanque a raiva; não acredite que o Getuio bote lei para anarquizá. Isso o que ele feis foi pô galinha na arapuca; deixe a gambada se ajuntá. Dispois é que os quebra vão dansá a conga com camboim do Gamenão (PÁU NELES, 1945, p. 04).

A crônica sarcástica escrita por Zé Fernandes, de forma subliminar, passa ao leitor do semanário uma ideia de que os comunistas não podem ter uma oportunidade ou mesmo espaço para a defesa de seus ideais na política brasileira. A crítica política do cronista rende aos integrantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) a nomenclatura de revolucionários ou indivíduos que possam transformar a normalidade vivida em sociedade em uma anarquia, que pode chegar a uma revolução. Mas os “baruietos” ou comunistas, como menciona o interlocutor, podem estar se colocando numa “fria”, na linguagem simples e coloquial do dia a dia. Eles, os comunistas, podem estar em perigo. Quem narra a história até pode ser um interlocutor, mas a conotação e diretriz da crônica tem detrás o pensamento de Zé Fernandes, que assina, aliás, a crônica. As crônicas de Zé Fernandes terão diferentes caracterizações escritas. Em momentos, um interlocutor aparece na história dando voz a um ou dois personagens. Esse interlocutor é um mediador da crônica. Em outros casos, a narrativa das crônicas é feita pelo próprio Zé Fernandes, inclusive nomeando o que pensa. Por fim, existem momentos em que apenas diálogos de personagens aparecem na crônica. Causos entre compadres, por exemplo, são muito utilizados, contam e repudiam ações políticas. Esses personagens até podem ser indagados por um interlocutor, mas de maneira muito rápida. Existe, nesse caso, a sensibilidade de que apenas o relato entre os personagens já reflete algum pensamento que esteja ligado ao que Zé Fernandes quer repassar ao leitor. O cronista, em certas ocasiões, não contextualiza o momento entre o período que a história está sendo narrada e as particularidades do meio político no Brasil e no mundo, mas ele trabalha no sentido de expor o que pensa seguindo o editorial do *Jornal Correio Riograndense*. A crônica de Zé Fernandes relata os fatos, analisando e mostrando ao leitor uma situação comum e singular do dia a dia que pode ser a mesma de cada cidadão. Entretanto, o cronista também se impõe, pois o anticomunismo é ferramenta de ataque e é demonstrado com sarcasmo e uma linguagem regional caipira e gaúcha.

Na narrativa que Zé Fernandes utiliza, o final do texto de “Páu neles...” apresenta um personagem para a conversa: Quincas - homem inteligente e que enxerga longe. Com a figura

de Quincas, Zé Fernandes finalizará sua crônica com o recado que deseja passar ao leitor. Trata-se de um trecho, cujo sarcasmo é cheio de significado. O que ele espera de Getúlio Vargas é que não se dê liberdade aos comunistas, mas que sejam presos, e finaliza: “dispois é que os quebra vão dansá a conga com camboim do Gamenão”. Ou seja, uma captura pode ser o fim da liberdade para os comunistas em que até a violência é defendida.

As características das crônicas de Zé Fernandes parecem juntar muitas particularidades. Ele tem a intenção de narrar eventos do cotidiano apresentando um ponto de vista, mesmo quando se utiliza de um interlocutor, ou ele próprio como narrador e ainda personagens, mas sempre desenvolve uma situação, acontecimentos e fecha o texto com uma opinião. Essencialmente neste capítulo é possível confirmar que Zé Fernandes deixa claro ser a favor ou contra determinado ato político através da utilização de um argumento político. Ele sempre tem uma decisão que fica evidente na crônica. O cronista desenvolve uma discussão, apontando possíveis interpretações, e também pode terminar com sua opinião, mesmo que indiretamente. Sem falar do humor, cujo sarcasmo se encaixa como uma contribuição essencial para se chegar ao ponto de vista final do próprio Zé Fernandes. O sarcasmo da crônica da seção Correspondência Caipira do *Correio Riograndense* sempre tem um ponto de vista a nomear: o anticomunismo que estará envolvido sobre dois argumentos: o político e o religioso.

Na crônica intitulada “Páu neles...”, a história dá sentido ao pensamento de Zé Fernandes, ainda que se utilize de um pseudônimo, pois, por meio de suas palavras empregadas no jornal, descreve a si mesmo, relata o que pensa, seja no passado ou no presente, e assume suas opiniões, formando essa imagem para o leitor. Mas como encontramos, por exemplo, o pensamento do autor, se temos um interlocutor e personagens na crônica? Podemos lembrar aqui uma explicação encontrada em Foucault (1992), quando o autor afirma que, independentemente da presença ou não do escritor nomeada na crônica, é possível, através das características do discurso, encontrar semelhanças e marcas do próprio autor. Nesse caso, no conjunto de crônicas de Zé Fernandes, existirá sempre uma semelhança: um texto anticomunista.

Um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos. Além disso, o nome de autor faz com que os textos se relacionem entre si [...]. Em suma, o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso [...] se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto (FOUCAULT, 1992, p. 45).

Assim, segundo Foucault (1992), uma vez organizados tais textos e crônicas,

assumindo tal discurso como um estatuto, o nome do autor circula na sociedade e possui uma representatividade histórica, ideológica e artística, estabelecendo padrões e posições em meio aos leitores de um jornal, por exemplo. Zé Fernandes utiliza suas crônicas para a defesa de ideais anticomunistas e favoráveis às razões da Igreja Católica, mas sem perder de vista que suas opiniões também estão presentes nas crônicas sarcásticas que pretendem banir quem pensa ou segue os ideais comunistas, especialmente na Região da Serra Gaúcha.

Zé Fernandes, em algumas crônicas, não está nomeado na história; prefere ser o interlocutor dela, mas não deixa de assiná-las. Muitas circunstâncias enunciadas no texto levam o leitor a uma busca da função do autor. Para ser mais simples, quando o leitor suspeita de que o autor empírico se inscreve no texto, ele passa a relacionar muitos discursos com a figura do autor – como outros pensamentos e trajetória de vida (Zé Fernandes). Conforme Foucault (1992), o nome do autor estaria no limiar, não apenas no ambiente civil dos homens, nem apenas na ficção, mas tendo em vista a função do autor que significa “uma característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1992, p. 46).

Justamente Zé Fernandes quer ser um autor que possa interferir na sociedade com seus discursos anticomunistas, utilizando o sarcasmo numa linguagem regional caipira e gaúcha, que especialmente atinge a família e o homem rural que leva muito em consideração a posição religiosa do *Correio Riograndense*. Ou seja, o semanário tem e transmite o que é “bom” para a sociedade. Nas pequenas comunidades da Serra Gaúcha, a interlocução do meio de comunicação impresso dos Freis Capuchinhos representa não só algo que comunica, mas o posicionamento que deve ser seguido diante dos fatos e da política, base necessária para uma melhor organização social dessas comunidades interioranas.

Em nova crônica publicada no dia 5 de setembro de 1945 (vide Anexo C), a seção Correspondência Caipira traz “Óio aberto!”, quando Zé Fernandes volta a fazer uma crítica à abertura de Getúlio Vargas em relação à participação dos comunistas nas eleições que se darão no mês de dezembro. Na nova história, o narrador conversa com um personagem chamado Antonho. Zé Fernandes é o narrador que dialoga com o personagem no texto. Ele dispara contra os comunistas e o cenário político que se desenha. Novamente, a característica maior do cronista se apresenta com a utilização do sarcasmo e da linguagem regionalista caipira e gaúcha. Frio e contemplativo, Zé Fernandes oferece um texto que reprova não só os comunistas, mas quem não tem uma opinião formada sobre os ideais que aqueles pregam. Para o cronista, é preciso também ficar de “Óio aberto” para aqueles que olham para os comunistas de “óios arregalado”, pois sobre eles paira uma dúvida mortal: são a favor ou contra os comunistas diante do atual

panorama político do país? O narrador da história finaliza: “Bamo, antonce, todos unidos, todos na mesma linha contra esses tamanduá que estende a língua pra papa os simplório”.

Sempre mi lembro do Antonho di tal. Bom homem que de mió não presta. Trabaíava queera só vendo. Seu trabaio era maltero. Preparava malta pros pedrero.

Um dia observei prele:

- Cuidado, seu Antonho, não vai le cai argum tijolo na cuia!

- Hai perigo, mais nego véio ta sempre de ôio aberto e pé ligero.

Gostei da frase. Nunca mais me esqueci. Lembro-me dela agora que tô pensando no Comunismo da nossa terra.

Hai perigo, não é pequeno não. E se o Cumunismo pegá, Deus te livre! Que seria de nós tudo? Neleá até morrê, ou morrê inscravo.

Antonce nós tudo temo que tá de ôio aberto e pé ligero, como o nego Antonho.

O Cumunismo é farejadô. Cuidado! Ôio aberto pra logo descobrí as manha e as unha dele.

E não só os cumunista declarado, mas também temo que nois cuidá desses que óiam pro cumunismo de óios arregalado. Desses que nada dizem contra o cumunismo. Desses que ficam calado sem dizê: sô eu não sô. Desses, minha gente, ôio aberto. São os aproveitadô. Si pegasse o Cumunismo iriam na onda. Criaturas como essas não presta; dimais piô, difícil!

Contra o Cumunismo ninguém deve ficar de braço incoido. Quem não combate o cumunismo é elemento tão perigoso como os cumunista de quatro constado.

Bamo, antonce, todos unidos, todos formá linha contra esse Tamanduá que estende a língua pra papá os simplório. Deixemo ele bota a língua vermeia. A língua não nos interessa. Mais, dê-le no fucinho! Esse é que é farejadô (ÓIO ABERTO, 1945, p. 04).

Zé Fernandes não é somente um defensor do anticomunismo por ser um frade capuchinho (Frei Dionísio Veronese) ou um cronista do *Correio Riograndense*. Ele próprio é um anticomunista que se assume e emprega o sarcasmo para capturar a confiança do leitor, mesmo de forma irônica. Ele se utiliza de eventos do cotidiano e da vivência de personagens fictícios para serem instrumentos que devem propagar muito além dos preceitos da religião católica. Zé Fernandes quer atingir os descendentes de italianos da Região da Serra, que são eleitores, para captá-los em tempo pré-eleitoral. Nesse cenário, o cronista pode ser considerado um importante instrumento da propaganda e de mobilização política contra os comunistas. Nesse sentido, de acordo com Baczkó (1985), pode-se destacar que o cronista trabalha o imaginário social das pessoas ou dos leitores e eleitores, para que eles percebam que o melhor para a política do país, estado e municípios, também é o que a Igreja Católica orienta, sobretudo quando o assunto é a luta anticomunista na política.

O imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo que constitui um apelo à ação, um apelo a comportar-se de determinada maneira [...] O dispositivo imaginativo suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum (BACZKO, 1985, p. 311).

Esse imaginário trabalhado por Zé Fernandes em suas crônicas irá desencadear pensamentos nos leitores que podem suscitar ações e adesões. Quando se fala no caso imaginário anticomunista, feito pela Igreja Católica e por políticos de sustentação católica, na maioria das situações, é e pode ser eficaz, pois dá-se por intermédio da palavra. Assim, falar também é agir. Então, muito além das histórias e causos estarem apenas escritos nas crônicas da seção Correspondência Caipira, ações podem ser efetivas a partir desse contexto. A escrita toma a forma da palavra que muda conscientemente a ação das pessoas que, porventura, gostariam de defender o comunismo como uma saída para o país. Essas estarão erradas até o momento que pensarem diferente. O diferente e correto, nesse sentido, será mesmo o de concordar em ser um anticomunista. Por isso a linguagem caipira e gaúcha das crônicas agrega o sentido de proximidade do jornal com seus leitores, ou o fato de pensar que está fazendo-os se identificar com as narrativas. Por isso, Fiorin (2006) defende que a linguagem, que nesse caso possui um toque sarcástico, pode ser encarada como uma ação: “quando o enunciador comunica alguma coisa, tendo em vista o agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia, mude de comportamento ou de opinião, etc.” (FIORIN, 2006, p. 74).

É bem verdade que internamente, no primeiro semestre de 1945, para tentar fazer frente às pressões pró-democratização, Getúlio Vargas definiu um calendário eleitoral e anistiou os presos políticos. Naquele período, surgiram diversos partidos, e o PCB foi legalizado. Em 2 de dezembro de 1945, aconteceria o pleito eleitoral. Um pouco antes, em 7 de novembro, Zé Fernandes disparava sua crônica sarcástica intitulada “Tá que não presta!” (vide Anexo D), uma crítica aberta ao líder comunista Luís Carlos Prestes.

Inda uma prosinha contra o diabo do comunismo.

E’ preciso não se cançá di repeti, por tudo o que é canto e pra todos, uma verdade verdadeira; que é esta: O seu Prestes não é brasileiro de alma nem di coração. Como brasileiro não presta. Pois òiem bem, ele, anos atrais, parô um tempão lá na Rússia do Instalim pra instudá o cumunismo e toda a bagagem dos comunista. E quando ficô feito nu assunto se toco pra cá, com a marvada intenção de plantà o mesmo cumunismo disgranido aqui na nossa terra [...].

Vortô da Rússia, insaiô a rivulução do trinta e cinco, mas não pegô. Foi atirado no buque (que é o lugá mais próprio prele). Agora pros causos da pulítica foi sorto. A gente dele gritô: Prestes é cavalero da Insperança! O resto da gente matutô: Tamo perigando!... Mais que esperança! Nem desta veis pegô... O Prestes tá é com as raís munto incoida. Tá que não presta!

E aqui entre nois gaúcho piorô prele. Nóis sabemos mostrá que não aguentemo estes cavalero que trocam o ponche e as bombacha prumas bota e uns bigode de Instalim e que querem invermeiá o nosso côro a martelo e foice. Nóis semo livre [...].

Infim, pra encurtá a história, eu acho memo que o Prestes tá que não presta! (TÁ QUE, 1945, p. 04).

Fica evidente a contrariedade de Zé Fernandes, como narrador por excelência na crônica, à liderança comunista de Luís Carlos Prestes no Brasil. O cronista refere-se ao ano de 1931, quando Prestes viajou para a União Soviética (URSS), convidado pelo Partido Comunista Uruguaio. Em solo soviético, Prestes trabalhou como engenheiro e teve contato intensivo com as obras marxistas. Ele retorna ao Brasil em 1934, com documentos falsificados, pois comunistas eram proibidos de entrar no país no governo de Getúlio Vargas. Zé Fernandes, diante de sua ação anticomunista, aponta para Prestes como um seguidor do stalinismo, período no qual a URSS foi governada por Josef Stalin (1924-1953), líder de um regime considerado por muitos historiadores como totalitário. Marcado pelo culto ao líder, o regime stalinista implementado a partir da década de 1930 também perseguiu qualquer oposição interna. Durante seu governo, Stalin ordenou a prisão e a execução de milhões de pessoas.

Zé Fernandes não pode ouvir falar em Luís Carlos Prestes. O líder comunista no Brasil representa para o cronista o personagem político que deseja dar um fim à liberdade de todos os brasileiros. Na narrativa, Zé Fernandes se utiliza da frase “Nóis semo livre” quando recorda de Prestes. Portanto, o cronista deixa um apelo particular à ideia de liberdade. O ataque à Prestes parece ser significativo porque ele era, naquele momento, a figura mais emblemática do comunismo brasileiro. De acordo com Falcão, o ano de 1945 é riquíssimo para o Partido Comunista Brasileiro (PCB), “refletindo mudanças ocorridas no mundo e que repercutiam no país. Junto do partido estava a figura emblemática de Luís Carlos Prestes, o antigo ‘Cavaleiro da Esperança’ da mítica Coluna Prestes dos anos de 1920” (FALCÃO, 2016, p. 216). Zé Fernandes justamente aplica a recordação de ‘Cavaleiro da Esperança’ para Prestes durante sua crônica. Entretanto, o cronista só utiliza a passagem para jogar o sentimento anticomunista com tom sarcástico na linguagem, transformando o elogio dos então simpatizantes em uma atitude que não presta. “A gente dele gritô: Prestes é cavaleiro da Insperança! O resto da gente matutô: Tamo perigando!... Mais que esperança! Nem desta veis pegô... O Prestes tá é com as raís munto incoida. Tá que não presta!”.

Outra situação presente na crônica é um apelo à cultura gaúcha, do ponche e da bombacha, peças fundamentais da indumentária do gaúcho, daquele que vive nos campos e propriedades do interior do Rio Grande do Sul. A simbologia dos termos ‘ponche e bombacha’ representa para Zé Fernandes o quando o jeito de vestir do gaúcho deve ser tratado com respeito, dignidade e honradez. Para o cronista, esta foi uma forma de comparação na narrativa para identificar que nenhum gaúcho troca seu traje por qualquer coisa ou valor, muito menos de partido ou ideal político. Lembra Zé Fernandes: “Nóis sabemos mostrá que não aguentemo estes cavaleiro que trocam o ponche e as bombacha prumas bota e uns bigode de Instalim e que

querem invermeiá o nosso côro a martelo e foice”. Em alusão a Prestes, o cronista, mais uma vez, transforma o comunista em uma figura negativa para a sociedade: um cidadão que desrespeita todos os brasileiros e sua própria pátria. O fato de Prestes ter trocado o Brasil pela Rússia também é um argumento de que “como brasileiro, ele não presta”. Assim, o pensamento de Zé Fernandes em sua crônica sintetiza algumas de suas principais críticas ao líder comunista, principalmente em diferentes crônicas publicadas pelo *Correio Riograndense*, quando, categoricamente, o cronista chama Luís Carlos Prestes, acusando-o de traidor da pátria, de agente de Moscou e, ainda, de ser um homem fanático, ambicioso e sem escrúpulos.

Entretanto, mesmo com as publicações e uma defesa rigorosa anticomunista, Zé Fernandes terminaria o ano derrotado diante do processo eleitoral. De acordo com Pandolfi (20--?), no pleito eleitoral de 2 de dezembro de 1945, os comunistas alcançariam um resultado surpreendente, obtendo dez por cento da votação nacional e, num universo de 320 parlamentares, elegeram 15 deputados federais e um senador, Luís Carlos Prestes, o segundo mais votado no país, suplantado apenas por Getúlio Vargas, também eleito senador.

Segundo Pandolfi é também em 1945, diante de todos os 13 partidos que participaram do processo eleitoral, que o PCB tornou-se a quarta força eleitoral, atrás do Partido Social Democrático (PSD), da União Democrática Nacional (UDN) e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Naquele mesmo período, diversos partidos comunistas, sobretudo na Europa, também tiveram grande crescimento eleitoral. A política adotada por todos eles, de estabelecer alianças para combater o avanço do nazifascismo, apresenta bons resultados.

Com o avanço da redemocratização, representada pelo início do governo Eurico Gaspar Dutra, primeiro presidente eleito pelo voto direto após o Estado Novo, e com a instalação da Constituinte, no início de 1946, o movimento operário ganha vigor. O número de sindicalizados cresce, e várias greves eclodem no país. Para barrar o avanço do movimento sindical, que contava com forte apoio dos comunistas, Dutra, ainda no início do governo, antes da promulgação da nova Constituição (18 de setembro de 1946), baixa um decreto proibindo o direito de greve. Dutra vivencia durante seu governo as tensões e problemas que marcavam o desenvolvimento da Guerra Fria no cenário político internacional. Internamente, teve como primeira grande ação a convocação da Assembleia Constituinte que discutiria as leis a serem integradas a uma nova Carta Magna.

No início de 1946, Zé Fernandes toma nota da vitória nas eleições de alguns comunistas e retorna com uma crônica sarcástica no *Jornal Correio Riograndense* com um verdadeiro ataque político anticomunista no sentido de minimizar a força do Partido Comunista Brasileiro no país e no Estado gaúcho. O PCB, “nas eleições para a Câmara Federal em 1945,

no Rio Grande do Sul, obtivera o mesmo número de cadeiras que o PTB (uma), de tal forma que os dois partidos ficaram empatados em quarto lugar no quadro político gaúcho” (RODEGHERO, 1998, p. 103). Em 20 de março de 1946, a seção Correspondência Caipira (vide Anexo E) apresenta a crônica intitulada “Caramba!”. Zé Fernandes se diz espantado com o resultado das eleições e repercute a vitória para a Assembleia Nacional Constituinte pelo Rio Grande do Sul do secretário-geral do comitê estadual do Partido Comunista Brasileiro, Abílio Fernandes (PCB), natural de Pelotas. Na crônica, o autor assume posição na primeira pessoa do singular.

Inda não me aprumei do espanto que tive quando lí nos jorná a notícia que dos pampa gaúcho foi pras bancada dos deputado um comunista!...  
 Conclui que nós os gaúcho também temo gente que percisa de rabo de tatú.  
 Mais o que quage me matô (pur siná que ando inté hoje às vorta com os médico) foi lê o nome do bandido cumunista que foi arrotado pra se banca nas cadera de deputado.  
 Pois o ventana não se chama também Fernandes?!!  
 Que me perdõem, mas que sentí horror de leva tal nome sentí memo! Nem mais queria que se escrevesse o meu nome. Esse tranca me borrô.  
 Por nada, que eu prefiria sê da família do Raul das Pilhas e inté diria do Arriscado das Gralhas, mais antes que sê dos Fernandes comunista! [...]  
 Inda creio que não fique na cambra esse danado. Acridito no podê do miscrópio do véio das Pilhas, pra mode fazê estorá o cujo antes que abra o bico. Imploro a ajuda do Arriscado das Gralhas pra mode impugná a cadera do Fernandes.  
 Ansim não pode fica. Com que corage vô eu agora maiá os cumunista, si eles podem me retrucá: os da tua família são cumunista também!... Eu levá esses estrupió?!...  
 (CARAMBA, 1946, p. 04).

No final da crônica, Zé Fernandes confessa: “muito envergonhado me sinto”. Por trás do trecho sarcástico algo fica exposto: uma declaração do autor carregada de mágoa no sentido de uma eleição não esperada, quando vence um comunista. Ele usa do seu espaço semanal para uma tentativa de pressão diante da cadeira do parlamento ser assumida por um comunista eleito através do voto. O cronista chega a afirmar que acredita no poder do “miscrópio do véio das Pilhas, pra mode fazê estorá o cujo antes que abra o bico”. A frase deixa claro: o cronista defende a impugnação do então eleito político comunista. Utilizando-se de um argumento político, Zé Fernandes defende o anticomunismo assumindo um posicionamento de ódio em relação à escolha dos eleitores. A linguagem regional caipira e gaúcha tem para o cronista a finalidade de contar uma história do jeito que o seu leitor deseja, de forma simples e coloquial, para provocar nesse mesmo receptor e eleitor católico a percepção de que, além de não ter votado corretamente no melhor candidato, ele escolheu um comunista e, para piorar, de sobrenome Fernandes.

Para Zé Fernandes, escolher um ‘Abílio Fernandes’ como deputado é concordar com o que os “vermelhos de foice e martelo” desejam: derrubar os conservadores e a própria Igreja.

Como um gaúcho elege um comunista? Esse é o drama exposto por Zé Fernandes, que não concorda com o aval dos eleitores dando ao político comunista o poder capaz de propagar os ideais anarquistas, especialmente, no Rio Grande do Sul. Diante desse fato, Zé Fernandes se sente um desencorajado para “maiaá”, ou malhar, qualquer comunista. Ele finaliza a crônica como se tivesse perdido uma batalha. Com isso, Zé Fernandes faz uma pausa no texto, talvez para dar um respiro diante do que está escrevendo, e volta a solicitar que as autoridades políticas representadas por Raul das Pilhas e Arriscado das Gralhas tomem uma atitude: “Seu arriscado, pra acaba de vêis, impugne esse pessoal todo”. O cronista do *Correio Riograndense* toma coragem de afirmar que os comunistas, mesmo com a aprovação do voto, ainda possuem uma identidade que apenas desqualificará o poder político do país.

A escrita de Zé Fernandes na crônica “Caramba!” deixa entender no texto a construção de uma identidade particular, cujas características não podem ser as mesmas. O sobrenome Fernandes não tem uma mesma identidade em sentidos opostos: anticomunista e comunista. O autor da crônica levanta a discussão de que “Fernandes” só pode ser anticomunista e não um comunista. Um comunista “Fernandes” seria como renegar a fé cristã à sociedade e aos ideais de moralidade e ética. O interessante da crônica de Zé Fernandes, portanto, é que o texto é, em síntese, a permissão da multiplicidade de sentido, quando o autor, o sujeito que segura a caneta e que escreve a crônica, não aprisiona o sentido; na verdade, ele deixa transparecer a agonia de ser um Fernandes que pode ter um parentesco ou proximidade com um comunista. A seção Correspondência Caipira atribui, nessa crônica publicada por Zé Fernandes, que tudo é possível para o cronista diante do que escreve, mas também que algo nunca será permitido: uma mudança de identidade e pensamento político. Parece dizer que, antes de ser comunista, Zé Fernandes prefere a morte. A posição do autor no texto e nas crônicas sempre irão combater o comunismo. Mas uma comparação a um comunista o faz perder a neutralidade diante do leitor, justamente por medo de perder essa identidade cristã. Ele não pode ser comparado a um comunista, por isso recorre a uma voz mais direta no discurso anticomunista. Por esse viés, Hall (2011, p. 120) afirma que “o sujeito é produzido ‘como um efeito’ do discurso e no discurso, no interior de formações discursivas específicas, não tendo qualquer existência própria. [...] os discursos constroem por meio de suas regras de formação e de suas ‘modalidades de enunciação’ – posições de sujeito.”

Zé Fernandes soma em suas palavras uma condição de que é preciso acreditar na Igreja Católica e no que ela prega. Por isso, o objetivo dessa definição identitária é ressignificar nas crônicas os valores também culturais para colocá-los a serviço da Igreja Católica e da sociedade em busca de recuperar fiéis (arrebanhar ovelhas) perdidos ao longo dos anos, bem como

recuperar o espírito de luta pelos direitos políticos baseados nos ideais cristãos. É preciso que as comunidades, jovens e adultos, sejam catequizados pela força ao “anticomunismo” e que esses (leitores do jornal) exerçam poder e tenham condições de atuar criticamente na sociedade. A identidade cristã católica é a que prevalecerá, assumindo sempre uma postura em relação à política local, regional e nacional. Quando Zé Fernandes tem medo de ser comparado ao Fernandes político e comunista ele quer também reforçar a posição que assumiu, assim como qualquer indivíduo ou sujeito deve assumir: ser um cristão de verdade. Segundo Hall (2011):

[...] as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’ [...] que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma divisão a partir do outro [...] elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos (HALL, 2011, p. 112).

Já Foucault (1992) reforça, em seus escritos, a condição do governo de consciências tendo como base a relação das subjetividades e verdade. O filósofo refere-se ao cristianismo como aquele que obriga o indivíduo a cumprir deveres e crenças cujas decisões não dependem de si, mas das relações produzidas na/pela Igreja. Zé Fernandes segue à risca esse planejamento, cada vez mais amparado nos argumentos políticos anticomunistas.

Mudanças no cenário político internacional logo se fariam sentir também no Brasil. No início de 1947, a aliança envolvendo Estados Unidos e a União Soviética começaria a ser desfeita. Era o início da Guerra Fria. De acordo com o presidente americano Harry Truman, as potências mundiais da época estavam divididas em dois sistemas contraditórios: o capitalista e o comunista. Então, a política externa americana volta-se para o combate ao comunismo. No Brasil, as repercussões com o conflito são imediatas. Conforme Pandolfi (20--?), no dia 7 de maio de 1947, depois de uma batalha judicial, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) tem seu registro cassado, e os comunistas são classificados como inimigos. Nos Estados Unidos, o movimento de perseguição aos comunistas era liderado pelo senador Joseph Mac Carthy e, na Itália, era o Papa quem os excomungava.

Em 26 de junho de 1947, a seção Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense* apresenta, na página 2, a crônica intitulada “Ansim ou assado, seu Prestes!” (vide Anexo F), em que Zé Fernandes comemora de forma sarcástica a cassação do registro do PCB. Na oportunidade, o líder dos comunistas e senador Luís Carlos Prestes também tem a prisão preventiva decretada. Fazendo alusão a esse fato no título da crônica, Zé Fernandes dispara contra Prestes, afirmando que o Brasil, enfim, está salvo.

Inté que enfim por três votos a dois o Brasil tá salvo! [...].

E agora sim o causo tá com a pulicia! Ansim ou assado, seu Prestes! Ouviu? Eu sempre que falei lê dizia: Seu Prestes, inscuíta bem, vancê não presta! Deixa dessa bobage de comunismo. As rais aqui não pegam. Tá aí. Agora vancê e a turma ou se fecham ou vão manietado e amordaçado por de trais da grade. Agora é que vancêis vão vê que o barato sai caro. E que o tempo em que vanceis andavam sortos era pra se aproveitá e compreendê que todos aquí no Brasil podemos vivê em páis, sem percisá de esfarinhá a ordem; ou se atrevê de bota a Rússia por em riba do Brasil. Vanceis abusaram da liberdade [...].

Entonces, não perciso a gente se alegra com a tal fucinhada do valentão, malvado e assassino Prestes?!

Ele me amarelava a existência! Também não era para menos! (ANSIM, 1947, p. 04).

A crônica praticamente é guiada pelas palavras e uma narrativa de Zé Fernandes que apenas cita um certo “Raul das Pilhas”, o qual seria compadre de Prestes, e que não teria gostado do “enterro do cumunismo”. A articulação do cronista estabelece um clima de guerra contra o comunismo com mais rigor a cada crônica publicada. Os textos espelham o posicionamento da Igreja Católica, que se utiliza de argumentos políticos para a divulgação de um discurso anticomunista bem elaborado e difundido. Essa estrutura permite atingir grande parte da população e, conseqüentemente, os eleitores. Esse discurso é apropriado pelos então candidatos ao próximo pleito eleitoral como proteção e ataque contra seus oponentes, independentemente até do posicionamento ideológico de cada um. Por isso, é possível compreender que o combate de forma sarcástica de Zé Fernandes e da própria Igreja ao comunismo não levava em conta apenas os fiéis isoladamente, mas repercutia no plano político-eleitoral e na pretensão de quem iria dirigir os destinos, por exemplo, de governos como o do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo Rodeghero (1998), ser católico e ser anticomunista eram virtudes fundamentais a serem cultivadas por aqueles que se envolvessem em política.

[...] por isso, os candidatos procuravam deixar clara a sua identidade católica anticomunista nas suas falas, o que também ocorreu nas designações dos grupos que mandavam publicar manifestos e propagandas no jornal sem se identificarem ou valerem o partido a que pertenciam. Estes se autodefiniam como um grupo de estudantes católicos, os verdadeiros estudantes católicos, um grupo de rio-grandenses anticomunistas, um grupo de católicos e democratas, um grupo de católicos sinceros. Tudo isso revela que ser contra ou a favor do comunismo era uma definição fundamental para o homem público (RODEGHERO, 1998, p. 109).

A articulação política das crônicas de Zé Fernandes estabelece um clima de conflito e guerra contra o comunismo em que o leitor precisa ser convencido. Essa é a missão de Zé Fernandes a todo o momento. O cronista, através de uma linguagem regional caipira e gaúcha, incrementa em suas histórias o conceito de um comunismo sempre com caracterizações negativas e praticado por verdadeiros traidores da sociedade. Assim, adentrar nesse mundo no qual os discursos anticomunistas se ancoram ao certo e ao melhor para os gaúchos e brasileiros,

parece ser uma medida mais do que necessária para o cronista, especialmente porque potencializa o reconhecimento de uma homilia necessária (se fosse na Igreja) para “não ser repressivo”, mas sendo. Os trechos mencionados e publicados pelo jornal podem estabelecer processos que regulam e selecionam o que a Igreja Católica quer propagar e gostaria de ouvir das comunidades onde estão inseridos seus fiéis. O argumento político aliado à Igreja Católica de Zé Fernandes pode, de certa forma, controlar o pensamento e o discurso dessas comunidades, principalmente do meio rural, onde está a força do *Correio Riograndense* com uma presença enorme de assinantes. Desse modo, há a necessidade também de o leitor seguir os ideais apresentados nos textos de Zé Fernandes. Ele precisa ser a referência para o posicionamento político-ideológico. Veiga Neto (2003, p. 21) recorda que os textos ou crônicas presentes em um jornal também podem estabelecer um processo de controle do leitor, pois “regulam, selecionam, organizam e distribuem o que pode e o que não pode ser dito”. Seguindo essa linha de pensamento, Bett (2010) afirma que a defesa encontrada em crônicas como as de Zé Fernandes traz como objetivo um enfoque teórico e metodológico que permite visualizar o anticomunismo católico como constituidor ou ato constituído de uma rede discursiva específica, que tomou o comunismo como um rival ou uma ideia a ser destruída, em contextos específicos. Esse algo está, diariamente, no campo de uma batalha com a Igreja Católica. A defesa de Zé Fernandes pelo fim do Partido Comunista Brasileiro é uma constante, pois ele incorpora ações de ataque por “medo de ser destruído”. Suas crônicas com argumentos políticos refazem uma construção que também é ideológica na formação de uma estrutura política que persegue os comunistas ou qualquer foco de extrema esquerda no país. Nas comunidades e cidades gaúchas, devido à pressão da Igreja e mesmo de eleitores católicos, só tem chance de se eleger em um pleito quem é anticomunista de discurso e de pensamento, vislumbrando o respeito à Igreja Católica.

Na medida em que candidatos e partidos se utilizavam das palavras dos papas e dos bispos contra o comunismo, de certa forma, reconheciam a autoridade da Igreja nesse campo e também acreditavam no poder de mobilização e na eficácia de tais manifestações. Se não acreditassem nesse poder, possivelmente, teriam utilizado outras estratégias eleitorais já que o seu objetivo era vencer as eleições e não fazer uma campanha de conscientização, visando salvar o Brasil, ou o Rio Grande do Sul, do perigo comunista (RODEGHERO, 1998, p. 109-110).

A exclusão dos comunistas do sistema político-partidário teve fim no dia 10 de janeiro de 1948, com a cassação dos mandatos de todos os parlamentares que haviam sido eleitos pelo PCB. O discurso do então deputado Café Filho demonstra o pensamento daqueles contrários à legalidade do Partido Comunista: “Tudo o que há por aí, a fome, a greve, a perturbação, tem se

levado à conta de agitação comunista” (BRASIL, 1946, p. 206).

Segundo Pandolfi (20--?), tentando dar uma resposta à altura, o Partido Comunista Brasileiro chegou a lançar um manifesto pregando e exigindo a queda imediata do governo Eurico Gaspar Dutra, uma vez que o considerava um governo antidemocrático, de traição nacional e a serviço do imperialismo norte-americano. Nada surte efeito e, além de perseguir os comunistas, o governo de Dutra, que estava alinhado com os Estados Unidos, ainda em outubro de 1947, rompe as relações diplomáticas do Brasil com a União Soviética.

Logo após a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas, mais precisamente no dia 21 de janeiro de 1948, Zé Fernandes publica nova crônica na página 3 do *Correio Riograndense*, em que comemora a cassação desses deputados. O cronista escreve o texto “E’ uma prosinha ...” (vide Anexo G). Nele, explica seu afastamento por alguns meses do *Correio Riograndense* e, especialmente, o silêncio adotado pelo descontentamento, à época, com a presença de políticos comunistas no parlamento brasileiro, sendo que o PCB havia perdido o registro de partido político ainda em maio de 1947. Zé Fernandes, como protagonista da crônica, cumprimenta inicialmente os seus leitores: “Senhores leitô do nosso muito apreciado jornal”. Ele também critica o que chama de ‘falsos políticos’ que até então, antes das eleições, diziam-se a favor da Igreja Católica, o que não aconteceu depois do pleito eleitoral.

Todo o véio tem suas manha. Não hai porque discutí. Vai daí que, desde que fecharam o partido Comunista, eu me revortei vendo que inda ficavam os diputados comunistas nas Assembléia, e a falá e desrespetá as autoridade, e não havê jeito que os danado largassem o lugá perdido. Ôta los carrapicho!!!

Mais porem, o que mais me amargô foi que outros deputados choramingavam compaixão plos herege, e tratavam de segurá ao lado deles cascaveis tão venenosas! (Vô recordá aos amigos leitô que na época das inleição esses estrupiado juraram, com os dedo em cruz, combatê o comunismo sempre e em quarquê terreno; memo só que cheirasse a comunismo. Tá aí, gente farsa!).

Não, disse antonces, enquanto isso açucedê, nunca mais vô falá. Limpem as Assembleia e vortarei de novo com as minha falação (Pois que inscrevê no jornal seja o meu gostinho, é memo).

Inté que enfim tá liquidado esse urtimo rabo comunista na nossa terra! (E’ UMA PROSINHA, 1948, p. 03).

Mas Zé Fernandes, nesse retorno à seção Correspondência Caipira, também elogia em sua crônica as ações do governo de Eurico Gaspar Dutra, que autoriza uma verdadeira perseguição aos comunistas no Brasil. Nesse período, Dutra intervém em 143 sindicatos e estimula condições extremamente rígidas para a realização de greves. Essa condição gera fortes críticas ao governo na época, sobretudo na limitação do direito à greve. Segundo Skidmore (2010), na economia, a postura do governo Dutra pode ser resumida e dividida em duas partes, 1946-7 e 1947-50.

[...] O primeiro período testemunhou uma tentativa de retorno aos princípios do liberalismo do tipo *laissez-faire*, política abalada pela rápida exaustão das reservas de divisas estrangeiras do Brasil e pelo conseqüente débito na balança de pagamentos em 1947. A reintrodução de controles cambiais em junho de 1947 marcou o início da transição para o segundo período, que viu uma aceleração da “industrialização espontânea” e uma virada rumo a formas rudimentares de planejamento geral dos gastos federais (SKIDMORE, 2010, p. 103).

Zé Fernandes, que demonstra apreço a Dutra, também recorda de um gaúcho que está ao lado do militar. Natural de Taquari e Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Adroaldo Mesquita da Costa é personagem da história política da época e tem papel fundamental para Zé Fernandes, pois ele representa um “cristão de fato”. Político conhecido no Rio Grande do Sul, Adroaldo é considerado pelos adversários um católico ultramontano que levava suas posições religiosas e jurídicas a extremos, tocando a intolerância. Zé Fernandes também lembra de Costa na crônica publicada no dia 21 de janeiro de 1948.

Nosso governo tá firme e se garante. A lei vai sê cumprida e não hai torce nem mexe. A perpósito, vances já sabem que o home inscoido pelo Generá Dutra pra ajudá ele como Ministro da Justiça é o Doutô Adroaldo Mesquita da Costa. Quem não conhece esse bixão veio?! Quem já não ouviu os ribombo da voz dele?! Quem não se ademira e se entosiasma diante desse colosso, que parece mais feito de aço?! Nós os católicos, entonces, temo que munto ingrasedê o Presidente Dutra, porque católico mais bueno que o Adroaldo difícil! (E' UMA PROSINHA, 1948, p. 03).

A crônica “E’ uma prosinha ...” dá tonalidade ao discurso anticomunista de Zé Fernandes como um defensor político do governo Dutra. Fica claro e evidente na frase “Nosso governo tá firme e se garante” que existem muitas outras questões envolvidas nos escritos de Zé Fernandes. O retorno à seção Correspondência Caipira é o triunfo de quem achava que a derrota já tinha chegado querendo ou não. Entretanto, o que aconteceu foi uma vitória sobre os comunistas de Luís Carlos Prestes. Esse discurso anticomunista, através de uma linguagem regional caipira e gaúcha, revela o alento depois de uma batalha vencida também pelos seguidores de Zé Fernandes, seus leitores ferrenhos. A situação relata como a proximidade política da Igreja Católica foi preponderante para que as raízes ou ideais comunistas não proliferassem em meio às comunidades da Serra Gaúcha. Conforme Sá Motta (2002, p. 18), a “Igreja Católica se constituiu, provavelmente na instituição não estatal (desconsiderando, é claro, o Vaticano como Estado efetivo) mais empenhada no combate aos comunistas ao longo do século XX”.

O contexto local da política caxiense não passa despercebido pelas crônicas de Zé Fernandes. Em 19 de janeiro de 1949 (ver Anexo H), o *Jornal Correio Riograndense* traz, na página 3, a crônica “Aconteceu em Caxias”. Nela, Zé Fernandes apresenta uma história,

utilizando-se do sarcasmo em uma linguagem regional caipira e gaúcha. Ele conversa com um personagem de nome Anastaço, “seu cumpadre”, que ouve inúmeras lamentações do contador de causos. Durante a crônica, desenvolve-se a ideia de que a política progressista de Caxias do Sul sofre com os ataques comunistas. Aparece, então, a figura de um homem na história, que não tem identidade divulgada, mas é chamado na crônica de ‘Páu Fincado Hurra’. Ele é visto na narrativa como um salafrário por processar personalidades do município e ser um dos defensores comunistas na cidade. Na publicação, Zé Fernandes volta a citar o político Luís Carlos Prestes e condena alguns jornais de Caxias do Sul por defenderem os ideais comunistas.

[...] Aperfiro eu vê meu corpo antes curtido do que arrecebê um agrado dus perverso cumunista. Pra mim cumunismo é cruiz em credo, é eu t’arrego prá vida e prá morte...[...].

Não é causo de sertão, que aí teria sua inspliação. Vô lhes contá que um médico daí adispois de arrecebê injurias as mais barata, injurias que nós aqui do nosso rincão (gaúcho sem babado) lavaríamos na ponta du facão. Um médico que vem derramando benefício pra todo o mundo. Médico que é memo da gente. Ele vendo-se injuriado por um tá chamado Páu Fincado Hurra, meteu processo por riba das costas do cujo. E como deu fim o processo? Os jurado deram razão ao salafrario do Páu Fincado e o médico condenado a pagá todas as custas!!!

Caxias pode se cubrí de luto, purque de lá se foi a justiça. Pobre de tí Caxias laboriosa!!!

Os cumunista já tão é te ensilhando! [...].

Pur isso eu juro que não daremo trégua aos cumunista. Pros vemeio fiotes do Instalim crioulo.

– Prestes: páu inté dizê chega!...

Povo de Caxias, alerta! Levanta-te! (ACONTECEU, 1949, p. 03).

Depois da colonização portuguesa, que se baseou ideologicamente no conceito da evangelização cristã católica no Brasil, a imigração italiana no sul do Brasil trouxe consigo o catolicismo, muito presente nos anos 40. Com os imigrantes, o catolicismo é peça-chave também para o desenvolvimento das comunidades que se originam entre os morros cortados pelo Rio das Antas. Zé Fernandes prega um anticomunismo que dá lugar aos “homens de boa fé”. Na crônica, o médico mencionado é alguém que também auxilia ou corresponde ao pensamento da Igreja Católica e, por isso, é defendido por Zé Fernandes. Na sequência da história, o cronista cita esse profissional da medicina que estaria sempre auxiliando a população e recebendo injúrias dos comunistas. Ao fim, o médico, cansado de tanto ouvir, entra na justiça e processa o tal homem que a história da crônica apresenta como “Páu Fincado Hurra”. Entretanto, segundo Zé Fernandes, quem “paga a conta no final” é o próprio médico, “condenado a pagar todas as custas” do processo judicial.

Se a política local vai mal é por que os comunistas estão defendendo os seus ideais? A cidade vai mal por que um comunista ganhou de um médico um processo judicial? O argumento

ideológico de Zé Fernandes em torno do caso envolvendo o médico não traz menção ao porquê de o profissional ser condenado pela justiça, apenas que um homem de boa índole sofreu uma derrota nos tribunais e, por isso, na visão de Zé Fernandes, Caxias do Sul precisa se cuidar com os comunistas. Dessa forma, o cronista se utiliza dos ideais anticomunistas para formar um pensamento acerca do imaginário local de que os comunistas, antes de tudo, não são pessoas de bem. Existe uma caracterização e uma construção no texto de Zé Fernandes para a formação “de um perfil” de comunista para o imaginário dos leitores. Na realidade, a “cidade do progresso”, no caso, Caxias do Sul, serve de exemplo como um local de pensamento orientado por uma visão conservadora baseada nos conceitos de família, fé e trabalho. Quem é contra esse pensamento é contra o progresso da cidade e da região. Essa pessoa é comunista. Como se viu até aqui, na estratégia política, somente teria chances de se eleger e fazer um bom trabalho o candidato ou político que tivesse as características aprovadas pela Igreja Católica. Nesse sentido, Sá Motta (2002, p. 34), afirma que “o comunismo habitava os pesadelos dos conservadores, à medida que representava o fantasma da desagregação, da ruptura da ordem e da unidade orgânica da nação”.

As crônicas anticomunistas sarcásticas de Zé Fernandes agem no pensamento dos leitores do jornal e fortalecem a ideologia partidária conservadora que apoia a Igreja Católica na Região da Serra Gaúcha. É preciso voltar a mencionar que existem influências identitárias que são construídas e operacionalizadas diretamente com as questões do imaginário social dessas pessoas que vivem nas cidades da Serra, principalmente, no interior dos municípios, de forma direta nas colônias, onde estão os agricultores. Zé Fernandes é a voz de um processo de produção e construção do anticomunismo nesses locais. A política abastecida pelo comunismo será sempre de oposição para o cronista do *Correio Riograndense*. Zé Fernandes reforça em suas crônicas um discurso que empodera seus leitores com mecanismos direcionados à defesa anticomunista. A política auxiliará quando se estiver a favor dos católicos.

O semanário católico também deixava os limites da Região da Serra Gaúcha para alcançar outros Estados, como, por exemplo, Santa Catarina e Paraná. O que se discutia no Rio Grande do Sul estava nas páginas do *Correio Riograndense* de forma geral, incluindo a própria política e a atuação de seus personagens, seja na capital, Porto Alegre, ou em cidades distribuídas pelo Estado. Se nomes de candidatos e políticos eram apoiados pela Igreja Católica na esfera nacional, isso não era diferente na corrida ao Governo do Estado ou na disputa por uma cadeira na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. O *Correio Riograndense* de Zé Fernandes era uma referência para as coberturas jornalística das eleições municipais em que as rivalidades políticas sempre foram muito presentes. A própria política gaúcha revelou para a

nação inúmeros nomes, inclusive no comando do país.

No final da década de 40, mais precisamente em 6 de abril de 1949 (ver Anexo I), a seção Correspondência Caipira traz como título “Patrioterros de Esquina”, crônica de linguagem regional caipira e gaúcha recheada por um sarcasmo intolerante ao comunismo. A crônica está localizada na página 3 do *Correio Riograndense*. No texto, o cronista desenvolve uma conversa com o personagem de nome Nastácio. Eles dialogam sobre a política no Estado com uma discussão em torno de mais uma greve ocorrida na capital gaúcha e que terminou em desastre e morte. Zé Fernandes, a par do fato, acredita, depois de ler alguns jornais da capital, que o ato tenha sido organizado pelo vereador de Porto Alegre e comunista Eloy Martins e também pelo deputado estadual Leonel de Moura Brizola. Martins e Brizola são duas figuras políticas conhecidas do Estado e que, na visão de Zé Fernandes e Nastácio, não merecem nenhum elogio; muito pelo contrário, merecem uma punição. Martins é um comunista, e Brizola, um político que gostava de confusão.

[...] Maís; purque nós sabemo amá a nossa Pátria, gostemo de debatê os assunto da pulítica. Examiná o que de bão e de ruim vem acontecendo. Vai daí que a nossa cunversa caiu sobre o inquérito de Chefe de Pulícia na quistão da greve que açucedeu na capitá no fim de dezembro passado.

Um banzé que terminô com desastre e morte.

E lendo os jorná descobrimo que os instigadô da mardita greve foram dois indivíduo que tem posição na capitá. Um é Eloy Martins, vereadô e cumunista, o ôtro é diputado o seu Brisola.

Quem afirmô foi uma testemunha do caso. Um trabaiadô lá da companhia de bonde. Inté é um fiscá com o número de tres dois – 222 – e se chama Luiz Nunes dos Santos. Assin se declarô essa testemunha:

“Disse que os discurso favorável à greve na insessão de 20 de Dizembro foram os do Eloi Martins e Diputado Brisola”.

- Que tal?

Vejam só os patriotero barato insuflá os trabaiadô a se declará em greve! [...].

- E dizê que estes são representante do povo!...

- E dizê que receberam os votos da gente!...

- Mais que barbaridade!

- O que é que jurgam enfim?

- Que nós tarvês batemo palma e fiquemo elogiando essas burrice de marca quente?

- Apois eu tô com vontade de desfechá pro varredô cumunista, essa proposta: Vá prantá batata, seu.

Na rabicha do arado tá o teu lugá.

- E eu pro ôtro faço um pedido: Óia, seu intrumetido, tua lata dá munto certo pra domadô. Não qué domá uma mula Grande?... (PATRIOTEROS, 1949, p. 03).

Quem são os dois citados na crônica? Duas personalidades políticas que aparecem em outros momentos no *Jornal Correio Riograndense*, mas que exatamente, como provoca um dos compadres, são vistos como incitadores de violência. Eleito no voto direto para a Câmara de Vereadores de Porto Alegre, o metalúrgico, militante e então dirigente comunista do Partido Comunista Brasileiro, Eloy Martins, antes das eleições que o consagrariam vencedor no pleito

eleitoral, deixa o PCB em virtude da cassação do partido e se filia ao Partido Social Progressista (PSP), pelo qual é eleito. Aprovado nas urnas, o político assume uma cadeira na Câmara Porto-alegrense para o mandato de 1947 a 1951. Martins é, junto a nomes como Luís Carlos Prestes, Jacob Gorender, Carlos Marighella, dentre outros, uma figura destacada da política regional e nacional. Além disso, sabe como é a visão dos eleitores de Caxias do Sul e região. Em 1950, em Rio Grande, é preso após greves e protestos, mas acaba solto após a pressão de seus apoiadores. É lançado, à época, o manifesto intitulado “Manifesto ao Povo Gaúcho”, assinado por advogados, profissionais liberais e entidades de classe. Também mencionado na crônica, Leonel de Moura Brizola é filiado desde 1945 ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Elegeu-se deputado estadual para o mandato de 10 de março de 1947 a 31 de janeiro de 1955. Na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, Brizola defende pautas do movimento estudantil gaúcho, lutando por mais vagas nas instituições de ensino. À época, de acordo com Cánepa (2005), Brizola também é considerado um dos grandes defensores do direito de propriedade no Rio Grande do Sul. Parte da Igreja do Rio Grande do Sul tem na figura de Brizola uma preocupação. Apesar de não ser considerado um comunista, o político exerce a construção de um eleitorado baseado na defesa dos trabalhadores, desde os de “chão de fábrica” até os da zona rural. Seu discurso faz com que os católicos fiquem atentos diante de assuntos que envolvam a questão do direito do trabalho e de como Brizola vai se portar perante a comunidade gaúcha nos anos seguintes.

Zé Fernandes observa que, com a eleição de alguns políticos, existe a possibilidade de os eleitos se tornarem grandes opositores à Igreja Católica no Rio Grande do Sul. Na crônica, a relação sarcástica entre o conhecimento de um fato seguido de morte em meio a uma greve na capital já condena de imediato os culpados pelo episódio: Martins e Brizola. Não existe nem ao menos uma contextualização ou posicionamento dos acusados na crônica ou talvez algum levantamento maior da informação. Claro que isso não é objeto da crônica, mas causa estranheza. O relato que se ouviu dizer foi apenas de uma testemunha em depoimento à polícia da capital, afirmando que os dois políticos estavam envolvidos no fato. A própria estrutura da crônica utilizada por Zé Fernandes geralmente está direcionada a uma conversa com um personagem (que é um amigo ou conhecido) que, na narrativa de um caso do cotidiano, transmite ao leitor a construção de uma imagem negativa sobre os políticos que se deseja atingir. Mas o sarcasmo na defesa anticomunista de Zé Fernandes contra Martins e Brizola vai no caminho de uma condenação de dois políticos que deveriam representar os eleitores de ‘forma correta’, ao menos no entendimento dos católicos. Entretanto, “esses dois” não estariam cumprindo seu papel como representantes do eleitorado, seja de Porto Alegre ou do Estado.

Para quem assina a crônica este é o recado: eles são políticos que deveriam seguir também os princípios cristãos. Zé Fernandes sabe que, narrando situações negativas envolvendo políticos, haverá a construção de um juízo também negativo, a exemplo das ações de Martins e Brizola. E, nesse sentido, Zé Fernandes tem convicção do impacto dos meios de comunicação, como é o caso do *Jornal Correio Riograndense*, que pode estabelecer o fim de um vínculo entre os políticos e seu eleitorado ou simpatizantes. O estrago político pode ser gigantesco.

Zé Fernandes tem uma mensagem para os leitores, os quais são construções da Igreja Católica, para que ajam também na sociedade e na política e não somente vivam no mundo das ideias que envolvam a espiritualidade cristã, como participação em missas e cultos. Então, a imprensa e os meios católicos são um braço para que esses políticos atacados possam sofrer penalidades e acusações também através da Igreja Católica. Políticos contrários à Igreja também irão se manifestar. Mas os melhores discursos e ações serão daqueles que estiverem ao lado dos católicos.

Em 1950, acontecem as eleições no Brasil, revelando o quadro de uma democracia que ainda caminha em passos muito tímidos. É a segunda eleição presidencial após o fim do Estado Novo. Entre os anos de 1930 e 1945, a atitude populista de Getúlio Vargas havia feito com que os partidos políticos, agremiações sindicais e a renovação das lideranças políticas se enfraquecessem. Dias antes da eleição para a presidência, em 20 de setembro de 1950 (vide Anexo J), Zé Fernandes publica na seção Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense* a crônica intitulada “Se Apronte!” (ver Anexo J). No texto, encontra-se um diálogo entre dois compadres, sem identificação dos personagens. Eles falam sobre o processo eleitoral que está por vir, as negociações e promessas dos políticos então candidatos. Um deles chega a dizer que os políticos estão pensando: “vô ganhá ou vô perdê?! Isso martela os miolo deles como u’a maretá de muntos quilo. Magine o instado de nervos dos coitado!...”. A narrativa revela, através da história, um sarcasmo anticomunista que vai se desenvolvendo até um dos participantes da crônica dizer que possui um candidato ou candidatos escolhidos, enquanto o outro, ainda não. O que não possui candidatos pede o auxílio do então compadre para que o ajude na escolha, e uma caracterização para indicação dos candidatos é essencialmente direta: que o voto não seja dado para candidatos comunistas. A cena política num diálogo corriqueiro do dia a dia na linguagem regional caipira e gaúcha lembra a simplicidade daquele eleitor interiorano que discute “em quem votar”, também como forma de eleger um representante que seja um anticomunista e católico.

[...] Mais me diga, eu inda tô indeciso. Tô balanceando. Inda tô sem parpíte. Não sei mi discidi entre os parieros. Bem entendido só naqueles que são seguro. Tá pur aí uma confusão dos meus pecado.

Tá uma atrapaiação danada. Nem sei. Mi insplique, por favô. Vô le segui, porque vancê sempre me falô certo. Mi falô sério. Mi deu sempre inspliação segura. Fala sem receio, que onde vancê mi disse, aí eu carrego, e aguento firme. Ninguém mais mi atrapaiará, nem pur sonho [...].

- Apois cumpadre, acredito na sua sinceridade, e porque, de certo, muitos outro pur aí, como vancê instão isperando, com tôda a confiança nesse véio amigo de bôa e da má hora, que nunca sobe calá a verdade, memo que isso lhe custasse um bocado de dissabores eu vô lhe dizê claro, que melhô não percisa. E vancê é bão intededô pra concluí o ponto direito [...].

- Ora, cumpadre, posso le dizê que dentre os tais partido garantido, temo munto bão pessoá, como candidato. Vancê viu a vergonhera do Café pequeno tê sido aceito? O Café aquele é ruim pra chuchú pra riligião. Aí, ele não pode sê votado por nenhum católico. Cuide bem!

- Intonces nem o companheiro de chapa, pelo meno junto, não é memo?

- Quem não vê? E digo mais: vancê não sabe do proverbio que diz: “diga-me com quem andas e dir-te-ei que és!”. Tá tudo dito. Abra ôio!!!...

- Isso nem se discute. Mais e pra Senadô, eu sei tem vários candidato. Tô no jeito de inscoiê aquele que é mió, mais cristão e bão católico, e que saiba combate o cumunismo.

- Apois vancê não conhece quem é ele? Vô le dizê u’a cousa, percisemo de arguem que tenha a corage de dizê muntas verdade. E isso sem medo, com toda a coragem. Que não tenha medo de salgá, quando percisa, ouviu?

- Cumpredí direitinho. Eu também pensava ansim. Vô com ele. Com o suçalista ou insuçalizante, que dá na mesma, eu não vô.

- Nem eu. Esse é veiacó, cumpadre! [...].

Agora mais um consêio: Vá procura logo as chapa. Não deixe isso pra urtima hora, pro dia das inleição. Naquele dia haverá munto baruió e confusão e atrapaiação. Vá pedí prum amigo sério, diga que te dê direitinho todas as chapa, bem dobradinho, como vancê deve coloca no envelope e botá na urna (SE APRONTE, 1950, p. 03).

As indagações presentes na crônica de Zé Fernandes, publicada dias antes da eleição, terão fim com a realização e o conhecimento dos vencedores no pleito do dia 3 de outubro de 1950. Conforme Lamarão (20--?), comparecem às urnas 8.254.989 eleitores. Getúlio Vargas é eleito presidente pela coligação (PTB/PSP), tendo Café Filho como vice-presidente. Mesmo sendo companheiro de chapa, Vargas nunca confiou no seu vice. Nas eleições de 1950, a escolha, aliás, do vice, era desvinculada do presidente. Café Filho foi uma imposição do governador de São Paulo, Ademar de Barros. Vargas precisava do apoio do PSP. Na eleição, Getúlio Vargas obtém uma vitória, quase alcançando a maioria absoluta com 3.849.040 votos (48,7%). Já Eduardo Gomes (UDN/PRP/PDC/PL) fica bem abaixo, com 2.342.384 votos (29,6%), e Cristiano Machado (PSD/PR/POT/PST) não passa de um distante terceiro lugar, com 1.697.193 votos (21,5%). O quarto candidato, João Mangabeira (PSB), tem uma votação simbólica: 9.466 votos. O número de votos anulados é de 145.473, enquanto 211.433 eleitores votam em branco.

Na crônica de Zé Fernandes intitulada “Se Apronte!”, com diálogo entre dois compadres, o maior objetivo é convencer os eleitores do *Jornal Correio Riograndense* de que

o necessário naquele momento é não eleger os representantes comunistas durante as eleições de 1950. Rodeghero (1998) reitera que essa postura da Igreja Católica será seguida no jornal em diferentes períodos políticos da história brasileira.

O apelo ao perigo comunista na propaganda eleitoral é entendido com base na realidade da época e no reconhecimento da postura anticomunista da Igreja e sua influência sobre o eleitorado rural, fatores que transformavam o anticomunismo num importante elemento de mobilização política (RODEGHERO, 1998, p. 113).

O colóquio entre os compadres, em que um deles já possui os seus candidatos e o outro ainda não sabe em quem votar, simboliza que os leitores do semanário que ainda estão em dúvida em relação ao seu voto precisam seguir o conselho de alguém que realmente conheça quem são os melhores representantes para a população. E os melhores, nesse caso, novamente serão os anticomunistas, ou seja, candidatos católicos. Existe, na crônica, e parece uma tendência durante os textos presentes na seção Correspondência Caipira, um apoio a Getúlio Vargas, que se elege presidente dias depois. Entretanto, o mesmo apoio não é visto em relação ao vice na chapa, Café Filho. A crônica sarcástica se posiciona desconfiando de ações do vice na chapa de Getúlio, ou do vice que é eleito. “Vancê viu a vergonha do Café pequeno tê sido aceito? O Café aquele é ruim pra Chuchú pra religião. Aí ele não pode sê votado por nenhum católico. Cuida bem”, afirma um dos compadres.

Getúlio vence as eleições, com a aprovação de Zé Fernandes. Mas esse apoio não é o mesmo para o vice. Na crônica, um dos compadres chega a mencionar Café Filho como “Café pequeno”, dando a ideia de um homem de estatura baixa, acanhado, sem presença, ou seja, alguém sem nenhuma expressão. Preocupa os dois compadres, a presença de Café Filho junto a Vargas, com a possibilidade de uma chapa política que poderá ter problemas pela frente no comando do Brasil. Os compadres utilizam para afirmar tal preocupação um provérbio que garante e comprova que, numa relação, deverá existir cumplicidade, o que Vargas e Café Filho não reservavam um ao outro: “diga-me com quem andas e dir-te-ei quem és!”.

Lamarão (20--?) acrescenta que no contexto da política nacional, após o processo eleitoral e divulgação dos resultados com a vitória de Getúlio Vargas e Café Filho, a UDN, com base numa leitura tendenciosa da Constituição, tenta impugnar a posse dos eleitos, alegando que nem Vargas nem Café Filho obtém a maioria absoluta dos votos, o que implicaria a realização de novas eleições. A maior parte dos oficiais superiores do Exército não apoia essa pretensão e, em 18 de janeiro de 1951, o TSE rejeita o recurso. Naquele mesmo dia, Vargas e João Café Filho são proclamados presidente e vice-presidente da República. Em 31 de janeiro, Vargas recebe a faixa presidencial das mãos de Dutra e inicia seu segundo governo. No pleito

eleitoral de 1950 também foram eleitos os senadores, os deputados federais e os governadores. Para o senado federal, o Rio Grande do Sul elege Ernesto Dorneles (PTB), e Alberto Pasqualini (PTB) elegeu-se para o Governo do Estado. Para a Câmara Federal, os gaúchos elegem 22 representantes, sendo 10 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), 8 pelo Partido Social Democrático (PSD), 2 pelo Partido Libertador (PL), um pelo Partido de Representação Popular (PRP) e um pela União Democrática Nacional (UDN).

Mas a década de 1950 terá importantes registros históricos não só na política brasileira. O medo do comunismo se tornará ainda maior em todo o mundo. Nesse período, intensificam-se o trabalho e a ação das redes de espionagem internacional, destacando-se a Central Intelligence Agency ou Central de Inteligência Estadunidense (CIA) e o Serviço Secreto da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (KGB), que acumulava as funções de serviço secreto e de polícia política do governo soviético. Diante disso, principalmente nos Estados Unidos, o temor de que o comunismo pudesse infiltrar-se nas suas instituições leva as autoridades a investigar e perseguir milhares de cidadãos, na sua grande maioria funcionários públicos, sindicalistas, educadores e artistas. O período ficou conhecido como Macartismo, em virtude de ações empreendidas pelo senador americano Joseph Raymond McCarthy. Por meio de seus discursos polêmicos e incisivos com diversos projetos de lei, o estadista conseguiu aprovar a formação de comitês e leis que determinavam o controle e a imposição de penalidades contra aqueles que tivessem algum envolvimento com atividades antiamericanas, ou seja, um sinônimo empregado para qualquer manifestação política inspirada no comunismo. Outra observação sobre esse período é o acirramento da corrida armamentista com a explosão, em 1952, da primeira bomba de Hidrogênio (Bomba H), ou bomba termonuclear, considerada a arma mais poderosa já inventada na história. É também em meados dos anos 50 que o sistema comunista expande sua atuação, sendo compartilhado, inclusive, por um número crescente de países do Leste Europeu.

Com a eleição de Getúlio Vargas, o Brasil passa a presenciar um grande embate entre os nacionalistas e os chamados “entreguistas”. Getúlio aprova leis referentes à limitação de remessas de lucros de empresas estrangeiras e cria a Petrobras, que passa a deter o monopólio da exploração do petróleo brasileiro. Já em 1953, o presidente brasileiro reforça sua base popular indicando João Goulart, como ministro do Trabalho, com amplo apoio sindical. Getúlio atende a inúmeras reivindicações trabalhistas como o reajuste do salário-mínimo, aumentando em cem por cento. Uma crise se instala, e o exército precisa ser o porta-voz, novamente, do descontentamento das elites. O tempo passa e, em fevereiro de 1954, vem a público o Manifesto dos Coronéis, um texto exemplo do radicalismo comum ao período da guerra fria.

Zé Fernandes segue, semanalmente, as publicações de suas crônicas na sessão Correspondência Caipira. Em 21 de julho de 1954 (ver Anexo L), na página 3 do *Jornal Correio Riograndense*, o cronista publica mais um de seus textos, intitulado “Contrabalançando”. A crônica faz referência ao momento vivido na política brasileira e ainda uma menção à vitória da Alemanha Ocidental por 3 x 2 sobre a Hungria. O maior evento futebolístico do mundo teve sua final no dia 04 de julho, tendo como país-sede da competição a Suíça. O Brasil havia perdido nas semifinais do campeonato para os húngaros na conhecida ‘Batalha de Berna’. Foi o primeiro título mundial da Alemanha. De lá para cá, a Hungria nunca mais disputou uma final em mundiais. Costumeiramente, Zé Fernandes volta a mencionar em sua crônica o tema do anticomunismo de forma sarcástica, utilizando-se da linguagem regional caipira e gaúcha. Especialmente, a derrota da Hungria na Copa do Mundo de Futebol é, para o cronista, a representatividade da ruína de um país que ficou sob a esfera de influência da União Soviética, o que contribuiu para o estabelecimento de um governo comunista que governou os húngaros por quatro décadas (1947-1989).

Em “Contrabalançando”, Zé Fernandes é um interlocutor de uma história que narra o diálogo de dois compadres: Pafúncio e Simprício. Um costume do cronista Zé Fernandes é sempre deixar ao leitor, ao final de suas crônicas, uma mensagem política ou ideológica aos acompanhantes do jornal. O caso entre os dois personagens está relacionado, inicialmente, ao fato de estar chovendo muito na região. Uma das questões em torno do diálogo envolveria explicações de que estaria chovendo muito na região, pois a passagem do planeta Marte, próximo à Terra, era o que estava ocasionando a forte chuva. Mas um dos compadres prefere não acreditar tanto na versão ou interferência do tal planeta Marte com a Terra e desenvolve a trama por uma caracterização sarcástica que irá envolver os húngaros, chamados por ele no texto como “ungros”.

[...] - É. Eu tenho cá as minhas dúvida. É bem capais de sê pur ôtros motivo. Pur exemplo, dizem que os ungrós choraram tanto por tê perdido o campeonato de futebole do mundo, que as lágrima formaram rios. Sábe lá o que isso? E lágrimas sendo quente não cai no chão; formam nuvem lá no arto. Daí é bem capais de sê...

- Bão, nem tanto ansim, seu Simprício. Lágrima de cumunista não forma água. É sangue no duro. Deixa que se sangreie por lá. Agora, também pode dá o caso de o tempo andá meio turuno por causa da pulítica.

- A pulítica vem aí? Já vem aí. Os candidato tão lampante. Dispostos. E satatisfeito. Entonces, não é, mode não pegá fogo de vereda, tôda essa chubarada. Isso refresca. Deixa a gente, sem querê, de môio no duro.

- Apois óia, cumpadre Pafúncio, que isso é um perigo. Entonces vancê não sabe que pariêro de lombo encoiido, de lombo moiado, corcoveia? É preciso antes de pô a sela, insfregá o lombo, mode o baxero não fazê cosca; do contrário ...

- Ué, ué, seu Simprício, vancê tem cada uma... (CONTRABALANÇANDO, 1954, p. 03).

A crônica de Zé Fernandes estabelece uma variada gama de assuntos. Inicia com a chuva intensa que não tem limites, sem saber até quando permanecerá chovendo. Zé Fernandes traz uma alusão ao choro perdedor dos húngaros como uma contestação política e não só de fundo futebolístico, pois a derrota da Hungria para a Alemanha, de certa forma, simbolizaria a ruína do comunismo. Em outras palavras, Zé Fernandes une a paixão pelo futebol, com conversa corriqueira sobre o tempo (a chuva) para chegar na política anticomunista. Esse parece ser o objetivo do cronista. A chuva que não cessa deve-se ao “tempo feio” em que se encontra a política brasileira, especialmente no governo de Getúlio Vargas. Os compadres chegam a utilizar a palavra indígena “turuno” que significa, valente, ou seja, trata-se de um período em que a valentia e os conflitos estão à flor da pele. O diálogo entre Pafúncio e Simprício envolverá a crônica sarcástica cheia de significados ao leitor do *Correio Riograndense*, em que o “tempo de chuva e a política” estarão sempre contrabalançando.

Em outro trecho da crônica, Zé Fernandes reitera que “por todo lugá, prece que tão num jogo”. Mais uma vez, o cronista faz uma alegoria entre jogo (futebol) e política, talvez indicando a sua imprevisibilidade.

[...] Esse mundo anda tão virado, tão virado, seu Simprício, que vancê nem fais ideia. Apois óia, por tôda a parte, tôda a gente, por todo lugá, prece que tão num jogo: pra vê quem erra mais e acerta menos. Tão numa correria danada pra vê quem comente a mais maió das asnera. Êsse mundo tá se afogando pela mardade. Não enchergam mais direito. Mais teimam em corrê plo precipício. Vancê não vê como tá isso tudo aí?  
 - Tô vendo, cumpadre. Quem não vê? E o tempo qué imitá, tal e qual, os home: Não tem mais lei. Os home teimam em errá e o tempo teima em não indereitá. Vai contrabalançando, não é?  
 - Caramba, barbaridade! (CONTRABALANÇANDO, 1954, p. 03).

A seção Correspondência Caipira de Zé Fernandes testemunhava que o país vivia um turbilhão político diante das decisões de Getúlio Vargas no comando do país. Entretanto, nem Zé Fernandes nem os leitores do semanário desconfiam de que, em pouco mais de trinta dias de publicação da crônica “Contrabalançando”, o chefe da nação viria a cometer o suicídio. Em 24 de agosto de 1954, depois de anunciar ao seu vice, Café Filho, que renunciaria ao cargo por uma série de motivos, Vargas dá outro rumo à história. Enquanto seus opositores já comemoravam a notícia de que o presidente eleito renunciaria, Vargas, em seu gabinete, no Palácio do Catete no Rio de Janeiro, deixa uma carta-testamento em que explica os motivos pelo seu ato e desfere um tiro contra si mesmo, em seu peito, atingindo o coração.

O suicídio de Getúlio Vargas é pouco divulgado nas edições seguintes do *Jornal Correio Riograndense*. O que se apresenta no impresso católico em relação a Getúlio Vargas, em publicações posteriores, é o legado deixado pelo líder político e gaúcho. Existe uma

tendência diante das informações trazidas de se elevar o presidente Getúlio Vargas à figura de herói, ou seja, um homem de grande expressão política e de intensa aclamação popular. O editorial do jornal revela, em edições seguintes, que Vargas, na política, é muito mais que um gestor da nação: é um homem que entrava para a história política do Brasil como aquele que não se esqueceu da população mais pobre.

Com a morte de Vargas, quem assume é o vice-presidente Café Filho, que governa num período de agitação, manipulado pelos políticos da UDN. Zé Fernandes e os católicos têm uma briga antiga com Café Filho por ele não “ser um bom católico”. Pouco mais tarde, em 8 de novembro de 1955, após a eleição ser realizada, Café Filho é afastado do governo após um ataque cardíaco. Assume o Presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, que é deposto três dias depois ao pretender dar um golpe de Estado e evitar a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek. O Congresso decide que o presidente do Senado, Nereu Ramos, terminaria os dois meses e meio de mandato e passaria o governo para Juscelino Kubitschek.

Até meados de 1965, Zé Fernandes segue escrevendo suas crônicas, politizando assuntos e defendendo sempre uma visão anticomunista, em histórias sarcásticas escritas numa linguagem regional caipira e gaúcha, as quais, com o passar de cada ano, ajudam a atrair milhares de assinaturas para o *Correio Riograndense*. Importante dizer que, nas décadas de 1950 e 1960, a Igreja Católica no Brasil prioriza como linha de debate na sociedade a questão do desenvolvimento, algo bem ao contrário da então posição firmada quando do regime do Estado Novo, de Getúlio Vargas, quando a Igreja brasileira tinha uma posição conciliatória mesmo diante do regime de exceção. O *Correio Riograndense* dará grande visibilidade à criação, em 16 de outubro de 1952, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), localizada no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Ela desempenha um novo papel no pensamento da Igreja como peça-chave na articulação da sociedade civil, em defesa dos direitos humanos, das liberdades democráticas, da reforma agrária, dos direitos dos trabalhadores e da redemocratização. A pauta de interesses e objetivos da CNBB representa o livro de catecismo de Zé Fernandes. Suas crônicas expandem os ideais definidos pelos bispos católicos integrantes da Conferência, como caminho a ser seguido diante dos contextos e conflitos sociais e políticos vivenciados no Brasil.

Com argumentos religiosos, a Igreja Católica ganha ainda mais poder através do envolvimento direto da CNBB em causas e debates polêmicos não só de caráter político, mas também social. Uma dessas defesas é pela contrariedade da liberação do aborto no país. Dentro dos posicionamentos pela defesa dos católicos e pela busca de mais féis à religião, bispos e padres integram a participação constante em espaços da mídia, como forma de coordenar e

subsidiar as atividades de orientação religiosa, de beneficência, de filantropia e assistência social em todo o território nacional. A Igreja Católica vê nos meios de comunicação um forte espaço para a orientação e evangelização dos católicos e novos católicos.

Durante o Concílio Vaticano II, em Roma, uma série de conferências são realizadas entre 1962 e 1965, consideradas o grande evento da Igreja Católica no século XX. Entre os encontros é também realizada a Assembleia Geral da CNBB. Na ocasião, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil decide assumir o Planejamento Pastoral como um instrumento metodológico de renovação. Com isso, o Papa João XXIII convoca a Igreja para uma “mudança de época” ou para um verdadeiro “aggiornamento”.

O aggiornamento para adequar a Igreja aos tempos atuais não deveria significar a mera adaptação a relações mutáveis, mas sim abertura ao mundo moderno. O aggiornamento da Igreja, que era o objetivo do Concílio, não se verificou através da ruptura com a tradição, nem com a adaptação a um ambiente transformado; deu-se sobretudo de um aggiornamento que entrelaçou as tradições mais antigas, em parte esquecidas, com o tempo presente (HOPING, 2015, p. 99-100).

Zé Fernandes acompanha todas as ações e decisões dos encontros realizados durante o Concílio Vaticano II. Essas notícias também aparecem nas capas e nas páginas do *Correio Riograndense*. É evidente entre as reportagens do semanário que os chamados “padres conciliares” não queriam criar uma nova Igreja, mas uma Igreja renovada. Entretanto, essa Igreja não poderia ser reinventada negligenciando-se a doutrina, a tradição, os dogmas e os costumes. Não obstante suas limitações em termos de transformações práticas, muitos pesquisadores do catolicismo concordam que “o Vaticano II foi, sem dúvida, a mais ampla reforma da história da Igreja” (SERBIN, 2001, p. 98).

Existe uma disposição de Zé Fernandes em expressar os argumentos dos padres conciliares também em suas crônicas, seguindo a desconfiança da Igreja Católica com o comunismo. O cronista deseja passar aos leitores da seção Correspondência Caipira que a “revelação de Deus” não se inventa, mas se atualiza de acordo com os novos desafios da própria Igreja Católica. Zé Fernandes também sabe que é preciso renovar os princípios da fé, verdadeiramente, conforme as novas necessidades e emergências observadas para a época. O argumento religioso da Igreja Católica soma-se aos temas relacionados à sociedade civil e aos movimentos sociais, sendo articulado ainda mais durante as Conferências Episcopais Latino-Americanas, realizadas em Medellín, na Colômbia, em 1968; em Puebla, no México, em 1979, e em Santo Domingo, na República Dominicana, em 1982.

## 5.2 LOBO EM PELE DE OVELHA: O COMUNISTA COMO ENCARNAÇÃO DO MAL

Contrariando qualquer ponto de vista ou forma de pensamento relacionado à ideologia comunista, o anticomunismo se destacou principalmente em dois momentos da história política do Brasil, nos contextos de implantação do Estado Novo e, mais tarde, durante o golpe de 1964. Mas a ideologia anticomunista ganhou ainda mais força no país através do pensamento e do discurso da própria elite liberal, dos nacionalistas e, acima de tudo, da Igreja Católica, que, sem dúvida, também foi responsável pela cruzada anticomunista brasileira. É importante destacar que havia uma ação engajada com a Igreja Católica ao difundir um imaginário no sentido “pejorativo” sobre as intenções comunistas. Esse imaginário tem como pano de fundo uma ameaça do “perigo vermelho”, que deseja conquistar espaços na política e na sociedade brasileira. São evidentes as diferenças entre os princípios cristãos e os comunistas para o enfrentamento dos problemas sociais que se destacam em diferentes partes do mundo.

É nessa perspectiva que a Igreja Católica, como uma das grandes forças sociais, vai proliferar a difusão do anticomunismo, divulgando principalmente seus ideais em editoriais de meios de comunicação católicos impressos do país, enfatizando, argumentando e justificando seu discurso em que a filosofia comunista nega a existência do próprio Deus, voltando-se ao materialismo ateu. De acordo com a visão da Igreja Católica, existe nesse contexto um pensamento comunista que deseja substituir a moral cristã e destruir a instituição “família”. Os comunistas são vistos como personagens associados ao mal e, por isso, precisam ser contidos, sendo literalmente caracterizados como um sério perigo para a Igreja Católica e para os cristãos, que nomeiam os comunistas como “crias de Satanás”.

É preciso compreender que nem todas as representações comunistas podem não ser a imagem da realidade, pois a Igreja Católica e outras organizações tendem a deformar, durante o período em análise deste trabalho, os conceitos comunistas. Quando essa representação do real aparece nas páginas do *Jornal Correio Riograndense*, através das crônicas de Zé Fernandes, símbolo de uma verdade letrada, o objetivo é apagar o comunismo da Serra Gaúcha, nem que para isso seja preciso a perseguição aos membros considerados integrantes da suposta organização criminosa. É necessário dizer que muitas dessas representações construídas sobre o então “inimigo” comunista estavam associadas aos ideais, às imagens e aos mitos, sendo, portanto, uma construção do imaginário: um imaginário negativo, levantado a partir de narrativas em diferentes meios. Especialmente nas colônias do interior da Serra Gaúcha, onde o *Correio Riograndense* circula desde sua origem com forte presença, a Igreja Católica se utiliza do periódico para a divulgação da ideia do comunismo como um sinônimo de ameaça

aos valores cristãos que norteiam a vida da grande maioria dos moradores de descendência italiana, ou seja, formada por agricultores católicos. Podemos demonstrar isso e sua realidade em trecho de um artigo de opinião no próprio *Jornal Correio Riograndense*, intitulado: “Por que a Igreja Católica não admite o comunismo?”:

Porque o comunismo é ateu e antirreligioso; nega a existência de Deus e é inimigo da religião cristã. Porque o comunismo é ditadura sobre os operários que se convertem em máquinas do governo vermelho, instrumentos da vitória de um grupo privilegiado. Porque o comunismo quer subversão da família pela imoralidade do amor livre e arrancar os filhos ao poder dos pais para transformá-los em escravos do Estado (POR QUE, 1945, p. 01).

O argumento da religião católica de ser anticomunista é presença quase que ininterrupta entre os diálogos dos moradores porque, além de lerem o *Jornal Correio Riograndense*, participam das missas em que a homilia religiosa do padre, centro da celebração católica, retrata obrigação de zelar pelos ideais da Igreja. É nesse contexto que o inimigo comunista também é levado às famílias que se reúnem, evidentemente, para reprovar qualquer pessoa que esteja a favor dos “homens do mal”. Nas conversas e reflexões da maioria das famílias católicas da Serra existe um consenso de que ser comunista significa estar em comunhão com o demônio. Por isso, o retrato de um papel anticomunista católico no Rio Grande do Sul, especialmente no período de 1945-1955, será presença marcante nas crônicas de Zé Fernandes. A seção Correspondência Caipira representa o espaço de orientação ou uma cartilha para o cristão católico contra o comunismo. Ali está o verdadeiro testemunho de um católico aos mandamentos sagrados da Igreja. Esses católicos devem seguir o que a Igreja propõe, servindo ao testemunho da fé cristã, defendendo a família contra os males do comunismo e, se for preciso, doando até a vida por ela. Por outro lado, uma família que não concorda com os argumentos religiosos contrários aos comunistas está sujeita a penalidades, como, por exemplo, a excomunhão de seus integrantes. Para a Igreja Católica, os comunistas enfrentam o sagrado e a fé católica. Por isso, a religião se estabelece como um elemento preponderante no núcleo familiar dos moradores da Serra Gaúcha. A religião católica constitui-se como presença e elemento de comunicação entre as comunidades serranas e o restante do mundo. Ou seja, o argumento religioso católico emitido pelo Vaticano estará presente também na vida cotidiana das pessoas que vivem no interior gaúcho, fazendo com que elas se sintam parte de um grupo.

O sagrado é, antes de mais nada, uma experiência que é transmitida por um sentimento – o sentimento religioso – do que liga seres e coisas e, conseqüentemente, induz no

mais profundo do ser humano, a um absoluto respeito para com os outros aos quais ele está ligado por partilhar uma vida em comum na mesma Terra (NICOLESCU, 2002, p. 60).

O próprio *Correio Riograndense*, em que estão as crônicas de Zé Fernandes, estabelece uma espécie de pacto com o seu leitor, segundo o qual o argumento religioso sempre estará presente e defendido nos textos e publicações do semanário. Sem dúvida, é por meio da religiosidade que os católicos estabelecem uma comunicação com a sociedade de forma geral, retirando desse exercício as formas de entender, perceber e agir diante das realidades, que podem ser objetivas e subjetivas, com que a Igreja se depara na vida cotidiana das pessoas. Nesse sentido, a Igreja vai traçar e levantar tais referências em relação ao destino das suas próprias ações para futuras decisões ou resoluções de problemas a serem resolvidos também em comunidade. É bom lembrar que as comunidades surgem na Serra Gaúcha em meio à construção de um templo (igreja) e a partir dele é que a organização dos povoados começa a se estabelecer. O poder do padre não é só o de ser um guia espiritual. Ele repassa aos fiéis o testemunho de como os argumentos religiosos católicos devem ser respeitados e levados como princípios de existência para a vida em comunidade. Os povoados surgem mediante a aprovação simbólica de Jesus Cristo por intermédio dos argumentos católicos e ideais repassados pela Igreja de Roma.

Os argumentos religiosos contra o comunismo serão, nas crônicas de Zé Fernandes, a expressão da religião como uma experiência coletiva do sagrado, em que o homem encontrará nas rezas e orações a proteção contra o mal comunista. Mas, nesse processo, existirão marcas discursivas que lembram os ensinamentos da Bíblia. É por meio da fé que o praticante católico vencerá os obstáculos que atormentam as vidas humanas. Ou seja, com fé e esperança, o comunismo há de ser vencido. Portanto, no discurso religioso de Zé Fernandes, está o poder da religião católica diante de seus seguidores. “Discursivamente, então, a religião pode ser vista como o lugar em que, na onipotência do silêncio divino, o homem encontra um espaço para preencher com palavras que delineiam o que podemos chamar sua vida espiritual” (ORLANDI, 2007, p. 8).

Nas publicações do *Correio Riograndense*, o argumento religioso católico contra o comunismo, especialmente nas crônicas de Zé Fernandes, sempre é expresso através de um contexto com a utilização de palavras e frases fortes. Tal argumento busca sensibilizar e, muitas vezes, até assustar o leitor. Tudo consiste em se utilizar de palavras e representações anticomunistas para uma aproximação do comunismo com “as forças do mal”. A posição do jornal, manifestada em seus editoriais, crônicas e artigos era transmitir aos colonos italianos e

seus descendentes, católicos e tementes a Deus que eles não deveriam apoiar o perigo comunista. Uma mostra disso está na capa do *Jornal Correio Riograndense* de 29 de agosto de 1945, no editorial intitulado “O comunismo e o tigre”:

O circo tomou posição numa praça, e o povo da cidade, naturalmente curioso e ávido de novidades, corria para ver as diversas feras enjauladas e guardadas com barras de ferro. Um tigre gigantesco cortava os olhares curiosos, com o faiscar dos seus olhos e a imponência do seu aspeto. Um moço admirava, encantado, a beleza daquela fera perigosa.

— Mas, olha como é bonito!

— Dizia em alta voz!

— Olha como é pintado!

— Olha aquelas manchas do pelo... que maravilha. Fora de si, pela admiração por tamanha beleza nunca vista, foi se aproximando cada vez mais da jaula da fera terrível. De repente, num gesto de leviandade imperdoável, avançou a mão, pelos vãos das grades, para alisar o pelo de cores tão lindas e atraentes..... Ai, meu Deus, foi o cair de um raio! Numa unhada fulmínea e possante, arrancou o braço corpo fora e atirou-o longe! Quantos brasileiros, quantos católicos, quantos batizados, são hoje em dia culpados da mesma incompreensível leviandade do moço supramencionado! Ei-los a ovacionar o Comunismo, bater palmas, cantar loas, dar vivas! O comunismo, dizem eles, é o único sistema! Dá comida para todos, acaba com a opressão dos pobres, acaba com os ricos, o mundo será tudo igual, não se falará mais nem de dívida, nem de imposto, nem de nada, liberdade absoluta, um céu aberto, um mar de rosas!!! São as cores bonitas e atraentes da fera! Pobres crianças, não sabem que o Comunismo é um Tigre! Não sabem que ele desfechará seus golpes mortais mesmo, e, em primeiro lugar, contra os seus bajuladores! O Comunismo não perdoa, não sabe ter compaixão, porque é um Tigre. Estas crianças grandes abrirão os olhos um dia, mas será tarde para eles (O COMUNISMO, 1945)<sup>18</sup>.

Assim como Zé Fernandes utiliza os argumentos da religião católica contra o comunismo, usando em alguns momentos enredos que queiram deixar uma reflexão ao leitor, o próprio editorial do *Correio Riograndense*, a partir do texto acima, busca comparar o comunismo a um animal que, mesmo preso a uma jaula, graças ao seu alto perigo, tem o poder de atrair o homem admirado por sua perfeição – o animal possuía um belo pelo – mas que, ao se aproximar, foi atacado e a fera arrancou o braço desse homem e atirou longe. É uma narrativa que se utiliza ao fim da história de um recurso da própria literatura e dos contos infantis, a então “moral da história”, alertando para um suposto perigo representado pelo comunismo.

Esse argumento religioso que trabalha para construir um imaginário anticomunista nos leitores é desencadeado, na maior parte das vezes, pelas crônicas de Zé Fernandes. O cronista amplia casos dentro de uma composição sarcástica anticomunista utilizando-se de uma linguagem regional caipira e gaúcha com o intuito de alertar os católicos para o respeito à essência da fé e da espiritualidade cristã. Ele transforma as regras consideradas santas pela Igreja Católica como leis que jamais poderão ser alteradas. O católico é um instrumento não só

<sup>18</sup> O COMUNISMO. O comunismo e o tigre. *Correio Riograndense*, Garibaldi, 29 ago. 1945, nº 31, ano 36, p. 1.

da fé, mas da sua Igreja. Por isso, o mal e o demônio sempre estarão distantes diante do cumprimento dos princípios da Igreja. A excomunhão ou sua aplicação, o descomungado, será um “ninguém” diante da sociedade.

Adotando uma postura que não deixa de ter características da ironia com o sarcasmo, Zé Fernandes não tem receio de causar medo nos leitores. O medo do cronista é não conseguir convencê-los que o comunismo seria o fim do mundo. Nesse contexto, a injustiça estaria ligada aos comunistas, pois termina com as coisas belas da vida e estaria contra tudo o que Jesus Cristo pregou na Terra. Por isso, tanto as práticas do cronista como as da Igreja Católica procuram unificar um discurso de ação, ligando, espiritualmente, o homem a um ser superior.

A ideia do poder real da palavra, ideia profundamente ancorada nas mentalidades de então, gera um quadro moral do universo. Todo discurso é ação, física e psiquicamente efetiva. Donde a riqueza das tradições orais, contrárias ao que quebra o ritmo da voz viva. O Verbo se expande no mundo, que por seu meio foi criado e ao qual dá vida (ZUMTHOR, 1993, p. 75).

Em 12 de setembro de 1945 (ver Anexo M), a seção Correspondência Caipira traz na página 4 do *Correio Riograndense* a crônica intitulada “Lobo em pele di ovêia”. Zé Fernandes é o interlocutor da história. A crônica aborda uma indagação em que alguém teria falado que o comunismo não deveria “ser tão ruim assim”. Com essa conversa de abertura, a crônica apresenta inúmeras respostas contrárias a essa afirmação considerada, no discurso sarcástico, uma fala absurda. O personagem Nastácio (Anastaço) é o responsável pelas respostas ao então “falado comunismo não ser tão ruim assim”. Ele domina praticamente todo o caso, respondendo por que o comunismo seria, ao contrário, um sistema “ruim inteirado”. Entre as respostas, Nastácio se utiliza de argumentos da religião para literalmente bater no comunismo, caracterizando-o como “oio do capeta do inferno”.

[...] O Cumunismo qué a rivulução, o divórcio, qué acabá com a riligião; E’ mintiroso de marca quente. Poís, óia, não é que agora anda gritando que qué pristigiã e respeitá o governo, as lei e a riligião? Ele vem si monstrando com péle di ovêia. Mais é só oiã na boca: os dente são di lobo incarniçado [...].

- (Percisava era degolá esses cumunistas!) [...].

- E hei de berrá: Saiba, minha gente, o Cumunismo é:

Carancho de unha do diabo! é.

O lobo pestiado, farejando a Pátria! é.

Morcego nojento, rondando sobre a Pátria. é.

Urso matrero! é.

Ninho de tamanduàs bandeira! é.

Intragavel estranjeirismo! é. Sem Deus, sem Pátria, sem riligião! é.

Mardito lobisome! é.

Oio do capeta do inferno!

E chega (LOBO, 1945, p. 04).

Diante do texto de Zé Fernandes, é possível constatar que nas respostas de Nastácio estão a ideologia e os argumentos da religião defendidos pela Igreja Católica. A interlocução de Zé Fernandes é muito mais do que uma simples presença na narrativa. Ele dá o tom à história para que Nastácio rebata todas as questões levantadas por algo que “se ouviu falar” de que o comunismo poderia ser um sistema político adequado para o Brasil. Nessa crônica, também é evidente a caracterização anticomunista pelo viés do sarcasmo por meio de uma linguagem regional caipira e gaúcha.

A proposta do cronista é insistir na campanha anticomunista utilizando-se de elementos simbólicos que busquem levar o leitor do jornal a ter medo ou a desenvolver um olhar de verdadeiro repúdio a tudo que seja “comunista”. Por isso, o título sintetiza o objetivo do próprio texto e de seu autor quando utiliza “Lobo em pele di ovêia”. Zé Fernandes parece recordar do termo “Lobo em pele de cordeiro”, fábula atribuída a diversos autores, mas que tem origem na frase de uma parábola de Jesus Cristo, para os católicos, proferida no Novo Testamento da Bíblia Sagrada. Nela, o líder dos cristãos tenta alertar os seus fiéis sobre uma das piores condições do ser humano: a falsidade. “Cuidado com os falsos profetas. Eles chegam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os conhecerão pelo que eles fazem. Os espinheiros não dão uvas, e os pés de urtiga não dão figos”.<sup>19</sup>

Assim, Zé Fernandes se utiliza dessa metáfora retirada de uma passagem bíblica para que os católicos entendam que é preciso cuidado com o comunismo, pois ele não é o que aparenta e pode causar irreversíveis danos à sociedade e à própria Igreja Católica. Em se tratando das colônias e comunidades da Serra Gaúcha, os católicos deveriam, portanto, atentar em relação aos projetos dos comunistas, pois, segundo o próprio *Correio Riograndense*, eles já poderiam estar tentando colocar em prática esses objetivos em diversos municípios gaúchos.

A crônica deixa um recado: ajudar o comunismo pode ser crime, na medida em que essa postura estaria traindo a religião católica e a pátria brasileira. Existe também no contexto da crônica uma explicação para o que está por detrás do comunismo, ou seja, uma crueldade que inviabiliza qualquer prestígio, já que a Igreja Católica é a portadora do verdadeiro objetivo comunista e do que seus seguidores pretendem. E, entrando nessas possibilidades, Zé Fernandes quer de fato atingir os católicos com argumentos religiosos que justifiquem a contrariedade ao pensamento dos comunistas, ou, ao menos, o que a Igreja Católica constrói sobre o comunismo. De acordo com essa percepção, a verdade absoluta sobre o comunismo quem a detém é a Igreja. Na crônica “Lobo em pele di ovêia”, fica evidente que os comunistas seriam favoráveis ao

---

<sup>19</sup> A frase se originou a partir de um trecho clássico do Novo Testamento da Bíblia Sagrada Cristã. Trata-se de uma parábola de Jesus Cristo, descrita no livro de Mateus (Mateus 7:15-16).

divórcio de casais, ato negativo e inconcebível para Igreja Católica. Outra questão é que os comunistas não acreditam em Deus, como veremos mais adiante.

Em relação ao casamento religioso, o argumento da Igreja Católica é de que ele não pode ser dissolvido. Nesse sentido, de acordo com o que prevê o direito canônico, católicos que se separam e voltam a se casar pelo rito civil estão em prática de adultério em relação ao primeiro cônjuge. Por essa interpretação, esses católicos tornam-se impedidos de participar da comunhão, momento simbólico para os fiéis em representação ao recebimento do “corpo de Cristo”. Por isso, o argumento religioso protege e incentiva uma nova ação anticomunista de Zé Fernandes em relação ao que deve ser tomado como um comportamento fiel dos católicos. Um exemplo disso eram os próprios casamentos na Igreja Católica nas décadas de 1940 e 1950, quando praticamente eram inexistentes os divórcios, pois se algo dessa natureza acontecesse, havia uma imagem totalmente pejorativa de quem “pedisse ou confirmasse a separação” por qualquer motivo. Essa pessoa, homem ou mulher, era literalmente acusado(a) de adultério pelo grupo social onde vivia, principalmente nas comunidades interioranas da região onde a adesão católica sempre foi expressiva. A própria Igreja Católica assinalava para esse desmembramento de um divorciado da própria comunidade ou vida coletiva. Isso era muito presente na região da Serra Gaúcha, povoada por imigrantes italianos católicos, fervorosos defensores dos ideais da Igreja de Roma.

Zé Fernandes conhece os argumentos da Igreja Católica e os utiliza em suas crônicas, enaltecendo que os comunistas sempre foram “contra o matrimônio”. O cronista prega em seus textos que o casamento representa para os cristãos católicos uma prova de amor em oração a Jesus Cristo. Nocent et al. (1989) lembra dessa questão quando diz que “além da pura instituição jurídica do matrimônio e o amor físico, a oração confere ao matrimônio sua solidez na indissolubilidade e na fidelidade (NOCENT et al., 1989, p. 365). Já Duss-Von Werdt (1977) também recorda a indissolubilidade do matrimônio na pregação de Jesus Cristo, maior líder cristão. “[...] A rejeição do divórcio baseia-se na ordem da Criação e não num caráter sacramental do matrimônio [...]. O matrimônio é indissolúvel para aqueles que se dispõem a viver de acordo com a vontade do Criador” (DUSS-VON WERDT, 1977, p. 111-112). Zé Fernandes também está amparado no que diz a constituição brasileira, especialmente a de 10 de novembro de 1937, que reitera que a família é constituída pelo casamento indissolúvel, sem se referir à sua forma (art. 124). O mesmo preceito foi repetido na constituição de 1946. Períodos em que o cronista escreve no *Jornal Correio Riograndense* sinalizam que tanto os argumentos religiosos como os constitucionais caminham juntos, pois a lei de Deus os aprova em todos os sentidos.

Segue a década de 40 e Zé Fernandes articula em suas crônicas novos argumentos religiosos que correspondem a sua luta anticomunista nos casos publicados na seção Correspondência Caipira. Em 30 de outubro de 1946 (ver Anexo N), o cronista assina “Às Ordens, Seu Patrão!”. Nela, Zé Fernandes conversa com seu conhecido compadre Nastácio. Durante o diálogo, Zé Fernandes diz ao compadre que tem uma novidade para contar, algo que está ligado a expulsar os “diabo da nossa Pátria”, referindo-se aos comunistas. Dessa vez, ele quer contar com o apoio do amigo compadre para a criação de uma campanha em benefício do *Jornal Correio Riograndense*, cujos leitores e agentes poderiam contribuir com certo montante em dinheiro (doações) para levar a visão da Igreja Católica adiante e combater o comunismo. De forma sarcástica, o cronista chega a falar na articulação de uma batalha em que os “home de boa vontade estão convidado prá tomá parte na Campanha dos 400 contos...”. Nastácio chega a manifestar que pensava em articular a “Campanha contra os 400 jagunços”, referindo-se aos comunistas.

Zé Fernandes, no diálogo com o compadre Nastácio, articula a campanha com doações em dinheiro para que o *Correio Riograndense* pudesse combater os comunistas ou “os diabos”:

[...] Óia o que diz o Redatô: Num ano de trabaio os diabo dos comunista conseguiram 10 jornais que se lê todos os dias, sem contá o resto. E nós católico, em toda a vida, temo só 6 desses jornais.

- Que barbaridade! Seu Zé, temo perdido! Credo! Que São Miguel nos acuda!...

- Perdidos só si semo covarde! Tratemo de nos uní e nos ajuda, e ganharemo também desta vês [...].

- Louvado seja Deus! Nós ganhemo na constituição; mas os cumunista não deram por vencido. Hoje perdemo, dizem eles, mais insperem lá, seus católico! [...].

Bamo fazê do nosso munto querido *Correio Rio-grandense* um canhão de grosso calibre pra detoná contra os escomungado cumunista e todos os inimigo da religião e da nossa gente e das nossa terra.

- Enpilhemo os pingo e toquemo nos por todas as quebrada, pedindo dinheiro pro jorná.

- Viva a campanha dos 400 conto!

- Viva! Venha dinhêro!! (ÁS ORDENS, 1946, p. 03).

A evidência do termo “diabo” ligado aos comunistas é uma constante nas crônicas sarcásticas de Zé Fernandes. É um termo relevante para que os integrantes do comunismo sejam apontados como uma personificação do “mal”, que comprometia a sociedade e, principalmente, as pequenas comunidades rurais. Assim, a Igreja Católica, ou seja, a que prega e faz o “bem”, é a responsável por proteger todos contra essa ameaça.

Diante desse contexto, o cronista, no uso de argumentos religiosos, repassa o que a própria homilia católica utiliza recorrentemente durante os sermões nas igrejas para mostrar aos seus seguidores, os fiéis, o combate às ideologias de esquerda: a luta entre o “bem” e o “mal”,

o “sagrado” e o “profano”, o “lícito” e o “ilícito”, e “os filhos da luz” contra “os filhos das trevas”. O padrão utilizado por Zé Fernandes é o imaginário anticomunista que personifica e demonstra que os comunistas são homens de Satanás (do diabo), formas negativas e referências fundamentais para que os leitores sejam contrários a qualquer homem ou mulher que idolatre a tal “bandeira vermelha com a foice e o martelo”. De acordo com Rodeghero (1998), o elemento demoniológico foi o principal recurso didático na utilização de um argumento religioso para que o comunismo estivesse distante das realidades e comunidades católicas. “Tais representações implicavam, também, uma avaliação crítica das ações empreendidas pelos comunistas e do projeto de sociedade por eles acobertado, que se opunha à da Igreja” (RODEGHERO, 1998, p. 23). Esse recurso também foi responsável por transmitir mensagens aos fiéis do *Jornal Correio Riograndense* sobre o perigo de destruição das famílias como algo iminente e, por isso, seria necessária uma ação conjunta e também a colaboração de todos os membros da comunidade para frear o avanço do comunismo. Os recursos foram variados: charges, imagens, homilias durante a missa, gibis infantis, entre outros, com o objetivo de ‘conscientizar’ todos os membros da família.

O apelo a imagens com forte conteúdo simbólico tinha como objetivo provocar um impacto maior nos leitores ou ouvintes e demarcar bem o campo dos posicionamentos, ações e projetos de cada um dos lados: o cristianismo e a Igreja com Deus; os comunistas com o diabo. A recorrência à imagem do diabo tinha a ver, também, com a tradição cultural, ocidental e cristã, na qual intelectuais católicos buscavam elementos para enfrentar os inimigos que se contrapunham à Igreja (RODEGHERO, 1998, p. 28).

Pode-se dizer que o comunismo era um inimigo da Igreja Católica ao ser combatido com estratégias argumentativas próprias. Entretanto, utilizando-se do contexto bíblico, ele é apresentado também como um demônio semelhante e, ao mesmo tempo, diferente de outros que a Igreja já combatera. Rodeghero (1998, p. 29) acrescenta que esse demônio “representava a força do mal que estiver presente no mundo desde a criação e do pecado original”.

Mas na crônica “Às Ordens, Seu Patrão!”, entre as aclamações e pedidos como “que São Miguel nos acuda” e “louvado seja Deus”, tanto Zé Fernandes como o compadre Nastácio evocam o auxílio dos assinantes do jornal para uma campanha em defesa dos ideais cristãos católicos. O pensamento anticomunista reflete na crônica tanto um posicionamento religioso de ataque aos comunistas quanto a busca de mais força e de unidade dos católicos diante “dos vermelhos”. Zé Fernandes apresenta uma briga por espaços de divulgação de uma determinada doutrina religiosa e posicionamento político. O cronista, no final de seu texto, acaba dizendo: “Vamo fazê do nosso munto querido *Correio Rio-grandense* um canhão de grosso calibre pra

detoná contra os escomungado cumunista e todos os inimigo da religião e da nossa gente e das nossa terra”.

Importante salientar uma passagem na crônica em que Zé Fernandes e seu compadre comemoram uma vitória “contra os inimigos”. O fato evoca a promulgação da Constituição de 1946, em que se reestabelece o regime democrático no Brasil. No que diz respeito às relações Igreja/Estado, essas permanecem praticamente inalteradas. O seu preâmbulo faz menção a Deus, contudo, avançando quanto aos direitos fundamentais de liberdade de consciência e liberdade religiosa, mas revalidando o casamento religioso com efeitos civis, garantindo à família monogâmica e heterossexual proteção especial por parte do Estado. A referida Constituição manteve ainda o ensino religioso nas escolas públicas. A vitória dos argumentos religiosos no parlamento brasileiro, por parte dos Deputados católicos, é considerada fundamental por Zé Fernandes para o combate anticomunista.

Diante de posicionamentos fortes, pesados e contrários ao comunismo no mundo, no Brasil ou na região da Serra Gaúcha, seguem as publicações das edições impressas do *Correio Riograndense*. Zé Fernandes, com seus escritos publicados semanalmente, sabe que o tempo passa rápido e a campanha anticomunista deve ser exercitada a todo momento. O desafio do cronista e do periódico será sempre sepultar de vez o comunismo. Suas crônicas têm o objetivo de atingir uma enorme quantidade de leitores e, por isso, diante do que escreve, reconhece que seu jeito de contar histórias há tempo vem sendo aclamado por grande parte do público leitor e apoiadores do jornal de propriedade dos Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul.

Na ordem cronológica das publicações, encaminha-se o final da década de 1940 e, mais precisamente, em 13 de abril de 1949 (ver Anexo O), em que Zé Fernandes traz na seção Correspondência Caipira a crônica de título “A Viola no Saco”. Portador de um sarcasmo que beira a arrogância, ele escreve à página 3 do jornal sobre uma visita de lideranças mundiais também comunistas aos Estados Unidos. Zé Fernandes, já no início do texto, faz menção à “maldade comunista”, pois é contrário a essa visita dos líderes “vermelhos” aos americanos. Fervoroso nos ataques, o cronista prevê que os comunistas liderados por Josef Stalin querem mesmo é bisbilhotar ou, possivelmente, tentar infiltrar agentes espões em domínio americano. O argumento religioso, no entanto, que o cronista chega a utilizar, é de que o comunista não possui uma “alma branca” e, assim, não teria como ser uma pessoa que busca a paz entre todos. Zé Fernandes deixa no ar alguns questionamentos, como, por exemplo: Comunista quer tratar de paz? Como assim?

Mais e vancêis meus amigos leram o que é que se deu nos Istados Unidos pur essa sumanas atrais?

Eu lí fiquei c'os óio paralizado de espantação.

Mais nem parece verdade!...

Apois haverá inda alguém que não conhece a mardade sem igual do perverso cumunista?

- Em fim o que se deu?

- Apois não é que os comunistas graudos do mundo foram se reuní nos Instados Unidos pramode de tratá da páiz?

Veio comunista que não foi brinquedo-das Russias do Instalín, da França, do México e do Brasil também foi. E falaram da páiz; condenaram a guerra. Fizeram um mingau dos diabos.

- Vejam só: os fiotes do bigodudo Instalín abrirem as asinha como anjinhos inocente e dizê que tão querendo di coração aberto a páiz, a união, a fraternidade das gente. Coitadinhos! Fizeram uma viage tão braba e arriscada só com esta intenção de mostrá a alma branquinha e macia, cheia de páiz, de amor prá nações de todo o mundo!... Mais que beijinho a Rússia com tamanhas bôas indisposições...[...]

- Quanto são falso os cumunista! Si querem memo a páiz porque tem arrigementado um exército colosso de 4 milhões de soldado sempre prontos? Pur que?!...[...]

- A intenção dos quebra era ôtra e nunca a páiz.

Mais arreceberam a lição que percisavam.

- O que foi?

Dispois de terminada a reunião. Os fregistas queriam visita muntas cidades dos Instados Unidos.

Aí é que eles trabalhariam. Inspiões gaviões, como são! Mas foi entonces que o camboim cantô.

- Ué?!

Foi memo. As ôtoridade mandaram notícia aos vermêios que preles tinha terminado a festa.

É que daí era metê a viola no saco e desinfetá quando antes.

Eles grunhiram bastante, corcovaram e se renegaram; mais terminaram em dá as de Vila Diogo.

- Que dizê que ficaram urubú caipora.

- É memo urubu caipora, que inté no avoá quebra as aza! (A VIOLA, 1949, p. 03).

Novamente, a crônica de Zé Fernandes atribui aos comunistas a portabilidade da maldade e da perversidade. O contexto da história também faz alusão ao que já se abordou em outros momentos deste trabalho: uma comparação dos comunistas com a figura do “diabo”. Mas o que chama atenção no sarcasmo anticomunista da crônica é quando ele apresenta alguns posicionamentos que remetem a esses líderes comunistas em visita aos Estados Unidos. Para Zé Fernandes e a Igreja Católica, os comunistas nunca tiveram diálogo nem relações institucionais, políticas, econômicas ou religiosas com outros países. O cronista ainda recorda que os “vermelhos” também jamais foram agentes da paz e da fraternidade no mundo. Mas o trecho de maior simbologia, particularmente de argumento religioso, é a manifestação sarcástica que Zé Fernandes aponta em relação aos líderes comunistas, que seriam: “Coitadinhos! Fizeram uma viagem tão braba e arriscada só com esta intenção de mostrá a alma branquinha e macia, cheia de páiz, de amor prá nações de todo o mundo!...”.

O argumento religioso utilizado no sarcasmo de Zé Fernandes afirma que nem os líderes comunistas, nem mesmo os mais simples e humildes comunistas possuem “alma”.

Nenhum deles, sob a análise religiosa católica, possuiria uma “alma branquinha e macia, cheia de paz”, pois suas almas seguem o pensamento comunista contrário ao ideal dos cristãos católicos. Uma alma sem Deus é, portanto, insignificante. Para Zé Fernandes, as almas dos comunistas estão encomendadas ao inferno. O inferno, aliás, será o caminho para quem defender também os ideais comunistas.

Ainda em 1859, quando foi escrita a obra intitulada “*Missão Abreviada: para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos das missões*”, do padre português Manoel José Gonçalves Couto, já se tinham conclusões entre as relações conceituais construídas para explicar particularmente o “caminho do céu e o do inferno”. A obra publicada em Portugal já trazia que “os inimigos da religião se espalham por toda a parte, e com a maior atividade, os seus maus livros para assim destruírem o catholicismo” (COUTO, 1868, p. 9). Para tudo já havia uma resposta. O “céu” como ideia do paraíso e o “inferno” como a casa dos pecadores ou católicos que não cumprissem os mandamentos da Igreja. A obra de padre Manoel, inclusive, foi amplamente usada para disseminar o catolicismo no interior do Brasil. Uma das situações, aliás, abordada pela literatura brasileira, é a de que o líder de Canudos, Antônio Conselheiro, usava o livro do sacerdote católico para evangelizar seus seguidores<sup>20</sup>.

Entre paralelos e extremos, *Missão Abreviada* justamente coloca a dicotomia entre céu e inferno, antítese trabalhada pela Igreja Católica para também converter pecadores (comunistas). Zé Fernandes, sarcasticamente, divulga aos cristãos e leitores do *Correio Riograndense* os bons exemplos a serem seguidos e uma destruição dos comunistas, amedrontando as pessoas. Mesmo em épocas diferentes, Zé Fernandes parece ser um seguidor de padre Manoel:

[...] o inferno é um lugar no centro da terra; é uma caverna profundíssima, cheia de escuridão, de tristeza e de horror, é uma caverna cheia de lavaredas de fogo e de nuvens de espesso fumo [...] prisão de infelizes e condenados [...] caverna de chamas e de fogo; fogo que atormentará não só os corpos, mas também as almas! (COUTO, 1868, p. 78).

Couto (1868) recorda, ainda, de uma descrição do céu:

A excelência do lugar do Céu é admirável, porque qualquer estrela é maior que a terra; algumas estrelas há que são maiores que toda a terra mais de noventa vezes; nos espaços vazios cabem mais de outras tantas; logo então que tal será a grandeza e a excelência do Céu Empíreo! Aonde Deus manifesta todas as suas grandezas! Aonde Deus faz ostentação do seu poder, e glória infinita! [...] o aposento da glória do mesmo

<sup>20</sup> Missão Abreviada tinha o objetivo de despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das Missões, do padre português Manoel José Gonçalves Couto. Antônio Conselheiro seguiu as recomendações da obra, volume que trazia consigo junto com uma Bíblia bilíngue, em latim e português.

Deus [...] o lugar é formoso, é resplandecente, é amplo, é seguro; a companhia é agradável, o tempo é uma perpétua primavera, que com a frescura e ar do Espírito Santo sempre floresce (COUTO, 1868, p. 84-86).

Com essa descrição simbólica do céu e do inferno, Couto criou imagens que fizeram com que as pessoas mudassem de comportamentos, pois temiam ser merecedoras do inferno. Assim o fez também na Serra Gaúcha e nas comunidades interioranas Zé Fernandes, com suas crônicas publicadas semanalmente pelo *Correio Riograndense*, principalmente nas décadas de 1940 e 1950. As alegorias de Couto e Zé Fernandes, mesmo com um grande intervalo de tempo e usando gêneros literários distintos, parecem estar conectadas por servirem como meios para impor a ideologia da religião oficial para que um maior número de pessoas permanecesse fiel ao catolicismo e se afastasse das religiões de outras origens e também dos inimigos da fé, entre eles os comunistas.

O cronista do *Correio Riograndense* quer apontar aos leitores o erro de pessoas que se dizem “comunistas” quando se posicionam contrárias à fé cristã católica, que seria a guia para a consolidação de uma vida em abundância, libertadora de todos os vícios e problemas. O argumento religioso que explica os fundamentos da fé está vinculado à “alma”. Uma alma sem pecados somente será aquela que respeitar a doutrina da Igreja Católica, a honestidade dos costumes e princípios de Cristo. Assim caberá ao católico a sua consagração à salvação eterna e uma vida no paraíso. Aqui está a salvação do homem enquanto “caminho aberto para a vida eterna”. A salvação de uma alma que é pura não pode vir e estar acompanhada de conceitos comunistas. Um dos pontífices a acrescentar em seus discursos os “danos às almas” foi o Papa Pio IX. Ele lamentava a “enormidade de opiniões [...], com grandíssimo dano às almas e em detrimento da sociedade civil, sendo sumamente contrárias não apenas à Igreja Católica, [...] mas também à lei natural eterna inscrita por Deus no coração de todos, e das quais quase todos os outros provêm”.<sup>21</sup>

Por fim, a crônica “A Viola no Saco” nada mais apresenta do que uma nova derrota para o comunismo, que não conseguiu se infiltrar, com seus espiões, em solo americano. Se o argumento religioso já respondeu por que os comunistas não têm alma, sem dúvida, a comemoração de Zé Fernandes não poderia ser outra se não um título da crônica espelhada no cotidiano das pessoas para uma história da seção Correspondência Caipira. Quer dizer, se você não está feliz ou não conseguiu seu objetivo, pode mesmo pegar a “sua viola, colocá-la no saco e ir-se embora”.

---

<sup>21</sup> PIUS PP. IX, Carta Encíclica “Quanta Cura”, 8 de dezembro de 1864. p. 249.

Passados quase trinta dias da última vez que havia falado sobre comunismo em suas crônicas, Zé Fernandes volta a trazer o tema à tona na página 3 da seção Correspondência Caipira do dia 11 de maio de 1949 (ver Anexo P). Essa crônica tem como título “Perverso, e não Bebê Chorão!...”, em que o sarcasmo da linguagem volta a ser um recurso para apresentar um novo conflito de comunistas ocorrido na capital gaúcha<sup>22</sup>. No texto, o personagem Nastácio puxa conversa com seu compadre Zé Fernandes. Importante é que o texto é escrito e assinado, como sempre, por Zé Fernandes, mas é Nastácio quem comanda o diálogo e o apresenta como mais uma “trama vermeia”.

[...] Não é nova, não! Mais u’a véis os marvado vermêio arrumaram greve lá na capitá. Deus lôvado, só durô umas hora. E não teve importância nenhuma. Os malandro saíram de cola caída e munto invergonhado. Foram desmoralizado e foram marcado nas custela; mais é só pra vê o trabaio loco e danado desses vendido. Desses que não tem religião e não querem tê nem Pátria. E, com franqueza, cumpadre, não se pode nem se deve considerá-los brasilêros, porque são os capanga do muribundo Instalín. Tão cegos e perverso como o Instalín, que é tão ruim que o próprio demo tá invergonhado de recebê-lo lá nos cafundó do inferno. É pur isso, que o véio e decrépido chefe do cumunismo inda não morreu...  
- Bá! cumpadre, que cousa ruim, intonces, não deve de sê esse bigodudo!... Cruzes!...  
(PERVERSO, 1949, p. 03).

Os argumentos religiosos utilizados na crônica de Zé Fernandes estão ligados a duas articulações. A primeira ocorre quando é mencionado “desses que não tem religião”, ou seja, faz-se uma referência aos comunistas que não possuem uma religião, portanto, são todos ateus na visão da Igreja Católica. Como já mencionado em outros momentos, o cronista recupera uma das bandeiras anticomunistas dos católicos em relação à filosofia comunista, que nega a existência do criador, Deus, e segue o materialismo ateu. Existe ainda, na pregação da Igreja Católica, seja nos seus templos ou mesmo no processo de evangelização, que os comunistas também desejam destruir a família, como explica Mariani (1998).

O comunismo é o roubo da propriedade, a dissolução da família, a servidão do povo, a destruição da pátria. Não há religião, não há lar, não há nação dentro dos princípios, das doutrinas e das práticas do bolchevismo. A ideia de Deus desaparece (MARIANI, 1998, p. 155).

Ainda em 1937, o Papa Pio XI publicava a encíclica *Divini Redemptoris*, em que apresentava aos católicos de todo o mundo sua preocupação justamente com o comunismo ateu.

<sup>22</sup> Mais uma greve na Capital sem maiores consequências, devido a pronta e enérgica atitude do Chefe de Polícia e da Justiça do Trabalho. O Cel. Dagoberto denunciou e estampou nos jornais da Capital os cabecilhas do movimento grevista e os incorrigíveis desordeiros. Mais uma vez ficou evidenciado que a planejada desordem foi exclusivamente trabalho da V<sup>a</sup>. Coluna VERMELHA (Na Câmara de Vereadores. *Correio Riograndense*, Garibaldi, 11 de maio. 1949, nº 19, ano 40, p. 04).

O pontífice estava convencido de que o crescimento do comunismo seria um perigo para a Igreja Católica e alertava os “veneráveis Irmãos” para que não se deixassem enganar, pois a doutrina comunista era intrinsicamente perversa e não se podia admitir em campo nenhum a colaboração dos cristãos para esse ideal. O pontífice também lembrava que, nos países onde os comunistas chegaram à conquista do poder, isso sempre se manifestava pelo “ódio dos sem-Deus”, ou seja, os comunistas contra os cristãos (PIO XI, 1937, p. 53).

Zé Fernandes comunga literalmente do testemunho de Pio XI para mencionar em sua crônica que os comunistas são ateus, demonstrando uma das preocupações da Igreja Católica em relação a uma ação de extrema esquerda que poderia estar sendo formada no Brasil. Contextualizando o assunto no âmbito da região da Serra Gaúcha, isso não será diferente, pois o próprio clero enfrentava os seguidores do comunismo, manifestando também pelo *Correio Riograndense* que os homens “vermelhos” deveriam ser combatidos. Diga-se de passagem, a Igreja Católica tinha a intenção de auxiliar os mais pobres que, acreditava, também sofriam a influência dos comunistas. E o segundo argumento religioso para testemunhar o anticomunismo como melhor forma a ser adotada pelos católicos, destacado por Zé Fernandes em “Perverso, e não Bebê Chorão!...”, apresenta-se quando ele manifesta a contrariedade e a mais pura raiva ao então revolucionário comunista e político soviético Josef Stalin. Através do sarcasmo, característica maior nas passagens escritas do cronista, Zé Fernandes dispara contra Stalin, chamando-o de perverso e comparando-o com o demônio: “...que é tão ruim que o próprio demônio tá avergonhado de recebê-lo lá nos cafundó do inferno. É por isso, que o véio e decrépido chefe do comunismo ainda não morreu...”. O ataque aponta que Stalin, socialistas e comunistas são ruins como o demônio. Zé Fernandes chega a usar a palavra “decrépido” em relação a Stalin, quando certamente quer pronunciar “decrépito”, ou seja, um homem arruinado. Tanto o inferno como o demônio são uma constante nas crônicas de Zé Fernandes.

Precisamos recordar que a crônica “Perverso, e não Bebê Chorão!...”, de 11 de maio de 1949, é divulgada pouco antes da publicação do Decreto contra o Comunismo, ato oficializado pela Igreja Católica Apostólica Romana. Ele consiste numa designação popular confirmando um posicionamento da Igreja, publicado pelo Santo Ofício no dia primeiro de julho do mesmo ano, durante o pontificado do Papa Pio XII. Esse documento afirmava a excomunhão automática *ipso facto* (ou *latae sententiae*) de todos os católicos que, em obstinação consciente, aderissem ao ateísmo e ao materialismo associado ao comunismo e às doutrinas marxistas. Na crônica do *Jornal Correio Riograndense*, dias antes da *latae sententiae*, Zé Fernandes volta-se novamente contra o ateísmo comunista, amparado pelo Decreto da Igreja. Em cima disso, ele defende eliminar os comunistas por não acreditarem em Deus.

O mês de maio do ano de 1949 é um dos principais períodos e quando Zé Fernandes mais retrata no jornal a contrariedade ao sistema comunista e reafirma que seus integrantes são homens “do mal”, ligados ao diabo. Mas numa das crônicas, em especial, haverá, além do descontentamento com os “homens vermelhos”, também a reprovação dos socialistas, que são vistos pelo cronista como muito parecidos aos “comunistas”. Por vezes, Zé Fernandes chama os socialistas de comunistas. A crônica publicada no dia 25 de maio de 1949 (ver Anexo A), na página 3 da seção Correspondência Caipira, recebe o título de “Tá na mema cancha...”. Ela traz o diálogo de dois compadres, mas desta feita não se tem um interlocutor, tratando-se de um caso entre duas pessoas, em que a história tem um fundo rural, um contexto interiorano. Um dos personagens revela que leu algo em um jornal a respeito do socialismo. Tudo leva a crer que esse impresso seja o *Correio Riograndense* ou então outro jornal que defende os ideais cristãos católicos contra a visão dos socialistas. A conversa inicia-se com um questionamento de um dos compadres, que não imaginava ou sabia o que seria esse “tal socialismo”. Na prosa entre os dois um argumento religioso surge para justificar o ataque aos socialistas, pois eles se tratam de “símbolos do mal e do diabo”. Nesse sentido, segundo os compadres, não existe como seguir o socialismo sendo católico.

- Pucha cumpadre, não maginava nem cousa parecida do que é o diabo do Suçalismo.
- Ué! Que hai de novo?
- Vancê, entonces, não leu no jorná as inspliação do que é Suçalismo, e o caminho pra onde se enveredam os suçalista? E com eles tá o chefe Finfin.
- Apois eu não lí, não. Máis que eu andei sempre discunfiado disso, andei [...].
- Apois, cumpadre, declara o jorná que o Suçalismo é lei que não tem pé nem cabeça. Tá contra a santa riligião católica. É condenado pelos Papa. Não se pode seguí o Suçalismo e querê sê católico.
- Intonces, é como o cumunismo.
- Péra aí. O Suçalismo é o partido e o cumunismo o fim da cancha. Que os dois tão na mema cancha, tão memo... [...].
- Mais que diabo!...
- Bamo fazê uma comparação, mode reforça as inspliação. Vancê qué vê o que é o Suçalismo? Me dê o fumo, fâis favô.
- Pronto, cumpadre, o fumo.
- Me dê a faca prá picá o fumo.
- Pronto a faca, cumpadre.
- Me dê as páia, cumpadre, pur favô.
- Aí tão ela; iscoie.
- E agora, cupadre, favô os fosfro.
- Pronto, cumpadre.
- E agora eu vô fumando... esfumaceando...
- Ué! E eu, cumpadre, o que é que faço?
- Vancê cospe... Isso que é Suçalismo (TÁ NA MEMA, 1949, p. 03).

Surge novamente nessa crônica a comparação de comunistas e socialistas ao “demônio, Satanás ou coisa do inferno”. O argumento religioso através do sarcasmo

anticomunista de Zé Fernandes quer bater, incriminar e mostrar a maldade que está nas ações dos comunistas e socialistas, segundo a visão da Igreja Católica. Propagar o anticomunismo é fundamental para Zé Fernandes, que tem o auxílio do clero como um braço das leituras do *Correio Riograndense*. Os padres propagam o que o cronista escreve utilizando os sermões das homilias das missas nas comunidades, tentando chegar ao maior número de pessoas e suas famílias.

De acordo com Zé Fernandes, é preciso alertar o leitor da seção Correspondência Caipira do *Correio Riograndense* que figuras como Stalin são representações “do mal” e que, apesar de estarem longe do Brasil ou da Serra Gaúcha, dispõem de seguidores e difusores socialistas que propagam uma ideologia maléfica às comunidades do interior e aos católicos leitores do jornal. A visão de Zé Fernandes parece ser a mesma do Papa Pio XI. Em seu período de pontificado, o pontífice também recuperava em seus escritos o discurso anticomunista e antissocialista formulado por seus antecessores, recordando as encíclicas *Qui Pluribus* (1846), de Pio IX, e *Quo Apostolici muneris* (1878), de Leão XIII. Nelas está contida a importância dos argumentos religiosos para se deter, especialmente, o comunismo.

Mas por que Zé Fernandes sempre retorna a e se detém em uma comparação universal ou batalha memorável entre a luta “dos homens de bem” (Homens de Deus), versus “os homens do mal” (Homens do Diabo)?

Esse questionamento induz o cristão católico a certamente dois comportamentos. O primeiro é o de interdição diante de um discurso comunista junto aos católicos, não permitindo que eles se aproximem nem das leituras diárias dos jornais supostamente favoráveis aos “diabos vermelhos”. O outro comportamento é, de fato, o combate ao “mal pelas forças do bem”, que estariam voltadas ao cumprimento de uma determinação católica, com o aval e as bênçãos de Deus.

As crônicas de Zé Fernandes e seus argumentos católicos propagam talvez um dos maiores objetivos da já mencionada encíclica *Divini Redemptoris*, quando Pio XI transmite palavras emblemáticas afirmando que “pela primeira vez na história ‘estamos’ assistindo a uma insurreição, cuidadosamente preparada e calculadamente dirigida contra tudo o que se chama Deus”. Essa afirmação do pontífice tem ligação com uma passagem bíblica (da *Bíblia Sagrada*) do livro de Apocalipse, ligada ao capítulo 13, que discorre sobre o tempo de dominação da “besta” na terra antes da chegada do juízo final.

Portanto, segundo esse preceito religioso cristão católico, e na consistência desse contexto estar presente no livro sagrado dos católicos, a Bíblia, para Zé Fernandes, o comunismo seria uma precipitação ou antecipação dos eventos indutores do “fim do mundo”,

caso os comunistas vencessem o “bem” na Terra. A vitória do “mal” indicaria o fim dos tempos. Então, seguindo o pensamento de Zé Fernandes escrito nas entrelinhas de suas crônicas, o católico que porventura apoiar o comunismo ou socialismo deverá ser condenado à excomunhão, como prevê o Decreto contra o Comunismo de 1949. Isso significa que o católico que apresenta apoio aos comunistas não é merecedor do paraíso e da vida eterna, sendo o disseminador do “mal” que poderá decretar o fim de tudo, de tudo o que Deus criou.

Mas as divisões entre bem e mal, Deus e Demônio, céu e inferno, são pontos opostos para dimensionar como o comunismo (onde está o mal) pode interferir e causar riscos à fé cristã (onde está o bem). A Igreja Católica ainda transmite aos leitores do *Correio Riograndense* que o regime autoritário comunista é insensível na medida em que pode perseguir os católicos caso venha a chegar ao Brasil, o que já faz em outras nações. O comunismo pode aproveitar-se de qualquer espaço, independentemente de qual for o país. Zé Fernandes orienta em suas crônicas como os católicos devem agir diante dessas supostas perseguições comunistas. E a primeira delas é ficar longe dos “vermelhos” e, de preferência, nem ao menos conversar com algum simpatizante comunista. Principalmente na região da Serra Gaúcha, Zé Fernandes quer ensinar e trazer uma concepção propagada pela Cúria Romana do Vaticano, segundo a qual os católicos precisam ter obediência aos valores do cristianismo para serem abençoados através do amor fraterno.

Nesse sentido, os homens e mulheres católicos seriam criaturas puras absolutamente protegidas pelo amor do Pai, Jesus Cristo, que é Deus único e comum fim a todos. Somente Ele seria capaz de comunicar aos anjos e aos homens de boa vontade o caminho da felicidade absoluta, sem derrotas e sem tristezas. Desse modo, ser católico seria um argumento religioso bastante concreto para que a vida de cada um fosse repleta de coisas boas para sua trajetória terrena em família. Do contrário, sendo comunista, a alma estaria encomendada ao diabo ou Satanás ou, ainda, o corpo queimaria nas chamas do inferno.

É necessário perceber que Zé Fernandes tem muitos inimigos que partem do comunismo, do socialismo, enfim, de outros regimes, sejam eles totalitários ou não e que, para o cronista, só merecem uma verdadeira punição: a morte. Sua postura não admite líderes mundiais como Josef Stalin, o qual, segundo Zé Fernandes, nem o demônio quer aceitar no inferno. O cronista trata o socialismo como um “ato de cuspir”, que deve ser expelido e expulso de qualquer ambiente e convivência humana, eliminado das nações onde se apropria de “mentes boas” para manipulá-las. Além disso, o cronista quando escreve repetidamente na crônica a palavra “Suçalismo”, pode estar se referindo ao termo “sucio” do espanhol, que em português significa “sujo”. Zé Fernandes se ampara nessa relação de significados para qualificar o

socialismo como um sistema político “sujo”. Para ele, Stalin e outros “homens do mal” tratam a humanidade como algo descartável, uma vez que sob o seu comando um exército pode matar milhares de pessoas de uma hora para outra sem qualquer pudor. De acordo com ele, os socialistas também são coisas do demônio e, com certeza, queimarão nas chamas do inferno.

Um outro argumento que pode ser destacado enquanto característica dos textos de Zé Fernandes, utilizando-se de uma linguagem regional caipira e gaúcha, é a defesa de uma cultura de fé e do cotidiano na oração dos católicos. Por isso, é importante a reza do “Pai Nosso” para suplicar ao Pai, Jesus Cristo, o pedido de não se deixar cair em tentação dos perigos, das falhas e das incertezas cometidas em pecado. Por fim, a oração conclama um pedido “... e livrai-nos do mal, amém”. Para o católico, o significado entre “bem e mal” está na origem da cristandade e na formação da humanidade. O início de tudo e o fim de tudo depende de Deus. Ele é quem sabe, pois é o Salvador. Assim, ao se utilizar de um argumento religioso para contrariar o comunismo, por exemplo, Zé Fernandes mostra e cria um ambiente espiritual aos católicos que vai muito além de uma simples punição na Terra para aqueles que apoiarem os ideais comunistas. Esses católicos, conforme o cronista, amargarão para toda a vida uma punição: a de não serem aceitos por Jesus Cristo, sendo pecadores. Tudo porque descumpriram os mandamentos da lei da Igreja, então sua vida cairá no descrédito sem o direito de estar ao lado de Deus Pai todo Poderoso, Jesus Cristo: que é Pai, Filho e Espírito Santo.

Por isso, voltando à oração do Pai Nosso, a dicotomia entre “o bem e o mal” aparece na última parte, onde lê-se: “[...] e livrai-nos do mal, amém”. Diante do pedido de proteção, São Tomás de Aquino (2002, p. 123) explica que o Senhor ensina seus irmãos a suplicarem para que o Pai os preserve não só do pecado, mas de todos os males (mal), que sejam as enfermidades e as tribulações. Entretanto, São Tomás faz uma reflexão diante da oração sobre “o pecado e a tentação”, quando se propõe a considerar outros tipos de males como as adversidades e as aflições desta vida, das quais Deus liberta seus filhos. Ou seja, Deus, por intermédio da Igreja Católica, nunca irá perdoar quem é um comunista, pois o comunismo sempre está contra a vida. Zé Fernandes direciona o seu discurso religioso aos leitores com essa possibilidade de escolha como católico. Entretanto, optando pelo “mal” e, pelos comunistas, não haverá perdão para a Igreja que julga sob o olhar dos passos de Jesus Cristo.

Assim, como já mencionado, todas as ações anticomunistas aplicadas nas diferentes crônicas escritas por Zé Fernandes correspondem a um forte argumento religioso utilizado pelo cronista para amedrontar e convencer aquele leitor que não é favorável ao que pede a pregação da Igreja Católica. Portanto, os posicionamentos de Zé Fernandes em suas crônicas revelam o olhar da Igreja Católica Apostólica Romana para dois extremos: “o bem e o mal”. A repetição

é necessária para que um fundamento religioso possa convencer de que o ideal católico é o melhor caminho a ser seguido: o caminho pregado por Jesus Cristo. Durkheim (1996) trata sobre essa classificação quando posicionamentos, também na religião, estão em lados opostos.

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem, um, tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas (DURKHEIM, 1996, p. 19-20).

As crônicas de Zé Fernandes traduzem a defesa severa pelo caminho da Igreja Católica que, segundo ele, é o percurso correto e Santo. De 1945 a 1950, o integrante do *Jornal Correio Riograndense* produz, com frequência regular, um grande número de crônicas que se apropriam de argumentos religiosos católicos para combater a proliferação de ideais comunistas na região da Serra Gaúcha e em todo o Estado do Rio Grande do Sul. O cronista não mede palavras para que o testemunho católico seja único: seguir o pensamento do Vaticano. Ele precisa preservar as comunidades católicas, principalmente do interior dos municípios, onde estão os fiéis mais fervorosos e discípulos propagadores do pensamento de Jesus Cristo. Esses católicos são as mesmas pessoas que acompanham os sermões e homilias realizadas pelos padres e religiosos nas igrejas de toda a região da Serra, assuntos que se deparam com as publicações do *Jornal Correio Riograndense*. Assim, o jornalismo impresso do semanário terá um papel preponderante no sentido da evangelização das famílias que também estão em diferentes regiões do país, de um Brasil que além de gaúcho também é caipira.

No começo dos anos 1950, existe um consenso de que o anticomunismo deveria estar em primeiro lugar em qualquer decisão política doméstica (interna) de cada nação ou mesmo nas relações internacionais. No contexto interno, principalmente, a política acabou associando-se à religião com uma verdadeira caçada a possíveis seguidores do comunismo.

Portanto, o anticomunismo religioso, como uma visão abrangente de mundo e representando uma espécie de “Igreja de Estado”, também chamado de “americanismo”, terá seu pico no início da década dos anos 50. O próprio americanismo tinha como experiência que o comunismo não estava presente apenas como um desafio político, militar e econômico, mas também espiritual, pois, como demonstrado nas crônicas de Zé Fernandes, o comunismo ameaçava os fundamentos da vida humana e a relação da alma com Deus. Por isso, uma

América ideal deveria ser unificada espiritualmente, com nação temente a Deus, e aqueles que quebrassem essa corrente de humanidade deveriam ser expulsos para o bem da comunidade.

Zé Fernandes continua escrevendo crônicas no *Jornal Correio Riograndense* até 1965. Seu sarcasmo anticomunista segue persistindo, sempre utilizando a linguagem regional caipira e gaúcha, pelo menos até os anos de 1955. A partir disso, é bem verdade que alguns setores da Igreja Católica no Brasil, ligados à direção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), passam a assumir posições de apoio a lutas populares, o que fez com que muitas das críticas ao comunismo, e alguns aspectos do capitalismo (como o laicismo e a secularização), dessem lugar ao questionamento das injustiças sociais. Próximo aos anos 1960, surge uma espécie de esquerda católica no Brasil, que não tem a totalidade do apoio da CNBB, a qual se mantinha como fervorosa batalhadora contra o comunismo. Já no início da década de 1960, o propósito de uns de combater o comunismo, como Zé Fernandes, e de outros de romper com estruturas injustas, se manifesta de outras formas, agora no que diz respeito ao artifício de sindicalização dos trabalhadores rurais e melhoria das condições dos trabalhadores do campo, retirando, dessa forma, os motivos para a difusão de ideias subversivas.

O *Jornal Correio Riograndense* foi na Serra Gaúcha o braço e a sustentação da Igreja Católica contra o comunismo. Diante disso, vê-se, ao longo do século XX, o combate editorial dos meios de comunicação da Igreja Católica contra esse comunismo que passa a ser relacionado a um anticristo, ou à inserção do mal no mundo. O discurso e a prática da Igreja Católica no Brasil, também nas crônicas de Zé Fernandes, permitiram um importante espaço para participação no debate dos rumos políticos do país. O argumento católico do cronista foi direcionado não só aos valores do catolicismo e ao anticomunismo, mas também à ligação desses com o patriotismo. No Brasil, um país com forte tradição católica (um país cristão), tanto as palavras de Zé Fernandes quanto os artigos e editoriais do *Correio Riograndense* tornavam quase que nulas as propostas comunistas que tentassem ser colocadas em prática, especialmente nas comunidades e cidades da Serra Gaúcha. Parece que viver nessa região, especialmente do Rio Grande do Sul, com tão fortes tradições católicas, simbolizava uma espécie de salvaguarda contra o “vírus comunista”. Nesse sentido, o “homem de bem” ou “bom brasileiro” – que evidentemente é católico – praticamente teria grandes chances de ser um anticomunista.

O argumento religioso presente nas crônicas de Zé Fernandes indica que a fé cristã deve ser proclamada acima de tudo e de todos. O bem maior está inserido nas palavras de Jesus Cristo, portador da boa nova aos cristãos católicos. Aos que professam a doutrina dos “vermelhos” ou “ateus materialistas”, Zé Fernandes mostra apenas um caminho: o de serem considerados traidores da pátria, defensores de ideologias exóticas e, conseqüentemente,

péssimos, injustos e maus brasileiros. De Zé Fernandes, aliás, a conduta de um bom cristão, leitor do *Correio Riograndense* e das crônicas da seção Correspondência Caipira, será a conclusão de que, para ser um anticomunista, é preciso mais do que tudo ser cumpridor dos mandamentos de Deus e da lei da Igreja Católica Apostólica Romana.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de 1945 a 1955 foi determinante para uma campanha anticomunista nas páginas do *Jornal Correio Riograndense*. Para cumprir esse objetivo, as crônicas da seção Correspondência Caipira de Zé Fernandes, pseudônimo de Frei Dionísio Veronese, estiveram presentes na leitura diária de milhares de pessoas, mostrando como e por que os comunistas deveriam ser tratados como “pessoas não gratas” em meio à sociedade da região da Serra Gaúcha, no estado, no país e no mundo.

O impresso apresenta, nas crônicas, um posicionamento convencedor ao leitor, levando-o para uma contrariedade ao sistema comunista, fato evidente na direção ideológica de seus proprietários, os Freis Capuchinhos do Rio Grande do Sul. É evidente a estratégia persuasiva do periódico, que busca nos textos de Zé Fernandes conscientizar o leitor de que é preciso uma perseguição e, propriamente, um ataque a qualquer gesto comunista deflagrado em meio à vida em comunidade. O que os capuchinhos não querem com seu jornal é que o pensamento comunista chegue aos leitores suscitando ideias contrárias à Igreja Católica e, ainda, influenciando na política desenvolvida em diferentes escalas do poder no Brasil.

A sintonia entre o jornal e seus leitores é estabelecida pela presença do cronista Zé Fernandes, como um narrador e interlocutor de histórias construídas para uma articulação e desenvolvimento de um imaginário social anticomunista presente junto às decisões das organizações comunitárias, do trabalho e dos núcleos familiares, ou seja, o anticomunismo deve ser presença no diálogo das famílias católicas da região da Serra, onde se vivem a religiosidade e a fé, norteadas pelos princípios cristãos católicos.

Mas, especialmente nas crônicas, Zé Fernandes se manifesta de diferentes maneiras para alcançar o máximo de leitores, de seguidores, além do respeito da sociedade. Ele desenvolve em seus textos argumentos políticos e religiosos para uma campanha anticomunista através de uma linguagem sarcástica presente na fala regional caipira e gaúcha. Essa defesa junto à seção Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense* envolve a comunidade da Serra Gaúcha, transformando Zé Fernandes em uma espécie de embaixador dos propósitos anticomunistas de combate ao inimigo vermelho, maneira como ele chama os comunistas. Definitivamente ele passa a ser o porta-voz do jornal para que se desenvolva essa construção imaginária anticomunista nos leitores, a fim de deter e, até mesmo, expulsar os comunistas da Serra.

O autor das crônicas não aprecia o comunismo, muito menos quem também defende algum ideal do sistema político. Fica furioso, por exemplo, quando um gaúcho de sobrenome

“Fernandes”, tratado em uma das crônicas, se elege pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). A essência de Zé Fernandes como escritor está na construção de uma figura anticomunista que se rebela contra qualquer ato individual ou coletivo dos comunistas que pretendam atingir a Igreja Católica. O cronista é um seguidor ferrenho das decisões do Vaticano ou do Papa, que determina qualquer atitude ou ação ideológica contra quem aprove o sistema comunista ou o veja com simpatia. Para Zé Fernandes, a presença de um comunista representa uma negação aos princípios morais e éticos que norteiam a vida dos cidadãos brasileiros.

Utilizando-se do sarcasmo e de caracterizações que sejam as piores possíveis para classificar qualquer comunista ou simpatizante do comunismo, Zé Fernandes usa, em suas crônicas, títulos que já acrescentam o ataque aos “vermelhos”. Diante das provocações e de uma linguagem sarcástica presente nos textos, o autor não desenvolve apenas a ideia de que os comunistas estariam errados dentro de suas convicções ou argumentos, mas dispara, como uma mensagem de cartão de visita, atitudes que beiram à violência. Como visto, essa sensibilidade ficará à mostra já no título das crônicas. Zé Fernandes faz uma alusão ao tratamento que os comunistas devem receber, literalmente, ou seja: “Pau nos comunistas (Páu Neles)”, “Tá que não presta (Comunistas que não prestam)”, “Se apronte (se aprontem - aguardem comunistas)”, “Lobo em pele di ovêia (cuidado com os comunistas disfarçados)” e “Perverso, e não Bebê Chorão (Perverso, não inocente comunista)”.

Os títulos são apenas o começo das crônicas. Diante das narrativas das crônicas, Zé Fernandes, na seção Correspondência Caipira, aparece de várias formas. Ele é o escritor, é o narrador, é o interlocutor e também representa o papel de personagem que dialoga com outras personagens. Por isso, sua presença não aparece apenas na assinatura final de cada crônica ou como o pensador das narrativas. O autor é a essência da crônica e do que ela precisa deixar como registro, como ideia para o leitor. Zé Fernandes constrói a história baseada no que ele quer dizer e envolve, assim, o seu leitor. Deve-se, portanto, ao autor e personagem, a personificação ou a construção de alguém maior não apenas daquele que escreve, mas também daquele que julga, do juiz ou do inquisidor diante de uma lembrança da época medieval da Igreja Católica.

Os personagens das crônicas de Zé Fernandes expressam lealdade, fidelidade e respeito ao pensamento do escritor. Ele é um mestre soberano e digno da última palavra. Os “auxiliares personagens” são compadres e parceiros que questionam nos diálogos o comunismo, os comunistas, os políticos de extrema esquerda e totalitários, as lideranças comunistas-extremistas, os socialistas que, por vezes, são comunistas e, diante da religião, principalmente os comunistas ateus. Esses personagens, que dão luz e propagam a campanha

anticomunista de Zé Fernandes por meio do sarcasmo, são, acima de tudo, “fieis”, fiéis seguidores da Igreja Católica, assim como os discípulos de Jesus Cristo. A única diferença, entretanto, está nos nomes: Anastaço (Anastácio), Pafúncio, Quincas e Simprício, além de outros. São compadres e amigos dialogando contra o comunismo, pregando ações anticomunistas e uma revanche a qualquer derrota, seja na política ou na comunidade, a qual precisa ser novamente conquistada contra qualquer comunista.

Zé Fernandes também aparece como único participante em algumas histórias das crônicas. Existem momentos únicos do escritor assumindo sua identidade na primeira pessoa do singular (eu): o escritor, sendo identificado como cronista de fato, narrando a história, desenvolvendo um raciocínio que pretende levar o leitor a um pensamento anticomunista e deixando, em momentos, questões com uma certa abertura reflexiva para que o leitor possa seguir acompanhando novas crônicas para entender o desfecho do pensamento do seu autor. Nesses momentos, o escritor, de fato, respeita sua assinatura final e reproduz o que pensa. Ele, Zé Fernandes, através do sarcasmo, é frio e intolerante. Não manda apenas recados aos comunistas. Quer o isolamento do pensamento comunista e defende o fim do registro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e de todos os seus integrantes. Tem coragem de duvidar até mesmo da importância da vida de um comunista. É um cidadão, segundo o cronista, com um ideal perverso e maldoso. Para Zé Fernandes, o melhor seria acabar com eles “os vermelhos”, ou definitivamente que apodrecessem na cadeia junto de seus pensamentos perigosos para a sociedade.

Diante das caracterizações das crônicas de Zé Fernandes, é preciso salientar a presença efetiva do recurso do sarcasmo na linguagem regional caipira e gaúcha utilizadas pelo cronista. Ele assume uma campanha anticomunista nas narrativas, mas escolhe o sarcasmo para depositar seu mais verdadeiro escárnio e zombaria dos comunistas. Inimigos eternos do cronista, os integrantes do comunismo e seus seguidores não só recebem críticas opositoras de Zé Fernandes, mas um sarcasmo amargo e destruidor, comparado a uma verdadeira tragédia que é consolidada pelo cronista, sempre desejando o pior para os comunistas, com um intuito mordaz quase cruel, muitas vezes ferindo a sensibilidade da pessoa que o recebe (comunistas). Do sarcasmo nas narrativas de Zé Fernandes vem o acréscimo que o autor necessita para um fim desejado “trágico” do comunismo e de seus seguidores.

É preciso dizer, diante da análise de suas crônicas, que Zé Fernandes, pseudônimo de um frei capuchinho movido pela religiosidade e fé cristã católica, em nenhum momento chega a mencionar a palavra “misericórdia” aos comunistas. Se o perdão é o sacramento verdadeiro e é testemunhado apenas pelos grandes de espírito que vivem à luz de Jesus Cristo, é importante

então ressaltar que essa dádiva não está presente em Zé Fernandes, pois ele não perdoa. Zé Fernandes não perdoa comunistas e muito menos o próprio comunismo. O cronista não perdoa nem o católico que, porventura, aceitar as palavras e sugestões de um comunista. Mas, se o perdão para a Igreja Católica é fonte de confissão, reconciliação e penitência, por que então o cronista não o faz diante de uma linguagem caipira e gaúcha na seção Correspondência Caipira? Talvez porque ele não compreenda o sacramento do perdão em sua totalidade ou porque sabe (que para a Igreja), todo comunista é ateu; então, não faria nenhuma questão de ver um comunista ou seguidor perdoado, quando esse não acredita em Deus ou em Sua existência.

Crônicas aparecem com uma linguagem regional caipira e gaúcha, visando à captura do leitor diante da defesa do anticomunismo. Este, sem dúvida, foi um dos segredos de Zé Fernandes para a conquista de seus leitores em mais de duas décadas: utilizar-se de uma linguagem coloquial, com expressões simples e sem rodeios, sendo uma narrativa de causos que recordam o dia a dia da comunidade. Zé Fernandes faz a transcrição para o *Jornal Correio Riograndense* do jeito de falar daqueles que contam uma história como se estivessem no banco da praça diante da igreja aos finais de semana. É uma anedota sarcástica sem preocupação com o que vai ser dito, uma forma de conversar do homem rural. Zé Fernandes reúne todas essas características para unificar a simbologia desse homem rural ao linguajar do peão gaúcho da estância. Ele fala sobre anticomunismo desse jeito. São formas que dialogam e são compreendidas e mesmo escritas de forma inadequada ao português oficial do Brasil.

Em uma linguagem regional gaúcha, Zé Fernandes escreve e detalha em momentos também seu amor pelas coisas do Rio Grande do Sul. A região da Serra Gaúcha vive os anos 40 e 50 amparada na vivência em comunidade e no respeito às decisões da Igreja Católica. Por isso, a atitude anticomunista de Zé Fernandes atinge os moradores dessa região de intensa imigração italiana no Brasil a partir de 1875 e, com ela, a forte presença da religião católica e o cumprimento de seus ideais. Ser católico é ser correto, certo e cumpridor de suas obrigações em comunidade. É por isso que Zé Fernandes cativa seus leitores - pelas histórias anticomunistas e ainda com cunho religioso. Afinal, no *Correio Riograndense*, parece que Zé Fernandes quer ser “o profeta” que diz o caminho para a felicidade de todos.

Mas as questões culturais se entrelaçam unindo a cultura italiana à gaúcha, presenciando-se a formação de uma também cultura ítalo-gaúcha. A religiosidade está no cerne desse envolvimento que contempla a formação de muitas comunidades interioranas e mesmo o jeito de comunicar dessas pessoas. As crônicas de Zé Fernandes propagam o anticomunismo por meio de uma linguagem que representa o jeito de falar do gaúcho da Campanha. Para Zé Fernandes, o gaúcho tem um ideal vencedor, seja na peleia no campo ou no cultivo do produto,

essência de vida e de trabalho. Zé Fernandes faz lembrar da linguagem regional gaúcha das narrativas presentes na obra do escritor João Simões Lopes Neto. Associado ao regionalismo pré-modernista, Lopes Neto reserva *Contos Gauchescos*, revelando tantas características da vida no Pampa, incluindo a própria linguagem sul-rio-grandense, falado por Blau. Os costumes e os hábitos gaúchos têm representação como pano de fundo histórico, das sangrentas guerras que abalaram a Província de São Pedro ao longo do século XIX. Zé Fernandes tem na linguagem regional gaúcha a essência do Pampa. Essa figura é o verdadeiro gaúcho para Zé Fernandes, um exemplo de família, trabalho e fé (religião), sem espaço para comunistas.

Mas o cronista abraça a linguagem, como já dito, procurando cativar seus leitores também com o regionalismo caipira. E não é união que dura pouco, mas que consolida os textos de Zé Fernandes e sua campanha contra o comunismo entre 1941 a 1965, quando o cronista, por vontade própria, deixa de escrever no jornal suas narrativas. Mais uma vez, a linguagem da figura caipira é demonstrada no jeito particular da escrita do cronista. Essa é a linguagem, que recorda o movimento dos tropeiros nos Pampas e nos campos de cima da Serra com seu falar caipira, avançando divisas e limites entre municípios gaúchos. Os tropeiros fazem negócios, adquirem e transportam mercadorias em direção ao Prata e ao centro do país, principalmente ao interior do Estado de São Paulo.

As discussões e diálogos anticomunistas dos personagens nas crônicas de Zé Fernandes, entre um caso e outro, não deixam de simbolizar essa vida do tropeiro, o linguajar e o seu perfil, justamente daquele homem de origem simples do interior paulistano, como Sorocaba, Piracicaba e Itapetininga. Nas crônicas de Zé Fernandes estão características do caipira existente no personagem Jeca Tatu da criação de Monteiro Lobato e, depois, na releitura de Mazzaropi. Jeca Tatu é um trabalhador rural de São Paulo, um homem da roça e personagem que se torna o símbolo do brasileiro que vive no campo com sua linguagem simples e coloquial. Zé Fernandes consolida a linguagem regional caipira como caracterização de suas crônicas para envolver o leitor, trazendo a simplicidade de histórias do cotidiano presentes na seção Correspondência Caipira.

Trata-se de uma relação afetiva entre caipiras e gaúchos registrada nos causos de Zé Fernandes, unificando a presença de um diálogo anticomunista em duas realidades diferentes, mas com personagens rurais. Esses personagens, assim como vivem as figuras das crônicas de Zé Fernandes, estão nas conversas ao redor de um fogo de chão em que são relatados antigos causos tropeiros.

Com a linguagem regional caipira e gaúcha, Zé Fernandes reconstrói nos textos um cenário imaginário anticomunista que desperta a curiosidade e recorda os leitores de um tempo

que não volta mais. Esses cenários imaginários do mundo rural são o fundo das histórias que cercam os causos narrados por Zé Fernandes, ou mesmo o cenário da vida dos personagens de cada crônica. Essas características de linguagem capturam o leitor para que ele se sinta parte daquela história e se identifique com ela, não só pelas suas características regionais, mas também pela mensagem anticomunista que Zé Fernandes está passando: o comunismo é ruim para nossa região, para gaúchos e caipiras, para todos os brasileiros.

As crônicas de Zé Fernandes chamam a atenção na seção Correspondência Caipira porque difundem uma campanha anticomunista baseada em fatos e argumentos políticos e religiosos que fazem parte do cotidiano da leitura das pessoas. De parte do autor, existe também uma análise negativa do comunismo, mas não porque comunistas são contra a Igreja Católica, mas porque eles são causadores de tumultos registrados na sociedade. A organização de greves, passeatas, protestos e manifestações, independentemente de lugar, na visão do cronista, sempre é articulada por comunistas. Assim, Zé Fernandes demonstra, com suas narrativas, a criação de histórias que potencializam, sarcasticamente, esse valor negativo dos comunistas: eles são sempre os culpados.

Mas essa lógica aparece nas crônicas de diferentes maneiras. Uma delas é condenar a realização de eventos como greves, atacando os líderes desses movimentos, sendo esses comunistas ou não. Entretanto, Zé Fernandes procura, em suas histórias, deixar claro que os eventos “contra a sociedade” são sempre organizados por comunistas. Ele nomeia essas pessoas nas suas publicações, mesmo não sabendo se, de fato, foram os provocadores e organizadores do ato de protesto em si. Zé Fernandes vai mais longe, sendo verdade ou não, cita e acusa publicamente em suas crônicas “nominalmente” também políticos, presidentes de sindicatos e outros. Zé Fernandes é totalmente sarcástico e intensifica a ação anticomunista, tentando repassar ao leitor que o ato organizado por comunistas de fato aconteceu e foi verdade, tendo a participação e a organização de “elementos”, cujo objetivo era o de praticar uma anarquia, provocando, muitas vezes, a morte de pessoas ou deixando muitos feridos.

Frequentemente, os relatos de Zé Fernandes ou causos entre os personagens das narrativas dizem respeito “a uma tal greve na capital”, por exemplo, condenando indiretamente simpatizantes do comunismo. Outra forma de transformar comunistas em perigos para a sociedade está no fato de que o cronista, sarcasticamente, ofende tanto os integrantes do PCB que, por vezes, com a repetição dos mesmos casos entre as crônicas, parece querer transformar uma mentira em verdade, seja pelo ato em si ou mesmo por algo que o cronista levanta em relação ao acontecido. Nesse sentido, é bom lembrar que o sarcasmo auxilia a crônica no encaminhamento de um “processo da dúvida” para o leitor. Com isso, Zé Fernandes tem o

objetivo de tocar no assunto, defendendo uma visão anticomunista e utilizando o sarcasmo como uma ironia amarga e violenta para que uma dúvida paire na mente do leitor. Quem de fato promoveu essa baderna? Zé Fernandes prende seu leitor e o encaminha a acompanhar um processo de persuasão, coagindo-o a confiar na ideia de que comunista é bandido e merece a prisão, sempre sendo o culpado pela organização de eventos em malefício da comunidade e da sociedade.

É preciso recordar que o *Jornal Correio Riograndense*, até 1952, especialmente, possuía um editorial baseado no apoio pró-ditaduras. Zé Fernandes deixa transparecer em suas crônicas, por diversos momentos, apreço às decisões de Getúlio Vargas – durante a Era Vargas (1930-1945), especialmente durante o Estado Novo, e Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) e, ainda, o governo então democrático de Getúlio Vargas (1951-1954). Politicamente, o cronista é um instrumento que desenvolve a prática dos ideais políticos, tanto de Vargas quanto de Dutra em suas narrativas. Ele cita nas crônicas figuras que fazem parte desses governos que ocupam ministérios como “bons e ferrenhos católicos” e, por isso, a sociedade deve estar com os militares. Mas, acima de tudo, Zé Fernandes defende os militares e a ditadura porque são contra, na visão dele, os ideais comunistas. Trata com extremo respeito ações desenvolvidas por Vargas e Dutra a ponto de considerá-los exemplos diante de ações que foram desenvolvidas no país em seus governos. Zé Fernandes parece ser ainda mais anticomunista quando fala em política. E é através dela que se cerca das mais diferentes opiniões, trazendo como foco no diálogo de seus personagens a defesa de políticos, inclusive apontando-os como saídas para momentos conflitantes da política brasileira e gaúcha. Nos textos, Zé Fernandes faz pedidos aos governantes da nação, em determinados períodos, como por exemplo para Getúlio Vargas: “O que se espera de Getúlio (Vargas) é que ele não dê chances para comunistas”, ou então, “Getúlio vai dar um fim na liberdade aos comunistas”. Em relação ao governo de Eurico Gaspar Dutra, Zé Fernandes agradece: “Cumprimentos a Eurico Gaspar Dutra, que autoriza uma verdadeira perseguição aos comunistas no Brasil”.

Na seção Correspondência Caipira, Zé Fernandes desenvolve uma campanha anticomunista na política sem medo do que escrever e do que dizer porque, principalmente entre 1945 e 1954, ele apoia e tem o apreço dos governos e políticos militares que governam o país, porque a linha de pensamento do jornal é a mesma de Vargas e de Dutra. Assim, por diversas vezes, a grande preocupação do autor está no fato de que os comunistas possam retirar a liberdade da nação brasileira se chegarem ao governo do país. Existe uma preocupação de Zé Fernandes em desenvolver a ideia de que não são os governos militares de Vargas e de Dutra que merecem as maiores contestações políticas da população e sim a presença de muitos

comunistas que se dizem defensores de todos, mas que, na realidade, querem anarquizar o país, começando pelo Partido Comunista Brasileiro. Zé Fernandes defende o governo de militares que se utiliza de ações de perseguição a políticos de pensamento contrário e a cidadãos brasileiros. Mas, em nenhum momento, o cronista fala disso ou exprime uma contrariedade a qualquer ação governista militar. A própria Igreja Católica segue esse perfil até, pelo menos, o surgimento de figuras como o Arcebispo Emérito de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara, que é um dos fundadores da CNBB, e dispara palavras de repúdio contra os militares por ações desenvolvidas no país junto à população brasileira. Ele é reconhecido como um dos grandes defensores dos direitos humanos durante a ditadura militar no Brasil.

Então, Zé Fernandes desenvolve, em suas crônicas, um ataque severo e político ao Partido Comunista Brasileiro. O destaque fica por conta de uma perseguição ao líder dos comunistas no Brasil, Luís Carlos Prestes. Ele é o maior inimigo político de Zé Fernandes. Se as leituras subliminares das crônicas deixam a entender que os comunistas não possuem nenhum valor para a sociedade e deveriam ser extinguidos da nação, com Prestes não será diferente. O “Cavaleiro da Esperança”, chamado por seus seguidores, é rechaçado por Zé Fernandes em um grande número de crônicas, inclusive em uma delas de forma especial: “Ansim ou assado, seu Prestes!”. Zé Fernandes usa adjetivos e comparações que levam Prestes a ser comparado ao pior dos monstros, tal qual o comunismo e outros líderes, até socialistas como Josef Stalin. Uma crítica direta e agressiva do cronista aos adversários políticos. O socialismo é rechaçado ao deboche de Zé Fernandes, mediante a denominação de “Suçalismo”. O cronista ataca Prestes porque, no fundo, sabe que o líder comunista pode chegar à presidência da República. Para Zé Fernandes, o “comunista”, pai do “Cumunismo”, é o “cavalero da Insperança”. Como faz com o comunismo, o cronista cria histórias que tentam suscitar e disseminar a ideia de que Prestes é um criminoso, que burla a Constituição brasileira para tentar chegar ao poder de forma absurda, promovendo manifestações em frente à porta de fábricas com pessoas que acabam perdendo a vida em confronto com a polícia, sem nenhuma culpa. Para Zé Fernandes, o caminho de Prestes é uma vida sedenta de realizações, cheia de prazeres e conquistas: atrás das grades, em uma cadeia, para vida toda. O sarcasmo de Zé Fernandes apontará para muitos outros líderes políticos, mesmo que não sejam integrantes de um partido comunista, como é o caso, no Rio Grande do Sul, do ex-governador Leonel de Moura Brizola.

Mas o argumento político das crônicas de Zé Fernandes pauta-se em defesas pontuais. Quando se antecede uma eleição, seja no país ou estado, lá estará uma crônica publicada por Zé Fernandes. O cronista toma nota em seus textos, procurando literalmente entrar numa verdadeira guerra contra os comunistas. São propósitos políticos e mesmo religiosos que tentam

destruir o ideal comunista a qualquer custo. Aqui a referência será única: ou nós ou eles, ou a vida ou a morte. Para Zé Fernandes não existe derrota. Ao menos ela não é tolerada. Nos bastidores da política e, em tempo de eleição, a procura pela vitória está baseada na divulgação daqueles candidatos anticomunistas e católicos, que devem alcançar a eleição custe o que custar. Já os candidatos comunistas, porém, devem ser perseguidos e destituídos de apoio da população. O recado de Zé Fernandes é novamente construir um imaginário anticomunista sustentado no negativismo do pensamento comunista. Para ele, quem vota em comunista não é digno de fazer parte de uma comunidade ou de viver. Seria esse cidadão um falso cristão que estaria desrespeitando os princípios morais e éticos da própria Igreja Católica. Por isso, em tempos de eleição, Zé Fernandes se utiliza de armas para o ataque triunfal contra os comunistas. Quanto à utilização do sarcasmo, percebe-se crônicas que demonstram a ironia diante de situações contadas por Zé Fernandes e, por vezes, infelizes, relatadas nas páginas do *Jornal Correio Riograndense*. O cronista escreve sem nenhuma compaixão. Para ele, a filosofia encontrada na simbologia da bandeira vermelha deve ser dilacerada e destruída sem piedade.

Nas crônicas de Zé Fernandes, o testemunho e a defesa do ideal católico também são o centro das atenções e um segundo argumento para a eliminação do comunismo, especialmente na região da Serra Gaúcha. Se o político comunista não tem o potencial necessário para ser um representante da sociedade, também não será pelo apoio da Igreja Católica que ele vai conquistar seus objetivos, sejam eles quais forem. Comunista, na visão do cronista, não recebe as bênçãos de Jesus Cristo e, muito menos, da Igreja Católica. A maior revolta de Zé Fernandes com os comunistas envolve justamente o argumento religioso quando os integrantes do comunismo, no conhecimento do cronista, dizem não acreditar na existência de Deus. Esse caráter ateu justifica as respostas de Zé Fernandes para um apontamento: o diabo é vermelho.

As ponderações do cronista nas narrativas da seção Correspondência Caipira não toleram a falta de respeito dos então comunistas à religião católica. Segundo Zé Fernandes, esses “vermelhos” ou comunistas são literalmente coisas do diabo ou homens de satanás, todos defensores “do inferno”. Com uma escrita anticomunista puxada ao sarcasmo, Zé Fernandes condena os “ateus materialistas vermelhos”, pois, através deles, existe uma personificação do “mal”, que compromete a convivência em comunidade. Mais ainda, comunistas são a caracterização do profano, das trevas e dos sem alma. Na condição de autor das crônicas, Zé Fernandes prefere apontar comunistas ao lado de traidores que, inclusive, aparecem na Bíblia Sagrada, como Judas foi para Jesus Cristo.

É preciso recordar que, para o cronista, a contribuição da Igreja Católica é ato de grande representatividade, seja para as famílias ou na vivência diária das comunidades.

Primeiro, na visão de Zé Fernandes, só pode viver em sociedade ou receber uma aclamação ou respeito de todos quem seguir os ideais católicos. O gesto ou a identidade comunista amparada e aceita por qualquer indivíduo, na opinião do cronista, representa o pior do “lixo humano existente na Terra”. Esse indivíduo nunca ganhará o céu, mas com certeza o inferno. É preciso, de acordo com o *Jornal Correio Riograndense*, mudar a forma de pensar e trazer para a Igreja cada cidadão contrário a esses ideais católicos. É um processo de convencimento. A forma comunista de pensar, conforme Zé Fernandes, é comparada ao mal de Lúcifer (o diabo). A indagação do cronista também corresponde a uma pergunta: como Deus pode ser Pai de quem não tolera os ensinamentos de sua própria Igreja? É exatamente esse o pensamento de Zé Fernandes em findar a existência dos comunistas como pessoas que não possuem um coração verdadeiro, mas perverso. O decreto contra o Comunismo de 1949, oficializado pelo Papa Pio XII, será para Zé Fernandes um dos maiores posicionamentos da Igreja Católica Apostólica Romana depois dos ensinamentos encontrados na Bíblia Sagrada de Jesus Cristo. No decreto está a síntese de como a Igreja trata o comunismo no mundo. Zé Fernandes vai utilizar dessa decisão, publicando em muitas crônicas, abordando que o decreto da Igreja precisa ser respeitado, defendendo a excomunhão automática de católicos que, em obstinação consciente, aderirem ao ateísmo e ao materialismo associado ao comunismo e às doutrinas marxistas. E assim foi. Muitas excomuniões aconteceram, inclusive em diferentes regiões do Rio Grande do Sul.

Com as crônicas de Zé Fernandes, levanta-se a importância da investigação na relação da imprensa como forma da leitura da história, tendo como foco esse meio impresso, o jornal. É através do *Jornal Correio Riograndense* e das crônicas de Zé Fernandes, como um instrumento da leitura, que se pode chegar a um levantamento de tantos episódios ou crônicas marcantes que, sem dúvida, de forma impressa, integraram a vida comunitária da Serra Gaúcha. O cronista Zé Fernandes é o espelho de um editorial firmado nas raízes da Igreja Católica contrárias à presença comunista no mundo e, especialmente, no Brasil. São crônicas que revelam o sentimento não só do próprio escritor e do jornal, mas da grande maioria dos leitores que aceitavam a campanha anticomunista, por serem católicos, sendo desenvolvida através do periódico semanário por um longo período, especialmente, entre 1945 e 1955. A seção Correspondência Caipira unificou interesses e propagou ideologias dentro da aceitação católica, amparada em uma linguagem caipira e gaúcha, para analisar os momentos políticos que se desenvolveram também na região da Serra, do Rio Grande do Sul e no Brasil. Esse desenvolvimento, sob a ótica da comunicação, está necessariamente desenvolvido nos textos persuasivos que levem os leitores a acreditar que o correto é ser um anticomunista e,

propriamente, todas as narrativas de Zé Fernandes tratando sobre comunismo apontam para este posicionamento final: que comunistas não prestam como pessoa ou profissional.

Por fim, a contribuição deste trabalho intensifica, na medida do possível, a compreensão da história e sua relação com a política, a leitura, a literatura e a comunicação. Existe uma unificação de detalhes que permeiam este estudo com relação à construção de um período histórico marcante para o cenário político, especialmente do Brasil e do Estado do Rio Grande do Sul, momento histórico e decisivo para o processo que caminha e vive gestões de governos militares e autoritários para depois adentrar o caminho da democracia. Zé Fernandes convive com esse período por um longo tempo político de crônicas escritas entre 1941 e 1965. Essas discussões políticas passam semanalmente pela seção Correspondência Caipira. É bem verdade que é na comunicação que estão grandes nomes da literatura brasileira, que, ideologicamente ou não, procuram, através dos impressos, com seus textos e crônicas, divulgar razões e explicações sobre o próprio comunismo que interferem diretamente no pensamento do cotidiano das pessoas. Eles falam de política para construir a história dos momentos vividos, utilizando-se de personagens que aprofundam e dão contextualização à opinião do próprio escritor, o que ele pensa acima de tudo para os rumos do Estado e do país.

Ao findar desta tese, fica o registro de uma pesquisa que procurou agregar conhecimento ao então problema desenvolvido, com uma análise das manifestações anticomunistas de Zé Fernandes na seção Correspondência Caipira do *Jornal Correio Riograndense*, observando o recurso do sarcasmo na linguagem regional caipira e gaúcha utilizada pelo cronista. Fica claro e se tem a consciência de que o estudo não se esgota aqui diante de novas contribuições que possam ser realizadas. Por isso, até este momento, ficam para o registro da academia as histórias e crônicas de Zé Fernandes, cronista do *Jornal Correio Riograndense*. Foi um caipira e gaúcho chamado Zé Fernandes, pseudônimo de Frei Dionísio Veronese. Uma mesma pessoa, entretanto, com identidades diferentes, mas ambas com um mesmo ideal: a luta por uma defesa anticomunista.

## REFERÊNCIAS

- A RUPTURA das relações diplomáticas com a Itália, Alemanha e Japão. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 04 fev. 1942, ano XXXIII, n. 06, p. 02.
- A VIOLA no saco. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 13 abr. 1949, ano 40, n. 15, p. 03.
- ACONTECEU em Caxias. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 19 jan. 1949, ano 40, n. 3, p. 03.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- ALVES, M. M. **A igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
- ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1989.
- ANSIM ou Assado, Seu Prestes! **Correio Riograndense**, Garibaldi, 25 jun. 1947, ano 38, n. 21, p. 02.
- ARMILIATO, T. G. **A comunicação no rádio e a preservação de uma identidade linguística regional**: o talian. 2010. 110f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2010.
- ÁS ORDENS, Seu patrão! **Correio Riograndense**, Garibaldi, 30 out. 1946, ano 37, nº 43, p. 03.
- ATTARDO, S. Irony markers and functions: Towards a goal-oriented theory of irony and its processing. **Rask**, v. 12, n. 1, p. 3-20, 2000.
- BACZKO, B. **Imaginação Social**. In: Enciclopédia Einaudi (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 5. 1885.
- BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2003.
- BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, M. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. Em: NEVES, L. M. B.; MOREL, M. (Org.). **História e Imprensa**: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROSO, H. L. G. et al. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1949.
- BARSALINI, G. **Mazzaropi – o Jeca do Brasil**. São Paulo: Editora Átomo, 2002.
- BARTHES, R. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BATALHA, C. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX. In: MORAES, J. Q. (org). **História do marxismo no Brasil: os fluxos teóricos**. Campinas, São Paulo, Editora Unicamp, 1995, p. 13-14

BAUER, M. A popularização da ciência como "imunização cultural": a função de resistência das representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOCITCH, S. (Orgs). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BAUMAN, Z. **A vida pós-moderna segundo Zygmunt Bauman**: entrevista. [Nov, 2013] Entrevista concedida a Sílvia Boccanera. Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/coberturas/2013/11/a-vida-pos-moderna-segundozygmunt-bauman/> Acesso em: 03/04/2020.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. 1 ed. Trad. Jorge Zahar Editor LTDA. Rio de Janeiro: Polity Press, Inglaterra, 1997.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BELTRÃO, L. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BERRINI, B. (Org). **Eça de Queiroz: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

BERRINI, B. Eça de Queiroz: precursor da modernidade. In: BERRINI, B. (org.). **Eça e Machado**. São Paulo, Editora PUC-SP, 2005.

BERTASO, H. D.; LIMA, M. A. (Org.) **Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1950.

BETT, I. **A (re)invenção do comunismo: discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos golpes militares de 1964 e 1966**. 2010, 262 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale dos Sinos, 2010.

BEZZI, M. L. Região como foco de identidade cultural. **Geografia**, v. 27, n. 1, p. 5-19, 2002.

BITTENCOURT, G. N. S. **O conto sul-riograndense**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

BOAS LEITURAS. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 15 mar. 1950, ano 41, n. 11, p. 01.

BOBBIO, N. **O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

BORGES, T. M. M. **Ensinando a ler sem silabar**. 2. ed. São Paulo: Papirus. 2001.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

BRANDALISE, C. Camisas-verdes: o integralismo no sul do Brasil. **Acervo – Revista do Arquivo Nacional**, v. 10, n. 2, p. 17-36, 1997.

BRANDÃO, C. R. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRANDÃO, H. H. N.; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. In: BRANDÃO, H. H. N.; MICHELETTI, G. **Coletânea de textos didáticos**: componente curricular leitura e elaboração de textos. Campina Grande: UEPB, 2002.

BRASIL. **Decreto de lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939**. Cria o Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 03 ago. 2019.

BRASIL. **Decreto de lei nº 37 de 18 de novembro de 1966**. Dispõe sobre o imposto de importação, reorganiza os serviços aduaneiros e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0037.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0037.htm). Acesso em: 23 set. 2019.

BRASIL. **Lei nº 7.586, de 28 de maio de 1945**. Regula, em todo o país, o alistamento eleitoral e as eleições a que se refere o art. 4º da Lei Constitucional nº 9, de 28 de fevereiro de 1945. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del7586.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del7586.htm). Acesso em: 01 abr. 2020.

BRASIL. Senado Federal. **Anais do Senado**. Brasília, 1946. Disponível em: [www.senado.gov.br](http://www.senado.gov.br). Acesso em: 03 abr. 2020.

BURGERS, C. **Verbal irony: Use and effects in written discourse**. Nijmegen: Ipskamp Drukkers, Enschede, 2010.

CÂMARA, A. S. Mazzaropi e a reprodução da vida rural no cinema brasileiro. **Revista Politéia**, v. 6, n. 1, p. 211-226 2006.

CANDIDO, A. **Iniciação a literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Humanitas. 1999.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. 9. ed. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2001.

CANDIDO, A. **Textos de intervenção**. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. São Paulo: Outro Sobre Azul, 2011.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992.

CANDIDO, A. Carta-prefácio. In: DANTAS, M. **Cornélio Pires**: criação e riso. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

CÁNEPA, M. M. L. **Partidos e representação política**: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

CARAMBA! **Correio Riograndense**, Garibaldi, 20 mar. 1946, ano 37, n. 12, p. 04.

- CARONE, E. **Brasil: anos de crise (1930-1945)**. São Paulo: Ática, 1991.
- CARPENTER, E.; MCLUHAN, M. **Revolução na comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- CASTRO, G.; GALENO, A. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CESAR, G. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1971.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Editora DIFEL, 2002.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, R. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CHAVES, F. L. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CHAVES, F. L. **Matéria e invenção: ensaios de literatura**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- CHAVES, F. L. **Ponta de estoque**. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. São Paulo, Ática, 2000.
- CLAVAL, P. A. **Geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- CLIFT, R. Irony in conversation. **Language in society**, v. 28, n. 4, p. 523-553, 1999.
- COELHO, T. Esboços do prazer. In: MONTESQUIEU, C. S. B. **O gosto**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- COMÍCIO monstro. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 09 maio 1942, ano XXXIII, n. 19, p. 01.
- CONTRABALANÇANDO. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 21 jul. 1954, ano 45, n. 28, p. 03.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, R.; DE BONI L. A. **Os capuchinhos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Correio Riograndense, 1996.
- COUTO, M. J. G. **Missão Abreviada. Para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das missões**. Typografia de Sebastião José Pereira: Porto, 1868.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru, SP: Edusc, 2002.
- D'ARAÚJO, M. C. (org.). **As instituições brasileiras da era Vargas**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Ed. FGV, 1999.

- D'ARAUJO, M. C. S.; ALMEIRA, R. **O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- DANTAS, M. **Cornélio Pires: criação e riso**. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- DARNTON, R. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DUSS-VON WERDT, J. **Fundamentos de dogmática histórico-salvífica, vida e estruturas na igreja**, vol. IV/6, Petrópolis: Vozes, 1977.
- DUVEEN, G. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em desenvolvimento. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- E' UMA PROSINHA. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 21 jan. 1948, ano 39, n. 03, p. 03.
- ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- EDIÇÃO ESPECIAL. **Correio Riograndense**. 2009. Disponível em: <http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=68966&p=9&Miniatura=false&Texto=false&l=pesquisa&s=pesquisa>. Acesso em: 01 abr. 2019.
- ELES se retiraram, **Correio Riograndense**, Garibaldi, 14 set. 1949, ano 40, n. 37, p. 04.
- ERBOLATO, M. L. **Deontologia da comunicação social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- EVEN-ZOHAR, I. O "sistema literário". **Translatio**, v. 5, n. 1, p. 22-45, 2013.
- FALCÃO, F. J. A declaração de março de 1958 na história do PCB. In: SENA JÚNIOR, C. Z. **Capítulos da história dos comunistas no Brasil**. Salvador: EDUFRA, 2016.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERREIRA, T. M. B. C.; MOREL, M.; NEVES, L. M. B. P. (Orgs.). **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro Faperi/ DP&A editora, 2006.
- FERREIRA, A. B. H.; ANJOS, M.; FERREIRA, M. B. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 7. ed., ver. e atual. Curitiba: Positivo, 2008.
- FERREIRA, M. N. **A imprensa operária no Brasil (1880-1920)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- FERREIRA, N. S. A. Leitura como objeto de investigação. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 13, n. 21, p. 13-22, 2004.

- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 8 ed. 2006.
- FISCHER, L. A. **Literatura Brasileira – Modos de Usar**. São Paulo: Col. Para Saber Mais – Abril, 2003.
- FISCHER, L. A. Uma reflexão sobre a formação regional. In: CHAVES, F. L.; BATISTI, E. **Cultura regional: língua, história, literatura**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- FISCHER, L. A. Uma edição nova e inovadora. In: LOPES NETO, J. S. **Contos gauchescos**. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1998.
- FOUCAULT, M. **O que é um autor**. Lisboa: Veja, 1992.
- FRAISSE, E.; POMPOUGNAC, J.; POULAIN, M. Representações e imagens da leitura. São Paulo: Ática, 1997.
- FREIRE, P. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GALVANI, W. **Crônica: O voo da palavra**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- GARDELIN, M.; STAWINSKI, A. V. **Capuchinhos italianos e franceses no Brasil**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1986.
- GIBBS, R. Irony in talk among friends in Metaphor and Symbol. **Journal Metaphor and Symbol**, v. 15, n. 1-2, p. 5-27, 2000.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONTIJO, S. **O livro de ouro da comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (org). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- HABERMAS, J. Três modelos normativos de democracia. In: HABERMAS, J. **A inclusão do outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Loyola, 2002.
- HAIMAN, J. **Talk is cheap**. Oxford University Press, New York, 1998.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HENRICHS, L. A. (Org). **Histórias da imprensa em Caxias do Sul**. Caxias do Sul, RS: Museu Municipal, 1998.
- HERÉDIA, V. B. M.; PAVIANI, N. M. S. **Língua, cultura e valores: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre imigração italiana no sul do Brasil**. Porto Alegre: EST, 2003
- HOBSBAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

HOBBSAWN, E. J. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HOHLFELDT, A. As origens antigas: a comunicação e as civilizações. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOPING, H. A Constituição Sacrosanctum Concilium. In: HACKMANN, G. B.; HACKMANN, M. S. A. **As constituições do Vaticano II, ontem e hoje**. São Paulo: Edições CNBB, 2015.

IBGE. **População por religião (população presente e residente: de 1940-1970)**. 2020. Disponível em: <https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP60>. Acesso em: 03 set. 2019.

INTÉ isso. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 30 jun. 1945, ano 36, n. 36, p. 04.

JACKS, N. **Querência: cultura regional como mediação simbólica**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1999.

JOHN, V. M. **Palavras da salvação: as representações da leitura na prisão**. 2004. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.

KUNCZIK, M. **Conceitos de jornalismo: norte e sul: manual de comunicação**. São Paulo: EDUSP, 1997.

LA LIBERTÁ. **Nostro programa**. 13 de fevereiro de 1909.

LAMARÃO, S. **O fracasso das "fórmulas" e a candidatura Vargas em 1950**. 20--?. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/PreparandoaVolta/Candidatura1950>. Acesso em: 22 out. 2020.

LEFFA, V. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1996.

LEITE, L. C. M. **Em jornalismo e modernismo**. São Paulo: Ática, 1978,

LEITE, S. H. T. de A. **Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920)**. São Paulo: EDUNESP, 1996.

LEYVA, E. M. R. ¿Que es leer? ¿Qué es la lectura?. **Investigación Bibliotecológica**, v. 23, n. 47, p. 161-188, 2009.

LINS, Á. **Os mortos de sobrecasaca**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.

LOBATO, M. **Urupês**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

LOBO em pele di ovêia. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 12 set. 1945, ano. 36, nº 33, p. 04.

LOPES NETO, J. S. **Contos gauchescos**. 18. ed. Porto Alegre: Globo, 1983.

LOVE, J. L. **O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUTA ENTRE Cristo e Satanaz. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 26 set. 1945, ano 36, n. 35, p. 01.

MAESTRI, M. Apresentação. In: MAESTRI, M. **Nós, os ítalo-gaúchos**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

MAGNANI, M. R. M. Leitura e formação do gosto: por uma pedagogia do desafio do desejo. **Idéias**, São Paulo, v. 13, p. 101-108, 1992.

MAIS PERENE, 1954. Mais perene do que o bronze. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 24 fev. 1954, nº 08, 1954, p. 03.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARANGONI, M. C. T. Representações de leitura: olhares sobre leitores aprendizes. **Nonada**, v. 1, n. 18, p. 211-226, 2012.

MARCONDES FILHO, C. **O princípio da razão durante**: o conceito de comunicação e a epistemologia metafórica. São Paulo: Paulus, 2010.

MARCONDES FILHO, C. **Ser jornalista**: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões. São Paulo: Paulus, 2009.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais: 1922-1989. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

MAROBIN, L. **A literatura no Rio Grande do Sul**: aspectos temáticos e estéticos. São Leopoldo: UNISINOS, 1985.

MARTÍN-BARBEIRO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

MARTINEZ, P. **Os nacionalismos**. São Paulo: Scipione, 1996.

MARTINS, A. L.; DE LUCA, T. R (Org). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, D A. P. S. **As faces cambiantes da crônica moreyriana**. 1977. 157 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul. Instituto de Letras e Artes. Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras. Porto Alegre, 1977.

MARTINS, D. A. P. S. **História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul**. 1984. 360 f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras e Artes. Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras. Porto Alegre, 1984.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MASINA, L. **Alcides Maya**. Porto Alegre: IEL, 1986.

MELO, J. M. A crônica. In: CASTRO, G.; GALENO, A. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985a.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, J. M. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1985b.

MEYER, M. **Folhetim**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOCITCH, S. (Orgs). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOISÉS, M. **A criação literária**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MONTESQUIEU, C. S. B. **O gosto**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MOREIRA, M. E. **Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/ICP, 1982.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas: 2011.

MOREL, M. (Org). **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MUSEU DOS CAPUCHINHOS. **Página inicial**. 2019. Disponível em: <https://www.capuchinhos.org.br/muscap>. Acessado em 14/03/2019.

NAXARA, M. R. C. **Estrangeiros em sua própria terra – Representações do brasileiro, 1870/1920**. São Paulo: Anablume/Fapesp, 1998.

NICOLESCU, B. **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: Triom, 2002.

NOCENT, A. et al. **Os sacramentos, teologia e história da celebração**. São Paulo: Paulinas, 1989.

O COMUNISMO E O TIGRE. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 29 ago. 1945, nº 31, ano 36, p. 01.

O PARAÍSO comunista. **Correio Riograndense**, Caxias do Sul, 14 jan. 1953, ano 44, n. 2, p. 04.

ÓIO ABERTO, 1945. Óio aberto. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 05 set. 1945, n. 32, ano 36, p. 04.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo: A diversidade cultural no Brasil - Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLSON, D. R. H. A.; TORRENCE, N. **Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing**. UK: Cambridge University Press, 1985.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**. Campinas: Unicamp, 2007.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense. 1994.

PAGANI, M. F. **O nacionalismo na região colonial italiana**. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2005.

PANDOLFI, D. A cassação do Partido Comunista no cenário da Guerra Fria. 20--?. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/DoisGovernos/CassacaoPC>. Acesso em: 23 out. 2020.

PATRIOTEROS de esquina. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 06 abr. 1949, ano 40, n. 14, p. 03.

PAU NELES. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 28 mar. 1945, ANO 36, n. 13, p. 04.

PERVERSO, e não bebê chorão!. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 11 maio 1949, ano 40, n. 19, p. 03.

PINTO, A. C. **Os camisas azuis: ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal – 1914-1945**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

PIO XI. **Divini Redemptoris**. São Paulo: Paulinas, 1937.

PIRES, C. **Musa caipira: As estrambóticas aventuras do Joaquim Bentinho (o Queima-Campo)**. Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor (1884-1984). Tietê, SP: Prefeitura Municipal de Tietê, 1985.

POR QUE a Igreja Católica não admite o comunismo. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 28 nov. 1945, ano 36, nº 44, p. 01.

POZENATO, J. C. **O regional e o universal na literatura gaúcha**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

POZENATO, K. M. M.; GIRON, L. S. **100 anos de imprensa regional: 1897-1997**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

- RAMOS, F. B.; ARENDT, J. C. No princípio fez-se a obra: o descomeço de contos gauchescos. **Caderno de Letras**, v. 1, n. 9, p. 88-105, 2003.
- REINAÇÃO espírita (uma tragicumedia). **Correio Riograndense**, Garibaldi, 15 out. 1941, 29 nov. 1941 e 05 nov. 1941, ano XXXII, n. 42, p. 02.
- RODEGHERO, C. S. **O diabo é vermelho**: imaginário anticomunista e Igreja católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: Ediuf, 1998.
- RODRIGO ALSINA, M. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- RODRIGUES, J. Síntese e reflexão. In: HENRICHES, L. A (Org.). **Histórias da imprensa em Caxias do Sul**. Caxias do Sul: Empresa Jornalística Pioneiro S.A., 1988.
- RODRIGUES, N. **A cabra vadia**. 1a. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROMANCINI, R.; LAGO, C. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.
- RÜDIGER, F. **Tendências do jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- SÁ MOTTA, R. P. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.
- SANTOS, M. J. História e cinema: a cultura popular na obra de Amácio Mazzaropi (1960-1979). In: **Anais do XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza: XXV Simpósio Nacional de História, 2009.
- SATO, N. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, G.; GALENO, A. (org). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.
- SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998. p. 12-74.
- SCHNEIDER, M. A comunicação e o gosto: uma abordagem marxista. 2008. 233 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes (ECA). São Paulo, 2008.
- SE APRONTE! **Correio Riograndense**, Garibaldi, 20 set. 1950, ano 41, n. 38, p. 03.
- SERBIN, K. P. **Diálogos na Sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SHELEE, A G. Introdução: Contos Gauchescos. In: LOPES NETO, J. S. **Contos gauchescos**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto; WS Editor, 2000.
- SILVA, H.; CARNEIRO, M. C. R. **O suicídio de Getúlio Vargas**: 1951/1954. São Paulo: Três, 1998.
- SINGH, R. K. Humour, irony and satire in literature. **International Journal of English and Literature (IJEL)**, v. 3, n. 4, p. 65-72, 2012.

SKIDMORE, T. E. **Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STEINBERG, C. S. **Meios de comunicação de massa**. 2. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1972.

STEPHANOU, A. A. **Censura no regime militar e militarização das artes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

STÜBEN, J. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, J. C.; NEUMANN, G. R. (orgs.). **Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate**. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas: 2011.

TÁ NA MEMA cancha. **Correio Riograndense**, Garibaldi, 25 maio 1949, ano 40, n. 21, p. 03.

TÁ QUE não presta! **Correio Riograndense**, Garibaldi, 07 nov. 1945, ano 36, n. 41, p. 04.

TÁVORA, F. **O Cabeleira**. 8ª ed. São Paulo: Ática (Série Bom Livro), 2002.

TERRA, E. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 2008.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOMÁS DE AQUINO. **Comentário ao pai nosso: in orationem dominicam videlicet Pater Noster Expositio**. Introdução, tradução do latim e notas de Omayr José de Moraes Júnior. Rio de Janeiro: Lótus do Saber, 2002.

TOPLAK, M.; KATZ, A. On the uses of sarcastic theory. **Journal of Pragmatics**, v. 32, n. 1, p. 1467-1488, 2000.

TRAVANCAS, I. **O livro no jornal**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VALDUGA, G. **Paz, Itália, Jesus: uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VEIGA NETO, A. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VELLINHO, M. Brigadeiro José da Silva Pais - Fundador do Rio Grande do Sul. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 7, p. 3-29, 1969.

VERONESE, D. **Caminho percorrido: assim conheci meu pai – Emílio Veronese**. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1964.

VERONESE, D. In: HENRICHS, L. A. (coord.). **Projeto Imprensa, memória e preservação**. Arquivo Histórico Municipal. Fita k7 n.127 (60 min) e n. 128 (17 min). 1988. Caxias do Sul. 1988.

VIEIRA, E. D.; STEGNEL, M. Individualismo, liberdade e insegurança na pós-modernidade. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 2, n. 2, p. 345-357, 2012.

YUNES, E. **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: PUCRio, 2002.

ZAGONEL, C. A. **Igreja e imigração italiana: capuchinhos de Sabóia, um contributo para a igreja no Rio Grande do Sul (1895-1915)**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia - Biblioteca, 1975.

ZILBERMAN, R. **Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul**. 3 ed. Porto Alegre: L&PM, 1985.

ZILBERMAN, R. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

ZUGNO, V. L. **Capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul: presença e missão na Região Colonial Italiana e Campos de Cima da Serra**. Porto Alegre: ESTEF, 2017.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz: a literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## APÊNDICE A – JORNAIS DA REGIÃO

Quadro 3 – Jornais da região (1930-1945)

<b>Título</b>	<b>Início</b>	<b>Término</b>	<b>Periodicidade</b>	<b>Local</b>	<b>Linha Editorial</b>
Caxias	1927	1932	Semanal	Caxias	Pró-Vargas
Il Legionário	1930	1930	Desconhecida	Caxias	Desconhecida
L' Unione	1930	1930	Desconhecida	Caxias	Fascista
O Pissilone	1931	1932	Desconhecida	Caxias	Humorística
O Jornal	1931	1932	Semanal	Caxias	Pró-Republicano
Caxias Jornal	1933	1934	Semanal	Caxias	Pró-Republicano
O Momento	1933	1951	Semanal	Caxias	Pró-Vargas
Il Giornale dell' Agricoltore	1934	1940	Semanal	Caxias	Fascista
O Bandeirante	1935	1937	Semanal	Caxias	Integralista
Taxinha	1936	1936	Semanal	Antônio Prado	Desconhecida
A Faísca	1936	1936	Semanal	Antônio Prado	Humorística
O Assombro	1937	1938	Quinzenal	Caxias	Humorística e de variedades
A Folha do Nordeste	1937	1937	Semanal	Caxias	Pró-Vargas
A Época	1938	1956	Bimestral e depois semanal	Caxias	Pró-Vargas
O Nordeste	1941	1943	Semanal	Bento Gonçalves	Municipalista
<b>Correio Riograndense</b>	<b>1941</b>	<b>1952</b>	<b>Semanal</b>	<b>Garibaldi</b>	<b>Pró-Ditaduras</b>
Voz do Povo	1945	1954	Semanal	Caxias	Comunista

Fonte: Banco de Dados do Projeto 100 anos: os meios de comunicação na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul (POZENATO; GIRON, 2004, p.91-92).

# ANEXO A - CRÔNICA: "TÁ NA MEMA CANCHA"

**AUTOR:** Zé Fernandes  
**JORNAL:** Correio Riograndense<sup>23</sup>  
**DATA:** 25 de maio de 1949  
**PÁGINA:** 3

**Correspondência caipira**

## Tá na mema cancha...

— Pucha, cupadre, não me dá na mema cancha do papo e o diabo do Sualismo? —  
— Ué! Que há de novo? —  
— Verê, entonce, não tá no jornal a aplicação do Sualismo e o caminho pra cá se convectam os sualistas? E com eles tá o chefe Fimfin? —  
— Apois eu não li, não. Mas que eu andei sempre discutindo disso, andei. —  
— Inscuta, cupadre, que tu vô lá displica dereitinho. E tá aplicação seria e de peso. Quem inscreveu não que inscreveu. E pôe tudo claro no dia. —  
— Inté mesmo as coisa inscrita e confusa e emmanhada e esabada do Chefe Fimfin. Tá lá, como se diz, tudo em praça lingo. —  
— É assim que gosto, cupadre. Adrei sempre perigo de sagrado que faz sem decair. Mas diz mais não afirma, dirige não só orienta, comêz mais não cunhece o caminho. Não, com esse eu não vô. —  
— Apois, cupadre, declara o jornal que o Sualismo é o que não tem pé nem cabeça. Tenta a santa religião católica. É condenado pelos Pape. Mas se pode segri o Sualismo, querê se católico. —  
— Intonce, é como o cumu namo. —  
— Para aí. O Sualismo é o peridió e o cumunismo o fim de cancha. Que os dois tá na mema cancha, tá memo. —  
— Jáis que barbaardes de cáz que monta gente se obstrestando sem se dá por convido. —  
— É sempre assim. Nô quem é mais cego do que aquele que não vê. Não é memo. —  
— É verdade. Mas é memo mais pô querê continua terne no só não pôdi mudar. —  
— Apois, cupadre, o sualismo que se apoiara de tudo o que não tem e toda sua maldade governo que então seria governo socialista. Bola tuitento. —  
— Tudo é de todos. E ninguém manda. —  
— Mais que diabo!... —  
— Banno faz uma cupadrada, modo refreço se insculpação. Venê que vô e que é o

## FOGÃO "CRUZEIRO" — O MELHOR —

... (continuação do texto anterior) ...

**LIÁ, RELEIA, REVEJE, GUARDE E AQUÍ REGORDA, QUANDO PRECISAR**

## "O CATECISMO DAS FAMÍLIAS"

**A FÉ COMPLETA A CBAZO**

12 — A Fé compreende a verdade eterna, a razão abstrata as verdades naturais. Mas há associação entre a Fé e a razão, porque o Deus que revela os mistérios e inspira a fé, é o mesmo que nos dá a razão.

13 — A Fé se completa e aperfeiçoa a razão, pois que a Fé propõe verdades que a razão jamais compreenderia e porque facultada a todos, especialmente aos que não têm tempo, vontade e meios de estudar, os conhecimentos mais importantes e necessários à salvação (Emílio Salim).

14 — Como mais ensinamentos da Igreja, porque Cristo a governa pelo Espírito Santo e escolhe prezos insculpações de que a fé sempre governada, por exemplo, em milagre. — Os catos convenceu até a conversão dos judeus (Mt. 23:29).

**DOIS GRATUITO**

15 — A Fé é dom gratuito de Deus e proveem sempre e unicamente da graça. "Mas não vem a mim, se não for doado por meu Pai" (João 6:66). Daí Deus a Fé no baltimo, justo como a graça instrução, a virtude infusa. Sua existência só se produz no ídolo de razão, só se justifica religiosa e a graça. É a semelha entendida que nasce e desenvolve mais intensa, mais sereterna mais arvore. Há fé no tronco de uma prichião novo, que desenvolverá novas folhas.

**HERESIA**

16 — O milagre ostentado para chamar a Fé não é a vida de pecador, a má vida de "A fé será oitras e morta" (Clápo 2:6). Não tem o pagão. Os hereses têm a incompleta e má fé, alguma verdade ou coisa divina (prestante, segrita, etc.). Hereses e hereses, todos são hereses. Alguém é herético, todos são heréticos. Alguém é infidelidade, todos são infidelidade.

17 — O que se desenvolveu em 1887, separou-se de Roma, mediante ostentação no seu nome herético, os hereses separaram-se dos grupos em 1887.

## FUNDAÇÃO DE SINOS

de J. BELLINI & FILHOS LTDA. EM PORTO ALEGRE



J. BELLINI & LTDA., com mais de 40 anos de tirocinio, comunicam a sua grande e nova descoberta do processo Bronze-Ouro. Os sinos fabricados com o processo Bronze-Ouro são purificados em grandes formas a electro-el, dando um alanceo de sem 100% mais do que qualquer outro similar. São apresentados lírios ou com esculptura de imagens, trabalhos artísticos e dizeiros em alto relevo. Conjuntos, carrilhões e simples em qualquer peso. Não confundir sinos Bronze-Ouro com sinos comuns. Não façam os seus pedidos antes de ouvir e conhecer os sinos Bronze-Ouro, fabricados por J. BELLINI & FILHOS LTDA. Não confundir esta grande e moderna fábrica, com outras de categoria inferior.

**PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA — QUALIDADE E GARANTIA**  
Avenida Pernambuco, 2316 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

## CONCURSO DE ADIVINHAS

**Bitter Água**  
se encerra de cuidar do seu estômago

**Terreno à Venda**  
Vende-se, a preços módicos, 17,1/2 alqueires de terra, sita a quatro quilômetros a cidade de Veranópolis, propriedade do Sr. Ricardo Piran Terreno cercado de tres boas colheitas de talpa. Tem casa de madeira quasi nova de 7 X 8 e cozinha de 4 X 3, mais dois galpões, um novo de 5,1/2. Arvoredo com mais de 200 pés; parrinas. Um alqueire de mata. Muita água. Uma lavoura para verduras cercada com 8 fios de arame farpado. Para maiores esclarecimentos contactar-se com a firma ANDRAZINI, BOTTO & Cia. Ltda. — VERANÓPOLIS

**Hospital Del Meses CAXIAS DO SUL**  
Infirma que o Hospital não está vendido, e que o Dr. Del Meses continua atendendo, e fazendo tratamentos sem oposição, das clínicas de estômago e das doenças da fígado. (20-4)

**SEMENTES DE TUNGUE**  
Compremos sementes de tungue boas e dessecadas. VERONESE & Cia. — CAXIAS DO SUL (17-3)

## LIQUIDAÇÃO DEFINITIVA da "CASA PIZZATO" DE BENTO GONÇALVES

Validam nossa liquidação verificando as preços sem compromissos de compra.

Ainda temos regular sortimento de Algodão, Elicado, Brisa, Poliéster, Casaca, Cobertera, Anabolado, Lencua, Vêtoes, e muitos outros artigos. TUDO A PREÇO DE LIQUIDAÇÃO. Chapeua especial — "SILVIO" a Cr\$ 50,00 — Cristinas, 2 metros de largura Cr\$ 22,00 o metro. Lá um novelo a escolher Cr\$ 2,00 o novelo. — Calças para senhas Cr\$ 2,00 o par — Meias especiais: Cr\$ 3,50 ao par. Grande liquidação de calçados por preços muito reduzidos.

Quem comprar acima de mil cruzeiros terá um desconto especial no seu limite pessoal.

**NOTEM BEM** — ALGODÃO de 1.º a Cr\$ 50,00 e Brisa diamantina a Cr\$ 5,70 não temo! — Mas temos Ricado de 2,70 o metro e brisa desde 6,00 o metro.

**A T E N Ç Ã O** — A nossa seção de ATACADOS já foi transferida para a firma TRINACIO, GAZIA & CIA. nossos socios, os quais continuarão atendendo com a mesma soliteza. (20-8)

## Gasa Magnabosco



Se ainda não conhece a CASA MAGNABOSCO na Cidade de Caxias do Sul, um dos maiores varejos de fazendas em geral, procurei faz-lo, por quem mandou, ao mesmo tempo, um passeio a esta linda Cidade.

Vossa despesa zero, contendas pelas diferenças de preços, nas compras que efetuamos nesta casa, que é, e sempre será a mais barata da zona nordeste do Estado.

**VITTA-A SEM COMPROMISSO.**  
CASA MAGNABOSCO — Praça Rui Barbosa  
Ao lado da Igreja Matriz — CAXIAS DO SUL (20-4)

**ATENÇÃO!**  
GRANDE OPORTUNIDADE  
Vende-se por ótimo preço, uma SERBERIA de madeira de lei, com registro legalizado, ferramenta completa e máquina a vapor, cita na floresta e cidade de COQUEIRO — MUNICÍPIO DE ARROIO DO MEIO. Interessados queiram dirigir-se ao proprietário Sr. CESAR ZAMBARRO — ARROIO DO MEIO — RIO GRANDE DO SUL (19-8)

**Dr. A. De Simoni**  
O hos-Duvidas-Nariz sem curação.  
Formado pela Universidade de Pavia, Italia.  
Tratamento das sinusites, sem curação.  
Alta eficiência e especialidade.  
Rua Marquez de Ilhéus, 696  
CAXIAS DO SUL (20-4)

**Negócio de Ocasão!**  
VENDE-SE uma boa montada Fábrica de Camas tipo Bar, quente, Maquinário Moderno e automático, com capacidades de duas mil camas mensais e com as seguintes propriedades: Uma casa de alvenaria de 10 x 22 com dois pavimentos; construção adaptada para fabricar. Um galpão para depósito de 8 x 20. Um armazém com portão para oficina de 8 x 25. Uma casa de madeira de 6 x 8. Dois Banhos de 13 x 10. 17 lotes urbanos com 112 metros de frente de cada um da Rua 15 de Novembro.

Um escritório completo com máquinas novas, 3 motores elétricos com 94 HP instalados e em perfeito funcionamento.

Vendemos também as benfeitorias sem os maquinários. Interessados deverão dirigir-se à SOCIEDADE INDUSTRIAL MADREIRA LTDA. em VIDEIRA — Estado de Santa Catarina. (14-8)

## Correspondência caipira

## Tá na mema cancha...

— Pucha cumpadre, não imaginava nem cousa parecida do que é o diabo do Suçalismo.

— Ué! Que hai de novo?

— Vancê, entonces, não leu no jorná as inspicção do que é o Suçalismo, e o caminho pra onde se enveredam os suçalistas? E com eles tá o chefe Finfin.

— Apois eu não li, não. Mais que eu andei sempre discunfiado disso, andei.

— Inscuta, cumpadre, que eu vô le displicá dereeitinho. É tá inspicção séria e de peso. Quem inscreveu não qué inganã ninguém. E pôe tudo claro como o dia.

Inté memo as cousa insculta e confusa e emaranhada e desabusada do Chefre Finfin. Ai tá, como se diz, tudo em pratos limpo.

— É assim que gosto, cumpadre. Achei sempre perigoso o sujeito que fala sem declará, diz mais não afirma, dirige mais não orienta, conduz mais não cunhece o caminho. Não, com esse eu não vô!...

— Apois, cumpadre, declara o jorná que o Suçalismo é le que não tem pé nem cabeça. Te contra a santa riligião católica. É condenado pelos Papa. Não se pode seguí o Suçalismo e querê sê católico.

— Intonces, é como o cumunismo.

— Péra aí. O Suçalismo é o partidô e o cumunismo o fim da cancha. Que os dois tãc na mema cancha, tão memo...

— Mais que barbaridade. E se dizê que munta gente va cabrestando sem se dá por conecido.

— É sempre ansim. Ninguém é mais cêgo do que aquele que não qué vê. Não é memo?

— É verdade. Mais é munta mais pió querê continuá terneiro só pra podê mamá.

— Apois, cumpadre, o suçalismo qué se apoderá de tudo o que nós tem e botá nas mãos do governo que então seria governo suçalista. Botá tudc junto.

Tudo é de todos. E ninguém manda.

— Mais que diabo!...

— Bamo fazê uma cumparaço, mode reforçá as inspicção. Vancê qué vê o que é o

Suçalismo? Me dê o fumo, fáis favô.

— Pronto, cumpadre, o fumo.

— Me dê a faca, prá picá o fumo.

— Pronto a faca, cumpadre.

— Me dê as páia, cumpadre, pur favô.

— Ai tão ela; iscoie.

— E agora, cupadre, favô os fosfro.

— Pronto, cumpadre.

— E agora eu vô fumando... esfumaceando...

— Ué! E eu, cumpadre, o que é que faço?

— Vancê cospe... Isso que é Suçalismo.

Zé Fernandes

## Bento Gonçalves

Marcelo Beltrami precisa de mudas de frutas de diversas qualidades e variedades, de 2 metros e mais. Precisa, mais, de enxertos e cavalos de parreiras de mais de um metro.

Além disso precisa de um empregado, solteiro ou casado, para trabalhar em parreiral, que tem capacidade para produzir 100 mil quilos de uva tanto vinífera como de mês. Vende as uvas pelos melhores preços, isto é de Cr\$ 0,50 o quilo; e é

## METALÚRGICO

VVA. JOÃO

Indústria de Ar

Cálcees — Cibórios — Ostensivos fixos — Carilhões — Banquetários — Candelabros — Lâmpadas — Lanternas — Galhetas — Patenas — Estantes para Mídias — Água Benta — Cruzes Parafusos — Vasos para Crismas — Divino Espírito Santo, e demais para o culto religioso.

CAIXA POSTAL, 24 —

TELEFONE

— CAXIAS DO SUL — (RS)



Fag

CA

zou-se

tística

trutor

# ANEXO B - CRÔNICA: "PÁU NELES..."

**AUTOR:** Zé Fernandes  
**JORNAL:** Correio Riograndense<sup>24</sup>  
**DATA:** 28 de março de 1945  
**PÁGINA:** 4

## † Descansam no Senhor

**DISTRITO DE OURO - Capital - Santa Catarina** - Falçou de um colapso cardíaco, repentinamente, no dia 25 de Fevereiro p. o sr. MARCELO CASA-GRANDE, deixando a parântica a viva e os filhos. A família entriste agradece a quantos foram prestar conforto ou compareceram às exéquias. Par a sua alma.

**MACHADO - Farpouilha** - Aos 5 de Janeiro de 1945, após breve enfermidade, faleceu em Farronilha, no hospital Sta. Teres, o ilustre sr. PEDRO AMADIO MES-SINGER com 2 anos e 4 meses de idade, filho de José Afonso Messinger e Erna Lock. Os pais inconsoláveis vem, por meio do Correio Riograndense, agradecer ao incansável médico Dr. Jaime Rosales por o carinhoso empenho que fez para salvá-lo. Agradeçam, também, a todos os que auxiliaram, em sua última hora.

## BOA ESPERANÇA - (Ex Rancho Queimado) MUNICÍPIO DE VIDEIRA - Santa Catarina

Histórico da colonização em produtos colônias. - Se alguém passava pela FAZENDA SARANDI uns 20 anos atrás só divisava vales e colinas cobertas de matas virgens e de pinheirais intermínios, povoados de animais ferozes e recatados de regatos que, mansamente, tropecavam suas águas cristalinas por entre os seixos. Existia um rancho coberto de gravatás, dando pouso a um ou outro caçador, on-sado, que se atreva romper a solidão destas regiões. Mas, uma falsa traçoira o reduziu a cinza e, deste fato, derivou-se o nome de RANCHO QUEIMADO, que, há pouco tempo, foi mudado em BOA ESPERANÇA. Os colonizadores não tardaram em chegar. Um grupo de bravos colonos riograndenses, sendo os primeiros Alberto Breslin e Pedro Lorenzon, na ânsia incômoda de desbravar sertões desconhecidos, por esse lugar dirigiram seus passos. Formaram um pequeno núcleo. A terra era e é muito boa, produz de tudo quanto se planta, compensando, abundantemente, os suores dos trabalhadores. Clima ótimo. Atráidos por tudo isso, vieram outros e mais outros e hoje é um núcleo forte, de muito futuro, bem povoado com uma família, ativas, em cada colônia. Distra 28 km. das estações Herval, Itapui e Rio Bonito. Uma estrada de rodagem com ligação direta com Herval está sendo aberta, dando assim fácil escoamento.

um ateno e um incentivo perene para as alturas não só materiais, como também espirituais.

Aos domingos e, mesmo, frequentes vezes durante a semana, à tardinha, para lá dirigem seus passos os habitantes felizes desta terra. Vão à Capela para murmurar uma prece comovida, pedindo a Deus que os proteja e dê-lhes a graça de não esquecerem no caminho do bem...

Vão à Igreja para cantar os louvores de Deus e da Virgem Maria, enchendo os ares com suas vozes claras, límpidas, sonoras, harmoniosas, entre as quais se destacam as das irmãs Rebeca, Ana, Norma e Silésia.

E saem da Igreja reboando um sorriso de alegria, contentes, satisfeitos, com a alma tonificada, com as forças revitalizadas e, graças a este método, a este apego às práticas da religião, conservam, zelosamente, o tesouro da fé e qual o receberam dos seus antepassados.

Santas Missões - Havia muito que estas boas almas queriam rejuvenescer suas fé, revigorar suas energias espirituais com as SS. Missões. O Revmo. Pe. Frederico Peeters, pastor vigilantíssimo, pôde atender esta aspiração e chamou os Missionários do Rio G. do Sul.

Dia 7 de Janeiro de 1945. Alvorçoo. Gente que se enfileira. Era o Revmo. P. Armino, Capuchinho, professor no Seminário Diocesano de Caxias, que vinha passar uma semana entre nós para nos pregar a palavra divina. Todos correspondem generosamente ao apelo do Missionário. Era de ver-se a Capela sempre cheia de pessoas que cantavam, rezavam, confessavam seus pecados, e recebiam Jesus na Eucaristia, formando um só coração e uma só alma, alheios ao mundo externo. As cifras falam eloquentemente: confissões 780, comunhões 1.027, primeiras comunhões de adultos 10, batizados 9, casamentos legítimos 7.

Bom povo de Boa Esperança, conserva-te fiel à prática da religião, pratica-a des-sacrossamente e não deves permitir que ideias exóticas venham contagiar a tua fé, corromper os teus costumes. Se fiel aos ensinamentos do Missionário e Deus te galardão com uma grande recompensa. Viajante.

## Destruidor das formigas (SAÚVAS)

Atenção, colonos! Criar formigas? Ter prejuizo nas lavouras? É só quem quer! Atenção! Guerra às formigas! Não é bombardeio, nem torpedos! É só com um pouco de líquido - barato e bom! Garantido e de efeito comprovado. Comprai BISULFURETO DE CARBONO - GAUCHO de Ipat, neste Estado. Os interessados dirigem-se à Cooperativa da produção de inseticidas de Ipat Limitada. (R. Alc.)

## MISSAS GREGORIANAS S. Jorge do Guabiju

Em Flores da Cunha, no mês de Abril serão celebradas 30 missas gregorianas por alma de Veneranda Zuloaga, mandadas rezar pela família.

## Correspondência Caipira Páu neles...

Vancos nem queiram sabê o barulho grosso que disperso nesse pessoal arengado a dita lei de liberdade de se manifestá que o governo aconteceu pra todos, ou, se ainda não aconteceu, vai acontecer daqui a pouco. Eu, pra falá a verdade, nunca vi barreira dessa inspecção. Pois lhes digo que isso bem se parece com uma queima de roça de taquaral. Oia te frotelo medonho!

Mais pra mode falá certo, quem é que tá formando todo esse temporal? Será gente de bem? Gente direita? Que que trabalhá pra mode produzi e fazê o progresso da Nação? Será gente trabalhadora? Será gente ordeira, que aborte as matraças dos anarquistas, da gente sem religião?

Quesperança! É esse mundo de pótro churo que não que vivê na ordem, nas leis, na justiça, na verdadeira liberdade, nas linha de bons crifins! Estes os arengado, os baleata, os barulzotes! Não gostam de vê o Brasil nesse ponto andamento em que vai indo, e que pode te leia i mío. Não querem vê nós passando a vida em país entre nós mesmo. Quem inda as revolução dos ano atrás. Quem inda encilha cavalo alieio com pelego roubado, carneá reis do potero do vizinho e churrusqueá leito domo; persegui os queito, agarrá os adversário e passá tento e laço neles e mesmo gravata. Quem andá leito Comissário, Capitão, Curandê, e toda essa porqueria de cousas da revolução. (Cruis! Crede! Só pensá naquele tempo já me tremo o couro!)

Eu intê tava com vontade de inscrevê pro Getúlio e dile prele. Oia, seu Getúlio, isso de liberdade pra anarquizá com a gente pacífica que que vivê em país e socego e no trabalho honesto, não é liberdade, não! Isso é besteira, é feitiço do diabo. Nós não queremos mais sabê di revolução. Deus nos acuda! Revolução nós já tivemos que chega nos ano atrás. Por favô granje e em nome da gente de bom acabe com a gana dos diabo!

Mais o véio Quincas, munto inteliçudo e que encherga longe, me tranquilizá: "Orá, seu bestia, não seja troxa, apalanque a ralva, não acredite que o Getúlio bole lei pra anarquizá. Isso o que ele feiz foi pó galinha na arapuca, deixe a gambada se ajuntá. Dispois é que os quebra vão daná a conga com o cambão do Gama. Zé Fernandes.

## Notas da Administração

Sr. João Foris - Colegíps - Recebam o vale. Os assinantes que não pagaram o 4º foram suspensos. Isso não quer dizer que não estejam obrigados a pagar pelos meses em que receberam o jornal. Sr. Ludovico Santolin - São Paulo - Recebam o vale. Com a importância enviada pelo correio o seu bitálio está em dia até 31-12-45. Muito lhe agradecemos. Sr. Euclides Martello - Silveira Martins - Recebam o vale por impetridade. Obrigação. Devem c. \$ 4,00 pelos 2 meses e mais o que receberam o jornal os ex-assinantes. Antonio Doná, Eugenio Viriú, João Viçar, Luis Perotti, João de Janeiro boave instrução das crianças, feita pelo colégio de São João do Guabiju. Lourenço Grande - Poucos esforços para o bom êxito da festa, pelo Min. Alberto Lanocato e pelas Irmãs Rosa e Nefém, do Colégio de S. Ana do Parai. No dia 5º houve duas missas: na primeira foram renovadas as promessas do batismo e depois mais de duzentas crianças receberam em seu batismo. Por feliz coincidência estavam presentes também as Rev. Madre Florência e Irmã Apolônia do Guabiju. Ao ano-dia um ótimo churrasco serviu para almentar o povo.

Os habitantes das vizinhanças e desta capela, central de S. Jorge ficaram ôtimamente impressionados pela bondade e piedade das crianças. Publicamos agradecimentos ao Revmo. Padre Lanocato e as quatro Rev. Irmãs, pelo trabalho que os prestaram no dia 02/03/45, em comemoração da Primeira Comunhão. (A. J. M. B. B. B.)

Maximiliano de Almeida - Município de Marcelino Ramos - Incêndio. Pavimento incêndio destruiu completamente o Moinho e Uzina Elétrica de propriedade do sr. Artur Bonifácio. O prédio estava seguro; mas, segundo se informa, os prejuizos foram muito superiores ao valor do seguro.

Encantado - Substituição de prefeito - Em substituição ao sr. Pedro Arildo Marer, vigário do prefeito desta comuna o dr. João Batista Marchese, advogado e industrialista aqui residente. No dia 3 de Março o novo administrador tomou posse do cargo. As classes conservadoras floresceram aos drs. Sanção e qual falaram o Revmo. Padre Arildo Marer, vigário do dr. Peri Machado da Silveira, sub-prefeito do distrito e ambos os homenageados. A música local arribou às solenidades.

ADIVINHE! - Sua paguinha, seu brilhante. Sua companheira do estado. Bem e mal se falou com insistência. Não é o que, a grande ditância. O que é que son? (10-3)

Comunicação - O sr. Fioravante Massolin, residente em Erechim (Ex José Bonifácio), comunica aos parentes amigos e pessoas que suas relações que a partir de 30 de Março, fixará residência em Anita Garibaldi - Condição - Estado de Santa Catarina, onde irá continuar a trabalhar no ramo de Colonização das terras da EMPRESA COLONIZADORA RIO BRANCO LIMITADA. E dá permissão ao inteiro dispor dos interessados. (10-3)

**TRILHADEIRAS TIORÉ**  
Indústria Nacional de Máquinas Agrícolas  
FUNDADA EM 1921  
de Angelo Bozzetto  
Fachinal do Soturno  
VIA: Restinga Seca - E. distrito de Cachoeira - Rio Grande do Sul - Brasil -  
Telefone nº 7 - End. Fonogr.: BOZZETTO  
UMA TRILHADEIRA ACIMA DE SEU TEMPO  
PATENTE Nº 28.959 - PREMIADA EM TODAS AS EXPOSIÇÕES CONCORRIDAS  
A MAIOR FÁBRICA DE TRILHADEIRAS NO ESTADO  
As Trilhadadeiras TIORÉ são construídas com paredes laterais e superior de chapa galvanizada em 30 de medidas, tendo capacidade de 100 a 200 sacos em 10 horas de trabalho e são adaptáveis para alho, arroz, cevada, milho, trigo e feijão. Modelo pequeno modificado.  
SÓ V. S. QUERER UMA TRILHADEIRA DE RENDIMENTO SUPERIOR, DE MAIOR DURABILIDADE, DE FÁCIL MANEJO E DE UM PREÇO FORÇOSAMENTE MODICO.  
Peça catálogos, ilustrações e demais informações à Fábrica "TIORÉ". (4-1)

**Vendem-se**  
PINHAIS E SERRARIAS - COM E SEM A TERRA - ÓTIMAS QUEDAS D'AGUA.  
Ver e tratar com JULIO FREITAS DE OLIVEIRA.  
Escritório à Rua Getúlio Vargas CAIXA POSTAL Nº. 16 JOAÇABA (Ex-Cruzeiro) Est. de Santa Catarina. (41-38)

## Correspondência Caipira

### Páu neles...

Vancês nem queiram sabê o baruião grosso que disper-tó nesse pessoal arrenegado a dita lei de liberdade de se manifestá que o governo aconcedeu pra todos, ou, si inda não aconcedeu, vai aconcedê daqui a poco.

Eu, pra falá a verdade, nunca ví baruiera dessa ins-pécie. Pois lhes digo que isso bem se parece como uma queima de roça de ta-quaral. Ola te tiroteio me-donho!

Mais pra mode falá certo, quem é que tá formando to-do esse temporal? Será gen-te de bem? Gente direita? Que qué trabaíá pra mode produzi e fazê o progresso da Nação? Será gente tra-baiadera? Será gente ordena, que aborrece as matraca dos anarquisadô, da gente sem riligião?

Qesperança!  
E' esse mundão de pôtro chucro que não qué vivê na ordem, nas leis, na justiça, na verdadeira liberdade, nas linha de bons crinstãos! Es-ses os arrenegado, os bate-lata, os baruientos! Não gostam de vê o Brasil nesse bom andamento em que vai indo, e que pode inda i miô. Não querem vê nós passan-do a vida em pais entre nós memo. Querem inda as rivolução dos ano atrás. Querem inda encilhá cavalo aiêio com pelego robado; carneá reis do potrero do visinho e churrasqueá feito dono; persegui os quieto; agarrá os adiversário e pas-sá tento e laço neles e me-mo gravata. Querem andá feito Comissario, Capitão, Curuné; e toda essa porque-ra de cousas da rivolução. (Cruis! Credo! Só pensá naquele tempo já me treme o couro!)

Eu intê tava com vontade de inscrevê pro Getulio e dizê prele: Oia, seu Getulio, isso de liberdade pra anar-quizá com a gente pacifica que qué vivê em páis e socego e no trabaio hones-to, não é liberdade, não! Isso é bestera, é feitiço do diabo. Nós não queremos mais sabê di rivolução. Deus nos acuda! Rivolução nós já tivemo que chega nos ano atrás. Por favô grande e em nome da gente de bem acabe com a gana dos diabo!

Mais o véio Quincas, mun-to inteligido e que encher-ga longe, me tranquilizô: «Ora, seu besta, não seja troxa, apalanque a raiva; não acre-dite que o Getulio bote lei pra anarquizá. Isso o que ele feis foi pô galinha na arapuca; deixe a gambada se ajuntá. Dispois é que os quebra vão dansá a conga com o cambaim do Gamenão.

Zê Fernandes.

de Fevereiro houve insti-das crianças, feita pelo r incansável Vigário, o qua poupou esforços para o êxito da festa; pelo Min- berto Lamonato e pelas Irmãs Rosa e Neêmia, d légio de S. Ana do Paral.

No dia 25 houve duas sas: na primeira foram vadas as promessas do l mo e depois mais de duz crianças receberam em coração inocente a Jesús tia, sendo acompanhada ato por mais umas 370 soas. Por feliz coincidência estavam presentes tamb Rev. Madre Florência e Apoiônia, do Ginásio N Aparecida, do Prata.

Ao meio-dia um óimo rasco serviu para alimei povo.

Os habitantes das vizi ças e desta capela cent S. Jorge ficaram ótima impressionados pela bô duta e piedade das cria

Públicamente agrade ao Revmo Vigário, ao rista Alberto Lamonato quatro Rev. Irmãs, pel baiho que nos prestara preparar as crianchin Primeira Comunhão.

Afonso M. B.

### Maximiliano Almeida

Munic. de Marcel Ramos

Incêndio. Pavoroso in destruiu completamen Moinho e Uzina Elétri propriedade do sr. Art dam.

O prédio estava seg mas, segundo se infor prejuizos foram muito s res ao valor do seguro.

### Encantad

Substituição de p — Em substituição Sondriao Fredo, foi do prefeito desta comu João Batista Marchese, gado e industrialista a sidente.

No dia 3 de Março, administrador tomou p cargo.

As classes conser ofereceram aos dra. S e Marchese um churras rante o qual falaram o Padre Aroldo Murer, o dr. Peri Machado da ra, sub-prefeito do 1º e ambos os homenage

A música local abri as solenidades.

### ADIVINHE!

Sou pequenina, sou b Sou companheira do es Bem e mal eu falo com ir E falo, si quero, à gra tância.

O que é que sou?

**Ver**

**PINHAIS E SEM A**

**QUI**

**Ver é tratar DE OLIVE**

**Escritório**

**CAIX**

**JOAÇA**

**Est. c**



prós como para não esquecer  
le de construção de diques  
são, pedras e religião, de  
De, João de Paula e Silva.

Por último foi nos da pei-  
ra, e Revêlo Padre. Foi Al-  
berto de Castro, filho de Zu-  
mundo de Almeida. Castro, in-  
fluente a todos os cantões e  
acribação que o apelo, quele  
de tribuna sagrada, havia lan-  
gado, há 7 dias, não souz ad-  
verno, está, mas um, em  
sacção, lousa e livro de pro-  
messa, mas é que a 35a re-  
zenda, tempo, produzida por  
rões frías, dezo, grandes  
manifestação em desagravo ao  
Revdmo. Padre Vigário. Foi  
Luiz de Almeida Chaves.

Ass. vivaz ao Brasil à religião  
católica e ao vigário, armo-se  
um vibrante «mar» à vida co-  
munitária.

*O correspondente.*

### Correspondência Cairira

#### Óio aberto!

Sempre mi lembro do An-  
tonho di tal. Bom homem  
que de mi não presta.  
Trabalava querra só vendo.  
Seu trabalho era malgre.  
Preparava muita pra pe-  
dro.

Um dia observei prela:

— Cuidado, sei Antonho,  
não vá le caí algum tijolo  
na cula!

— Hai perigo, mais nego-  
veto tá sempre de óio abe-  
rto e pé ligero.

Gostei da frase. Nunca  
mais me esqueci. Lembro-  
me dela agora que tô pen-

sando no Comunismo da  
noza terra.

Hai perigo, não é peque-  
no, não. É si o Comunismo  
prop, Deus te livra! Que-  
senta di está todo? Fra ne-  
lô até morrá, ou morrá  
inscravo.

Antoíce está todo lemo  
que tá de óio aberto e pé  
ligero, como o argo Anticho.

O Comunismo é farçadô.  
Cuidado! Óio aberto pra  
logo descubri as mania e  
as unia dela.

E não só os comunista  
declarado, mas também le-  
mo que nua cula, dezes  
que diam pro comunismo de  
óios arregalado. Dezes que  
nada dizem contra o comu-  
nismo. Dezes que sim  
calado sem dizê: só eu não  
sô. Dezes, minha gente, óio  
aberto. São os aproveitadô.  
Si pergata o Comunismo  
iriam na onda. Crisuras  
como essas não presta; é  
mais piô, difícil!

Contra o Comunismo sin-  
quem deve ficá de braço  
incólido. Quem não combate  
o comunismo é elemento  
lão perigoso como os comu-  
nista de quatro costado.

Bam, antoíce, todos uní-  
dos, todos formá linha con-  
tra esse Yamanôá que es-  
tende a lingua pra papá os  
simplicio. Detxemo ele bo-  
lá a lingua vermelha. A lin-  
gua não mole interessa. Mais,  
ob-te no lucinho! Esse é  
que é farçadô.

*Zé Fernandes.*

# ANEXO D - CRÔNICA: "TÁ QUE NÃO PRESTA!"

**AUTOR:** Zé Fernandes  
**JORNAL:** Correio Riograndense<sup>26</sup>  
**DATA:** 07 de novembro de 1945  
**PÁGINA:** 4

## Carta do Agricultor Sul Rio-Grandense

(Continuação)  
1 - Objetivos imediatos  
O movimento cooperativista no Estado lá se apresenta promissor de um desenvolvimento cada vez maior, que permite aproveitar as lições da experiência prática dos estados dos insucessos.  
Devem, pois, os agricultores incentivar esse movimento por meio da organização de uma vasta rede de cooperativas pelo interior do Estado, atendendo às recomendações que adiante se enunciam:  
a) cooperativismo integral agrícola.

Recomenda-se que os agricultores se agrupem, constituindo cooperativas mistas, que tenham por objetivo um conjunto de operações que proporcionem a satisfação completa de todas as suas necessidades econômicas: não só da produção, como do beneficiamento, elaboração, venda em comum de seus produtos, compras de animais, plantas, mudas, sementes, adubos, ferramentas, máquinas, e instrumentos agrícolas, e todos os artigos úteis ou necessários à lavoura, ou à criação, e bem assim a aquisição para consumo pessoal próprio, de seus empregados da família, e do lar, de todos os gêneros de alimentação, vestuário, medicamentos, vacinas, etc.

Recomenda-se aos agricultores pensar somente na conquista dos grandes mercados, inacessíveis aos pequenos produtores desorganizados e aculturados por intermediários que buscam lucro de seus capitais, num ramo de negócio que dá uma grande margem. Cada cidade gaúcha pode muito bem constituir um pequeno mercado consumidor destes produtos, fruto do trabalho dos lavradores e criadores do respectivo município.

Organizam-se os produtores rurais em cooperativas de abastecimento urbano, conjuntamente com os consumidores moradores da cidade onde terá sua sede, assegurando, assim, para estes, em abundância, por preço razoável, esses produtos essenciais à boa alimentação; e, para aqueles, o consumo assegurado por uma clientela em local próximo, proporcionando uma conciliação e harmonia de interesses, os dos produtores e os dos consumidores, que, isolados, se apresentam como antagonicos.

Organizam-se os produtores rurais em cooperativas de abastecimento urbano, conjuntamente com os consumidores moradores da cidade onde terá sua sede, assegurando, assim, para estes, em abundância, por preço razoável, esses produtos essenciais à boa alimentação; e, para aqueles, o consumo assegurado por uma clientela em local próximo, proporcionando uma conciliação e harmonia de interesses, os dos produtores e os dos consumidores, que, isolados, se apresentam como antagonicos.

Organizam-se os produtores rurais em cooperativas de abastecimento urbano, conjuntamente com os consumidores moradores da cidade onde terá sua sede, assegurando, assim, para estes, em abundância, por preço razoável, esses produtos essenciais à boa alimentação; e, para aqueles, o consumo assegurado por uma clientela em local próximo, proporcionando uma conciliação e harmonia de interesses, os dos produtores e os dos consumidores, que, isolados, se apresentam como antagonicos.

Organizam-se os produtores rurais em cooperativas de abastecimento urbano, conjuntamente com os consumidores moradores da cidade onde terá sua sede, assegurando, assim, para estes, em abundância, por preço razoável, esses produtos essenciais à boa alimentação; e, para aqueles, o consumo assegurado por uma clientela em local próximo, proporcionando uma conciliação e harmonia de interesses, os dos produtores e os dos consumidores, que, isolados, se apresentam como antagonicos.

se dos produtores e a seus legítimos e justos interesses econômicos, por uma interferência oficial em demasia.  
Notadamente, o Instituto Nacional do Mate vem mantendo uma persistente e prejudicial orientação de caráter mercantil, quanto às exportações das cooperativas constituídas por lavradores permitida, assim com tal atitude, o acobardamento do comércio por empresas favoráveis.  
Supre-se, então, aos poderes públicos a conveniência, ainda de exigir-lhes, o que seria de esperar, pelo menos sua transformação no sentido de que as atividades desses órgãos devam restringir-se às esferas da política econômica e da técnica, sendo-lhes proibido o exercício direto, ou indireto, de função produtora, ou comercial. — «As classes interessadas deverão ser transferida a responsabilidade de sua direção, ficando reservado ao Estado a função supervisora, a dizer eloquente e expressiva da Carta Económica do Teresópolis.»

II - OBJETIVOS SUBSEQUENTES  
Satisfetos os objetivos imediatos da organização econômica da classe, devem então, convergir os esforços para a consecução dos objetivos subsequentes que adiante se expõem:

a) cooperativas de seguros.  
Recomenda-se aos agricultores, para não perder, antes de constituir-se a solução do problema dos seguros agro-pecuários, na parte que toca à iniciativa privada, promovam a formação de uma cooperativa especializada, sendo possível incluir, em conjunto, o seguro contra acidentes do trabalho rural, embora em cartelas distintas.  
b) regime tributário equitativo.

Torna-se indispensável pleitear que seja simplificada a tributação do pequeno agricultor, tirando-lhe as constantes preocupações fiscais. O agricultor deveria ter a possibilidade de pagar seus impostos e taxas numa só vez no ano, em época certa, após a colheita; procurando, tanto quanto possível, uniformizar-se os tributos municipais, que variam de uma prefeitura para outra. Com aquela possibilidade, ter-se-ia a unificação da cobrança.

Os poderes públicos precisam encetar a sério o caso da dupla incidência, eliminando-se um dos dois impostos que recaem sobre a mesma atividade, distâncias com nomes diferentes, como se vê, frequentemente, com o de «indus tax» e «profissões».

A arrecadação simplificada também uma justa aplicação dispensando-se formalidades burocráticas, e da exigência de manter quaisquer livros fiscais.

As pequenas indústrias rurais derivadas ou conexas com a agricultura, não devem ser desistidas. É uma isenção justa.

## Correspondência Caipira Tá que não presta!

Inda uma prosincha contra o diabo do comunismo.  
É preciso não se cansar de repetir, por tudo o que é cantado e pra todos, uma verdade verdadeira; que é esta: O seu Prestes não é brasileiro de alma nem de coração. Como brasileiro não presta. Pois nem bem, ele, anos atrás, paró um tempo na Rússia do Instalin pra instadô o comunismo e toda a bagagem dos comunista. E quando foi feito no assunto me tojó pra cá, com a marvada intenção de planta o mesmo comunismo desgraçado aqui na nossa terra.

Não pode de havê burra que não presta. O frio aqui na nossa terra. Não é amigo, não nos deixa encarrangá. A Rússia é do frio que é só gelo. O frio racha. Ora quem não vê que arve acustumada no frio nunca mais pega no quente? As reais se encõem, se encõem inte morte, não adianta que si trate, ela com muito gelto e sustento, nem mesmo guardá-la na prisão... Tá perdida!

Para mode perguntá: Não é isso que acontece agora pro Prestes?

Vortô da Rússia, insaiô a fivulção do trinta e cinco, mais não pegô. Foi atirado no buque (que é o lugá mais próprio prete). Agora pros causos da política foi sorto. A gente dele gritô: Prestes é cavaleiro da Insperança! O resto da gente matou: Tamo pergando... Mais que esperança! Nem desta vela pegô... O Prestes tá é com as raiz munto incoida. Tá que não presta!

E aqui entre nós gaúcho, piorô prete. Nós sabemos mostrá que não aguentemo estes cavaleiro que trocam o profcho e as bombucha pumas bola e uns bigode de Instalin e que querem invernê o nosso côro a marlete e foice. Nós semo livre. Cuslemo de sentí o vento forte das coxilhas justá a pelama da cara, e sentimo mais corage quando os raio do sol queimam nossas cusfela. Isso aqui é a terra gaúcha!

Para falá nisso, aqui tenho que espressô o contentamento de nós tudo quando o seu Nastaço nos contô os

causos assucedido em Caichoera.

Eta mundo, que nós gosemo... Essa macanuda lição percitava que o seu Prestes é a trinca dele a rebecesse aqui nos pampa. Intê as muie se riram a custa do Tirifino... Que tal, seu Tirifino, gostô da canchota que le feis está lá os binoclo? Quem sabe si teu sangue (será que era vermeio?) não manchô o chão limpo dessa terra? Eu te arrenego!... E querendo agora que o naris se intereire, si chegue por nosso lado. Oia que nós ardemo em desejo de se entreverá quaque dia com a trinca!

Alô Prestes, mais uma veis mostrô que não presta. O Tirifino provô que tem côro que dá pra corria. E o doutô Machado é um mau achado. E dispois haverá arguem que se comunista? Sô não prestando memo. Ou sendo do côro di Tirifino. Ou sendo de mau agouro como o Machado. Intim, pra encurtá a história, eu acho memo que o Prestes tá que não presta!

Zé Fernandes.

## Adeus...

Adeus, ô vales,  
Tão belos montes,  
E vós, ô fontes,  
Adeus, adeus!

Adeus, ô várzeas,  
Gracis, amenas,  
D'encantos plenas,  
Adeus, adeus!

Adeus, floridos  
Jardins de rcosas,  
Assim graciosas,  
Adeus, adeus!

Verdes coxilhas,  
Trigais doirados,  
Ridentes prados,  
Adeus, adeus!

Adeus, formosas,  
Virentes matas,  
E vós, cascatas,  
Adeus, adeus!

Belezas todas,  
Da Pátria amada  
Idolatrada,  
Adeus, adeus!...

Garibaldi, Setembro de 1945  
P. Frei Plácido de Alfredo Chaves, Capuchinho.

## Bom Jesus dos Aparados

HOMENAGEM - A população católica deste município, por iniciativa da Comissão de Obras da Igreja Matriz, num gesto que bem traduz a sua profunda gratidão e grande estima ao Rev. P. Gerardo de Gruffy, que há mais de 12 anos vem sabidamente dirigindo os destinos desta Paróquia, prestará, no próximo dia 15 de Novembro, expressiva demonstração de apreço a tão ilustre sacerdote, como homenagem no 34º aniversário de sua ordenação sacerdotal.  
Dentre as diversas provas de carinho a serem tribuadas ao distinto homenageado, destaca-se a inauguração de artística placa comemorativa de tão significativa data e em sinal do reconhecimento aos inestimáveis benefícios que vem prestando em polido progresso espiritual e material do município.

CONCENTRAÇÃO CATHOLICA - Sob os auspícios da Liga Eleitoral Católica é com o concurso de todas as associações

religiosas da Paróquia, no próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.

Além das palavras autorizadas de Suas Excelências D. Cláudio Maria, nosso amado bispo Diocesano, e D. José Bérta, bispo próximo dia 15 de Novembro, será levada a efeito, nesta cidade, grandiosa Concentração Católica de repúdio ao comunismo ateu e anti-patriótico, em cuja ocasião serão prestados amplos esclarecimentos das finalidades da Liga e bem assim da atitude que os católicos devem assumir no próximo pleito de 2 de Dezembro em face do grave perigo amador dos aguçados da desordem que, contrariando as tradições do nosso povo, pretendem substituir o amavel pendão da nossa Pátria, pelo vermeio emblema da foice e do marlete.



Produtor Nêlto recomenda-se para hortaliças, legumes, flores e para todas as casas familiares. Mandem os pedidos ao Produtor Nêlto, Vila Tapajós - Município Passo Fundo.

FABRICA DE ÓRGÃOS E HARMONIOS  
J. EDMUNDO  
NOVO HAMBURGO  
RUA MARQUES DE SOUZA, 11 - TELEFONE Nº 1.384

## Descansam no Senhor

LINA GARIBALDINI - Mm. de Garibaldi - Após 3 meses de cruel doença, aos 14 de Agosto de 1945, experimentados os recursos médicos de Bento Gonçalves, Catarina, Porto Alegre, vitimado por terrível câncer, travou-se na paz de Deus ANGELO MILANI, com 61 anos.

Várias vezes teve a visita do Padre e recebeu os sacramentos dos moribundos. Até ao último momento acompanhados os preces dos agonizantes, rezadas pelos filhos e pela sua comorte, que assistiam.

Deixa a viva Anjela Felanda Milani e 10 filhos vivos, 7 casados e 3 solteiros. A família agradece aos parentes e vizinhos que o assistiram na doença e a todos os que o acompanharam à sepultura.

ESTADO DE SANTA CATARINA - Itapuí - O sr. Arminio Terri comunica aos parentes a morte de sua esposa LETÍCIA HELENA DUTTA, com 29 anos de idade, deixando no lar o marido e duas crinchantas.

Faleceu no dia 28 de abril do corrente ano, após 8 dias de enfermidade, tendo sido procurados inutilmente os recursos médicos. O marido agradece ao Rdo. Vigário, ao Dr. Virgílio Noll e às Rdas. Irmãs de Bom Retiro.

MUSUM - Linha 13 de Maio - Terrível desastre, no dia 27 de Setembro, vitimado o infante JOSÉ BASSANI. O temporal daquela dia, arrancando a derribou uma árvore no momento em que, num esforço agreste, procurava abrigo em sua casa, sendo colhido pela mesma, e 12 horas depois faleceu.

Profunda consternação e luto cobriram aquela população a arredores. José Bassani era pai de 13 filhos, onze dos quais vivos nascido na Italia em 16 de Agosto 1877, um dos mais antigos negociantes de Guaporé, granjeando vastas e férteis terras.

Homem de piedade e fé, católico praticante. Grande multido de povo acompanhava a enoção e missa de corpo presente. A essas manifestações de pesar os filhos entulados agradeceram.

## GRANDE TORRAÇÃO

Um vastíssimo estoque de mercadorias para todos os fins a ser vendido por verdades pechinchas.

Faça uma visita, hoje mesmo, na Casa JOSÉ MIGUEL, em Bento Gonçalves, que está fazendo uma grande campanha de "preços". Abaixo, uma lista, em resumo, das mercadorias que estamos vendendo por preços incríveis.

BRINS - Diamantino, Bacharel, e outros, num sortimento que não se viu igual, por preços de torração.

RISCADOS - listados e outros para penas. Um enorme estoque a preços sem comparação.

ALGODÃO - marca Cavalo e outros tipos por preços que ninguém poderá fazer nos dias de hoje.

PATYOS - Nossos artigos temos um lote de mais de 500 para ser torrados. Artigos de pura lã e toda torrada de seda, por 103,00. Um sortimento que ninguém detará de admirar, e obnupará a sua roupa.

SEDAS - Um sortimento variado, cores firmes e modernas, por preços sem concorrência. Conseguimos adquirir uma grande lote desse artigo por preços estupendos.

CALÇADOS, desde 28,00 - CHAPÉUS - O maior sortimento de qualidade e preços que tem visto. E muitos outros artigos, como: Camisas, meias, Louças, Fartagens, Vidros, SECOS E MOLHADOS e milhares em geral.

Uma casa que tem de tudo. Visite, sem demora, este estabelecimento, e constatará a baixa incrível dos preços que está lançando à venda o seu grande estoque.

Casa JOSÉ MIGUEL, Bento Gonçalves, ao lado da Pedreira (Cidade Alta)

TRILHADERAS TIPORE  
Indústria Nacional de Máquinas Agrícolas  
FUNDADA EM 1921  
de Angelo Bozzetto  
Fábrica de Soturno  
Rua Santiago Rosa - 5º Distrito de Cachoeira  
- Rio Grande do Sul - Brasil -  
Telefone nº 7 - Est. Postal: BOZZETTO  
UMA TRILHADERA ACIMA DE SEU TEMPO  
PATENTE Nº 26.959 - PREMIADA EM TODAS AS EXPOSIÇÕES CONCORRIDAS  
A MAIOR FABRICA DE TRILHADERAS NO ESTADO  
As Trilhadeiras TIPORE são construídas nos padrões técnicos e superior de shape galvanizada por 6 unidades de 10 e 200 pesos em 12 horas de trabalho e são adaptadas para apêto, arroz, cevada, milho, trigo e feijão, mediante pequena modificação.  
SI V S QUER UMA TRILHADERA DE RENDIMENTO SUPERIOR, DE MAIOR DURACÃO, DE FÁCIL MANEJO E DE PRISO FORTISSIMO, DIRIGIR-SE AO  
Tops atilhões, batidores e demais máquinas a Fabrica "TIPORE". (642)

## Correspondência Caipira

### Tá que não presta !

Inda uma prosinha contra o diabo do comunismo.

E' preciso não se cançá di repeti, por tudo o que é canto e pra todos, uma verdade verdadeira; que é esta: O seu Prestes não é brasileiro de alma nem di coração. Como brasileiro não presta. Pois ôiem bem, ele, anos atraís, parô um tempão là na Rússia do Instalim pra instudá o cumunismo e toda a bagagem dos comunista. E quando ficô feito nu assunto se tocô pra cá, com a marvada intenção de plantá o mesmo cumunismo disgranido aqui na nossa terra.

Não pode de havê burrice maió! Imagine o Brasil é terra di clima quente Aqui o sol é amigo, não nos dexa encarangá. A Rússia é do frio que é só gelo. O frio racha. Ora quem não vê que arve acostumada nu frio nunca mais pega no quente? As raís se encôiem, se encôiem intê morrê: não adianta que si trate ela com munto geito e sustento, nem memo guardá-la na prisão... Tá perdida !

Pra mode perguntá : Não é isso que acontece agora pro Prestes ?

Vortô da Rússia, insaiô a rivolução do trinta e cinco, mais não pegô. Foi atirado no buque (que é o lugá mais próprio prele). Agora pros causos da pulitica foi sorto. A gente dele gritô: Prestes é cavaleiro da Insperança! O resto da gente maütô: Tamo perigando !... Mais que esperança ! Nem desta veis pegô... O Prestes tá é com as raís munto incoida. Tá que não presta !

E aqui entre nois gaúcho piorô prele. Nôis sabemos mostrá que não aguentemo estes cavaleiro que trocam o ponche e as bombacha prumas bota e uns bigode de Instalim e que querem invermeiã o nosso côro a martelo e foice. Nôis semo livre. Gostemo de senti o vento forte das cochilhas fustigá a pelama da cara, e sentimo mais corage quando os raio do sol queimam nossas cufela. Isso aqui é a terra gaúcha !

Pra falá nisso, aqui tenho que espressá o contentamento di nôis tudo quando o seu Nastago nos contô os

causos assucedido em Caichoera.

Eta mundo, que nôis gosemo !... Essa macanuda lição percisava que o seu Prestes e a trinca dele a recebesse aqui nos pampa. Intê as muié se riram a custa do Tirifino... Que tal, seu Tirifino, gostô da canhota que le feís estalá os binoclo? Quem sabe si teu sangue (será que era vermelo?) não manchô o chão limpo dessa terra? Eu te arrenego !... E querendo agora que o naris se indereite, si chegue pro nosso lado. Oia que nôis ardemo em desejo de se entreverá quarquê dia com a trinca!

Ai o Prestes mais uma veis mostrô que não presta. O Tirifino provô que tem côro que dá pra correia. E o doutô Machado é um mau achado.

E dispois haverá arguem que qué sê cumunista? Sô não prestando memo. Ou sendo do côro di Tirifino. Ou sendo de mau agouro como o Machado. Infim, pra encurtá a histôria, eu acho memo que o Prestes tá que não presta !

*Zé Fernandes.*

## Adeus...

Adeus, ó vales,  
Tão belos montes,  
E vós, ó fontes,  
Adeus, adeus !

Adeus, ó várzeas,  
Gracís, amenas,  
D'encantos plenas,  
Adeus, adeus !

Adeus, floridos  
Jardins de rosas,  
Assim graciosas,  
Adeus, adeus !

Verdes coxilhas,  
Trigais doirados,  
Ridentes prados,  
Adeus, adeus !

Adeus, formosas,  
Virentes matas  
E vós, cascatas,  
Adeus, adeus !

Belezas todas,  
Da Pátria amada  
Idolatrada,  
Adeus, adeus !...

*Garibaldi, Setembro de 1945*

*P. Frei Plácido de Alfredo Chaves, Capuchinho.*

## Bom Jesus dos Aparados

HOMENAGEM — A população católica deste município.

ANEXO E - CRÔNICA: "CARAMBA!"

AUTOR: Zé Fernandes
JORNAL: Correio Riograndense
DATA: 20 de março de 1946
PÁGINA: 4

Correspondência Caipira
Caramba!

Inda não se aprumou!
do espanto que vive quando li
nos jorná a noticia que dos
pampa gauchos foi pras ban-
cadas do deputado um co-

Conclui que nós os gaúchos
tambem temo gente que per-
cisa de rabo de tati.

Mais o que quege me
malô (por siná que audo
intê hoje às voria com o
médico) foi lê o nome do
bandido comunista que foi
arrotado pra se banca nas
cadera de deputado. Pôis o
ventana não se chama tumb-
bem Fernandes?!

Que me perôbem, mas
que senti horror de levá tal
nome senô menô! Nem mais
queria que se escrevesse o
meu nome. Esse tranca me
borró.

Por nada, que eu prefira
sê da família do Raul das
Pilhas e intê diria do Arri-
cado das Grailhas, mais aites
que sê dos Fernandes comu-
nista! Acreditei que level
o tal cheque que me dexô
tanto e insoldo como se ins-
plidisse por perto de mim
uma das 'bumba ômica'.

Inda creto que não fique
na cambra esse danado. Arri-
dio no pôde do miserôplo
do vêio das Pilhas, pra mode
fazê estôrá o cujo antes que
abra o bico Impiôro a ajuda
do Arriçado das Grailhas pra
modo Impiôro a cadaêra do
Fernandes.

Anisô não pode ficô. Com
que corage vô eu agora mais
os comunista, si eles podem
me retrucô: os da tua fami-
lia sêo comunista tambem!

Eu levô esse estropôlo?
Por favô, seu Raul das
Pilhas, dê geito pra mode
deslêntê o Fernandes de lá,
si não, ôia, aqui eu vô con-
tinuando mexê com as
tuas manhas de vôto...

Mas pra mode fôvô nos de-
putado, já cultivô o berrero
dos diabo que está se for-
mando na Cambra federal?

Os homens do jorná dizem
que aquilo se parece um
pouco... (como é que se
chama, seu Chico, o lugá on-
de o pessoal gosta d'água que
passarinho não bebe?..)

— Pois é isso memo Ôia
te vadiadoê desses nossos
patricio!

Eu não votei pramode eles
fazê banguê. E todo o mun-
do assim pensa como eu!

Mes lá quem pensa são eles;
se julgando legitimos repre-

Descansar no Senhor

SANTA CLARA - Garibaldi
Vítima de varíola, no dia 21 de en-
tubro de 1945 faleceu JOANA DEBENETTI,
esposa do sr. Legerio Chies.

A família Debenetti participa aos pa-
rentes que a falecida tinha grande devoção
a N. Sra. do Carmo e era grande beneficora
das vocações sacerdotais.

O esposo agradece a todos os que assistiram a saudos
empenho em sua doença, e ainda aos que a acompanharam ao
enterro.

AZEVEDO CASTRO - Garibaldi - Comprido seu
dever de mãe, no dia 18 de fevereiro de 1945 faleceu MARIA
TOMAZINI BIVANINA, com 39 anos de idade.

Deixa no luto o esposo Ricardo Benincê e 4 filhos menores,
tendo o ultimo apenas 24 horas.

O esposo agradece a todos os que assistiram a saudos
empenho em sua doença, e ainda aos que a acompanharam ao
enterro.

RIOSSINHO - Santo Antonio
Só não deade muito tempo de ar-
rêto-escetores, no dia 19 de janeiro
faleceu repentinamente o sr. JOÃO
BELLONI. Ele estava preparado para
dar o grande passo, pois aguardava dia
8 de maio para a viagem, como diri-
ria S. Francisco.

Era natural de Castas; nasceu em
L. SSS, tendo em 1918 transferido resi-
dencia pra Riozinho, onde viveu os
ultimos 28 anos. Foi colono muito eco-
nômico e trabalhador. Foi fundador e
fabricador das capelas de S. José e de
Alo Hosiôno.

Deixa no luto a esposa e 4 filhos, os quais agradecerem
a todos os que prestaram auxilio neste transe doloroso.

CAMPINA - Erechim
Após três dias de enfermi-
dade, aos 14 de fevereiro deste ano veio a falecer JANDIR
PONTANA, com dois meses de idade. Era filho de Estevão
Pontana e de Oliva Pereno.

Os pais agradecerem aos parentes e amigos que assistiram
ao acompanharem o pequeno à sepultura. De modo particular
agradeçem ao sr. Davi Urto, padrinho do falecido, e ao sr.
Antonio Clivati que dirigiram a resa do terço durante a ida
ao cemitério.

CAMPINA - Erechim - No dia 28 de novembro de
1945, depois de 40 dias de enfermidade, dos quais os 17 ultimos
passou no Hospital Sta. Teresinha em Erechim, foi arrebatado
pela morte a moçoira IRMA MARIA LINGUA, com apenas seis
anos de idade. Era filha de Angelo I. Longo e de Dna. Maria
Fruet.

FARIA LEMOS - Com todos os confortos da Religião,
no dia 4 de novembro de 1945 faleceu o sr. AUGUSTO BUF-
FON, vítima de longa e longa moléstia, doença que se
despertou com exemplar resignação.

Deixa no luto a viúva Lúcia Buffon e 10 filhos, sendo
um já falecido.

A Viúva e os filhos testemunham sua gratidão aos que
prestaram carinhosa assistência ao querido desaparecido, bem
como aos que assistiram as cerimonia do enterro.

SANTA ROSA - A Vila de Cincuentário viu desapa-
recer com a morte de ANDREA PAESE, o homem que muito
batalhou para o progresso de sua terra. Cincuentário tudo
lhe devia do que tem de nobre e progressista. Todos os seus
emprendimentos dignos de aplô, sempre encontraram em
Andrea Paese o mentor, o conselheiro e o incentivador.

Era presidente da Lec e grande amigo do Grupo Escolar
Rui Barbosa, onde lecionava o nosso correspondente Antonio V.
Grande.

Andrea Paese exalou o derradeiro suspiro nos braços do
combado sacerdotio pronunciando as palavras: «Jesus, José,
Mãe, expre em paz em vossa companhia!»

Notas da Administração

P. Dionisio Massigani
S. Marcos - Farronpilha -
Imensamente grato assumos ter
recebido do P. Ivo a lista e
quibus dos assilantes de lá.

Todos estão em dia. Ningrem
mais deva nada, nem os dois em
questão. Pode dizer a eles que
si não pagaram ficarlo sempre
devoendo. E si pagaram, deve-
riam ter o recibo como compro-
vante. Por mim tudo está liqui-
dado. Muito agradeçido de tudo.

Luoreno Tomazoni
S. Pedro - Laguna - Ca-
xias - O P. Silvio nos en-
treiga a quinta e lista dos seus
subordinados. Todos em dia.

Seminario Josefino -
Fazenda Souza - Fur inter-
medio do R. P. Silvio chegou
em nossas mãos a importância
que a senhora nos enviou para
1946 e 1947, o que lhe agradeç-
emos imensamente.

R. P. Engenio - Flores
da Cunha - Avisamos
Revmaque recebemos do P. Am-
brosio a importância correspon-
dente ao «Cantal ao Senhor»
obrigado.

Cesar Leoni e Angelo
Pioreses - Avisamos
Revmaque recebemos do P. Am-
brosio a importância correspon-
dente ao «Cantal ao Senhor»
obrigado.

R. P. Júlio Marin
Água Santa - Com praz-
er avisamos V. R. que estão em
nossos poder, cheque e listas.
Tudo bem claro. Oxalá todos
nos enviassem listas assim. Não
bem especificadas, quantos erros
seriam evitados! Revmo Padre,
nossos sinceros agradecimentos
pelas referencias «degozas» ao
nosso jornal no combate ao Co-
munisto.

Guthierme Meneguini -
Sta Cecilia - O seu zelo
apostólico pela Boa Imprensa o
levou a trabalhar neste ano com
grande entusiasmo. Que Deus o
recompense imensamente. São
nossos vôtos. O R. P. Júlio Ma-
rin nos enviou tudo pelo correio.
Agradecemos muito o interesse
que V. Revma. vota ao Correio
Riograndense. Deus lhe pague.

Frei Conrado - Sanan-
dava - Em nosso poder listas
de assilantes do Prêdo Egidio. Rece-
bemos tambem a sua ultima re-
missa. Agradecemos profunda-
mente.

João Ceregati - Barbo
Cotepepe - Turno avisar que
já recebemos lista e importância.
Tudo bem direitinho. De jornais
aqui são enviados fielmente a
todos os assilantes do seu pa-
reço. Si não chegaram todos, a
causa é preciso investigar na
fidelidade de entrega dos res-
ponsaveis, ou querer outra
irregularidade pelo cambio.

R. P. Teofilo - Machadi-
nho - Avisamos com prazer
que chegou bem a lista e «qui-
bus» enviados por V. Revma.
Dixamos aqui obrigados espe-
cialmente, ou querer outra
irregularidade pelo cambio.

Luiz Stredo - Saira -
Concordia - Recebemos sua
primeira remessa de numerario
por carta valor declarado. Muito
lhe agradeçemos.

R. P. Teofilo - Machadi-
nho - Avisamos com prazer
que chegou bem a lista e «qui-
bus» enviados por V. Revma.
Dixamos aqui obrigados espe-
cialmente, ou querer outra
irregularidade pelo cambio.

Luiz Stredo - Saira -
Concordia - Recebemos sua
primeira remessa de numerario
por carta valor declarado. Muito
lhe agradeçemos.

R. P. Teofilo - Machadi-
nho - Avisamos com prazer
que chegou bem a lista e «qui-
bus» enviados por V. Revma.
Dixamos aqui obrigados espe-
cialmente, ou querer outra
irregularidade pelo cambio.

Luiz Stredo - Saira -
Concordia - Recebemos sua
primeira remessa de numerario
por carta valor declarado. Muito
lhe agradeçemos.

R. P. Teofilo - Machadi-
nho - Avisamos com prazer
que chegou bem a lista e «qui-
bus» enviados por V. Revma.
Dixamos aqui obrigados espe-
cialmente, ou querer outra
irregularidade pelo cambio.

Luiz Stredo - Saira -
Concordia - Recebemos sua
primeira remessa de numerario
por carta valor declarado. Muito
lhe agradeçemos.

R. P. Teofilo - Machadi-
nho - Avisamos com prazer
que chegou bem a lista e «qui-
bus» enviados por V. Revma.
Dixamos aqui obrigados espe-
cialmente, ou querer outra
irregularidade pelo cambio.

Luiz Stredo - Saira -
Concordia - Recebemos sua
primeira remessa de numerario
por carta valor declarado. Muito
lhe agradeçemos.

R. P. Teofilo - Machadi-
nho - Avisamos com prazer
que chegou bem a lista e «qui-
bus» enviados por V. Revma.
Dixamos aqui obrigados espe-
cialmente, ou querer outra
irregularidade pelo cambio.

Luiz Stredo - Saira -
Concordia - Recebemos sua
primeira remessa de numerario
por carta valor declarado. Muito
lhe agradeçemos.

R. P. Teofilo - Machadi-
nho - Avisamos com prazer
que chegou bem a lista e «qui-
bus» enviados por V. Revma.
Dixamos aqui obrigados espe-
cialmente, ou querer outra
irregularidade pelo cambio.

Luiz Stredo - Saira -
Concordia - Recebemos sua
primeira remessa de numerario
por carta valor declarado. Muito
lhe agradeçemos.

R. P. Teofilo - Machadi-
nho - Avisamos com prazer
que chegou bem a lista e «qui-
bus» enviados por V. Revma.
Dixamos aqui obrigados espe-
cialmente, ou querer outra
irregularidade pelo cambio.

Ótimo Negócio

Vendem-se 36 lotes de terra.
Lida.

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Os interessados dirjam-se ao
tutor de trigo, milho, feijão,
parreiras e etc; contendo abun-
dantes madeiras de lei. Todos
os lotes são servidos de exce-
lentes e abundantes águas, e

Villa Progresso

Legado
PROCURA-SE

Os irmãos Preto procuram
um cilindro para trigo com a
capacidade de 3 e 4 sacos de
feijão por hora. Também pro-
curam um motor a gás pobre,
de 35 a 40 cavalos de força.

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Os interessados dirjam-se a
Irmãos Preto - VILA PRO-
GRESSO - LAGEADO. (12-2)

Trilhadeiras

Marca Registrada
Premiadas em todas as Exposições concorridas
INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
FUNDADA EM 1931

da
ANGELO BOZZETTO
FABRIL DO SOTIRO
Via. Restinga Seca
Rio Grande do Sul - BRASIL

CACHOEIRA DO SUL
Rua Gregório do S. Brasil

TELEFONE N. 7 - End. Fonogr. BOZZETTO.

As Trilhadeiras TIGRE são construídas com paredes laterais
e superior de chapa galvanizada ou de madeira, desde a capaci-
dade de 100 a 300 sacos em 10 horas de trabalho, e são adaptá-
veis para alfafa, arroz, cevada, milho, trigo e feijão, mediante
pequena modificação.

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

Peça catalogos ilustrados e demais informes a Fábrica TIGRE. (4-5)

CASA MAGNABOSCO

Se ainda não conhece a CASA MAGNABOSCO, na
Cidade de Caxias do Sul, um das maiores vilas de fazen-
das em geral, procure fazê-lo, proporcionando-vos, ao mesmo
tempo, um passeio à Linda Cidade. Póla da das Colônias.

Estas «despensas» serão compensadas pelas diferenças de pre-
ços, mas compras que efetuarem nesta casa, que é sempre
será a maior barateira da zona nordeste do Estado.

A CASA MAGNABOSCO se compromete a instalar suas
de vendas despensas feitas, desde que não sejam compradas
as vantagens oferecidas. Fazê-la uma visita, sem compromisso,
afim de você identificar da verdade.

ATENÇÃO ARTIGOS POPULARES - A todos os frequentes
será reservado em suas compras uma certa porcentagem dos refe-
ridos, como seja:

Zeta 4 Cr\$ 1,80 o metro - Lãoa 4 Cr\$ 2,50 o metro
Algodão - 1,50 - Brim Claro 2,50 o metro - Brim Escuro 3,50 o metro
Cobertores a 6,50 - Colchas de solteiro a 14,50
Colchas de casal a 17,50.

E demais artigos.

CASA MAGNABOSCO - Praça Dante.
Ao Lado da Igreja Matriz - CAXIAS DO SUL. (3-2)

## Correspondência Caipira

## Caramba!

Inda não me aprimei do espanto que tive quando li nos jorná a notícia que dos pampa gaúcho foi pras bancada dos deputado um comunista!...

Conclui que nós os gaúcho também temo gente que perca de rabo de tatu.

Mais o que quage me matô (pur siná que ando intê hoje às vorta com os médico) foi lê o nome do bandido comunista que foi arrotado pra se bancá nas cadera de deputado. Pois o ventana não se chama também Fernandes?!!

Que me perdõem, mas que sentí horror de levá tal nome sentí meno! Nem mais queria que se escrevesse o meu nome. Esse tranca me borrô

Por nada, que eu prefiria sê da família do Raul das Pilhas e intê diria do Arriscado das Gralhas, mais antes que sê dos Fernandes comunista! Acreditem que levei o tal choque que me dexô tonto e moído como se insplodisse por perto de mim uma das «bomba tômica».

Inda creio que não fique na cambra esse danado. Acreditado no podê do miscrópio do véio das Pilhas, pra mode fazê estorá o cujo antes que abra o bico Imploro a ajuda do Arriscado das Gralhas pra mode impugná a cadera do Fernandes.

Ansím não pode ficá. Com que corage vô eu agora maiá os comunista, si eles podem me retrucá: os da tua família são comunista também!...

Eu levá esses estrupió?!...

Por favô, seu Raul das Pilhas, dê geito pra mode desinfetá o Fernandes de lá; si não, óia, aquí eu vô continuando mexê com as tuas manhas de véio...

\*\*\*

Mas pra mode falá nos deputado, já ouviram o berrero dos diabo que está se formando na Cambra federal?

Os homens do jorná dizem que aquilo se parece um pouco... (como é que se chama, seu Chico, o lugá onde o pessoal gosta d'agua que passarinho não bebe?...) — ? .....

— Pois é isso memo Óia te vadiação desses nossos patricio!

Eu não votei pramode eles fazê bagunça. E todo o mundo ansím pensa como eu. Mas lá quem pensa são eles; se julgando legítimos repre-

sentante do povo. Que interpretação errada da nossa vontade soberana!

Nóis queremos vê os home trabaiá e produzi logo e bem as leix que se convenha com o genio do nosso povo trabaiadó, ordero e crinstão.

Que senvergonhice esta de bancá os ditadores lá na cambra!

E mais do que todos, esse que mencs de todos me agrada — o seu *Oito Manguera*, que è o lida dos *contra*. Pois não berrô que chega contra a ditadura, meses atrais?

Não aguentaram a ditadura de uma cabeça e nós que aguentemo a ditadura de 300 cabeça?!...

Banana! Que dê antonces a demonstraria? Quero dizê a demão-vazia. Não, a de — Moca — Cia?...

Seu Arriscado, pra acabá de véis, impugne esse pessoal todo.

Muito envergonhado  
me assino  
Zê Fernandes.

## BOM NEGÓCIO

Vendem-se as seguintes propriedades:

Uma colônia encostada ao triângulo; três chácaras e diversos lotes com 13 casas de moradia; o edifício onde funciona o Hotel Brasil; a cantina com o engarramento de vinho e de canha; e a casa onde está a lavanderia Nedel.

Tratar com José Valmorbidia em GARIBALDI. (108)

## São Valentim

Bento Gonçalves

Conforme promessa feita, a família Antonio Dall'Oglio agradece publicamente a cura prodigiosa do filhinho ERMIDIO, obtida por intercessão de S. Judas Tadeu e de Santo Antonio de Padua.

Estando o filhinho desengana do pelo medico, os aflitos pais recorreram aos dois poderosos santos, para que mostrassem uma vez mais o grande poder que possuem junto ao trono de Deus, prometendo ao mesmo tempo vestir o pequeno Ermidio com o habito de Sto. Antonio, caso obtivessem a cura so licitada.

Pela tarde do dia em que foi feita a promessa, o doente melhorou sensivelmente, ficando logo mais fora de todo o perigo.

Deus seja louvado em seus santos!

## Villa Progresso

Lageado

PROCURA-SE

Os Irmãos Pretto procuram um cilindro para trigo com capacidade de 3 a 4 sacos de farinha por hora. Também procuram um motor a gás pobre, de 35 a 40 cavalos de força.

Os interessados dirijam-se a Irmãos Pretto — VILA PROGRESSO — LAGEADO.

(122)



## Correspondência Caipira Ansim ou assa- do, seu Prestes!

Inté que enfim «por tres a dois o Brasil tá salvo»!

As patifaria sem nome e sem conta, as greve, os distúbio, as masorca e tudo o que o demo poude metê na caixa vasia desse infeliz cumunista, tudo isso deu pra abri os óios dos juís; e eles deitaram pra rua o partido vermêio, que não é brasileiro, que não é pros brasileiro, que nem é de gente.

E agora sim, o causo tá com a pulicia! Ansim ou assado, seu Prestes! Ouviu? Eu sempre que falei lê dizia: «Seu Prestes, insculta bem, vancê não presta! Deixa dessa bobage de cumunismo. As rats aqui não pegam.» Tá aí. Agora vancê e a turma ou se fecham ou vão manietado e amordaçado pur de trais da grade. Agora é que vanceis vão vê que o barato sai caro. E que o tempo em que vanceis andavam sortos era pra se aproveitá e comprehendê que todos aqui no Brasil podemos vivê em país, sem pereisá de esfarinhá a ordem; ou se atrevê de botá a Russia por em riba do Brasil. Vanceis abusaram da liberdade. Apois aguentem a encilhada. Gosto de dizê e repetí: «Agora o cumunismo é caso de pulicia». O cumunismo é reconhecido como coisa ruim pela lei. E contra a lei ninguem! Vejam bem, minha gente, toda a ruindade do cumunismo: a justiça caiu por riba dele, dando rezão a todos nós, que esconjuravamos ele como mardita cascavél.

Que isso foi um desanuvi do céu, foi de verdade! Eu não acabei de ingrandecê ao bom Deus por esta graça. Tô fazendo um escarceu danado... E vai longe!... Entonces, não perciso a gente se alegrá com a ta fucinhada do valentão, malvado e assassino Prestes?!

Ele me amarelava a existêcia! Também não era para menos! Imaginem, um bandido (que assassino e'e é) vê-lo ganhá déis contos por meis e se feito um graudão do Brasil?! Que diabo! Chega! Agora tem que ma=cá couro erú.

Mais (pra vê como são as coisas!) não é que o seu Raul das Pilhas, ele com mais meia dúzia de vira-lata (que se dizem democratás) não gostaram do entérro do Cumunismo. (Seu Raul, é porque queria se interrado junto do cumpadre?)

Ele se atreveu dizê: «o fechamento do cumunismo foi um erro; mais, foi uma insensatez!» Cruzes!! Seu lumina-praça, mais vancê não pereisá dizê pra botá a sua calva na rua... Tá isso que tresanda sem vergonhismo! O'ia, seu véio incorrigível, continue nesses trancos; vá chorando miséria, que vancê tá bem escóido para carpidera do morto, que é ruim defunto.

Zé Fernandes

ANEXO G - CRÔNICA: "E' UMA PROSINHA..."

AUTOR: Zé Fernandes
JORNAL: Correio Riograndense
DATA: 21 de janeiro de 1948
PÁGINA: 3

Grid of newspaper content including: Fazenda de Fátima - Desastre Fatal; Nova Prata - Santas Missões; Emboaba - Farroupilha; Correspondência Caipira; Clemente Argollo; Instituto Rio Grandense do Vinho; Crissulim; Casa Magnabosco; Instituto de Clinicas Alto Taquari; and various local notices and advertisements.

## Emboaba — Farroupilha

Dia 15 de Fevereiro de 1948

GRANDE FESTA em honra da SANTA CRUZ,  
PADROEIRA DA PARÓQUIA

A festa obedecerá a um ótimo programa, quer religioso, quer recreativo.

Mons. Albino Agazzi, vigário

### Correspondência Caipira E' uma Prosinha...

Senhores leitô do nosso muito apreciado jorná, saude para vancês tudo e pras suas familia.

Instranharam, de certo, o silêncio prolongado desse véio Zé Fernandes. Depois, antes do mais, vô les dizê a razão desse meu mutismo no jorná.

Todo o véio tem suas manha. Não hai porque discuti. Vai daí que, desde que fecharam o partido Comunista, eu me revoltel vendo que inda ficavam os deputados comunistas nas Assembléia, e a falá e desrespetá as atordade, e não havê geito que os danado largassein o lugá perdido. Ôta los carrapicho!!!

Mais porem, o que mais me amargô foi que outros deputados choramingavam compaixão plos herege, e tratavam de segurá ao lado deles cascaveis tão venenosas! (Vô recordá aos amigos leitô que na época das inleição esses esturpiado juraram, com os dedo em cruz, combate o comunismo sempre e em quarquê terreno, memo só que cheirasse a comunismo. Tá aí, gente farsa!)

Não, disse antonces, enquanto isso açucedê, nunca mais vô falá. Limpem as Assemblea e vortarei de novo com as minha falação (Pois que inscrevê no jorná seja o meu gostinho, é memo).

Intê que enfim tá liquidado esse urtimo rabo comunista na nossa terra!

Os caipora lá se foram lambé urtigas. Tão é de beicoes caldo; arreganhado os dente. Mas que importa?! Nosso Governo tá firme e se garante. A lei val é cumprida e não hai torce nem mexe. A perpó-sito, vancês já sabêm que o home inscolido pelo Generá Dutra pra ajudá ele como Ministro da Justiça é o Doutô Adroaldo Mesquita da Costa. Quem não conhece esse bixão veio?! Quem já não ouviu os ribombo da voz dele?! Quem não se ademira e se entusiasma diante desse colosso, que parece mais feito de aço?! Nôis os católicos, entonces, temo que munto ingradedê o Presidente Dutra, porque católico mais bueno que o Adroaldo difficil!

Mais, meus amigo, quanto acontecimento tem havido, no meu rincão, durante minha ausência. Querê contá tudo seria demais. Vô dizê em duas paletada, o acontecido.

Veio se firmá entre nôis um tal individuo lamão, que se dis cura-tudo; o povo chama prele de curadêiro. É um tipo acabado de pela-tudo. Tanta afamação é a desse cujo que vancês nem vendo acreditam.

Ele prepara remédio, feito deervas. A procura é tanta que, quatro rapazes, mal dão conta no colliê as ervas e cozinhá elas em panelões e distribui. Pra todas as doenças é chá das ervas. Pra doença de fígado é um vidro; pro estomago dois; pros intestino é mais.

Pros rins é chá; pros nervo é chá...

Mais é perciso uma fazinha... Ah sem isso tá nada feito. E o povareu cai pra lá que é gafanhoto... o vizindário inteiro é freguêis; vem dos sítos longe; intê memo da fronteira! Tudo corre mode o remédio santo do Curander. E ele não qué ví pra cidade; fica á ribancetra do rio, num rancho de capim; tudo pra mais impercioná os brocoió e pra se vé longe dos óio da pulicia. Ai cada vidro é deis pilas e em riba disso a visita, que essa é á vontade. O destorcido tá amontoando uma fortuna! Como são as cousas! Nem mais é perciso se doutô e arcá com munta sabença pra cavá a vida. E só bancá o espertalão!... O mundo é ansim memo; gosta de ficá na ilusão; qué se logrado! Não fals conta, nem dá bola da sabença dum doutô; fais troça da bênção do Padre; mais dos remédio e da benzendora do curadero ai morrem de fé. Eta mundo, isso não é piscá óio pro diabo?!

E pur aí como se foram de ioleição? Aqui tudo bem. Novidade quage que não hei em pulitica. Aqui a gente é fina e inducada. Ninguem sabe raspá na pele do próximo. Quanta li-sura! Cada partido trabalô punxando brasa pras suas sardinha; mais ninguem meteu o bedelho nas do vizinho. Isso que é democracia!

Lemos nôis maravilhados as brutalidades acuntecidas lá pras banda de Passo Fundo. Que sacrilégio fazê disaforo pros Padre e pessoas de bem! Que gente maravilhada! Sistema comunista! Aqui o pessoal pelega sempre na altura. Envolvê os Padre na pulitica, não. Credo! Isso nunca! Memo os de contra nôis sabiam sempre se declará católico e gente boa. Intê um maçon sabia se defendê e afirmá que era modelo de católico. Depois vô les dizê: Nessa pulitica falô-se mais em riligião que de ôtro quarquê assunto. Não foi, entonces, bunita e limp, a pulitica do nosso rincão? Garantô si o demo vié pra cá em propaganda, ele não havia de se trouxa: bancava o católico e se salria bem. Aqui quem emprega esse trunfo confie na jogada. Pur aqui, fran-

camente, tudo foi admirave. Maiô escrúpulo, difficil.

Não espanta, pur isso vendo o candidato vencedô, nadando num mar de rosas; navegando em águas claras e mansa, como numa lagô; trazendo a felicidade do parralzo terrestre pro nosso rincão. Atolô pur aqui não hai. Tudo corre como passarinho pousado em gaio verde. Quem mais feliz do que nós?!... E ansim, meus amigo leitô, me despeço de vancês tudo, promentendo vortá mais veis, mode contá as maravias do nosso rincão. No mais um viva ao nosso sempre munto estimado jorná.

Zé Fernandes

### Clemente Argolo

**Festa religiosa** — Nos dias 15 e 16 de Novembro p. p., realizaram-se, nesta vila, grandiosas solenidades em louvor de Nossa Senhora Maria Menina, sendo festeiros o sr. Crescêncio Ferreira e sua exma. esposa d. Maria Candida Ferreira.

O programa levado a efeito foi o seguinte: Dia 15, Novena patrocinada por senhorinhas e moços.

Dia 16, Comunhão geral do Apostolado da Oração e de todas as crianças. Após, missa solene e bênção da bela imagem de Nossa Senhora Menina, oferecida pela exma. sra. d. Alaide Ferreira Sebem.

Seguiu se imponente procissão com a imagem de Nossa Senhora Menina e, depois, um belo festival em beneficio da Igreja local.

A Igreja foi lindamente ornamentada pelas exmas. sras. Alaide Feijó Oliveira, Alaide Ferreira Sebem e Alaina Ferreira Multerno.

O correspondente

### Crissiumal

Munic. de Tres Passos

**Teatro** — Honrou-nos com a sua visita um grupo de amadores teatrais, estudantes do Ginásio de Tres de Maio, os quais representaram, nas noites de 27 e 28 de Dezembro p. p., sabado e domingo, no palco do salão de festas da «Allança Católica», o impressionante drama em 5 atos «Capitão Jaguar».

Os estudantes de Tres de Maio mostraram que, além do tempo dedicado ao estudo de humanidades, também sabem sacrificar uma parcela de suas horas de lazer para o ensaio eficaz de um drama educativo. A eles, portanto, os nossos aplausos, pois, ao par da propaganda da Boa Imprensa, do Bom Cinema e do Bom Rádio, nunca devemos olvidar o Bom Teatro, veiculo poderoso e eficaz de cultura, dada a sua fácil assimilação e a profunda impressão que causa no espectador.

E como representavam com maestria os nossos visitantes! Nada de diletantismo! Estes jovens atores mais pareciam artistas experimentados do que mércs amadores! A encenação também não deixava nada a desejar. Principalmente a cena de uma tormenta em plena selva mexicana, foi representada com uma fidelidade assombrosa.

Havia entre o público, quem olhava, de quando em vez, para as janelas do salão, afim de

ANEXO H - CRÔNICA: "ACONTECEU EM CAXIAS"

AUTOR: Zé Fernandes
JORNAL: Correio Riograndense
DATA: 19 de janeiro de 1949
PÁGINA: 3

Garibaldi newspaper page with multiple columns of text, including news items like 'Aconteceu em Caxias', 'São Sebastião da Linha Castro', 'Atenção!', 'Padres Operários', and various advertisements for 'Bitter Agua', 'Casa Magnabosco', and 'Grandes Ofertas'.

30 Disponível em:
http://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=67381&p=2&Miniatura=false&Texto=false&I=pesquisa&s=pesquisa

Correspondencia caipira

## Aconteceu em Caxias

AMIGOS LEITÔ

Apois arresolvi dá uma vêis mais meu quebra custela prá vançeis tudo e reomeça as minha falação pur o nosso munto estimado jorná; purque ele cumforme me mostrô, inda ha pouco, meu cumpadre Anastáço, é jorná amardiçoado pros cumunista.

Daí cuncluí que deve sê jorná munto bão.

Não iriam, é claro, os cumunista atacá e amardiçoá si o jorná fosse de acordo com eles ou si fosse cumo tanto jarnaleco pur aí, Brasil afora, que não são cumunista, é verdade, mais que os marvado de cumunista nunca dizem nada deles, intê, de vêis inquando, dão elógio preles, fazem rapapés, dão agrado... Isso é já um grande mal. Aperfiro eu vê meu corpo antes curtido do que arrecebê um agrado dus perverso cumunista. Prá mim cumunismo é cruiz em credo, é eu t'arreglo prá vida e prá morte...

Onde estivé um cumunista lá estarei, sem negá u'a vêis a presença, pra combatê as idéia perversa deles.

Pur hoje vô contá que os moradó munto direito de Caxias, (essa cidade que só nela se pensá dá alegria; a gente arregala os óio de admiração pur esse povo de tanto progresso; gente religiosa cumo essa só memo nu nosso rincão, onde toda a gente é direita sem nuhuma inção) Apois vô lhes contá, amigo leitô, o que vançeis nem imaginam. Aconteceu o que nem imaginado presta.

Não é causo de sertão, que aí teria sua inspiciação. Vô lhes contá que um médico daí adispois de arrecebê injurias as mais barata, injurias que nós aqui do nosso rincão (gaucho sem babado) lavariamos na ponta du facão. Um médico que vem derramando beneficio pra todo o mundo. Médico que é memo da gente. Ele vendo-se injuriado por um tá chamado Páu Fincado Hurra, meteu pro-

cesso por riba das costa do eujo. E como deu fim o prucesso? Os jurado deram razão ao salafrario do Páu Fincado e o médico condenado a pagá todas as custas!!!

Caxias pode se cubrí de luto, purque de lá se foi a justiça. Pobre de tí Caxias laboriosa!!!

Os cumunista já tão é te ensilhando! Francamente isso é de deixá tonto intê os queroquero... Que baruião vão fazê agora pelo jorná vermêio "a vóis do lobo" que eles tem a curage de chama a vóis do povo!

Pur isso eu jurô que não daremo tregua aos cumunista. Pros vemeio fiotes do Instalim crioulo — Prestes: páu intê dizê chega!...

Povo de Caxias, alerta! Levanta-te! Não sentes os puço desse jornaleco deles que tá coachando qual os sapo dos banhado?!

Arre! Ferindo os teus brio fere gente que e só do progresso e da ordem. Deves lavá essa mancha que recebeste bem emcheio na pessoa munto ilustrada e caridosa do dotô médico.

Zé Fernandes

### Bitter Agua

é um aperativo científico

### Graças Alcançadas

Agradeço a Nossa Senhora das Graças e a Santo Antônio por duas graças alcançadas. N.D. Garibaldi, janeiro de 1949

Por uma graça alcançada por intercessão de Nossa Senhora de Fátima e de Santo Antônio agradece ANGELA ROMANO FONTANA.

Venho publicar várias graças alcançadas por intercessão de São Judas Tadeus; Nossa Senhora de Salette e das Santas almas do Purgatório. Fiz tambem uma novena à São Carlos e vi-me livre completamente de reumatismo de que tanto sofria.

Séde Ipiranga, município de Getúlio Vargas —

Luiza Tamagno.

Agradeço a Nossa Senhora, São Roque e a Santo Antônio por uma graça alcançada. Antônio Cichelero — Garibaldi

ANEXO I - CRÔNICA: "PATRIOTEROS DE ESQUINA"

AUTOR: Zé Fernandes
JORNAL: Correio Riograndense
DATA: 06 de abril de 1949
PÁGINA: 3

Correio Rio-Grandense - Garibaldi - Quarta-Feira 6 de Abril de 1949 - Nº. 14
Correspondência caipira
Patrioteros de Esquina
LAGOA VERMELHA
Veranópolis
Bolsa Seminástica: "PADRE CAETANO" fundada pela família Vª. Ana Motin.
Coluna da Ação Católica
AMOR À AÇÃO CATÓLICA
RECEITA
Aparcho de Cinema
VAMOS RIR
GARIBALDI
Atenção para esta lista de preços
Casa Magnabosco

## Correspondência caipira

### Patrioterros de Esquina

— Chegue-se cumpadre, que tá na hora do Chimarrão.

Foi quando cheguei em casa do meu véio amigo Nastácio.

Apiei. Amarrei meu alazão. E se sentemo à sombra du'a arve, saboreando o amargo.

E discutimo os assunto de toda a parte. Mais; purque nós sabemos amá, di verdade, e di coração a nossa Pátria, gostemo de debatê os assunto da pulítica. Examiná o que de bão e de ruím vem acontecendo.

Vai daí que a nossa conversa caiu sobre o inquérito do Chefe de Pulícia na quistão de greve que açucedu na capitá no fim de dezembro passado.

Um banzé que terminô com desastre e morte.

E lendo os jorná descobrimo que os instigadó da mardita greve foram dois indivíduo que tem posição na capitá. Um é Eloy Martins, vereadó e comunista, o ôtro é diputado o seu Brisola.

Quem afirmô foi uma testemunha do caso. Um trabaiodó lá da companhia de bonde. Inté é um fiscá com o número de tres dois — 222 — e se chama Luiz Nunes dos Santos. Assim se declarô essa testemunha:

“Disse que os discurso favorável à greve na insessão de 20 de Dizembro foram os de Eloy Martins e Diputado Brisola”.

— Que tal ?

— Vejam só os patrioterros barato insuflá os trabaiaidó a se d'grá em greve! A promoção!

— E dizé que estes são representante do povo!...

— E dizé que receberam os votos da gente!...

— Mais que barbaridade!

— O que é que jurgam em fim ?

— Que nós tarvês batemo palma e fiquemo elogiando essas burrice de marca quente ?!

— Apois eu tô com vontade de desfechá pro varredô comunista, essa proposta: Vá pranté batata, seu.

Na rabicha do arado tá o teu lugá.

— E eu pro ôtro faço um pedido: Óia, seu intrumetido tua lata dá munto certo pro domadó. Não qué domá u'a mula Grande ?...

Z é Fernandes



Correspondência caipira

**SE! APRONTE!**

— Pucha, cumpadre, tá vendendo como os pariero tão tudo inscramuchando? Com impaciência tão se alinhando no partidô. Querem já a arrancada do dia 3.

— E tamo já encima do laço, caramba!

— Pois é. Eu também ando impaciente insperando pro dia 3. Já tenho o meu título.

Já inscoí as chapa. Tô alinhando. Vai sê um dia de festa pros eleitô. Nós bamo contente dá o voto. Os candidato, esses vão ficá com febre nessedia.

— Pur que, cumpadre?

— Apois vancê não vê que eles vão pensando: vô ganhá ou vô perdê?! Isso martela os miolo deles como u'a maretta de muntos quilo. Magine o instado de nervos dos coitado!...

— Pois é, cumpadre, mais isso é lá com eles. Mais me diga, eu inda tô indeciso. Tô balanceando. Linda tô sem parpíte. Não sei mi discidi entre os parieros. Bem entendido só naqueles que são seguro. Tá pur aí uma confusão dos meus pecado.

Tá uma atrapaiação danada. Nem sei. Mi insplique, por favô. Vô le segui, purque vancê sempre me falô certo. Mi falô sério. Mi deu sempre inspliação segura. Fala sem receio: que onde vancê mi dissé, aí eu carrego, e aguento firme. Ninguem mais mi atrapaiaará, nem pur sonho.

— Apois cumpadre, acridito na sua sinceridade, e porque, de certo, muitos outro pur aí, como vancê instão isperando, com tôda a cunfiança nêsse véio amigo da boa e da má hora, que nunca sôbe calá a verdade, memo que isso lhe custasse um bocado de dissabores, eu vô le dizê claro, que melhô não percisa. E vancê é bão intendidô pra concluí o ponto direito. Inscute uma cousa, não se lembra do artigo que inda há pouco tempo apareceu no jorná, dano inspliação a um

leitô que perguntô qual os partidos garantido? Aresposta, não se feis esperá. Disse o jornalista do nosso jorná que cunhecia, como bem bão, três partido, e que os ôtro, não era possíve garrá o prugama.

— Apois isso eu If. Jurguei memo, que os ôtro partido, de vereda mandasse ao jorná os prugama; pois êle pidiu. Mais nada até agora. É bem provavel que eles tenham medo de mandá o prugama, mode arrecebê u'a boa chumbada.

— Seje como fó. Eles, com isso dimonstraram que não merecem crédito, não é memo? É siná claro e prova bem declarada que não são limpo.

— Isso não se discute. Não merece cunfiança. Mais e os candidato? são êsse que me interessa.

— Ora, cumpadre, posso le dizê que dentre os tais partido garantido, temo munto bão pessoa, como candidato. Vancê viu a vergonhera do Café pequeno tê sido aceito? O Café aquele é ruim pra chuchú pra riligião. Aí, ele não pode sê votado por nenhum católico. Cuidê bem!

— Intonces nem o companhero de chapa, pelo mênô junto, não é memo?

— Quem não vê? E digo mais: vancê não sabe do proverbio que diz: diga-me com quem andas e dir-te-ei que és! Tá tudo dito. Abra ôio!!!...

— Isso nem se discute. Mais e pra Senadô, eu sei tem vários condidato. Tô no jeito de inscoiê aquele que é miô, mais cristão e bão católico, e que saiba combatê o comunismo.

— Apois vancê não conhece quem é ele? Vô le dizê u'a cousa, percisemo de arguem que tenha a corage de dizê muntas verdade. E isso sem medo, com toda a coragem. Que não tenha medo de salgá, quando percisa, ouviu?

— Cumpriendí direitinho. Eu também pensava ansim. Vô com ele. Com o suçalista ou insuçalizante, que dá na mema, eu não vô.

— Nem eu. Esse é veiaço, cumpadre! Agora pra Diputado, vá inscoiêdo entre os miô. Não seje desse, que larga os garantido, pra se agarrá com os duvidoso. Com aqueles que não são firme na riligião. Que não são cunhecido como bão católico. Pense aí, aqueles que foram bão católico. Vai recordando arguns. Vancê deve se alembrá dos nome deles sim. Vancê acumpanhe os bãos. Um deputado Federal e outro deputado Estadual. Possive que vancê não tenha dois nome garantido e munto cunhecido pra isso. Deixe os duvidoso. Deixe os prometeiros, os venturoiro. carreguemo só nos garantido. Agora mais um consêio: Vá

procurá logo as chapa. Não deixe isso pra urtima hora, pro dia das inleição. Naquele dia haverá munto baruo e confusão e atrapaiação. Vá pedí prum amigo sério, diga que te dê direitinho todas as chapa, bem dobradinho, como vancê deve colocá no envelope e botá nas urna. Eu já tenho. Não insperei. Vá buscá logo as chapas, pra tí, pra miuê, pros fiios todos. E não dê mais bola pra ninguem. Quando vancê tem as chapa, ninguem tem direito de vê, de tomá as chapa, de troca. Ninguem. Seje homem! É estê o urtimo consêio de amigo que te dô. Intê as eleição.

ZÉ FERNANDES

**Palavras do Dr. A da Costa em louvor**

Em Cachoeira, no dia 9 deste, num belo improviso o dr. Adroaldo empolgou os ouvintes, referindo-se a **Plínio Salgado**, disse: "Ouví com a máxima satisfação o discurso do sr. Plínio Salgado. Já o conhecia através de algumas de suas obras, entre as quais a "Vida de Jesús"

Concordo plenamente, em gênero, número e caso, com tudo o que acaba de dizer em seu discurso o candidato ao Senado Federal pelo Partido Social Democrático do Rio Grande do Sul. Nós peessedis-

**GARIBALDI****SALTO EM PARAQUEDAS**

Domingo, dia 16, a população desta cidade presenciou um acontecimento inédito para este lugar. É o que o sr. Vitor Soares, — aviador e paraquedista, detentor do record Continental de saltos em altura de paraquedas, — fez mais um salto de mil e duzentos metros de altura. Nessa tarde limpida de domingo um público numeroso, calculado em 4 mil pessoas, esteve presente ao campo da aviação para assistir a essa demonstração de habilidade aviatória. É um espetáculo impressionante ver um homem que se atira daquela altura, depois abre-se o paraquedas branco e vêm descendo, descrevendo círculos e mais círculos...

O sr. Vitor Soares foi muito felicitado por mais esta façanha executada num local, que não oferece muita garantia.

**COLETORIA FEDERAL**

Serviço de abono-familiar  
Esta Repartição efetuará o pagamento do abono-familiar referente ao 1.º semestre do corrente ano, aos beneficiados devidamente habilitados, a partir do dia 10 a 20 de setembro corrente.

**VIDRAÇARIA**

Porto-Alegrense

**EDUARDO PEUKER**

Vitreux de arte e Vidros - Vidros Concavos - Colocação de Vidros.  
Rua Senhor dos Passos, 256

**Concurso de ADIVINHAS**

79 — Qual é a oração cujo nome diz uma flor e termina dizendo que estou contente?

80 — Ele faz parte da casa; ela é uma medida?

81 — Qual é a flor que tem mel no meio?



## Correspondência Caipira

## CONTRABALANÇANDO



— Apois veja só, seu Pafúncio, intê parece que as nuvem destorneiraram. Não hai mais jeito que pare esta chuva, que já fais mais de mês que despenca água a três por quatro, e tá sujeito a continuá, pelo que, parece.

— É sério memo, cumpadre Simprício. Dizem que foi causa da aproximação do tar planeta Marte. Se arochegô da terra e daí essa água que não para de cai.

— Marte?! Que bicho será êsse, seu Pafuncio?

— Ora, Simprício, não instranhe. Quem é que não hai de sabê que Marte é como a terra. Um praneta ansim. Um globo redondo que tá andando por êsse mundo áfora, como anda a terra e as instrela. Dizem os intendido que por causa da aproximação com a terra, veio todo êsse descontrolo com as nuvem. Isso lá pode sê que seje, não é. Quem vai sabê?

— É. Eu tenho cá as minhas dúvida. É bem capais de sê pur ôtros motivo. Pur exemplo, dizem que os ungnos choraram tanto por tê perdido o campeonato de futebole do mundo, que as lágrima formaram rios. Sábe lá o que isso? E lágrimas sendo quente não cai no chão; formam nuvem lá no arto. Daí é bem capais de sê...

— Bão, nem tanto ansim, seu Simprício. Lágrima de cumunista não forma água. É sangue no duro. Deixa que se sangreie por lá. Agora, também pode dá o caso de o tempo andá meio turuno por causa da pulítica.

— A pulítica vem aí?

— Já vem aí. Os candidato tão lampante. Dispostos. E

satisfeito. Entonces, não é, mode não pegá fogo de vereda, tôda essa chuvarada. Isso refresca. Deixa a gente, sem querê, de môio no duro.

— Apois óia, cumpadre Pafúncio, que isso é um perigo. Entonces vancê não sabe que pariiêro de lombo encoiido, de lombo moiado, corcoveia? É perciso antes de pô a sela, insfregá o lombo, mode o baxero não fazê cosca; do contrário...

— Ué, ué, seu Simprício, vancê tem cada uma...

— E a chuva tarvez será mode não destoá da gente?

— Pur que não? Êsse mundo anda tão virado, tão virado, seu Simprício, que vancê nem fais ideia. Apois óia, por tôda a parte, tôda a gente, por todo lugá, prece que tão num jogo: pra vê quem erra mais

e acerta menos. Tão numa correria danada pra vê quem comete a mais maió das asnera. Êsse mundo tá se afogando pela mardade. Não enchergam mais direito. Mais teimam em corrê plo precipicio. Vancê não vê como tá isso tudo aí?

— Tô vendo, cumpadre. Quem não vê? E o tempo qué imitá, tal e qual, os home: Não tem mais lei. Os home teimam em errá e o tempo teima em não indereitá. Vai contrabalançando, não é?

— Caramba, barbaridade!

Zé Fernandes

## Vende-se

Um jogo de mós com todos os pertences necessários.

Pode ser empregado tanto para milho como para trigo.

Tratar com ATILIO LORENZI em Garibaldi — RGS.

## CLÍNICA SANTA

Dr. Gil Horta Barbosa

OUVIDOS — NARIZ E GARGANTA

TRATAMENTO E OPERAÇÕES.

Formados pela UNIVERSIDADE do Rio de

AVENIDA JÚLIO DE CASTILHOS, n.º 2078

ALTOS DA FARMÁCIA CONFIANÇA

FONES: Consult.: 856 — Resid.: 757

CAXIAS DO SUL — RIO GRANDE DO SUL

3.ª-Feira

500

CRUZEIROS

LOTERIA DO



## Correspondência Caipira

Lobo em pele  
di ovêia

O seu Anastácio gostô também da frase do seu Antônimo: ôio aberto e pé ligero.

E andô dizendo que si fexarmos os ôio é bem perigo que fiquemo tragado pelo Tamandúá.

Indaguei dele: — O que me arreceia, seu Nastácio, é o que arguem diz: O Comunismo não deve de sê tão ruim ansim.

— O que?! Mais é pussivel que vancê não saiba o que é o Comunismo?! Pois inscute que agora sai toda a verdade.

— Vá dizendo, seu Nastácio, e diga tudo.

— Pois oia, o Comunismo é ruim inteirado. Não se le pode salvá nem os casco. Tá que é barbaridade! Nada qui preste! Ele já nasceu ruim. Feis na Russia, patria dele, uma mortandade, que vo le dize! Na Ins-panha foi o tal esgangelho! No México so sabe cometê é sacrilegio! Credo!!! No Brasil, foi em 1935, não se arrecorda?

— Parece, mais vá contando.

Feis rivolta lá no Rio. Apunhalô Oficiais e metralhó soldados do exercito. Foi o que ele feis. E' como le digo, é mau intê a raiz do pelo. O Comunismo, qué a rivulução, o divorcio; qué acaba com a riligião. E' mintirôso de marca quente. Pois, ôia, não é que agora tanta gritando que qué prestigia e respeitá o governo, as lei e a riligião? Ele vem si monstrando com péle di ovêia. Mais é só oia na boca: os dente são di lobo incarnicado.

O chefe deles dis munto desaforo nas falação que fais. Ele dis: Nós os cumunistas sofremo munto, fumo perseguido e botado nas prisão. Mais o que parecia morte, foi vitoria... Vô le esplicá: foram perseguido e posto fóra da lei porque assassina-ram soldados brasileiro..

— (Percisava era degolá

esses cumunistas!)

— Pera. Agora ele dis: Apesar de sermos assassino, nós ganhemo. Nós temo a vitória. Porque matemo soldado brasileiro, agora temo liberdade... Tu já viu coisa ansim?!...

E' de arrepiá! Que desaforo!... Canalhas!...

— E' como le digo: O Comunismo é ruim inteirado. E por isso seje inimigo dele intê a morte.

— E hei de berrá: Saiba, minha gente, o Comunismo é:

Carancho de unha do diabo! é

O lobo pestiado, farejando a Pátria! é

Morcego nojento, rondando sobre a Pátria. é

Urso matrero! é

Ninho de tamandúas-bandeira. é

Intragavel estrangeirismo! é

Sem Deus, sem Pátria,

sem riligião! é

Mardito lobisome! é

Oio do capeta do inferno!

E chega.

Zê Fernandes.

## Notas da Administração

**R. P. Alfredo Trinchero** — *Aguas da Rondinha* — Com a última remessa todos os assinantes sob sua dependência estão em dia. Gratíssimos.

**Sr. Firmino Luchese** — *Ijuí* — Recebemos a importância dos 8 assinantes do sub-agente Sr. Julio Salet até Agosto de 1946. Muito lhe agradecemos.

**Sr. João B. Perin** — *Prata* — A importância dos 14 assinantes em atraso está em nossas mãos. Gratos.

**Sr. Francisco Scowronski** — *Cotegipe* — Recebemos as importâncias enviadas em duas remessas. Todos estão na linha até 31-12-45. O snr. Guilherme Collet pagou também o 1946. Os nossos mais entusiasticos agradecimentos.

**R. P. João Crisostomo** — *Paim Filho* — Com a última remessa todos os seus assinantes ficaram em dia. Agradecemos.

**Sr. Galdino Tiepo** — *Ouro* — A importância de todos os seus valorosos assinantes para o 45 está em nossas mãos. Gratíssimos.

**Sr. Luiz Sfredo** — *Seara* — Avisamos a todos os senhores assinantes sob a dependência do agente Luiz Sfredo, que este será o ultimo jornal que lhes será enviado, pois até

ANEXO N - CRÔNICA: "ÁS ORDENS, SEU PATRÃO!"

AUTOR: Zé Fernandes
JORNAL: Correio Riograndense35
DATA: 30 de outubro de 1946
PÁGINA: 3

NOTICIÁRIO

ESTADUAL

Pedido de 6.000 Pneu

O interventor federal pediu por telegrama ao presidente da República a remessa imediata de 6.000 pneumáticos para o Estado do Rio Grande do Sul...

Grandes prejuízos causaram a geada e a chuva de pedra na região colonial

As fortes geadas caídas nos dias 19 e 20 do corrente mês causaram enormes prejuízos nos pomares e nas plantações do todo da região colonial.

Protestam os Bispos Gaúchos Contra a Perseguição Religiosa na Iugoslávia e Contra a Condenação de Mons. Stepanic

Um carta circular dirigida aos bispos, os Srs. Bispos do Rio Grande do Sul, protestam contra a perseguição religiosa na Iugoslávia e contra a condenação de Mons. Stepanic.

Cartas de Amigos

Excepcional e sr. Joana Martini, residente em Sobradinho, Palmeira: «Continei a concluir a mar...»

VATICANO

É o seguinte o calendário das beatificações: 20 de Outubro - beatificação da venerável Maria Teresa Soubiran, francesa; 27 de Outubro, - a de 28 franciscanos, entre os quais três bispos, 7 religiosos martirizados na revolta dos bóias-frias em 1904 e da mestra Maria Goretti, morta com 12 anos por ter resistido a um bruto...

INTERNACIONAL

Itália

Ao assumir a pasta das Relações Exteriores, o sr. Pietro Nenni declarou que irá a Nova Iorque a fim de dar a última palavra aos 4 grandes, quando estes assinarem o texto definitivo do Tratado de Paz com a Itália.

Argentina

O General Peron leu perante o Congresso as 311 páginas do primeiro volume de seu Plano Quinquenal que é de vastas proporções e visa a reorganização do governo e a intensificação do controle oficial sobre a economia, reorganização do corpo diplomático, completa reorganização do sistema de transportes, realização de obras vastíssimas de irrigação e colonização, construção de novos caminhos e ampliação de programas de circulação técnica.

Transfere da Capital

O presidente Duval anunciou o seu propósito de elevar em seu governo a mudança da Capital da República para o centro de Brasil, no Triângulo Mineiro, conforme manda a nova Constituição.

Planos do Ministro da Fazenda

Ao assumir a pasta, o novo ministro da Fazenda, sr. Luis Correa apresentou seu plano de ação, do qual fez parte o combate à inflação, a expansão do comércio e a reforma tributária. Além disso criou vários bancos nacionais, entre outros, um de Crédito Hipotecário, um de emissão, e outro de rescaldo e câmbio.

Gloria Aos Valentes Soldados da Boa Imprensa

Table listing names and amounts for the 'Gloria Aos Valentes Soldados da Boa Imprensa' fund. Includes names like José Borlin, Davi Menin, Antonio Stefan, etc., and a total of 10,938.

NACIONAL

39 Milhões de Católicos

Segundo os resultados do censo de 1946, atualmente agora 76 milhões, sobre uma população de 41.236.316 pessoas, no Brasil, 39.177.800 declaram pertencer à Religião Católica.

Alemanha

Em Berlin foi morto a tiros pelos russos um alto oficial portuamarcano, quando tentava fugir da polícia russa, viajando num jeep em companhia de duas funcionárias...

Correspondência Caipira

As Ordens, Seu Patrão!

— Ué seu Zé, pur aqui hoje? Que vento o trais?... — Mul buenos dias, seu Nastácio; apola aqui tô mo de uma grande novidade...

Argentina

O General Peron leu perante o Congresso as 311 páginas do primeiro volume de seu Plano Quinquenal que é de vastas proporções e visa a reorganização do governo e a intensificação do controle oficial sobre a economia...

Argentina

Prezados: urgente de um rapaz inteligente e disposto a aprender e obter da fogueira que tem mais de 15 anos de idade de 18; se cura e mess. Tratar com Benjamin Peltre em Votaporiz. (42-3)

Familias

que tenham pratica em trabalhar o gado leiteiro encontram-se aqui em vendas em São Paulo - Gravata - Dalciano - Ltda - Rua do Rio das Antas estado de Santa Catarina. Informações qual ou por escrito. (42-2)

O preceito do dia

Munde examinar, freqüentemente seus dentes por um bom dentista. - SNBS.

Estímulo Ao Registro De Agricultores

A Secretaria da Agricultura está encarecendo entre os agricultores e criadores a necessidade e vantagens de se inscreverem no R. gistro de Agricultores, Criadores e Profissionais de Indústrias Conexas...

Recusa a Candidatura de Dr. Armando Camara

Os partidos da oposição haviam oferecido ao dr. Armando Camara a candidatura para presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre...

Recusa a Candidatura de Dr. Armando Camara

Os partidos da oposição haviam oferecido ao dr. Armando Camara a candidatura para presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre...

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Estímulo Ao Registro De Agricultores

A Secretaria da Agricultura está encarecendo entre os agricultores e criadores a necessidade e vantagens de se inscreverem no R. gistro de Agricultores, Criadores e Profissionais de Indústrias Conexas...

Recusa a Candidatura de Dr. Armando Camara

Os partidos da oposição haviam oferecido ao dr. Armando Camara a candidatura para presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre...

Recusa a Candidatura de Dr. Armando Camara

Os partidos da oposição haviam oferecido ao dr. Armando Camara a candidatura para presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre...

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Secretário das Obras Publicas

Em substituição ao dr. Clóvis Pastana, nomeado ministro da Viação, foi empossado na pasta das Obras Públicas o sr. José B. Pereira, ex-Diretor do DABR. Espera-se que as obras de construção tenham novo impulso sob a gestão do novo titular, que está a par de todos os problemas relacionados com as estradas.

Advertisement for FABRICA DE BORGES and HARMONIOS, featuring logos and names like J. EDMUNDO and BOHN.

## Estímulo Ao Registro De Agricultores

A Secretaria da Agricultura está encarecendo entre os agricultores e criadores a necessidade e vantagens de se inscreverem no Registro de Agricultores, Criadores e Profissionais de Indústrias Conexas cujo serviço mantem há tempos, estando nele inscritos mais de 40.000 profissionais das atividades rurais.

São as seguintes as vantagens que a Secretaria apresenta aos inscritos naquele registro:

1 — Preferência na distribuição gratuita de sementes e na aquisição de máquinas agrícolas, de acordo com as instruções em vigor;

2 — Empréstimo de reprodutores;

3 — Recebimento gratuito de foinhos, cartazes e impressos, destinados ao fomento da agricultura, pecuária e indústria conexas;

4 — Fornecimento a preço de custo de mudas de árvores frutíferas de sombros e essências florestais adquiridas, bem assim de sêros, vacinas, carapaticidas, sarnicidas, fungicidas, inseticidas.

5 — Assistência gratuita «in loco» pelos técnicos do respectivo serviço para o combate às pragas dos vegetais e dos animais.

6 — Os agricultores que se sujeitarem ao controle e fiscalização da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio terão as suas produções (sementes de cereais) adquiridas pelo Governo do Estado, sendo-lhes pagos preços superiores aos da praça;

7 — Facilidade no transporte de famílias de trabalhadores agrícolas necessários às operações das lavouras, devendo os interessados requerê-las diretamente ao governo do Estado.

## Correspondência Caipira Às Ordens, Seu Patrão!

— Ué! seu Zé, pur aqui hoje? Que vento o trais?...

— Mui buenos dias, seu Nastácio; apots aqui tô mode uma grande novidade.

— Eu bem maginei. Pur nada vantê não se abalança até cá. Mais se chigue, cumpadre, e vá me revelando interlinho os causo, que tô louco pur sabê o que corre de novo pur esse mundo de Adão.

— E bamo intrá de vereda no assunto, cumpadre; não hal tempo de perdê. Ar-repare bem no que vô lê nesse jorná que é nosso.

— Que diabo haverá?

— Nada de diabo. E' o contrário: prá espulsá os diabo da nossa Pátria...

— Argú nova trama dos cumunista?

— Tambem. Mais é de outro jeito.

— Pois valha-me São Miguel! Não atno quê pode sê l...

— Inseuta que vô lê o título: «Batalha; os home de boa vontade stão convidado prá tomá parte na Campanha dos 400 contos...

— Home! Pensei logo na campanha contra os 400 jaguaço. Te lembra?

— Acridite, compadre, é uma campanha, é uma batalha. E como nós não semo apenas gusaca largado; nós que fizemo, no tempo louco da veta pulitica, as campanha dos chimango e maragato, de novo ensinemo os pingo e vatreimo os cam-

po velo em perseguição... — Ah, que eu teje pronto, tô de verdade.

— Mais compreenda bem: aqui só se trata de arrumá uns sobre pramode renová o nosso jorná. O'ia, o Redatô apela pra todo o mundo de boa vontade. Pede pra dá o que se pode dá. Mais dá de coração. Chegue pro meu lado, cumpadre e bamo percorrê as coxilhas e até a serra; mais que ajunteмо бôa dinheirama, nós ajunteмо!

— Pois entoncez, quando é pra auxiliá o nosso jorná eu não tico pra trais, não. E agora que se trata de fazê etc forte contra os cumunista, como não hei de me esforçá?

— O'ia o que diz o Redatô: «Num ano de trabalho os diabo dos cumunista conseguiram 10 jornais que se lê todos os dia, sem contá o resto. E nós católico, em toda a vida, temo só 6 Jesuses jornais.

— Que barbaridade! Seu Zé, temo peruido! Credo! Que São Miguel nos acuda l...

— Perdidos só si semo cobarde! Tratemo de nos uní e nos ajudá, e ganharemo tambem desta vês.

— A perpósito, cumpadre, viu na Cambra? Os nosso diputado ganharam as questão católica contra os inimigo.

— Louvado seja Deus! Nós ganhemo na constituição; mas os cumunista não se deram por vencido. «Hoje perdemo, dizem eles, mais insperem lá, seus católico! Vanceis podem descancá que nós trabalaremo agora inda mais. Queremo aj:llá o povo; torná-lo sote de boca; depois vanceis tudo cairão na vorteada». Tá cuvindo, cumpadre? Eles não dormem, nem desanimam. Pra eles que agora tão na legalidade, fol o memo que desarrulhar o rodolo.

— Pois entoncez, si eles trabalam pros jorná deles, nós trabalaremo mais! Bamo fazê do nosso munto querido «Correio Rio-grandense» um canhão de grosso calibre pra detoná contra os escomungado cumunista e todos os inimigo da religião e da nossa gente e das nossa terra.

— Entilhemo os pingo e toqueмо-nos por todas as quebrada, pedindo dinheiro pro jorná.

— Viva a campanha dos 400 conto!

— Viva! Venha dinheiro!!  
Zé Fernandes

## GRAÇAS ALCANÇADAS

Ida Albrandini agradece a S. Judas Tadeu e à M. Justina uma graça alcançada. Garibaldi, 24-10-46.

Frederico Benvenuto agradece ao glorioso S. Judas Tadeu e a N. S. Medianeira por uma graça obtida. Quatip, 2-10-46.

José Oueda agradece de coração a grande graça alcançada a favor das Ribes Trono e Trés — Alto Bela Vista, Tangará, 14-10-46.

Antonio Decol e sua esposa Joana Politto Decol agradecem ao S. Coração de Jesus, a N. S. Medianeira e a Santo Antonio por diversas graças alcançadas. Quatip, 2-10-46.

Agradeço a S. Judas Tadeu uma graça alcançada. Sítio Antonio Alves, — Porto Alegre, 20-10-46.

Por uma graça obtida por intercessão de S. Judas Tadeu, agradeço Argentina Marías. Porto Alegre, 5-10-46.



## Correspondência caipira

# A Viola no Saco

Mais e vancéis meus amigos leram o que é que se deu nos Estados Unidos pur essa sumanmas atrais?

Eu li fiquei c'os óio paralizado de espantação.

Mais nem parece verdade!... Apois haverá inda alguém que não cunhece a mardade sem igual do perverso cumunista?

— Em fim o que se deu?

— Apois não é que os cumunistas graudos do mundo foram se reuni nos Instados Unidos pramode de tratá da páiz? Veio cumunista que não foi brinquedo-das Russias do Instalín, da França, do México e do Brasil também foi. E falaram da páiz; condenaram a guerra. Fizeram um mingau dos diabos.

— Vejam só: os fiotes do bigodudo Instalín abrirem as asinha como anjinhos inocente e dizê que tão querendo di coração aberto a paiz, a união, a fraternidade das gente. Coitadinhos! Fizeram uma viagem tão braba e arriscada só com esta intenção de mostrá a alma branquinha e macia, cheia de paiz, de amor prá nações de todo mundo!... Mais que beijinho a Rússia com tamanhas boas indisposições!...

— Tá certo! Mais ninguem discunhecê que pra essa gente dizê sim é memo que dizê ão. Que o branco pode se preto preles!

— Ninguem discute as razões do leão velho, que não podendo mais apanhá os ôtros bicho, mandô avisá que agora tava sacrendo a páiz com todo o bicharedo e que todos se podiam se aproximá dele e dar-lhe a mão e abraçá-lo; porque seria abraço de irmão.

Mais quem se salvô foi somente a raposa, porque a bicha sôbe disconfiá, e passando em frente da cova do leão, só deu uma espiadela lá dentro, e, aos pulos apressado, se afundô no mato.

— Quanto são falso os cumunista! Si querem memo a páiz porque tem arrigementado um exercito colosso de 4 milhões de soldado sempre prontos? Pur que?!...

— Se querem a páiz, purquvão botá o bedelho nas ôtrinação?

— Cada nação que viva com ela quisé e que ninguem se meta! Não é ansim?

— A intenção dos quebra erc

ôtra e nunca a páiz.

Mais arreceberam a lição que percisavam.

— O que foi?

— Dispois de terminada a reunião. Os fregistas queriam visitá muntas cidades dos Instados Unidos.

Ai é que eles trabalhariam. Inspiões gaviões, como são!

Mais foi entoncos que o camboim cantô.

— Ué?!

Foi memo. As ôtoridade mandaram notícia aos vermêios que preles tinha terminado a festa.

E que daí era metê a viola no saco e desinfetá quanto antes.

Eles grunhiram bastante, corcovearam e se renegaram; mais terminaram em dá as de Vila Diogo.

— Qué dizê que ficaram urubú caipora.

— É memo urubú caipora, que intê no avoa quebra as aza!

Zé Fernandes

## Garibaldina

### FESTA DA GRUTA

Favorecidos por um dia de rosas, sob a direção abalisada dos Srs. Festeiros, Francisco Milani e Angelo Baú, a 20 de Fevereiro pp., os moradores da Garibaldina levaram a efeito a tradicional Festa da Gruta.

A nota caraterística do dia foi a intensa devoção à Virgem Santa dos Pireneus. Como visinhança do incendio irradiava o calor, cada vez mais intenso quanto mais se aproxima do centro; assim aquela massa de povo irradiava o sentimento caloroso de sua fé em Maria, sentimento que jorrava como torrente do coração do povo e tornava-se mais vibrante ao redor do altar de Maria SSma.

Horas do céu... Momentos celestiais...

Os pedidos de graças choviam diante do altar; e a Virgem Imaculada atendia a todos com aquele sorriso confortador, que alivia os que sofrem.

A festa do dia 20 foi umas das mais devotas que eu assisti.

### HISTÓRIA DA GRUTA

A devoção a Nossa Senhora de Lourdes começou com um oratóriozinho, construindo no centro da povoação da Garibaldina, por Batista e Catarina Bettanin, moradores do lugar.

Quem deu a idéia de abrir uma Gruta no fianco do paredão, que ostenta o arroiosinho, que passa na frente da gruta, foi o saudoso Padre Frei Miguel de Molettes, Capuchinho savoiarde, por muitos anos benemérito Coadjutor da paróquia de Garibaldi.

Em 1918, um grupo de bravos mocós garibaldinos tomou a peito a idéia lançada pelo Revmo. Pe.



## Correspondência caipira Perverso, e não Bebê Chorão!...

— Apois veja, cumpadre, se nós pode ficá quieto diante de tanta barbaridade!

— Ué! Que hai de novo, seu Nastacio? Arguma nova trama vermeia?...

— Não é nova, não! Mais u'a vês os marvado vermêio arrumaram greve lá na capitá. Deus lôvado, só durô umas hora. E não teve importância nenhuma. Os malandro saíram de cola caida e munto invergonhado. Foram desmoralizado e foram marcado nas custela; mais é só pra vê o trabaio loco e danado desses vendido. Des-ses que não tem religião e não querem tê nem Pátria. E, com franqueza, cumpadre, não se pode nem se deve considerá-los brasilêros, porque são os capanga do muribundo Instalín.

Tão cegos e perverso como o Instalín, que é tão ruim que o proprio demo tá invergonhado de recebê-lo lá nos cafundó do inferno. É pur isso, que o véio e decrépido chefe do cumunismo inda não morreu...

— Bá! cumpadre, que cou-sa ruim, intonces, não deve de sé esse bigodudo!... Cruzes!...

— Apois, cumpadre, cumo ia lê dizendo, de novo intentaram greve. Isso já é de mais!

— Já tá pra lá de senvergonhismo, cupadre, Nastacio.

— E o chefão dessa baruiêra

foi o memo doutra vês, o tal Eloy Martins.

— Mais, que barbaridade! Acabá du'a vês com esse ren-go de bestunto.

— Pois é memo. Dessa vês ele vai estremunhá um bom bocado no chilindrô.

Mais sabê o que? Não é que o cobarde dispois de tê feito tudo o que fêis, agora tá chorando e pedindo aos amigo que lhe ajudem purque vem perseguido pela Pulícia?!

— Apois que fedêlho maleva! Tão perverso e querê se mostra chorão! Sai daí, seu manheirão! Desinfete desse mundo!...

**Z é F e r n a n d e s**

## Pôrto Alegre

PRIMEIRO CENTENARIO DA  
CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS  
DO "IMACULADO CORAÇÃO  
DE MARIA"

No Sanatório Belém

Transcorreu em 8 de maio p. p. o 1º. centenário de fundição das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. O Sanatório Belém, associando-se às justas e merecidas homenagens para comemorar tão magna data, organizou o seguinte programa:

1) — Solenes novenas com respectivos sermões.

2) — Pela manhã do dia 8 de maio, solene comunhão geral por parte dos doentes e pessoal da casa e demais pessoas devotas na intenção das Irmãs que tão abnegadamente trabalham em nosso Sanatório.

Às 9 horas iniciou a Missa Solene e cantada pelo Padre frei Evaristo de Alfredo Chaves, em ação de graça, pronunciando ao Evangelho o sermão